



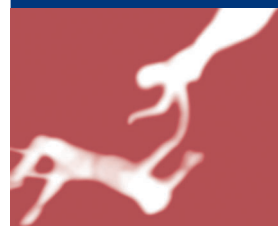
Piotr Kropotkin

**AJUDA MÚTUA:
um fator de evolução**

A Senhora
EDITORA

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro...

João Cabral de Melo Neto

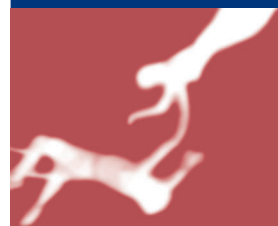


Piotr Kropotkin

AJUDA MÚTUA: um fator de evolução

Tradução

Waldyr Azevedo Jr.



São Sebastião 2009

Tradução baseada na edição publicada por Heinemann, Londres, 1902.

Os apêndices inseridos na edição russa de 1907 foram traduzidos aqui com base na edição argentina publicada por L. Orsetti, Editorial Americalee, Buenos Aires, 1946

Revisão:
Danilo Quincozes Morales

Preparação e pesquisa de notas e apêndices:
Mitsue Morissawa

Capa:
Paulo Batista

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kropotkin, Piotr, 1842,1921

Ajuda mútua: um fator de evolução / Piotr Kropotkin ; tradução
Waldyr Azevedo Jr. — São Sebastião : A Senhora Editora, 2009.

Título original: Mutual Aid : a Factor of Evolution

Bibliografia.

ISBN 978-85-88549-05-0

1. Cooperativismo 2. Grupos Sociais 3. Mutualismo I. Título

09-06989

CDD - 334

Índice para catálogo sistemático:

1. Ajuda mútua : Cooperativismo 334

A Senhora Editora Ltda. (12) 3865-4485
E-mail: editorial@asenhoraeditora.com.br
www.asenhoraeditora.com.br



SUMÁRIO

Prefácio **8**

Introdução **11**

1. Ajuda mútua entre os animais 19

Luta pela sobrevivência – Ajuda mútua, lei da Natureza e principal fator de evolução progressiva – Invertebrados – Formigas e abelhas – Aves: associações para caça e pesca – Sociabilidade – Proteção mútua entre pequenas aves – Garças; papagaios

2. Ajuda mútua entre os animais (continuação) 40

Migrações de pássaros – Associações de nidificação – Sociedades de outono – Mamíferos: pequeno número de espécies não-sociáveis – Associações de caça de lobos, leões etc. – Sociedades de roedores; de ruminantes; de macacos – Ajuda mútua na luta pela vida – Argumentos de Darwin para provar a luta pela vida dentro das espécies – Controles naturais da superpopulação – Suposta exterminação de elos intermediários – Eliminação da competição na Natureza

3. Ajuda mútua entre os selvagens 72

A suposta guerra de cada um contra todos – A origem tribal da sociedade humana – O surgimento tardio da família separada – Bosquímanos e hotentotes – Australianos, papuas – Esquimós, aleutas – Aspectos da vida selvagem difíceis de serem entendidos pelos europeus – A concepção de justiça dos daiaques – Direito comum

4. Ajuda mútua entre os bárbaros 100

As grandes migrações – A necessidade de uma nova organização – A comunidade aldeã – O trabalho comunal – O procedimento judicial – A lei intertribal – Exemplos da vida de nossos contemporâneos – Os buriates – Os cabilas – Os montanhese do Cáucaso – Linhagens africanas



5. Ajuda mútua na cidade medieval 127

O crescimento da autoridade na sociedade bárbara – A servidão nas aldeias – A revolta de cidades fortificadas: sua liberação; Cartas – A corporação – A dupla origem da cidade livre da Idade Média – Autojurisdição, autoadministração – A posição honrosa do trabalho manual – O comércio feito pela corporação e pela cidade

6. Ajuda mútua na cidade medieval (continuação) 153

Semelhanças e diferenças entre as cidades medievais – As corporações de ofício: os atributos de Estado em cada uma delas – A atitude da cidade para com os camponeses; tentativas de libertá-los – Os senhores feudais – Os resultados obtidos pela cidade medieval nas artes e no aprendizado – As causas da decadência

7. Ajuda mútua entre nós 179

As revoltas populares no começo do período dos Estados – As instituições de ajuda mútua atuais – A comunidade aldeã; suas lutas para resistir à abolição pelo Estado – Os hábitos derivados da vida das comunidades aldeãs, conservados em nossas aldeias modernas – Suíça, França, Alemanha, Rússia

8. Ajuda mútua entre nós (continuação) 207

Sindicatos criados depois da destruição das corporações pelo Estado – Suas lutas – Ajuda mútua em greves – Cooperação – Associações livres para fins diversos – Altruísmo – Inumeráveis sociedades para ação combinada sob todos os aspectos possíveis – Ajuda mútua na vida das favelas – Ajuda pessoal

Conclusão 230

Apêndices

I. Enxames de borboletas, libélulas etc. 235

II. As formigas 236

III. Ajuda mútua entre os pardais 238

IV. Associações de nidificação 239

V. As aves grandes ajudam as pequenas durante as migrações? 241

VI. Número de animais sociáveis na África Equatorial 243

VII. A sociabilidade dos animais 245

VIII. Os orangotangos já foram mais sociáveis 246

IX. Obstáculos à superpopulação 247



- X. Adaptações para evitar a competição **249**
- XI. A origem da família **251**
- XII. Destruição da propriedade privada no túmulo **257**
- XIII. A “família indivisa” **258**
- XIV. A origem das corporações **259**
- XV. O mercado e a cidade medieval **263**
- XVI. A comunidade aldeã na Inglaterra: os vestígios atuais **264**
- XVII. A comunidade aldeã na Suíça **267**
- XVIII. Organizações de ajuda mútua nas aldeias dos Países Baixos nos dias de hoje **270**
- XIX. A cooperativa na Rússia **271**



Prefácio à edição de 1914

PIOTR KROPOTKIN

Quando a guerra atual começou, envolvendo praticamente toda a Europa numa terrível batalha e quando – naquelas partes da Bélgica e da França que foram invadidas pelos alemães – essa batalha assumiu uma escala nunca vista de destruição em massa da vida de civis e de pilhagem dos meios de subsistência da população em geral, “a luta pela vida” tornou-se a explicação favorita daqueles que tentaram achar uma desculpa para esses horrores.

Um protesto contra tal abuso da terminologia de Darwin apareceu então numa carta publicada pelo *Times*. Essa carta dizia que tal explicação era “pouco mais que uma aplicação à filosofia e à política de ideias inspiradas em grosseiros mal-entendidos da teoria darwinista (de “luta pela vida” e “vontade de poder”, “sobrevivência dos mais aptos” e “super-homem”, etc.)”; mas que havia uma obra em inglês “que interpreta o progresso biológico e social em termos não do exercício da força bruta e da astúcia, mas de cooperação”.

Doze anos se passaram desde que a primeira edição desta obra foi publicada e pode-se dizer que sua ideia fundamental – a ideia de que a ajuda mútua representa na evolução um importante elemento *progressista* – começa a ser reconhecida pelos biólogos. A maioria das obras publicadas na Europa nos últimos tempos que tratam da evolução já dizem que é preciso fazer uma distinção entre *dois* aspectos diferentes da luta pela vida: a guerra *exterior* das espécies contra condições naturais adversas e as espécies rivais, e a guerra *interna* pelos meios de subsistência dentro das espécies. Também se reconhece que tanto a extensão desse segundo aspecto quanto sua importância para a evolução têm sido exageradas – para grande consternação do próprio Darwin –, enquanto a importância da sociabilidade e do instinto social nos animais, tendo em vista o bem-estar da espécie, foi subestimada, ao contrário dos ensinamentos deste grande naturalista.

Mas, se a importância da ajuda e do apoio mútuo entre os animais começa a ser reconhecida entre os pensadores modernos, ainda não se pode dizer que isso está acontecendo em relação à segunda parte de minha tese: a importância



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

desses dois fatores na história do Homem, tendo em vista o crescimento de suas instituições sociais progressistas.

Os líderes do pensamento contemporâneo ainda tendem a afirmar que as massas têm pouco interesse pela evolução das instituições sociais do homem e que todo progresso feito nessa direção se deveu a líderes intelectuais, políticos e militares das massas inertes.

A guerra atual, tendo levado a maioria das nações civilizadas da Europa a um contato íntimo não apenas com as realidades da guerra, mas também com milhares de seus efeitos colaterais sobre a vida cotidiana, certamente vai contribuir para modificar os ensinamentos atuais. Vai mostrar o quanto o espírito criativo e construtivo da massa do povo é necessário sempre que uma nação tem de passar por um momento difícil de sua história.

Não foram as massas das nações europeias que prepararam a presente guerra-calamidade, nem foram elas que forjaram seus métodos bárbaros: foram seus líderes, seus líderes intelectuais. Em parte alguma as massas do povo tiveram voz no preparo da carnificina atual, e menos ainda na criação dos métodos atuais da guerra, que representam uma desconsideração total pelo que julgávamos ser a melhor herança da civilização.

E, se não quisermos que o naufrágio dessa herança seja completo; se, apesar dos crimes cometidos durante esta guerra “civilizada”, ainda pudermos ter certeza de que os ensinamentos e tradições da solidariedade humana vão, afinal de contas, emergir intactos da provação pela qual estamos passando agora, é porque, ao lado do extermínio organizado a partir de cima, vemos milhares daquelas manifestações de ajuda mútua espontânea, da qual trato neste livro nos capítulos dedicados ao ser humano.

As camponesas que, ao ver prisioneiros de guerra alemães e austríacos arrastando-se exaustos pelas ruas de Kiev, colocam em suas mãos pão, maçãs e às vezes uma moeda de cobre; os milhares de homens e mulheres que cuidam dos feridos, sem fazer qualquer distinção entre amigo e inimigo, oficial ou soldado; as mulheres e os velhos camponeses franceses e russos deixados para trás em suas aldeias, que decidem nas assembleias do povo de sua aldeia arar e semear os campos dos que estão “lá”, sob o fogo inimigo; as cozinhas cooperativas e *popottes communistes* que surgiram em toda a França; a ajuda espontânea da Inglaterra e dos Estados Unidos à nação belga e à Polônia devastada pelo povo russo, ambos esses empreendimentos implicando uma



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

quantidade tão imensa de energia e trabalho voluntário, organizado com tanta liberdade que desaparece todo caráter de “caridade”, tornando-o mera ajuda de vizinhos, todos esses fatos e muitos outros parecidos são as sementes de novas formas de vida. Não de levar a novas instituições, assim como a ajuda mútua dos primeiros tempos da humanidade deu origem, mais tarde, às melhores instituições progressistas da sociedade civilizada.

Gostaria de chamar a atenção do leitor principalmente para os capítulos deste livro que tratam das formas primitivas e medievais de ajuda mútua.

Faço isso com a profunda esperança de que, em meio à miséria e agonia em que essa guerra lançou o mundo, ainda haja espaço para a crença de que, apesar disso, as forças construtivas dos seres humanos estão em atividade, que sua ação tende a promover um entendimento melhor entre as pessoas e, por fim, entre as nações.

Brighton, 24 de novembro de 1914.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Introdução

Dois aspectos da vida animal me impressionaram muito durante as viagens que fiz em minha juventude à Sibéria Oriental e ao norte da Manchúria. Um deles foi a extrema dureza da luta pela vida que a maioria das espécies animais tem de travar contra uma Natureza inclemente; a enorme destruição da vida que periodicamente resulta da ação das forças naturais; e a consequente escassez de vida no vasto território que tive ocasião de observar. E o outro foi que, mesmo naqueles poucos lugares onde a vida animal prolifera em abundância, não consegui descobrir, embora estivesse procurando atentamente, aquela luta cruel pelos meios de subsistência *entre animais que pertencem à mesma espécie*, considerada pela maioria dos darwinistas (embora nem sempre pelo próprio Darwin) a característica dominante da luta pela sobrevivência e o principal fator da evolução.

As terríveis nevascas que varreram a região setentrional da Eurásia no final do inverno e o gelo cintilante que costuma acompanhá-las; os gelos e as tempestades de neve que retornam todo ano na segunda metade de maio, quando as árvores já estão em plena floração e a vida dos insetos pulula por toda parte; as primeiras geadas e, de vez em quando, as violentas nevascas que caem em julho e agosto, destruindo subitamente miríades de insetos, bem como a segunda ninhada das aves nas pradarias; as chuvas torrenciais, devido às monções, que caem nas regiões mais temperadas em agosto e setembro, resultando em inundações numa escala só conhecida na América e na Ásia Oriental e transformando em pântanos – nos platôs – áreas tão extensas quanto os Estados europeus; e, finalmente, as violentas nevascas do começo de outubro, que acabam tornando um território tão grande quanto a França ou a Alemanha absolutamente impraticável para os ruminantes, e os destroem aos milhares, essas são as condições em que vi se debatendo a vida animal no norte da Ásia. Essas condições logo me fizeram perceber a importância primordial, na Natureza, do que Darwin chamou de “controle natural do excesso de população”. Em termos comparativos, a luta entre indivíduos da mesma espécie pelos meios de subsistência – que acontece aqui e ali e em determinadas circunstâncias – nunca atinge a importância dessas condições. Sendo a escassez de vida, a falta – e não o excesso de população –, a característica distintiva daquela imensa parte do globo que chamamos de Ásia Setentrional,



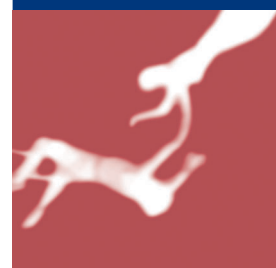
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

passei a ter, desde então, sérias dúvidas – que os estudos posteriores só fizeram confirmar – quanto à realidade daquela temível competição por alimento e vida no seio de cada espécie, que era um artigo de fé para a maioria dos darwinistas e, conseqüentemente, para o papel predominante que se supunha que esse tipo de competição desempenhava na evolução de novas espécies.

Por outro lado, sempre que eu via a vida animal em abundância, como nos lagos onde dezenas de espécies e milhões de indivíduos se reúnem para criar a prole; nas colônias de roedores; nas migrações de pássaros que aconteciam naquela época numa escala verdadeiramente “amazônica” ao longo do Ussuri; e principalmente numa migração de gamos que testemunhei no Amur, durante a qual dezenas de milhares desses animais inteligentes se reuniram, vindos de um território imenso e partindo antes da chegada das grandes nevascas para cruzar o Amur no ponto onde ele é mais estreito – em todas essas cenas da vida animal que passaram diante dos meus olhos, vi a *ajuda mútua* e o *apoio mútuo* acontecerem em tal proporção que fui levado a suspeitar ali da existência de uma característica da maior importância para a manutenção da vida, a preservação de cada espécie e sua evolução posterior.

E finalmente vi, entre o gado e os cavalos semisselvagens da Transbaikalia, e entre os ruminantes selvagens de toda parte, entre os esquilos, por exemplo, que, quando os animais têm de lutar contra a escassez de alimento em conseqüência de uma das causas mencionadas acima, toda aquela parte da espécie que é afetada pela calamidade sai da provação tão depauperada em termos de vigor e saúde que *nenhuma evolução progressiva da espécie pode se basear nesses períodos de competição feroz*.

Por isso, mais tarde, quando as relações entre o darwinismo e a sociologia me chamaram a atenção, não pude concordar com nenhuma das obras e panfletos escritos sobre esse tema tão importante. Todos eles tentavam provar que os seres humanos, devido à superioridade de sua inteligência e de seus conhecimentos, *podiam* mitigar entre si a dureza da luta pela vida. Mas, ao mesmo tempo, todos eles concordavam que a luta pelos meios de subsistência, a luta de todo animal contra seus semelhantes, e de cada ser humano contra todos os outros, era uma “lei da Natureza”. Eu não podia aceitar esse ponto de vista, porque estava convencido de que admitir uma implacável guerra interna pela vida no seio de cada espécie – e ver nessa guerra uma condição de progresso – era admitir algo que não só não havia ainda sido provado, como também não fora confirmado pela observação direta.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Ao contrário: uma palestra “Sobre a Lei da Ajuda Mútua”, feita em janeiro de 1880 num Congresso de Naturalistas Russos pelo professor Kessler, famoso zoólogo e na época reitor da Universidade de São Petersburgo, pareceu-me lançar uma nova luz sobre toda essa questão. Para Kessler, além da *Lei da Competição Mútua*, existe na Natureza a *Lei da Ajuda Mútua*, que é muito mais importante do que a primeira para o sucesso da luta pela vida e principalmente para a evolução progressiva da espécie. Essa hipótese, que na verdade não passava de um desdobramento das ideias expressas pelo próprio Darwin em *A origem do homem*, pareceu-me tão correta e de uma importância tão grande que, desde que tomei conhecimento dela (em 1883), comecei a coletar material para desenvolver melhor essa ideia sobre a qual Kessler tocou muito superficialmente em sua palestra e não viveu para desenvolver, pois morreu em 1881.

Eu só não endosso inteiramente a visão de Kessler quando ele atribui ao “amor dos pais” e seus cuidados com a prole (ver a seguir, no Capítulo 1) a origem das propensões cooperativistas dos animais. No entanto, saber até que ponto esses dois sentimentos estiveram realmente em atividade na evolução dos instintos sociais e que outros instintos atuaram nessa mesma direção parece-me uma questão muito distinta e muito ampla, que ainda não estamos em condições de discutir. Só depois que tivermos bem estabelecidos os fatos da ajuda mútua nas diferentes classes de animais e sua importância para a evolução é que seremos capazes de distinguir, na evolução dos sentimentos de sociabilidade, o que deriva do amor dos pais e o que deriva da sociabilidade propriamente dita, sendo evidente que esta última tem sua origem nos primeiros estágios da evolução do mundo animal, talvez até nos “estágios de colônia”. Por isso dediquei-me muito mais a estabelecer, antes de mais nada, a importância do fator ajuda mútua na evolução, reservando para pesquisas posteriores a tarefa de descobrir a *origem* do instinto da ajuda mútua na Natureza.

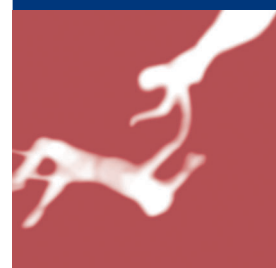
A importância do fator ajuda mútua, – se é realmente possível demonstrar seu caráter geral”, não escapou ao talento de naturalista tão evidente em Goethe. Certa vez, em 1827, Eckermann lhe contou que dois filhotes de cambaxirra fugidos de sua casa foram encontrados no ninho de tordos-do-papo-roxo (*Rothkehlchen*), que os alimentavam junto com os próprios filhotes. Goethe ficou empolgado com esse relato. Viu no incidente uma confirmação de seu panteísmo e disse: “Se é verdade que alimentar um estranho acontece em toda a Natureza a ponto de ter o caráter de uma lei geral, muitos enigmas estão explicados”. Ele voltou à questão no dia seguinte e propôs muito seriamente a Eckermann (que, como se sabe, era zoólogo) fazer um estudo



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

especial sobre o tema, acrescentando que certamente chegaria a “tesouros de valor incalculável em termos de resultados” (*Gespräche*, edição de 1848, vol. III, p. 219-221). Infelizmente esse estudo nunca foi feito, embora seja muito possível que Brehm, que acumulou em suas obras um material riquíssimo relativo à ajuda mútua entre animais, tenha se inspirado na observação de Goethe.

Várias obras de peso (citadas nas notas do Capítulo 1 deste livro) foram publicadas entre os anos de 1872 e 1886 sobre a inteligência e a vida mental de animais e três delas trataram mais especificamente do assunto em questão, quais sejam: *Les Sociétés Animales*, de Espinas (Paris, 1877); *La Lutte pour l'Existence et l'Association pour la Lutte*, uma palestra de J. L. Lanessan (abril de 1881); e o livro de Louis Büchner, *Liebe und Liebes-Leben in der Thierwelt*, cuja primeira edição apareceu em 1879; uma segunda edição, consideravelmente aumentada, foi publicada em 1885. No entanto, por melhores que sejam, essas obras deixam ampla margem para um estudo no qual a ajuda mútua seja considerada não apenas um argumento em favor de uma origem pré-humana dos instintos morais, como também uma lei da Natureza e um fator da evolução. Espinas dedicou a maior parte de sua atenção àquelas sociedades animais (formigas e abelhas) que estão fundadas na divisão fisiológica do trabalho e, embora cheia de referências admiráveis em todos os sentidos possíveis e imagináveis, sua obra foi escrita numa época em que a evolução das sociedades humanas ainda não podia ser avaliada com os conhecimentos de que dispomos hoje. A palestra de Lanessan tem mais o caráter de um brilhante plano geral de trabalho, no qual seria tratada a questão do apoio mútuo, iniciando com as rochas do mar e depois passando ao exame do mundo das plantas, dos animais e dos seres humanos. Quanto à obra de Büchner, por mais sugestiva e rica em fatos que seja, não posso concordar com sua ideia principal. O livro começa com um hino ao amor e quase todos os seus exemplos visam demonstrar a existência do amor e da simpatia entre os animais. No entanto, reduzir a sociabilidade animal ao *amor* e à *simpatia* significa reduzir sua generalidade e sua importância, assim como a ética humana baseada no amor e na simpatia pessoal só contribuiu para diminuir a compreensão do sentimento moral como um todo. Não é o amor por meu vizinho – que muitas vezes nem conheço – que me induz a pegar um balde de água e correr em direção à sua casa quando a vejo pegando fogo; é um sentimento ou instinto muito mais amplo de solidariedade e sociabilidade humana que me mobiliza. O mesmo acontece com os animais. Não é amor, e nem mesmo simpatia (compreendida em seu sentido literal), o que leva um rebanho de ruminantes ou de cavalos a fazer um círculo a fim de resistir ao ataque dos lobos; ou

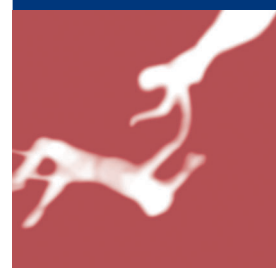


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

lobos a formar uma alcateia para caçar; ou gatinhos ou cordeiros a brincar; ou os filhotes de uma dezena de espécies de aves a passarem os dias juntos no outono. Também não é amor, nem simpatia pessoal, que leva muitos milhares de gamos, espalhados por um território do tamanho da França, a formar dezenas de rebanhos distintos, todos marchando em direção a um determinado ponto para cruzar um rio. É um sentimento infinitamente mais amplo que o amor ou a simpatia pessoal – é um instinto que vem se desenvolvendo lentamente entre animais e entre seres humanos no decorrer de uma evolução extremamente longa e que ensinou a força que podem adquirir com a prática da ajuda e do apoio mútuos, bem como os prazeres que lhes são possibilitados pela vida social.

O estudioso da psicologia animal, e mais ainda o estudioso da ética humana, vai perceber facilmente a importância dessa distinção. O amor, a simpatia e o altruísmo por certo desempenham papel crucial no desenvolvimento progressivo de nossos sentimentos morais. Mas não é no amor, e nem mesmo na simpatia, que a sociedade se baseia. É na percepção – mesmo que apenas no estágio do instinto – da solidariedade humana. É o reconhecimento inconsciente da força que cada homem obtém da prática da ajuda mútua; da íntima dependência que a felicidade de cada um tem da felicidade de todos; e do senso de justiça ou de equidade que leva o indivíduo a considerar os direitos de todos os outros indivíduos iguais aos seus. É sobre esse alicerce amplo e necessário que se desenvolvem sentimentos morais mais elevados. Mas essa questão está fora do alcance da presente obra e aqui limito-me a mencionar uma palestra, “Justiça e moralidade”, que fiz em resposta à *Ethics*, de Huxley, e na qual o assunto foi tratado com mais detalhes.

Por isso julguei que um livro sobre *Ajuda mútua como lei da Natureza e fator de evolução* preencheria uma lacuna importante. Em 1888, quando Huxley publicou seu manifesto da “Luta pela vida” (*Struggle for Existence and its Bearing upon Man*) que, a meu ver, foi uma representação muito incorreta dos fatos da Natureza como são vistos nas matas e florestas, comuniquei-me com o editor da *Nineteenth Century*, perguntando-lhe se me daria a honra de uma leitura crítica e uma resposta minuciosa às opiniões de um dos mais ilustres darwinistas da época. James Knowles acolheu a proposta com a maior boa vontade. Também falei a respeito com W. Bates. “Sim, claro; isso é darwinismo autêntico”, foi sua resposta. “É horrível o que ‘eles’ fizeram com Darwin. Redija esses artigos e, quando estiverem impressos, vou lhe escrever uma carta que poderá publicar.”



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Infelizmente, levei quase sete anos para escrever esses artigos e, quando o último foi publicado, Bates não vivia mais.

Depois de discutir a importância da ajuda mútua entre várias classes de animais, senti-me evidentemente obrigado a fazê-lo em relação à evolução humana. Isso era mais necessário ainda devido à existência de grande número de evolucionistas que, embora não possam deixar de aceitar a importância da ajuda mútua entre os animais, recusam-se, como Herbert Spencer, a admiti-la entre os seres humanos. Para o ser humano primitivo – dizem esses evolucionistas –, a guerra de cada um contra todos é *a* lei da vida. Nos capítulos que dedico aos Selvagens e aos Bárbaros, discuto até que ponto essa afirmação, repetida com facilidade excessiva, sem crítica suficiente desde a época de Hobbes, é corroborada pelo que sabemos das primeiras fases do desenvolvimento humano.

O número e a importância das instituições de ajuda mútua formadas pelo espírito criativo das massas de selvagens e semisselvagens durante o período mais antigo dos clãs humanos e, mais ainda, durante o período seguinte, da comunidade aldeã, e a enorme influência que essas primeiras instituições exerceram sobre o desenvolvimento subsequente da humanidade até os tempos atuais induziram-me a estender minhas pesquisas aos períodos históricos posteriores e principalmente a estudar o mais interessante de todos eles, o das cidades-repúblicas livres da Idade Média, cuja universalidade e impacto sobre nossa civilização moderna ainda não receberam a devida consideração. E, por fim, procurei mostrar sucintamente a imensa importância dos instintos de ajuda mútua, herdados pela humanidade de sua evolução extremamente longa, presentes até hoje em nossa sociedade moderna, que se supõe estar baseada no princípio de “cada um por si e o Estado por todos”, mas que nunca conseguiu e nunca conseguirá tornar-se realidade.

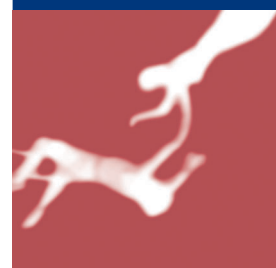
Uma ressalva que se pode fazer a este livro é que tanto os animais quanto os seres humanos estão representados de maneira demasiado favorável; que suas características sociáveis são enfatizadas, enquanto seus instintos antissociais e de autoafirmação são apenas mencionados. Mas isso era inevitável. Ouvimos tanto falar ultimamente da “luta implacável e cruel pela vida” (que dizem ser) travada por cada animal contra todos os outros, e por cada ser humano civilizado contra todos os outros “selvagens”, e de cada homem civilizado contra todos os seus semelhantes, afirmações que acabaram se tornando um artigo de fé, que se tornou necessário, antes de mais nada, opor-lhes uma longa série na verdades que mostram a vida animal e humana de um ponto de vista bem distinto. Tornou-se necessário mostrar a importância incontestável que os hábitos sociáveis



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

desempenham na Natureza e na evolução progressiva tanto das espécies animais quanto dos seres humanos; provar que eles fornecem, aos animais uma proteção maior contra seus inimigos e, com muita frequência, facilidade para obter comida (provisões para o inverno, migrações etc.), longevidade e, por conseguinte, maior desenvolvimento das faculdades intelectuais; e que tais hábitos deram aos homens, além dessas vantagens, a possibilidade de criar aquelas instituições que lhes possibilitaram sobreviver em sua luta implacável contra a Natureza, e progredir, apesar de todas as vicissitudes de sua história. Foi o que fiz. Este é um livro sobre a lei da Ajuda Mútua, vista como um dos principais fatores da evolução, e não sobre *todos* os fatores da evolução e seus respectivos valores. Era preciso que este primeiro livro fosse escrito para que se tornasse possível escrever um outro.

Eu certamente seria o último a subestimar o papel que a autoafirmação do indivíduo desempenhou na evolução da humanidade. Mas, a meu ver, esse tópico requer um tratamento muito mais profundo que o recebido até agora. Na história da humanidade, a autoafirmação individual foi e continua sendo algo bem diferente e muito mais amplo e profundo do que a ideia tacanha, banal e pouco inteligente que, para um grande número de autores, passa por “individualismo” e “assertividade”. Além disso, os indivíduos que fazem história não se limitam àqueles que os historiadores consideram heróis. Portanto, minha intenção é, se as circunstâncias assim o permitirem, discutir em separado o papel desempenhado pela autoafirmação do indivíduo na evolução progressiva da humanidade. Aqui só posso fazer a seguinte observação geral: quando, no decorrer da História, as instituições de ajuda mútua da tribo, a comunidade aldeã, as guildas, a cidade medieval começaram a perder seu caráter primitivo, a ser invadidas por elementos parasitários, tornando-se assim obstáculos ao progresso, a revolta dos indivíduos contra essas instituições sempre assumiram dois aspectos diferentes. Parte daqueles que se rebelaram procurou purificar as instituições antigas ou criar uma forma superior de comunidade; tentou, por exemplo, introduzir o princípio da “compensação”, em lugar da *lex talionis* e, mais tarde, o perdão dos pecados ou um ideal mais elevado ainda de igualdade perante a consciência humana, em lugar da “compensação”, de acordo com o valor de sua classe. Mas, ao mesmo tempo, outra parte dos mesmos rebeldes fazia todo o possível para demolir as instituições protetoras de apoio mútuo, sem nenhuma outra intenção além de aumentar a própria riqueza e os próprios poderes. Nessa disputa de três lados, entre as duas classes de indivíduos revoltados e os defensores da ordem estabelecida, está a verdadeira tragédia da História. No entanto, definir essa disputa e estudar honestamente a



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

parte desempenhada por cada uma dessas três forças na evolução da humanidade exigiria pelo menos tantos anos de trabalho quantos levei para escrever este livro.

Entre as obras que tratam praticamente do mesmo assunto, editadas após a publicação de meus artigos sobre ajuda mútua entre os animais, é preciso mencionar *The Lowell Lectures on the Ascent of Man*, de Henry Drummond (Londres, 1894) e *The Origin and Growth of the Moral Instinct*, de A. Sutherland (Londres, 1898). Ambas foram concebidas de acordo principalmente com as linhas adotadas pelo *Love*, de Büchner; na segunda obra, foi explorado com certa minúcia o sentimento dos pais e da família como a única influência atuante sobre o desenvolvimento dos sentimentos morais. Uma terceira obra que trata do ser humano e foi escrita segundo essas mesmas linhas é *The Principles of Sociology*, do professor F. A. Giddings, cuja primeira edição apareceu em 1896 em Nova York e Londres e cujas principais ideias foram esboçadas pelo autor num panfleto de 1894. Mas preciso deixar à crítica literária a tarefa de discutir os pontos de contato, semelhança ou divergência entre essas obras e a minha.

Os diferentes capítulos deste livro foram publicados na *Nineteenth Century*. (“Ajuda mútua entre os animais” saiu em setembro e novembro de 1890; “Ajuda mútua entre os selvagens”, em abril de 1891; “Ajuda mútua entre os bárbaros”, em janeiro de 1892; “Ajuda mútua na cidade medieval”, em agosto e setembro de 1894; e “Ajuda mútua nas sociedades contemporâneas”, em janeiro e junho de 1896). Ao reuni-los em forma de livro, minha primeira intenção era incluir Apêndices com a massa de material e de discussão sobre vários pontos secundários que tiveram de ser omitidos nos artigos. Mas parece que os Apêndices dobrariam o tamanho do livro e me vi obrigado a abandonar, ou pelo menos a adiar sua publicação. Os Apêndices deste livro contêm apenas a discussão de alguns pontos que foram matéria de controvérsia científica nos últimos anos; e, no texto, introduzi somente o material que poderia ser incluído sem alterar a estrutura da obra.

Estou feliz por ter tido essa oportunidade de expressar a James Knowles, o editor da *Nineteenth Century*, os meus sinceros agradecimentos, tanto pela acolhida generosa a estes artigos em sua revista, assim que soube do seu traçado geral, quanto pela permissão para reproduzi-los no presente volume.

Bromley, Kent, 1902.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

AJUDA MÚTUA ENTRE OS ANIMAIS

Luta pela sobrevivência – Ajuda mútua, lei da Natureza e principal fator de evolução progressiva – Invertebrados – Formigas e abelhas – Aves: associações para caça e pesca – Sociabilidade – Proteção mútua entre pequenas aves – Garças; papagaios

A concepção de luta pela sobrevivência como um fator de evolução, introduzida na ciência por Darwin e Wallace, permitiu englobar uma faixa muito ampla de fenômenos numa única generalização, que logo se tornou a própria base de nossas especulações filosóficas, biológicas e sociológicas. Uma variedade imensa de fatos – as adaptações de função e de estrutura de seres orgânicos a seu ambiente; a evolução fisiológica e anatômica; o progresso intelectual e o próprio desenvolvimento moral, para cuja explicação usávamos antes tantas causas, foi sintetizada por Darwin numa única concepção geral. Esses fatos eram compreendidos como esforços constantes – luta contra circunstâncias adversas – para que tal desenvolvimento de indivíduos, raças, espécies e sociedades resultasse na maior plenitude, variedade e intensidade de vida possível. Pode ser que, no início, nem mesmo Darwin tivesse plena consciência da universalidade do fator que ele foi o primeiro a invocar para explicar uma única série de fatos relativos à acumulação de variações individuais em espécies incipientes. Mas ele previu que o termo que estava introduzindo na ciência perderia seu significado filosófico, e único verdadeiro, se fosse usado apenas em seu sentido estrito – o de luta pura e simples entre indivíduos pelos meios de sobrevivência. E, logo no início dessa obra memorável, ele insistiu para que o termo fosse compreendido em seu “sentido amplo e metafórico, que incluía a interdependência entre os seres e (o que é mais importante ainda) não apenas a vida do indivíduo, mas também sua capacidade de deixar descendentes”.¹



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Embora estivesse usando o termo em seu sentido estrito, principalmente tendo em vista seus objetivos específicos, ele alertou seus seguidores para que não cometessem o erro (que ele próprio parece ter cometido um dia) de superestimar esse sentido. Em *A origem do homem*, Darwin escreveu algumas páginas memoráveis para ilustrar seu sentido próprio, o sentido amplo. Observou que, em inúmeras sociedades animais, a luta entre indivíduos pelos meios de subsistência desaparece, que essa *luta* é substituída pela *cooperação* e que essa substituição resulta no desenvolvimento de faculdades intelectuais e morais que assegura à espécie as melhores condições de sobrevivência. Ele sugeriu que, nesses casos, os mais aptos não são os mais fortes fisicamente, nem os mais astuciosos, e sim aqueles que aprendem a se associar de modo a se apoiarem mutuamente, fossem fortes ou fracos, pelo bem-estar da comunidade. “Aquelas comunidades”, escreveu ele, “que possuíam o maior número de membros mais cooperativos seriam as que melhor floresceriam e deixariam a prole mais numerosa” (2.^a ed. inglesa, p. 163). O termo, que se originou da estreita concepção malthusiana –de competição de cada indivíduo contra todos os outros –, perdeu assim sua estreiteza na visão de alguém que conhecia a Natureza.

Essas observações, que poderiam ter se tornado a base de pesquisas mais fecundas, infelizmente foram eclipsadas pela massa de fatos colhidos com o objetivo de ilustrar as consequências de uma competição pela vida. Além disso, Darwin nunca procurou submeter a uma investigação mais minuciosa a importância relativa dos dois aspectos com os quais a luta pela sobrevivência aparece no mundo animal, e nunca realizou seu desejo de escrever sobre os controles naturais da superpopulação, embora essa obra pudesse ter sido um teste crucial para a avaliação do verdadeiro sentido da luta individual. Pior ainda: nas próprias páginas mencionadas acima, entre os dados que refutam a estreita concepção de Malthus da luta pela vida, reaparece a antiga influência malthusiana, isto é, nas observações de Darwin sobre as supostas inconveniências de sustentar os “fracos de cabeça e de corpo” em nossas sociedades civilizadas (Cap. 5). Como se milhares de poetas, cientistas, inventores e reformadores, debilitados e enfermos de corpo, junto com outros milhares de supostos “loucos” e “visionários delirantes”, não fossem as armas mais preciosas usadas pela humanidade em sua luta pela sobrevivência com seus braços intelectuais e morais, aos quais o próprio Darwin deu tanta ênfase naqueles mesmos capítulos de *A origem do homem*.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Aconteceu com a teoria de Darwin o que sempre acontece com teorias que exercem qualquer influência sobre as relações humanas. Em vez de ampliá-la de acordo com suas próprias intuições, seus seguidores a estreitaram ainda mais. E, embora Herbert Spencer, partindo de linhas de raciocínio independentes, mas intimamente relacionadas com as darwinianas, tentasse ampliar o estudo daquela grande pergunta, “Quem são os mais aptos?”, principalmente no apêndice à terceira edição de *The Data of Ethics*, os inumeráveis seguidores de Darwin reduziram a noção de luta pela sobrevivência a seus limites mais estreitos. Estes acabaram por conceber o mundo animal como um mundo de perpétua luta entre indivíduos semifamintos e sedentos do sangue uns dos outros. Fizeram a literatura moderna ressoar com o grito de guerra de “ai dos vencidos”, como se esta fosse a última palavra da biologia moderna. Elevaram a luta impiedosa por vantagens pessoais à condição de um princípio biológico ao qual também o homem deve se submeter, sob a ameaça de, caso contrário, sucumbir em um mundo baseado no extermínio mútuo. Deixando de lado os economistas, cujo conhecimento da ciência natural se resume a umas poucas palavras de segunda mão, devemos reconhecer que mesmo os mais respeitados defensores do ponto de vista de Darwin se empenharam ao máximo para preservar aquelas falsas ideias. Na verdade, se considerarmos a opinião de Huxley, tido como um dos maiores defensores da teoria da evolução, ele diz, num artigo sobre “A luta pela sobrevivência e seu significado para o homem”, que

da perspectiva dos moralistas, o mundo animal está no mesmo nível de um espetáculo de gladiadores. As criaturas são bem tratadas e obrigadas a lutar; nessa batalha, os mais fortes, os mais rápidos e os mais astuciosos vivem para lutar mais uma vez. O espectador não precisa virar seu polegar para baixo, pois não há tréguas.

Ou, mais adiante no mesmo artigo, ele afirma que, assim como entre os animais, entre os homens primitivos,

os mais fracos e os menos inteligentes levaram a pior, ao passo que os mais resistentes e os mais astutos, aqueles mais aptos para enfrentar as circunstâncias de sua existência, mesmo não sendo os melhores de outros pontos de vista, sobreviveram. A vida era uma luta contínua e, além das relações temporárias e limitadas da família, a guerra hobbesiana de todos contra todos era a condição normal da existência.²

A evidência que vamos apresentar ao leitor, no que se refere tanto ao mundo animal quanto ao homem primitivo, mostra em que medida essa visão

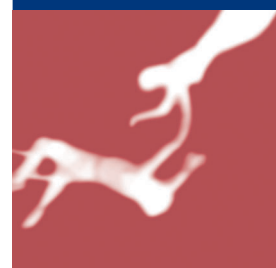


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

da natureza é sustentada pelos fatos. Mas podemos adiantar de imediato que a visão de Huxley sobre a natureza tem tão pouco de dedução científica quanto a teoria oposta de Rousseau, que via nela somente amor, paz e harmonia, destruídos pela ascensão do homem. Na verdade, o primeiro passeio pela floresta, a primeira observação de qualquer sociedade animal, ou mesmo a leitura atenta de qualquer trabalho sério sobre a vida animal (de D'Orbigny, de Audubon, de Le Vaillant, não importa qual) não fazem nada além de dirigir o pensamento do naturalista para o papel da vida social entre os animais e de impedi-lo de ver a Natureza apenas como um matadouro, assim como também de ver na Natureza nada mais que harmonia e paz. Rousseau cometeu o erro de excluir de sua linha de raciocínio a luta de unhas e dentes; e Huxley, o oposto. Entretanto, nem o otimismo de Rousseau, nem o pessimismo de Huxley podem ser aceitos como interpretações imparciais da natureza.

Assim que começamos a estudar os animais – não apenas em laboratórios e museus, mas nas florestas e nas pradarias, nas estepes e nas montanhas –, percebemos imediatamente que, apesar da magnitude das hostilidades e do extermínio entre as várias espécies, e principalmente entre as várias classes de animais, existe, ao mesmo tempo, a mesma quantidade – ou talvez mais – de apoio, ajuda e defesa mútuos entre animais da mesma espécie ou, pelo menos, da mesma sociedade. A sociabilidade e a luta de todos contra todos são, no mesmo grau, uma lei da Natureza. É claro que seria difícil estimar, mesmo que superficialmente, a importância numérica relativa de ambas as séries de fatos. Mas, se nos valermos de uma prova indireta e perguntarmos à Natureza “Quem são os mais aptos: aqueles que vivem em guerra ou aqueles que se apóiam mutuamente?”, vemos de imediato e sem sombra de dúvida que são estes últimos. Os que adquirem hábitos de ajuda mútua têm mais chances de sobreviver e atingem, em suas classes respectivas, o desenvolvimento mais elevado do intelecto e da organização corporal. Considerando os incontáveis fatos que podem ser apresentados para corroborar essa visão, podemos dizer com segurança que tanto a ajuda mútua quanto a luta de todos contra todos são uma lei da vida animal; mas, enquanto fator de evolução, a primeira tem provavelmente uma importância muito maior, na medida em que favorece o desenvolvimento dos hábitos e características que asseguram a manutenção e a evolução da espécie, além de maior bem-estar e melhor qualidade de vida para o indivíduo com o menor dispêndio de energia.

Entre os seguidores científicos de Darwin, o primeiro – tanto quanto sei – a compreender o pleno significado da *Ajuda Mútua como lei da Natureza e*



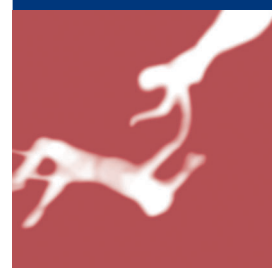
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

principal fator da evolução foi um célebre zoólogo russo, o professor Kessler, [que foi] reitor da Universidade de São Petersburgo. Ele apresentou suas ideias em uma palestra proferida em janeiro de 1880, poucos meses antes de sua morte, em um congresso de naturalistas russos; mas, assim como muitas coisas boas publicadas apenas na língua russa, esse trabalho notável continua praticamente desconhecido.³

“Como zoólogo de grande reputação”, Kessler viu-se obrigado a protestar contra o abuso de uma expressão – a luta pela sobrevivência – tomada de empréstimo à zoologia, ou, pelo menos, contra a supervalorização de sua importância. A seu ver, a zoologia e as ciências que tratam do homem insistem no que chamam de lei impiedosa da luta pela sobrevivência. Mas elas se esquecem de uma outra lei, que pode ser definida como lei da ajuda mútua que, ao menos para os animais, é muito mais essencial do que a primeira. Kessler observou que a necessidade de deixar descendentes aproxima necessariamente os animais e que “quanto mais os indivíduos se mantêm juntos, tanto mais se auxiliam e tanto maiores são as possibilidades de sobrevivência da espécie, assim como de fazer outros progressos em seu desenvolvimento intelectual”. Segundo ele, “todas as classes de animais, e principalmente as mais evoluídas, praticam a ajuda mútua”. Ilustrou essa ideia com exemplos tirados da vida dos besouros-cavadores e da vida social das aves e de alguns mamíferos. Os exemplos foram poucos, como se poderia esperar de um curto discurso de abertura, mas os pontos principais foram apresentados com muita clareza. Depois de mencionar que a ajuda mútua desempenhou um papel ainda mais proeminente na evolução da humanidade, o professor Kessler concluiu:

É óbvio que não nego a luta pela sobrevivência, mas sustento que o desenvolvimento progressivo do reino animal, e principalmente da humanidade, é muito mais favorecido pela ajuda mútua do que pela luta de todos contra todos. [...] Todos os seres vivos têm duas necessidades essenciais: a nutrição e a propagação da espécie. A primeira leva-os à guerra e ao extermínio mútuo, ao passo que a segunda faz com que se aproximem e se apoiem mutuamente. Mas estou inclinado a pensar que, na evolução do mundo orgânico – na modificação progressiva dos seres orgânicos –, a ajuda mútua desempenha um papel muito mais importante do que a luta entre indivíduos.⁴

Os pontos de vista apresentados por Kessler sensibilizaram a maioria dos zoólogos russos presentes, e Sievertsov, cujo trabalho é bem conhecido por ornitólogos e geógrafos, concordou com eles e ilustrou-os com outros exemplos.

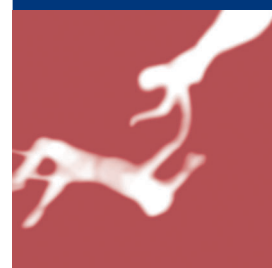


Piotr Kropotkin
**AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução**

Ele mencionou que algumas espécies de falcão – possuidoras de “organização quase perfeita para o roubo” – estão em declínio, enquanto outras, que praticam a ajuda mútua, prosperam. “Considerem, por outro lado, uma ave sociável, o pato”, disse ele, “em termos gerais, é desorganizado, mas pratica a ajuda mútua e quase se pode dizer que invadiu a Terra, como o comprovam suas inumeráveis variedades e espécies”.

A simpatia com que os zoólogos russos acolheram os pontos de vista de Kessler parece muito natural, já que quase todos eles tiveram a oportunidade de estudar o mundo animal nas vastidões desabitadas do norte da Ásia e do leste da Rússia, e é impossível realizar pesquisas em regiões semelhantes sem se chegar às mesmas ideias. Eu mesmo me lembro da impressão que o mundo animal da Sibéria produziu em mim, quando explorei as regiões do Vitim em companhia de um zoólogo talentoso, o meu amigo Poliakov. Ambos estávamos sob o impacto recente do livro *A origem das espécies*, mas procuramos em vão pela feroz competição entre animais da mesma espécie que a obra de Darwin nos fez esperar, levando em conta até as observações do terceiro capítulo (p. 54). Vimos diversas adaptações para a luta – muito frequentemente em comum – contra as adversidades do clima ou vários inimigos, e Poliakov escreveu belas páginas sobre a dependência mútua de carnívoros, ruminantes e roedores nas regiões por onde se distribuía; testemunhamos numerosos casos de ajuda mútua, principalmente durante as migrações de pássaros e de ruminantes; no entanto, mesmo nas regiões do Amur e do Ussuri, onde a vida animal parece ferver, tal a sua abundância, muito raramente observei casos reais de competição e de luta entre animais superiores da mesma espécie, embora eu tivesse procurado ansiosamente por elas. Os trabalhos da maioria dos zoólogos russos dão a mesma impressão, e isso provavelmente explica por que as ideias de Kessler foram tão bem aceitas pelos darwinistas russos, ao passo que ideias semelhantes não estão em voga entre os seguidores de Darwin na Europa Ocidental.

A primeira coisa que nos impressiona quando começamos a estudar a luta pela sobrevivência em ambos os seus aspectos – o literal e o metafórico – é a abundância de casos de ajuda mútua, não apenas para criar a prole, como reconhece a maioria dos evolucionistas, mas também para a segurança do indivíduo e para sua provisão do alimento necessário. A ajuda mútua é a regra em muitas das grandes divisões do reino animal. Existe realmente entre os animais inferiores, e devemos estar preparados para um dia descobrir, com os estudiosos da microbiologia, casos de ajuda mútua inconsciente até mesmo na vida de microrganismos.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Nosso conhecimento da vida dos invertebrados, com exceção das térmitas, das formigas e das abelhas, é extremamente limitado. Todavia, mesmo no que diz respeito aos animais inferiores, é possível compilar alguns casos comprovados de cooperação. As inumeráveis associações de gafanhotos, borboletas (*vanessae*), escaravelhos (*cicindela*), cigarras (*cicadae*) etc., praticamente nunca foram exploradas a fundo; mas o próprio fato de existirem indica que são organizadas mais ou menos de acordo com os mesmos princípios que regem as associações temporárias de formigas ou abelhas para fins de migração.⁵ No que se refere aos besouros, temos casos comprovados de ajuda mútua entre os besouros-cavadores (*Necrophorus*), que necessitam de matéria orgânica em decomposição não muito adiantada para depositar seus ovos, pois é dela que suas larvas se alimentam. Por isso, esses animais enterram os cadáveres de todas as espécies de pequenos animais que encontram em suas perambulações. Em geral, levam uma vida isolada; mas, quando um deles descobre o corpo de um rato ou de um pássaro que não tem condições de enterrar sozinho, a solução é chamar quatro, seis ou dez outros para um esforço conjunto. Quando necessário, transportam o cadáver para um solo macio adequado e o enterram de forma muito “estudada”, sem disputas sobre qual deles terá o privilégio de depositar os ovos nesse cadáver. E, quando Gleditsch amarrou um pássaro morto a uma cruz feita com dois gravetos, ou suspendeu um sapo numa estaca enfiada no chão, os besourinhos combinaram suas inteligências da mesma maneira fraterna para superar esse artifício humano. A mesma combinação de esforços foi notada entre os besouros-rola-bosta.

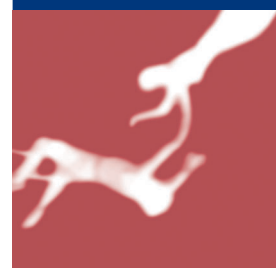
Há exemplos parecidos mesmo entre animais que se encontram em uma fase de organização um pouco inferior. Alguns caranguejos das Índias Ocidentais [Antilhas] e da América do Norte se associam em grandes aglomerações a fim de se deslocarem até o mar para pôr seus ovos; e cada uma dessas migrações implica coordenação, cooperação e ajuda mútua. Quanto ao grande caranguejo das Molucas (*Limulus*), impressionou-me (em 1882, no Aquário de Brighton) a extensão da ajuda mútua que esses animais desajeitados são capazes de dar a um semelhante em caso de necessidade. Um deles tinha virado de costas num canto do tanque e sua pesada carapaça em forma de panela o impedia de voltar à sua posição normal, ainda mais porque havia nesse lugar uma barra de ferro que dificultava as coisas. Seus camaradas vieram resgatá-lo e, durante uma hora, observei o empenho que faziam para ajudar o companheiro. Eles vieram imediatamente, empurraram o amigo por baixo e, depois de muito esforço, conseguiram virá-lo para cima; mas a barra de ferro os impedia de realizar o resgate e o caranguejo voltava a cair de costas. Depois de muitas



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

tentativas, um dos ajudantes foi ao fundo do tanque e trouxe dois outros companheiros que, descansados, deram início ao mesmo processo de empurrar e levantar seu camarada impotente. Ficamos no Aquário por mais de duas horas e, ao sair, fomos olhar novamente o tanque; o trabalho de resgate continuava! Desde então, não pude deixar de aceitar a citação que li da observação do dr. Erasmus Darwin, segundo a qual, “durante a época de muda, o caranguejo comum que ainda não passou por ela e continua com sua carapaça montada para impedir que inimigos marinhos ataquem indivíduos que estão desprotegidos no meio do processo”.⁶

Exemplos de ajuda mútua entre as térmitas, as formigas e as abelhas são tão conhecidos do leitor leigo, principalmente por meio das obras de Romanes, L. Büchner e John Lubbock, que posso limitar meus comentários a umas poucas alusões.⁷ Considerando um formigueiro, observamos não só que todo o trabalho realizado – criação da prole, busca de alimento, construção, cuidados com os pulgões, etc. – segue os princípios da ajuda mútua voluntária, como também devemos reconhecer, como Forel, que a característica básica da vida de muitas espécies de formigas é o fato de a obrigação de cada uma delas de compartilhar sua comida, já engolida e parcialmente digerida, com todos os membros da comunidade que a peçam. Duas formigas que pertencem a espécies diferentes ou a formigueiros hostis se evitam ao se encontrarem por acaso; mas, se elas pertencem ao mesmo formigueiro ou à mesma colônia, aproximam-se, comunicam-se trocando alguns movimentos de antenas e, “se uma delas está com fome ou sede, em particular se a outra estiver bem alimentada [...], imediatamente pede comida”. O indivíduo a quem a solicitação é feita nunca recusa; abre suas mandíbulas, adota uma posição apropriada e regurgita uma gota de fluido transparente, que é lambida pela formiga faminta. O regurgitamento de comida para doação é um aspecto tão marcante na vida das formigas (em liberdade), e ocorre tão frequentemente – tanto para alimentar camaradas famintos quanto as larvas – que, para Forel, seu tubo digestivo consiste em duas partes diferentes, uma das quais, a posterior, é para o uso específico do indivíduo, e a outra, a anterior, é principalmente para o uso da comunidade. Se uma formiga bem alimentada for egoísta a ponto de recusar alimento a um camarada, será tratada como um inimigo, ou ainda pior. Se a recusa for feita durante uma luta com outra espécie, a fúria das companheiras recai sobre a avarenta com maior ímpeto do que contra os próprios inimigos. E, se uma formiga não se recusar a alimentar outra pertencente a uma espécie inimiga, será tratada como amiga pelos parentes desta. Tudo isso é confirmado pela observação mais precisa e por experimentos decisivos.⁸



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Nessa imensa divisão do reino animal, que engloba mais de mil espécies e é tão numerosa que os brasileiros dizem que o Brasil pertence às formigas, e não aos homens, não existe competição entre os membros do mesmo formigueiro ou da mesma colônia. Por mais terríveis que sejam as guerras entre espécies diferentes, e quaisquer que sejam as atrocidades cometidas nessas circunstâncias, a ajuda mútua dentro da comunidade, a abnegação mútua tornada hábito e, muito frequentemente, o autossacrifício pelo bem comum são a regra. As formigas e as térmitas renunciaram à “guerra hobbesiana” e passam muito bem, obrigado. Seus ninhos maravilhosos, suas construções – superiores em tamanho relativo às do homem –, suas estradas pavimentadas e galerias subterrâneas de superfícies abobadadas, seus espaçosos salões e celeiros, seus campos de cereais, suas colheitas e sua “maltagem” de grãos,⁹ seus métodos racionais de cuidar dos ovos e larvas e de construir ninhos especiais para se protegerem dos pulgões – que Lineu descreveu tão pitorescamente como “as vacas das formigas” – e, finalmente, sua coragem, garra e inteligência superior, tudo isso é o resultado natural da ajuda mútua que esses insetos praticam em todas as fases de suas vidas laboriosas e diligentes. Esse modo de vida resultou também no surgimento de outra característica essencial da vida das formigas: o imenso desenvolvimento da iniciativa individual que, por sua vez, levou evidentemente ao desenvolvimento daquela inteligência superior e variada que só pode maravilhar o observador humano.¹⁰

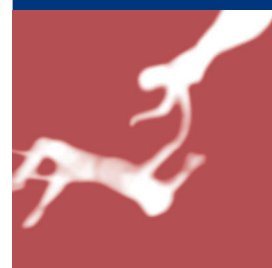
Mesmo que não conhecêssemos quaisquer outros fatos da vida animal além dos relacionados às formigas e às térmitas, já poderíamos concluir com segurança que a ajuda mútua (que leva à confiança mútua, a primeira condição da coragem) e a iniciativa individual (a primeira condição do progresso intelectual) são dois fatores infinitamente mais importantes para a evolução do reino animal do que a luta de todos contra todos. Na verdade, a formiga prospera sem ter quaisquer das características “protetoras” indispensáveis aos animais que vivem isoladamente. Sua cor a torna visível aos inimigos e os imponentes ninhos de muitas espécies chamam a atenção entre os arbustos e no meio das florestas. Ela não é protegida por uma carapaça dura e seu aparato de ataque, a ferroada, embora perigosa quando dada às centenas na pele de um animal, não tem grande valor para a defesa individual; além disso, seus ovos e larvas são iguarias para grande número de habitantes das florestas. Apesar disso, considerando-se seu grande número, as formigas não são muito destruídas pelos pássaros, nem mesmo pelos seus predadores, e são temidas por insetos mais fortes. Quando esvaziou uma sacola cheia de formigas num arbusto, Forel viu que “os grilos fugiram, deixando suas tocas



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

livres para o saque das inimigas; os gafanhotos e os grilos voaram em todas as direções; as aranhas e os besouros abandonaram suas presas para não se tornarem presas eles mesmos; até os ninhos das vespas foram tomados, depois de uma batalha na qual muitas formigas pereceram pelo bem da comunidade. Nem os insetos mais rápidos conseguem escapar, e Forel viu frequentemente borboletas, mosquitos, moscas e outros serem surpreendidos e mortos pelas formigas. Sua força está na ajuda e na confiança mútuas. E se as formigas – sem contar o desenvolvimento ainda superior das térmites – está no topo de toda a classe dos insetos por suas capacidades intelectuais, se sua coragem só é igualada pela dos vertebrados mais corajosos e se seu cérebro – usando palavras de Darwin – “é um dos átomos de matéria mais maravilhosos do mundo, talvez mais ainda do que o cérebro humano”, isso não se deveria ao fato de a ajuda mútua ter tomado inteiramente o lugar da luta de todos contra todos em suas comunidades?

Pode-se dizer o mesmo a respeito das abelhas. Esses pequenos insetos, que tão facilmente se tornam presa de tantos pássaros e cujo mel tem tantos apreciadores em todas as classes de animais, do besouro até o urso, também não têm características protetoras derivadas do mimetismo ou quaisquer outras, sem as quais um indivíduo isolado dificilmente conseguiria escapar do extermínio. E, no entanto, graças à ajuda mútua que praticam, obtêm a ampla difusão que conhecemos e a inteligência que admiramos. Trabalhando em comum, as abelhas multiplicam suas forças individuais; lançando mão de uma divisão temporária do trabalho, combinada à capacidade que cada abelha tem de realizar qualquer tipo de atividade quando necessário, elas atingem um grau de bem-estar e de segurança ao qual nenhum animal sozinho pode aspirar, por mais forte ou bem armado que seja. Em suas associações, elas em geral têm mais êxito do que o homem quando ele despreza a vantagem de uma assistência mútua bem planejada. Desse modo, quando um novo enxame está para deixar a colmeia em busca de uma nova residência, algumas abelhas fazem uma exploração preliminar das proximidades e, quando descobrem um lugar conveniente para morar – como uma cesta velha ou algo parecido –, tomam posse dele, fazem uma boa faxina e montam guarda – algumas vezes durante uma semana inteira – até que o enxame venha ocupá-lo. Mas quantos seres humanos perecem em novos países pelo simples fato de não terem compreendido a necessidade de combinar seus esforços! A combinação de inteligências individuais leva ao sucesso no enfrentamento de circunstâncias adversas, mesmo as imprevistas ou inusitadas, como aconteceu com aquelas abelhas da Exposição de Paris (1889) que, com seu própolis resinoso, prenderam a veneziana da janela a uma placa

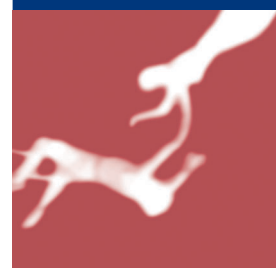


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

de vidro adaptada como parede de sua colmeia. Além disso, elas não revelam nenhuma propensão sanguinária nem gosto pela luta sem propósito que tantos escritores atribuem com tanta frequência aos animais. As sentinelas que guardam a entrada da colmeia matam sem piedade as abelhas ladras que tentam entrar; mas aquelas forasteiras que chegam à colmeia por engano não são molestadas, principalmente se vierem carregadas de pólen ou se forem indivíduos jovens, mais fáceis de rechaçar. Não há luta além da estritamente necessária.

A sociabilidade das abelhas é muitíssimo instrutiva porque os instintos predatórios e o ócio continuam existindo também entre elas e reaparecem toda vez que seu crescimento é favorecido por algumas circunstâncias. É bem sabido que sempre há um certo número de abelhas que prefere a vida de roubo à vida laboriosa das operárias; e que tanto os períodos de escassez quanto os de oferta inusitadamente rica de alimento levam a um aumento da classe ladra. Depois da colheita, quando resta pouco nos prados e campos, as abelhas ladras aparecem com mais frequência. Por outro lado, em torno das plantações de açúcar das Índias Ocidentais [Antilhas] e das refinarias de açúcar da Europa, o roubo, o ócio e muitíssimas vezes a embriaguez se tornam muito comuns entre as abelhas. Vemos, portanto, que os instintos antissociais continuam existindo também entre elas. Mas a seleção natural deve eliminá-los continuamente, porque, a longo prazo, a prática da solidariedade prova ser mais vantajosa à espécie do que o desenvolvimento de indivíduos com inclinações predatórias. Os mais astuciosos e sagazes são eliminados em favor daqueles que entendem as vantagens da sociabilidade e da ajuda mútua.

É claro que nem as formigas, nem as abelhas, nem mesmo as térmitas, chegaram à concepção de uma solidariedade superior que englobe a espécie como um todo. Nesse sentido, é evidente que elas não atingiram um grau de desenvolvimento que não encontramos sequer entre nossos líderes políticos, científicos e religiosos. Seus instintos sociais dificilmente ultrapassam os limites da colmeia ou do formigueiro. Entretanto, colônias de não menos de duzentos formigueiros, pertencentes a duas espécies diferentes (*Formica exsecta* e *F. pressilabris*) foram investigadas por Forel no monte Tendre e no monte Salève; diz ele que cada membro dessas colônias reconhece todos os demais e que todos participam da defesa comum. Na Pensilvânia, MacCook observou uma nação de 1.600 a 1.700 ninhos em forma de montículos, todos vivendo em perfeita harmonia. Bates descreveu cupinzeiros que cobriam grandes áreas nos campos, alguns dos quais eram refúgio de duas ou três espécies diferentes,



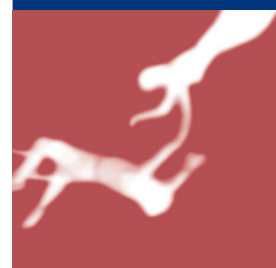
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

e a maioria deles era ligada por galerias e arcadas.¹¹ Portanto, mesmo entre os animais invertebrados, encontramos alguns passos em direção ao amálgama de divisões maiores da espécie para fins de proteção mútua.

Vamos passar agora para os animais superiores: entre eles encontramos muito mais exemplos de ajuda mútua indubitavelmente consciente para todos os objetivos possíveis e imagináveis, embora devamos reconhecer de imediato que nosso conhecimento – mesmo da vida de animais superiores – ainda deixa muito a desejar. Um grande número de fatos foi acumulado por observadores de primeira linha, mas há divisões inteiras do reino animal sobre as quais quase nada sabemos. Informações fidedignas sobre peixes são escassíssimas, em parte devido às dificuldades de observação e, em parte, porque o assunto ainda não foi tratado com a devida atenção. Quanto aos mamíferos, Kessler já sublinhou que sabemos muito pouco de seus modos de vida. Muitos deles têm hábitos noturnos; outros se escondem no subsolo; e aqueles ruminantes cuja vida social e migrações são do maior interesse não permitem que o homem se aproxime de suas manadas. É principalmente sobre os pássaros que temos a maior quantidade de informações e, mesmo assim, a vida social de muitas espécies continua pouco conhecida. Mas, como veremos, não devemos lamentar a falta de fatos comprovados.

Não preciso me estender sobre as associações de macho e fêmea voltadas para a geração da prole, sua alimentação durante os primeiros estágios ou para a caça em comum, embora possa mencionar, a propósito, que elas são a regra mesmo entre os carnívoros e aves de rapina menos sociáveis e despertam interesse especial por serem as situações em que se verifica a maior ternura até entre os animais mais cruéis. Podemos acrescentar ainda que, entre os carnívoros e as aves de rapina, a raridade de associações mais amplas que as de família – embora resulte de seu próprio modo de alimentação – é, em certa medida, consequência da mudança produzida no mundo animal pelo rápido aumento da população humana. Seja como for, vale lembrar que existem espécies vivendo uma vida muito isolada em regiões densamente habitadas, ao passo que essas mesmas espécies, ou seus congêneres mais próximos, são gregários em países pouco habitados. Exemplos disso são os lobos, as raposas e diversas aves de rapina.

No entanto, as associações que não vão além dos laços de família têm uma importância relativamente pequena em nosso caso, tanto mais que conhecemos diversas delas realizadas com objetivos mais gerais, como a caça, a proteção mútua e mesmo a simples fruição da vida. Audubon já mencionou



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

que as águias se associam ocasionalmente para caçar, e a descrição que ele fez de duas águias calvas – macho e fêmea – caçando no Mississípi, é bem conhecida por seu poder de sugestão. Mas uma das observações mais conclusivas a esse respeito foi a de Sievertsov ao estudar a fauna das estepes russas. Certa vez, quando observava uma águia-de-cauda-branca (*Haliaetos albicilla*) – uma espécie totalmente gregária – depois de meia hora no ar, desenhando grandes círculos em silêncio, ele de repente ouviu seu grito agudo. Outra águia respondeu e se aproximou, seguida por uma terceira, uma quarta e assim por diante, até que nove ou dez se juntaram e logo se dispersaram. À tarde, Sievertsov voltou ao mesmo lugar e, escondido em meio às ondulações da estepa, aproximou-se e descobriu que elas tinham se reunido em torno do cadáver de um cavalo. Como é de regra, as mais velhas, que já haviam comido a refeição, estavam pousadas nos montes de feno das proximidades e vigiavam, enquanto as mais novas continuavam o repasto, rodeadas por um bando de corvos. A partir dessa observação e de outras semelhantes, Sievertsov concluiu que as águias-de-cauda-branca combinam a caça: quando todas chegam a uma grande altitude, e se estiverem em dez, têm condições de examinar uma área de pelo menos 40 quilômetros quadrados; assim que uma descobre algo, as outras são avisadas.¹² É claro que é questionável dizer que, com um simples grito instintivo, ou mesmo com seus movimentos, uma águia é capaz de dar esse aviso; mas, nesse caso, houve prova indiscutível de aviso mútuo, já que as dez se juntaram antes de descer até a presa; e, posteriormente, Sievertsov teve várias oportunidades de observar que essa espécie sempre se juntava para devorar um cadáver e que alguns membros do grupo (primeiro os mais jovens) sempre vigiam enquanto os outros comem. A águia-de-cauda-branca – caçadora excelente e ousada – é, na verdade, um pássaro totalmente gregário e, segundo Brehm, quando mantida em cativeiro, logo estabelece um vínculo com seus tratadores.

A sociabilidade é uma característica comum a muitas outras aves de rapina. O milhafre do Brasil – um dos ladrões mais “impudentes” de que se tem notícia – é, no entanto, um pássaro muito sociável. Suas associações de caça foram descritas por Darwin e outros naturalistas, e está comprovado que, quando ele agarra uma presa grande demais, chama cinco ou seis amigos para carregá-la. Depois de um dia de muito trabalho, quando se recolhem para o repouso noturno numa árvore ou arbusto, esses gaviões sempre se reúnem em bandos, algumas vezes vindos de distâncias de dezesseis ou mais quilômetros, e a eles se juntam vários outros abutres, principalmente os *percnopterus*, que são, segundo D’Orbigny, “seus melhores amigos”. De acordo com Zarudnyi, essa espécie tem, nos desertos transcaspianos, o mesmo hábito de fazer ninhos



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

em conjunto. O abutre sociável, uma das espécies mais fortes do gênero, tem esse nome justamente devido a seu gosto pela vida em sociedade. Vive em bandos numerosos e sua sociabilidade é evidente; muitos deles se juntam por esporte em seus vôos altos. “Eles vivem em grande amizade”, diz Le Vaillant, “e já cheguei a encontrar até três ninhos juntos numa mesma caverna”.¹³ Os urubus do Brasil são tão sociáveis quanto os corvos, talvez até mais que estes.¹⁴ Os pequenos abutres do Egito mostram sua intimidade: brincam em bandos no ar, reúnem-se para passar a noite e, de manhã, saem juntos atrás de comida, nunca havendo o menor sinal de briga entre eles, como testemunha Brehm, que observou a vida dessas aves diversas vezes. O canção-grande (*Daptrius americanus*) também é visto em bandos numerosos nas florestas do Brasil. No inverno, o peneireiro-vulgar (*Tinnunculus cenchris*) da Europa reúne-se em grupos numerosos quando chega às pradarias e florestas da Ásia. Essa espécie de falcão, que vive nas estepes do sul da Rússia, é (ou melhor, era) tão sociável que Nordmann o viu reunindo-se depois das quatro horas, em tardes amenas, em bandos numerosos com outras espécies do gênero (*Falco tinnunculus*, *F. oesulon* e *F. subbuteo*), e brincando até tarde da noite. Numa linha bem reta, decolam todos ao mesmo tempo em direção a um determinado ponto, de onde retornam imediatamente, ao longo da mesma linha, repetindo o mesmo vôo.¹⁵

Voar em bandos por puro prazer é uma atividade muito comum a todos os tipos de aves.

No final de agosto, principalmente no distrito de Humber, – escreve [o ornitólogo] Charles Dixon, – vêm-se grandes revoadas de pilritos (*Calidris alpina*) sobre os alagados, onde os pássaros permanecem até o inverno. [...] Seus movimentos são dos mais interessantes, pois, em grande revoada, eles giram e se espalham ou se juntam com a precisão de tropas treinadas. Em meio a eles, há muitas lavandeiras, pilritos-sanderlingos e tarambolas.¹⁶

Seria impossível enumerar aqui as diversas associações de caça de aves. Mas certamente as associações de pesca dos pelicanos merecem atenção, tendo em vista a ordem e a inteligência extraordinárias desses pássaros desajeitados. Eles sempre pescam em bandos numerosos e, depois de escolherem uma baía apropriada, formam um amplo semicírculo virado para a praia, em direção da qual vão mergulhando e pegando todos os peixes da área abrangida pelo semicírculo. Em rios estreitos e canais, chegam a se dividir em dois semicírculos, voando em direção um do outro, exatamente como dois grupos de homens avançam arrastando duas redes longas para, ao se encontrarem,



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

capturarem todos os peixes presos entre as duas redes. Quando a noite chega, eles voam para seu local de descanso – sempre o mesmo para cada bando – e ninguém jamais os viu lutando pela posse de um local, seja a baía ou o lugar de repouso. Na América do Sul, eles se juntam em bandos de quarenta a cinquenta, parte dos quais dorme enquanto alguns vigiam e outros ainda vão pescar.¹⁷ E, por fim, eu estaria cometendo uma injustiça para com os muito caluniados pardais domésticos se não mencionasse a generosidade com que cada um divide a comida que encontra com todos os membros da sociedade à qual pertence. O fato era conhecido dos gregos e foi transmitido à posteridade quando um orador certa vez exclamou algo mais ou menos assim: “Enquanto eu estava conversando com você, um pardal veio dizer a outros que um escravo deixou cair um saco de milho no chão, e então todos eles foram para o local comer os grãos”. Além disso, é animador encontrar uma observação antiga confirmada num livrinho recente de Gurney, segundo o qual não há dúvida de que os pardais domésticos sempre informam os outros de onde há alguma comida para roubar: “Quando o grão foi debulhado, nunca muito longe do quintal, os pardais logo ficam de papo cheio”.¹⁸ É verdade que esses pássaros são extremamente ciosos quando se trata de manter seus domínios livres da invasão de estranhos; no Jardim de Luxemburgo, eles lutam cruelmente contra todos outros pardais que tentam desfrutar do local e de seus visitantes; mas, dentro de suas próprias comunidades, praticam a ajuda mútua o tempo todo, mesmo que, de vez em quando, haja desavenças até mesmo entre os melhores amigos.¹⁹

A caça e a alimentação juntos são um hábito tão arraigado do mundo das aves que se tornou ponto pacífico e não exige outros exemplos. Quanto à força derivada dessa associação, não há como negá-la. As aves de rapina mais fortes são impotentes diante das associações de nossos menores pássaros de estimação. Até as águias – mesmo a poderosa e terrível águia-calçada e também a águia-marcial, tão forte que consegue carregar uma lebre ou um antílope jovem em suas garras – são obrigadas a abandonar sua presa para bandos desses mendigos – os milhafres – que partem em perseguição à águia tão logo a vêem com uma boa presa. Eles também roubam peixe do ágil falcão-pescador; mas ninguém jamais os viu brigando entre si pela posse da presa assim roubada. Nas ilhas Kerguelen [Antártida], Couës viu os *Buphagus* (os petréis dos caçadores de focas) perseguindo gaivotas para fazê-las regurgitar sua comida; mas, por outro lado, estas e as andorinhas-do-mar se juntavam para expulsar os petréis tão logo eles chegavam perto de suas moradas, principalmente na época da nidificação.²⁰ Os abibes (*Vanellus cristatus*), pequenos, mas agilíssimos, atacam ousadamente as aves de rapina.



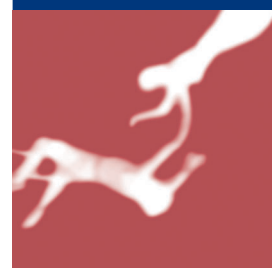
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Vê-los atacar um búbio, um milhafre, um corvo ou uma águia é um dos espetáculos mais interessantes que há. Percebe-se que eles estão certos da vitória e também da fúria da ave de rapina. Nessas circunstâncias, eles se apóiam inteiramente e sua coragem aumenta na mesma proporção que o seu número.²¹

A ventoinha bem merece o nome de “boa mãe” que os gregos lhe deram, pois jamais deixa de proteger outras aves aquáticas dos ataques de seus inimigos. No entanto, até a pequena alvéola-branca (*Motacilla alba*), que tão bem conhecemos de nossos jardins e cujo comprimento total raramente atinge 21 centímetros, obriga o falcão-americano (*Falco sparverius*) a abandonar sua caça. “Já pude admirar muitas vezes sua coragem e agilidade”, escreveu o velho Brehm, “e estou persuadido de que o falcão é capaz de capturar sozinho qualquer uma delas”. Quando um bando de alvéolas-brancas obriga uma ave de rapina a recuar, seus gritos triunfantes ressoam no ar e, logo depois, elas se separam. Portanto, associam-se principalmente para dar caça ao inimigo, do mesmo modo que vemos a população de aves de uma floresta ser alertada de que um pássaro noturno apareceu durante o dia, e todos juntos – aves de rapina e pequenos cantores inofensivos – saem em perseguição ao intruso e o fazem retornar a seu esconderijo.

Que enorme diferença entre a força de um falcão, búbio ou gavião e a de pássaros pequenos como a alvéola-branca! Entretanto, esses passarinhos, agindo em comum e com coragem, mostram ser superiores aos ladrões dotados de asas e garras poderosas! Na Europa, as alvéolas não caçam apenas as aves de rapina, mas também o gavião-pescador, “mais por diversão do que por necessidade”; na Índia, como testemunhou Jerdon, as gralhas caçam o milhafre-indiano “por simples prazer”. O príncipe Wied viu inúmeros bandos de tucanos e xexéus (pássaros aparentados com a gralha-calva europeia) cercando a urubitinga (águia brasileira) e zombando dela. “A urubitinga”, diz ele, “normalmente suporta a zombaria em silêncio; mas, de vez em quando, agarra um desses gozadores”. Em todos esses casos, os pássaros pequenos, embora muito inferiores em força à ave de rapina, provam sua superioridade em ação conjunta.²²

Entretanto, os efeitos mais notáveis da vida em comunidade em segurança, a alegria de viver e o desenvolvimento das capacidades intelectuais individuais são verificados em duas grandes famílias de pássaros: as garças e os papagaios. As garças são extremamente sociáveis e suas relações, não apenas entre si, mas também com a maioria das aves aquáticas, são as melhores do mundo. Surpreendentemente cautelosas e inteligentes, elas percebem as mudanças



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

nas condições de segurança num instante, e agem de acordo. Suas sentinelas sempre vigiam o bando que está se alimentando ou descansando, e os caçadores bem sabem como é difícil se aproximar delas. Quando são surpreendidas por algum destes, elas nunca voltam ao local do ocorrido sem antes terem enviado um observador e, depois, um grupo de reconhecimento que, quando retorna informando que não há perigo, ainda é substituído por um segundo grupo enviado para nova checagem para assegurar que todo o bando pode ir naquela direção. As garças travam verdadeira amizade com espécies aparentadas; mas, com o homem e em cativeiro, só o papagaio – ave também sociável e extremamente inteligente – faz amizade. “O papagaio vê no homem um amigo, e não um senhor, e se empenha em expressar isso”, conclui Brehm a partir de ampla experiência pessoal. A garça está em atividade constante, desde cedinho até tarde da noite, mas gasta apenas umas poucas horas da manhã atrás de alimento, principalmente verduras, e dedica todo o resto do dia à vida social.

Apanha pedaços de madeira ou pedrinhas com o bico, joga-os para o alto e tenta pegá-los; dobra o pescoço, abre as asas, dança, salta, corre em círculos e tenta manifestar de todos os modos sua alegria de viver, e é sempre graciosa e bela.²³

Como vive em sociedade, quase não tem inimigos. Embora vez ou outra tenha visto uma delas ser capturada por um crocodilo, Brehm afirma que este é o único predador de fato da garça. Graças à sua prudência proverbial, ela consegue evitar todos os potenciais inimigos e costuma chegar a uma idade bem avançada. Não surpreende que, para a preservação da espécie, a garça não precise de uma prole numerosa; em geral, bota só dois ovos. Quanto à sua inteligência superior, basta dizer que todos os estudiosos são unânimes em reconhecer que suas capacidades intelectuais fazem lembrar muito as do homem.

Como se sabe, o papagaio, outro pássaro extremamente sociável, está no topo do conjunto das aves, graças ao desenvolvimento de sua inteligência. Brehm resumiu tão admiravelmente o modo de vida do papagaio que não posso fazer nada melhor que traduzir uma observação sua:

Exceto na época do acasalamento, os papagaios vivem em sociedades ou bandos muito numerosos. Escolhem um lugar na floresta para ficar e, toda manhã, iniciam ali suas expedições de caça. Os membros de cada bando mantêm-se firmemente ligados entre si e partilham a boa e a má sorte. Todas as manhãs, partem em direção a um campo, jardim ou uma árvore para se alimentarem de frutos. Destacam sentinelas para zelar pela segurança do bando inteiro e ficam atentos a seus gritos de alerta. Em caso de perigo, todos levantam vôo, apoiando-se mutuamente,



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

e retornam ao mesmo tempo a seu lugar de descanso. Numa palavra, vivem sempre intimamente unidos.

Eles também compartilham a vida em sociedade com outros pássaros. Na Índia, os gaios e os corvos vêm de um raio de muitos quilômetros para passar a noite em companhia dos papagaios nas moitas de bambu. Quando os papagaios começam a caçar, mostram a mais espantosa inteligência, prudência e capacidade de enfrentar as circunstâncias. Considere, por exemplo, um bando de cacatuas brancas (*Cacatua alba*) da Austrália. Antes de começarem a pilhar um campo de cereais, elas enviam um grupo de reconhecimento que ocupa as árvores mais altas das proximidades, enquanto outros observadores se empoleiram nas árvores situadas entre o campo e a floresta e transmitem os sinais. Se o sinal for positivo, um grupo de cacatuas se separa do resto do bando, alça vôo e toma a direção das árvores mais próximas ao campo. Estas também inspecionam as vizinhanças por um bom tempo e só então dão o sinal para o avanço geral, após o qual o bando inteiro começa imediatamente a devastação e pilha o campo num instante. Os colonizadores australianos têm as maiores dificuldades em iludir a prudência das cacatuas; mas, quando o homem, com toda sua arte e com todas as suas armas, consegue matar algumas, elas se tornam tão prudentes e vigilantes que, a partir daí, burlam toda e qualquer cilada.²⁴

Não há dúvida de que é a prática da vida em sociedade que capacita os papagaios a atingirem aquele nível quase humano de inteligência e sensibilidade que reconhecemos neles. A grande inteligência desses animais levou os melhores naturalistas a darem a algumas espécies, como o papagaio-cinza, a denominação de “pássaro-homem”. Quanto a seu apego mútuo, é sabido que, quando um papagaio é morto por um caçador, os outros sobrevoam o cadáver com guinchos lamentosos e “eles mesmos acabam sendo vítimas de sua amizade”, como disse Audubon; e, quando dois deles vivem juntos em cativeiro, mesmo sendo de espécies diferentes, tornam-se amigos e, às vezes, a morte acidental de um leva o outro a morrer também, de pesar e tristeza. É evidente também que, em suas sociedades, eles têm muito mais proteção do que se desenvolvessem qualquer tipo ideal de bico ou garra. São pouquíssimas as aves de rapina ou mamíferos que ousam atacá-los, a não ser os das espécies menores. Brehm tem toda razão ao dizer que os papagaios, assim como as garças e os macacos sociáveis, praticamente não têm inimigo, a não ser o homem, e acrescenta: “É mais provável que os papagaios maiores morram principalmente por causa da idade avançada, e não nas garras de um inimigo qualquer”. Apenas o homem, devido à sua inteligência e armamento superiores, também derivados da associação,



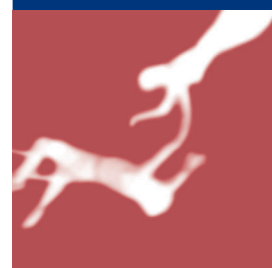
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

consegue destruí-los parcialmente. A própria longevidade dos papagaios parece resultar de sua vida social. Será que não podemos dizer o mesmo sobre sua memória maravilhosa, cujo desenvolvimento também deve ter sido favorecido pela vida social e pela longevidade, além do pleno exercício de faculdades corporais e mentais até uma idade muito avançada?

Como vimos pelo exposto, a guerra de cada um contra todos não é *a* lei da natureza. A ajuda mútua é uma lei da natureza tanto quanto a luta de todos contra todos, e essa lei parecerá mais evidente ainda após analisarmos algumas outras associações de aves e as dos mamíferos. Nas páginas anteriores já foram feitas algumas referências à importância da lei da ajuda mútua para a evolução do reino animal, mas seu sentido vai ficar mais claro ainda quando, depois de apresentarmos outros exemplos, pudermos tirar nossas conclusões.

NOTAS

- ¹ *A origem das espécies*, cap. iii (“Luta pela sobrevivência”).
- ² *Nineteenth Century*, fevereiro de 1888, p. 165.
- ³ Sem falar dos escritores que antecederam Darwin, como Toussenel, Fée e muitos outros, várias obras com exemplos admiráveis de ajuda mútua – ilustrando principalmente a inteligência animal – foram publicadas antes dessa data. Menciono as de Houzeau, *Les facultés mentales des animaux*, 2 vols., Bruxelas, 1872; L. Büchner, *Aus dem Geistesleben der Thiere*, editado em 1877, e Maximilian Perty, *Über das Seelenleben der Thiere*, Leipzig, 1876. Espinas publicou em 1877 a sua obra mais notável, *Les sociétés animales*, onde destacou a importância das sociedades animais e sua influência na preservação das espécies, e entrou também em uma discussão das mais valiosas sobre a origem das sociedades. Na verdade, o livro de Espinas contém tudo o que foi escrito até então sobre ajuda mútua e muitas outras coisas. Entretanto, se faço menção especial ao discurso de Kessler, é porque ele alçou a ajuda mútua à altura de uma lei, muito mais importante na evolução do que a lei da luta de todos contra todos. As mesmas ideias foram apresentadas no ano seguinte (em abril de 1881) por J. de Lanessan, em uma conferência publicada em 1882 sob o título *La lutte pour l'existence et l'évolution des sociétés* [Paris, Félix Alcan, 1903]. *Animal Intelligence*, obra importante de G. Romanes, foi publicada em 1882, acompanhada, no ano seguinte, de *Mental Evolution in Animals* [Nova York, Penguin, 1883]. Mais ou menos na mesma época (1883), Büchner publicou



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

outro trabalho, *Liebe und Liebes-Leben in der Thierwelt*, cuja segunda edição, ampliada, apareceu em 1885. Como se vê, a ideia estava no ar. [voltar](#)

⁴ *Memórias (Trudy)* da Sociedade de Naturalistas de São Petersburgo, vol. XI, 1880.

⁵ Ver o Apêndice I.

⁶ Do livro de George J. Romanes, *Animal Intelligence* [1. ed. Londres, Kegan, Paul, Tranch, 1882], p. 233.

⁷ Obras como *Les fourmis indigènes*, de Pierre Huber, Genève, 1861; *Recherches sur les fourmis de la Suisse*, de Forel, Zurich, 1874, e *Harvesting Ants and Trapdoor Spiders*, de J. T. Moggridge, Londres, 1873 e 1874 devem estar nas mãos de todo rapaz e moça. Veja também: *Métamorphoses des insectes*, de Blanchard, Paris, 1868; *Souvenirs entomologiques*, de J. H. Fabre, Paris, 1886; *Études des mœurs des fourmis*, de Ebrard, Genève, 1864; *Ants, Bees and Wasps*, de Sir John Lubbock, e assim por diante.

⁸ *Recherches...*, de Auguste Forel, p. 244, 275 e 278. A descrição que Huber faz dos costumes é admirável. Também contém uma indicação da possível origem do instinto (edição popular, p. 158 e 160). Ver o Apêndice II.

⁹ A agricultura das formigas é tão maravilhosa que por muito tempo se duvidou de sua existência. O fato está agora tão comprovado por Moggridge, Lincecum, MacCook, Coronel Sykes e Jerdon que elimina qualquer dúvida. Veja um resumo excelente das evidências na obra de Romanes. Veja também “Die Pilzgärten einiger Süd-Amerikanischen Ameisen”, de Alf. Möller, em *Botan. Mitth. Aus den Tropen*, de Schimper, vi, 1893.

¹⁰ Este segundo princípio não foi imediatamente reconhecido. Os primeiros observadores falaram frequentemente de reis, rainhas, capatazes etc.; porém, desde que Huber e Forel publicaram suas observações minuciosas, não há dúvida sobre a liberdade que existe entre as formigas no tocante à iniciativa individual em tudo que elas fazem, mesmo suas guerras.

¹¹ H. W. Bates, *The Naturalist on the River Amazons*, ii, p. 59 et seqs.

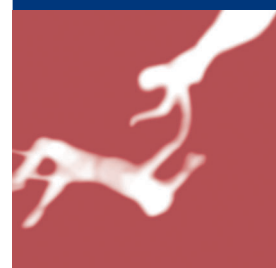
¹² N. Syevertoff, *Periodical Phenomena in the Life of Mammalia, Birds, and Reptiles of Voronège*, Moscou, 1885 (em russo).

¹³ A. Brehm, *La vie des animaux*, iii, p. 477; todas as citações foram feitas de acordo com a edição francesa.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

- ¹⁴ Bates, p. 151.
- ¹⁵ *Catalogue raisonné des oiseaux de la faune pontique*, na viagem de Démidov; trechos citados em Brehm, iii, 360. Durante suas migrações, as aves de rapina se associam com frequência. Um bando que H. Seebohm viu cruzando os Pirineus representava uma mistura curiosa de “oito falcões, uma garça e um falcão-peregrino” (*The Birds of Siberia*, 1901, p. 417).
- ¹⁶ *Birds in the Northern Shires*, p. 207.
- ¹⁷ Max Perty, *Über das Seelenleben der Thiere*, Leipzig, 1876, p. 87, 103.
- ¹⁸ G. H. Gurney, *The House-Sparrow*, Londres, 1885, p. 5.
19. Veja o Apêndice III.
- ²⁰ Dr. Elliot Couës, “Birds of the Kerguelen Island”, em *Smithsonian Miscellaneous Collections*, vol. xiii, n. 2, p. 11.
- ²¹ Brehm, iv, p. 567.
- ²² Quanto aos papagaios domésticos, T. W. Kirk, um observador da Nova Zelândia, descreve o ataque desses pássaros “impudentes” a um falcão “desafortunado”: “Certo dia, ouvi um ruído insólito, como se todos os pássaros pequenos do país tivessem começado uma grande briga. Olhando para cima, vi um grande falcão (*C. gouldi*, um comedor de carniça) sendo repetidamente golpeado por um bando de papagaios. Eles se chocavam contra ele, de todos os pontos e ao mesmo tempo. O desafortunado falcão ficou impotente. Por último, lançou-se nuns arbustos e lá permaneceu enquanto os papagaios se juntavam em grupos ao redor do mato, mantendo uma chilreada constante”. (Artigo lido perante o New Zealand Institute; *Nature*, 10 de outubro de 1891.)
- ²³ Brehm, iv, 671 et seqs.
- ²⁴ R. Lendenfeld, *In Der zoologische Garten*, 1889.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

2

AJUDA MÚTUA ENTRE OS ANIMAIS

(continuação)

Migrações de pássaros – Associações de nidificação – Sociedades de outono – Mamíferos: pequeno número de espécies não-sociáveis – Associações de caça de lobos, leões etc. – Sociedades de roedores; de ruminantes; de macacos – Ajuda mútua na luta pela vida – Argumentos de Darwin para provar a luta pela vida dentro das espécies – Controles naturais da superpopulação – Suposta extinção de elos intermediários – Eliminação da competição na Natureza

No hemisfério Norte, tão logo a primavera retorna à zona temperada, miríades de aves espalhadas pelas regiões mais quentes do sul juntam-se em bandos numerosos e, cheios de vigor e alegria, dirigem-se apressadamente para o norte a fim de criar a prole. Toda sebe, bosque ou rochedo oceânico e todo lago e lagoa existentes nas regiões setentrionais da América, da Europa e da Ásia revelam, nessa estação do ano, o significado da ajuda mútua para as aves e a força, a energia e a proteção que ela confere a todo ser vivo, por mais frágil e indefeso que seja. Tomemos como exemplo um dos numerosos lagos das estepes russas e siberianas. Suas margens são povoadas por miríades de aves aquáticas de diversas espécies, todas vivendo na mais perfeita paz – todas protegendo umas às outras.

Por várias centenas de metros praia adentro, vêem-se gaivotas e andorinhas-domar voando e enchendo os olhos como flocos de neve num dia de inverno. Milhares de tarambolas e cortiços (galinhas-anãs) correm pela praia em busca de comida, cantando e simplesmente fruindo a vida. Mais além, em quase toda onda, há um



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

40

pato se embalando, enquanto no alto do céu voam bandos de patos de Casarki. Vida exuberante fervilha por todo lado.¹

E lá estão os ladrões – os mais fortes e astuciosos, aqueles com “uma organização perfeita para o roubo”. Irados e ameaçadores, fazem ouvir seus gritos famintos, enquanto esperam, por horas a fio, uma oportunidade para arrancar uma criatura desprotegida dessa massa de seres vivos. No entanto, logo que um deles se aproxima, sua presença é denunciada por dezenas de sentinelas voluntárias, e centenas de gaivotas e andorinhas-do-mar se põem a caçá-lo. Enlouquecido pela fome, ele logo abandona suas precauções costumeiras e subitamente se arroja contra a presa desejada. Atacado por todos os lados, é obrigado a recuar mais uma vez. Por puro desespero, ele ataca novamente os patos selvagens que, inteligentes e sociáveis, organizam-se rapidamente em bando e, se o inimigo é um pigargo [espécie de águia marinha], fogem voando; se é um falcão, mergulham no lago; caso seja um milhafre, levantam uma nuvem de bolhas de água e desnorream o assaltante.² E, enquanto a vida continua fervilhando no lago, o ladrão foge voando e gritando de raiva, à procura de carniça ou de um pássaro jovem ou de um rato do campo ainda não acostumados a obedecer a tempo os avisos de seus companheiros. Diante de toda aquela exuberância, o ladrão bem armado é obrigado a se contentar com as partes desprezadas dessa vida fervilhante.

Mais ao norte, nos arquipélagos árticos,

pode-se velejar por muitos quilômetros ao longo da costa e ver todos os recifes, penhascos e encostas das montanhas, até uma altura de 60 a 150 metros, literalmente cobertos de aves marinhas, cujos peitos brancos se destacam contra as rochas escuras, como se estas estivessem pulverizadas de cal. Longe e perto, o ar está, por assim dizer, coalhado de aves.³

Cada uma dessas “montanhas de pássaros” é um exemplo vivo da ajuda mútua, assim como da infinita variedade de características – individuais e específicas – resultantes da vida social. O ostraceiro é bem conhecido por sua destreza ao atacar as aves de rapina. O maçarico-de-bico-direito (*Limosa limosa*) é conhecido por sua vigilância e torna-se facilmente líder de pássaros mais pacíficos. O vira-pedras (*Arenaria interpres*) é um pássaro tímido, quando cercado de companheiros de espécies mais vigorosas, mas assume a segurança da comunidade quando as aves que o rodeiam são menores. Aqui, cisnes imponentes; ali, gaivotas-tridáctilas (*Rissa tridactyla*), entre as quais as brigas são raras e curtas; mais além, estão os simpáticos araus árticos (*Uria aalge*),

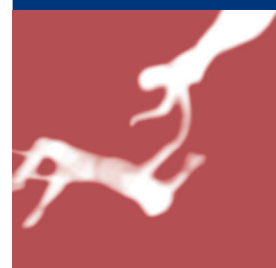


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

acariciando-se incessantemente uns aos outros, e também uma fêmea de ganso que, egoísta, repudiou os órfãos de uma companheira morta; mas, ao lado dela, você vê uma outra fêmea que, por adotar todos os órfãos que encontra pela frente, anda rodeada por cinquenta ou sessenta filhotes, dos quais cuida como se fossem de sua própria ninhada. Lado a lado com os pinguins, que roubam os ovos uns dos outros, você tem os morinelos [*Eudromias morinellus*], cujas relações familiares são tão “charmosas e tocantes” que mesmo quem adora caçar evita atirar numa fêmea cercada pela prole; os êideres [*Somateria mollissima*], entre os quais (a exemplo dos patos-fuscos [*Melanitta fusca*]) e dos coroyas das savanas) várias fêmeas chocam juntas no mesmo ninho; e os araus [*Uria aalge*], que se revezam para chocar uma ninhada comum. A Natureza é por si mesma a variedade, oferecendo toda a diversidade possível, da mais modesta à mais elevada; por essa razão não se pode descrevê-la com qualquer afirmação abrangente, e muito menos julgá-la do ponto de vista dos moralistas, porque ele próprio resulta – em geral inconscientemente – da observação da Natureza.⁴

Associar-se na época da nidificação é tão comum entre a maioria dos pássaros que certamente não há necessidade de outros exemplos. Nossas árvores ficam coroadas de ninhos de corvos; nossas sebes ficam repletas de ninhos de pássaros menores; as casas-grandes das fazendas abrigam colônias de andorinhas; as velhas torres das igrejas são refúgio de centenas de aves noturnas; e poderíamos encher páginas e páginas com as mais belas descrições da paz e da harmonia que prevalecem em quase todas essas associações de nidificação. Quanto à proteção conseguida pelos pássaros mais fracos por sua união, ela é evidente. Um exemplo: Couës, um excelente observador, viu as pequenas andorinhas-do-barranco nidificando na vizinhança imediata de um falcão da pradaria (*Falco polyargus* [*Falco mexicanus*]). Este fizera seu ninho no topo de um daqueles minaretes de argila tão comuns nos cânions do Colorado, enquanto uma colônia de andorinhas se instalava logo abaixo. Aquelas avezinhas pacíficas não tinham medo nenhum do vizinho, uma ave de rapina, mas nunca o deixavam se aproximar de sua colônia. Cercavam-no imediatamente e o caçavam, de modo que ele tinha de fugir a toda velocidade.⁵

A vida em sociedade não acaba no final do período de nidificação; ela recomeça sob uma nova forma. Os filhotes reúnem-se em sociedades de jovens, geralmente de várias espécies. Nessa época, a vida social tem em vista sobretudo o próprio bem da ninhada – em parte por segurança, claro, mas principalmente por seus prazeres. Assim, vemos em nossas florestas sociedades formadas por jovens pica-paus-cinzentos (*Sitta Caesia*) junto com chopins, tentilhões,



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

garrinchas, trepadeiras-do-bosque [*Certhia familiaris*] ou algumas espécies de pica-pau.⁶ Na Espanha, vemos a andorinha em companhia de francelhos, papamoscas e até mesmo de pombos. No extremo oeste da América, as jovens cotovias-cornudas [*Eremophila alpestris*] vivem em grandes sociedades, junto com outras cotovias (as de Sprague), mais os tico-ticos-dos-prados [*Passerculus sandwichensis*] e várias espécies de trigueirão [*Emberiza calandra*] e escrevedeiras-da-lapônia [*Calcarius lapponicus*].⁷ Na verdade, seria muito mais fácil descrever as espécies que vivem isoladas do que apenas citar as que se juntam às sociedades outonais de pássaros jovens – não para fins de caça ou de nidificação, mas somente para desfrutar a vida em sociedade e passar o tempo em brincadeiras e jogos, depois de terem dedicado poucas horas de cada dia à busca de comida.

E, finalmente, temos aquela incrível mostra de ajuda mútua entre pássaros – suas migrações – sobre a qual não ousa nem mesmo começar a falar neste momento. Basta dizer que pássaros que viveram por meses em pequenos bandos espalhados por um amplo território se juntam aos milhares; eles se agrupam em um determinado lugar durante muitos dias antes de partirem, e é evidente que discutem os detalhes da viagem. Algumas espécies se deleitam nas tardes em vôos preparatórios para a longa jornada. E todas elas esperam pelos retardatários para enfim partirem numa rota bem escolhida – fruto da experiência coletiva acumulada –, com os mais fortes voando à frente do bando, socorrendo-se mutuamente nessa tarefa difícil. Cruzam os mares em grandes bandos constituídos tanto dos maiores quanto dos menores e, quando retornam na primavera seguinte, dirigem-se para o mesmo lugar de onde partiram; e, na maioria dos casos, cada um se apossa exatamente do ninho que construiu ou reformou no ano anterior.⁸

Mas esse assunto tão vasto é muito mal estudado. Os exemplos notáveis de hábitos de ajuda mútua, subjacentes ao fato principal da migração – cada um dos quais exigindo um estudo especial –, são tantos que não vou entrar em mais detalhes aqui. Só vou me referir superficialmente às numerosas e animadas reuniões de pássaros que acontecem, sempre no mesmo lugar, antes da debandada em longas viagens rumo ao norte ou ao sul, bem como àquelas que se vêem depois da chegada aos pontos de nidificação no Ienissei [Rússia] ou nos condados do norte da Inglaterra. Durante muitos dias sucessivos – algumas vezes por todo um mês – eles se juntam de manhã por uma hora, antes de voar em busca de comida, talvez para discutir o lugar onde vão construir seus ninhos.⁹ E se, na migração, seus bandos forem colhidos por

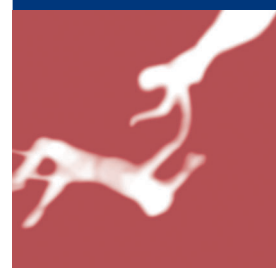


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

uma tempestade, pássaros das mais diferentes espécies ficarão ligados pelo mesmo infortúnio. As aves que não são exatamente migratórias, mas que se dirigem lentamente para o norte e para o sul de acordo com as estações, também fazem essas peregrinações em bandos. Em vez de migrarem isoladamente, a fim de assegurarem individualmente as vantagens da comida e abrigo melhores encontrados em outras regiões, elas sempre esperam pelas outras e se juntam em bandos antes de se moverem para o norte ou para o sul, conforme a estação.¹⁰

Quanto aos mamíferos, o que mais impressiona é a esmagadora predominância numérica das espécies sociais sobre aqueles poucos carnívoros que não se associam. Os planaltos, as regiões alpinas e as estepes do Novo e do Velho Mundo estão repletos de manadas de veados, antílopes, gazelas, gamos, búfalos, cabras e ovelhas selvagens, todos animais sociáveis. Quando os europeus iniciaram a colonização da América, encontraram-na tão densamente povoada de búfalos que os pioneiros tinham de deter seu avanço quando uma manada em migração cruzava seu caminho. Eram manadas tão densas que sua marcha durava algo em torno de dois a três dias. E, quando os russos se apossaram da Sibéria, ela estava tão densamente povoada de veados, antílopes, esquilos e outros animais sociáveis que a conquista desse território não passou de uma expedição de caça que durou duzentos anos, enquanto as planícies cobertas de pastagem da África ainda estão cheias de manadas compostas de zebras, caamas [ou veados-do-cabo] e outros antílopes africanos.¹¹

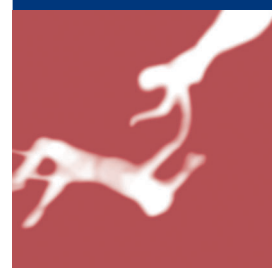
Não faz muito tempo que os pequenos rios do norte da América e da Sibéria eram povoados de colônias de castores, e até o século 17 elas eram incontáveis no norte da Rússia. As planícies dos quatro grandes continentes ainda estão cobertas por inumeráveis colônias de ratos, citelos [tâmias, esquilos terrícolas], marmotas e outros roedores. Nas latitudes mais baixas da Ásia e da África, as florestas ainda são hábitat de diversas famílias de elefantes, rinocerontes e de inumeráveis sociedades de macacos. No extremo norte, as renas agregam-se em rebanhos sem conta e, mais ao norte ainda, é possível encontrar manadas do boi-almiscarado e incontáveis bandos de raposas polares. Os litorais fervilham de rebanhos de focas e de morsas; as águas oceânicas, de cardumes de cetáceos sociáveis, e mesmo nos confins do grande planalto da Ásia Central encontramos manadas selvagens de cavalos, burros, camelos e carneiros. Todos esses mamíferos vivem em sociedades e em nações às vezes compostas de centenas de milhares de indivíduos, mesmo que depois de três séculos da civilização da pólvora encontremos apenas os resquícios dos imensos



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

agregados de antigamente. Como é insignificante o número de carnívoros comparado com o desses mamíferos! E quão falsa é, portanto, a visão daqueles que falam do mundo animal resumindo-o a leões e hienas rasgando, com os dentes ensanguentados, a carne de suas presas! A partir dessa visão, pode-se também imaginar que a totalidade da vida humana não passa de uma sucessão de massacres.

A associação e a ajuda mútua são a regra entre os mamíferos. Constatamos hábitos sociais mesmo entre os carnívoros, e só temos os felinos (leões, tigres, leopardos etc.) para citar como exemplos de uma divisão cujos membros preferem claramente o isolamento à vida em sociedade e só muito de vez em quando podem ser encontrados em pequenos grupos. Mas, mesmo entre leões, “a caça em conjunto é uma prática muito comum”.¹² As civetas ou gatos-de-algália (*Viverridae*) e as doninhas (*Mustelidae*) também podem ser caracterizadas por sua vida isolada, mas é verdade que, durante o último século [19], a doninha comum era mais sociável, uma vez que, nessa época, podia ser vista em grandes grupos na Escócia e no cantão suíço de Unterwalden. Quanto à grande tribo dos caninos, ela é eminentemente sociável, e a associação para a caça pode ser considerada uma característica distintiva de suas numerosas espécies. É bem sabido que os lobos se juntam em alcateias para caçar. Tschudi legou-nos ótima descrição de como eles se dispõem em semicírculo ao redor de uma vaca que está pastando numa vertente de montanha e, surgindo de súbito com latidos altos, fazem com que ela role no abismo.¹³ Nos anos 1830, Audubon também viu lobos do Labrador caçando em alcateias. Uma delas seguiu um homem até sua cabana e matou seus cães. Durante invernos severos, as alcateias crescem tanto em número que se tornam um perigo para os assentamentos humanos, como foi o caso na França há cerca de quarenta ou cinquenta anos. Nas estepes russas, os lobos só atacam cavalos em alcateias e, mesmo assim, têm de travar uma luta encarniçada, durante a qual os cavalos (como testemunhou Kohl) às vezes assumem táticas ofensivas e, nesses casos, se não recuam imediatamente, esses inimigos correm o risco de serem cercados e mortos a coices. Os coiotes ou lobos-das-pradarias (*Canis latrans*) são conhecidos por reunirem de vinte a trinta indivíduos ao caçar um búfalo ocasionalmente separado de sua manada.¹⁴ Os chacaís, que são extremamente corajosos e podem ser incluídos entre os mais inteligentes representantes dos caninos, sempre caçam em bandos, pois assim não temem os carnívoros maiores.¹⁵ Quanto aos cachorros-selvagens-asiáticos (os *kholzuns* ou *dholes* [*Cuon alpinus*]), Williamson viu suas grandes matilhas atacando todos os animais maiores, com exceção dos elefantes e rinocerontes, e dominando



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

ursos e tigres. As hienas sempre vivem em sociedades e caçam em bandos, e as organizações de caça dos mabecos ou cachorros-selvagens-africanos [*Lycaon pictus*] são muito elogiadas por Cumming. Mais ainda: até as raposas, que em geral vivem isoladas em nossos países civilizados, têm sido vistas caçando juntas.¹⁶ A raposa polar, especificamente, é – ou era, na época de Steller – um dos animais mais sociáveis de que se tem notícia. Ao ler a descrição que esse autor faz da guerra travada pela desafortunada tripulação de Behring contra esses animaizinhos tão perspicazes, não se sabe o que causa mais admiração: a inteligência extraordinária das raposas e sua ajuda mútua, que elas demonstraram ao cavar a comida escondida sob montes de pedra ou armazenada sobre um pilar (uma delas o escalava até o alto e jogava a comida para seus companheiros), ou a crueldade do homem, levado ao desespero pelos numerosos bandos de raposas. Mesmo alguns ursos vivem em sociedades nas quais não são perturbados pelo homem. Steller viu o urso-pardo de Kamtchatka em numerosos bandos, e até mesmo os ursos-brancos [polares] são vistos ocasionalmente em pequenos grupos. Nem mesmo os insetívoros, que não são inteligentes, desprezam a associação.¹⁷

Entretanto, é principalmente entre os roedores, os ungulados e os ruminantes que encontramos uma ajuda mútua extremamente desenvolvida. Os esquilos são bastante individualistas. Cada um constrói uma toca confortável e acumula sua provisão. Preferem a vida em família. Brehm concluiu que uma família de esquilos nunca está tão feliz como quando dois de seus filhotes está com ela em um canto remoto da floresta. Mas, apesar disso, eles mantêm relações sociais. Habitantes de ninhos diferentes mantêm contato íntimo e, quando as pinhas escasseiam na floresta onde vivem, eles emigram em bandos. Já os esquilos negros do extremo oeste são evidentemente sociáveis. Fora as poucas horas de cada dia dedicadas à alimentação, bandos numerosos passam o tempo brincando. E, quando se multiplicam rápido demais numa determinada região, juntam-se em bandos quase tão grandes quanto os de gafanhotos e rumam para o sul, devastando florestas, campos e jardins, enquanto raposas, tourões-fétidos ou furões-bravos [*Mustela putorius*], falcões e aves de rapina noturnas seguem suas densas colunas e vivem às custas dos retardatários. A tâmara – um gênero bem próximo – é ainda mais sociável. Costuma armazenar boa quantidade de raízes comestíveis e nozes em grandes espaços subterrâneos, geralmente pilhados pelo homem no outono. Segundo alguns observadores, essa espécie deve conhecer alguns dos prazeres do avarento; mas, apesar disso, é sociável, vivendo sempre em grandes aglomerados. Audubon, que abriu algumas de suas habitações num

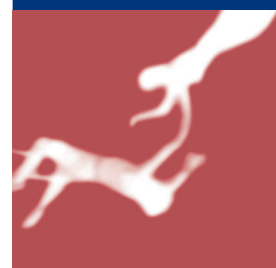


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

inverno, encontrou vários indivíduos no mesmo subterrâneo, que eles deviam ter abastecido por meio de esforços comuns.

A grande família das marmotas, que inclui os três gêneros de *Artomys*, *Cynomys* e *Spermophilus*, é ainda mais sociável e inteligente. Elas também preferem ter habitação individual; mas vivem em grandes aglomerados. O *souslik* [um esquilo terrícola (*Spermophilus citillus*)] – terrível inimigo das colheitas do sul da Rússia –, exterminado todo ano às dezenas de milhões apenas pelo homem, vive em colônias incontáveis e, enquanto as assembleias provinciais da Rússia discutem seriamente os meios de se livrarem desse inimigo da sociedade, ele desfruta a vida da maneira mais alegre que se possa imaginar. Suas brincadeiras são tão encantadoras que nenhum observador poderia deixar de admirá-las, nem de mencionar os concertos melodiosos que combinam os assobios agudos dos machos com os assobios melancólicos das fêmeas, antes de – no súbito retorno a seus deveres de cidadão – começar a inventar os meios mais diabólicos para exterminar os ladrõezinhos. Todas as espécies de aves de rapina e outros predadores têm se mostrado ineficazes e, nessa guerra, a última palavra da ciência é a inoculação do cólera! Os conjuntos de habitações das marmotas norte-americanas são uma das visões mais fascinantes que existem. Vêm-se montes de terra a perder de vista na pradaria e, sobre cada um deles, uma marmota dessa espécie em pé, envolvida numa conversa animada com seus vizinhos por meio de latidos curtos. Assim que percebem a aproximação do homem, todas se enfiam instantaneamente em seus buracos, desaparecendo como por encanto. Mas, passado o perigo, as criaturinhas logo reaparecem. Famílias inteiras saem de suas galerias e se deleitam brincando. As jovens arranham-se e aborrecem umas às outras, e mostram toda a sua graça quando ficam de pé, enquanto as mais velhas vigiam. Elas se visitam, e as trilhas batidas que conectam seus montículos são prova da frequência com que o fazem. Em síntese: os melhores naturalistas consagraram algumas de suas páginas memoráveis à descrição das associações das marmotas norte-americanas, europeias e alpinas. Mas, ainda quanto às marmotas, é preciso fazer as mesmas observações feitas em relação às abelhas: elas preservaram seus instintos belicosos, que reaparecem no cativeiro; mas, em suas grandes associações, soltas na Natureza, tais instintos não têm a oportunidade de se desenvolver e o resultado geral é paz e harmonia.

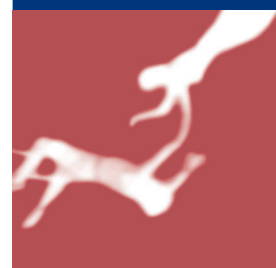
Mesmo animais tão desagradáveis como os ratos, que lutam continuamente em nossos celeiros, têm inteligência suficiente para, em vez de brigar quando pilham nossas despensas, ajudar-se, quando necessário, em suas expedições



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

de pilhagem e migração, e até mesmo para alimentar seus inválidos. Os ratos-almiscarados ou ratos-castores do Canadá são extremamente sociáveis. Audubon admirava muito “suas comunidades pacíficas, para cuja felicidade basta que sejam deixadas em paz”. Como todos os animais sociais, são vivazes e brincalhões, associam-se facilmente a outras espécies e atingiram um desenvolvimento intelectual muito elevado. Em seus conjuntos de habitações, sempre estabelecidos em praias de lagos e rios, levam em consideração as mudanças do nível da água. Seus domos, construídos de argila batida e junco, têm cantos separados para o lixo orgânico e salas bem quentes no inverno. São quentes, mas bem ventiladas. Quanto aos castores: como sabemos, são dotados de um caráter dos mais simpáticos, suas assombrosas represas e povoações, nas quais gerações vivem e morrem sem conhecer inimigos, exceto a lontra e o homem, são um exemplo tão maravilhoso do que a ajuda mútua pode significar para a segurança da espécie, para o desenvolvimento de hábitos sociais e para a evolução da inteligência, que todos os interessados na vida animal os conhecem bem. Resta-me apenas destacar que entre os castores, os ratos-almiscarados e alguns outros roedores, encontramos o que será o traço distintivo das comunidades humanas – o trabalho em comum.

Deixo de lado as duas grandes famílias que incluem o gerbo, a chinchila, a biscacha [*Langostomus maximus*] e o *tushkan* ou lebre subterrânea do sul da Rússia, embora esses pequenos roedores possam ser considerados excelentes ilustrações dos prazeres derivados da vida social dos animais.¹⁸ Isso mesmo: os prazeres, pois é extremamente difícil dizer o que aproxima os animais – as necessidades de proteção mútua ou simplesmente o prazer de se sentirem rodeados por seus semelhantes. De qualquer forma, nossas lebres comuns, que não se juntam em sociedades para a convivência e nem mesmo possuem sentimentos familiares intensos, não podem viver sem se reunir para brincar. Dietrich de Winckell, considerado um dos mais bem informados sobre os hábitos das lebres, descreve esses animais como adeptos das brincadeiras. Segundo esse especialista, as lebres ficam tão excitadas brincando que é sabido que uma delas confundiu uma raposa que se aproximava com um companheiro de folgedos.¹⁹ Já o coelho vive em sociedade e sua vida familiar é inteiramente construída à imagem da antiga família patriarcal; os jovens devem obediência absoluta ao pai, e mesmo ao avô.²⁰ E a lebre e o coelho são um exemplo de duas espécies estreitamente aparentadas que não se toleram. Isso não se deve ao fato de viverem quase da mesma comida, como frequentemente acontece em casos semelhantes; o mais provável é que a lebre, passional e claramente individualista, não pode fazer amizade com aquela criatura plácida,



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

tranquila e submissa que é o coelho. Seus temperamentos são diferentes demais para não serem um obstáculo à amizade.

A vida em sociedade é a regra também para a grande família dos equinos, que compreende os cavalos selvagens e os asnos da Ásia, as zebras, os mustangues [cavalo pequeno e bravo das planícies norte-americanas], os *cimarrones* dos Pampas e os cavalos semisselvagens da Mongólia e da Sibéria, todos vivendo em numerosas associações compostas de muitas tropilhas, cada qual consistindo em várias éguas conduzidas por um garanhão. Esses incontáveis habitantes do Velho e do Novo Mundo, em geral mal organizados para resistir a seus numerosos inimigos e às adversidades do clima, teriam logo desaparecido da superfície da Terra se não tivessem a sua sociabilidade. Quando um predador se aproxima deles, vários grupos se reúnem imediatamente, repelem o inimigo e, algumas vezes, caçam-no. Nem o lobo – e nem mesmo o urso e o leão – consegue capturar um cavalo ou uma zebra que não estejam separados do rebanho. Durante uma seca nas pradarias, em que o pasto chega a queimar, eles emigram em manadas de até 10 mil indivíduos. E, quando uma tempestade de neve assola as estepes, todos os grupos se mantêm unidos e refugiam-se em uma ravina protegida. Mas, se a confiança desaparecer, ou se o grupo for tomado pelo pânico e dispersar, os cavalos perecem e, após a tempestade, os sobreviventes são encontrados meio mortos de fadiga. A união é sua arma principal na luta pela vida, e o homem, seu maior inimigo. Quando ainda não eram numerosos, os ancestrais de nosso cavalo doméstico (o *Equus Przewalskii*, assim denominado por Poliakov) preferiram se retirar para os platôs mais selvagens e menos acessíveis das cercanias do Tibete, onde continuam vivendo rodeados por carnívoros e num clima tão precário quanto o das regiões árticas, mas numa região inacessível ao homem.²¹

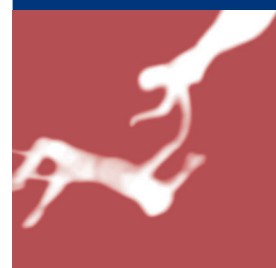
Exemplos extraordinários de vida social poderiam ser citados, como o da rena e principalmente daquela grande divisão de ruminantes que inclui os cabritos-monteses [*Capreolus capraea*], o gamo, os antílopes, as gazelas, o íbis (ibex) e, na verdade, a totalidade das três numerosas famílias dos antilopídeos (Antelopídes), dos caprinos (Caprídes) e dos ovinos (Ovídes). Muitas características desses animais podem ser mencionadas, entre as quais: o zelo pela segurança de suas manadas contra os ataques de carnívoros; a ansiedade coletiva do rebanho de camurças, esperando que todas atravessem uma passagem difícil em penhascos; a adoção de órfãos; o desespero da gazela com a morte do companheiro ou mesmo de uma companheira; as brincadeiras dos jovens. Mas talvez o exemplo mais notável de ajuda mútua seja o que ocorre



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

durante as migrações ocasionais dos gamos, como vi certa vez no Amur. Quando cruzei o alto platô e sua extremidade, o Grande Khingan, indo de Transbaikalia para Merghen, e viajei mais adiante pelas altas pradarias a caminho do Amur, pude verificar quão pouco povoadas de gamos são essas regiões.²² Dois anos depois, viajando Amur acima, cheguei, em fins de outubro, à extremidade inferior daquela pitoresca garganta que esse rio escava no Dousse-alin (Pequeno Khingan), antes de adentrar as terras baixas onde ele se junta ao Sungari. Nas vilas locais, encontrei os cossacos na maior excitação, porque milhares e milhares de gamos estavam cruzando o Amur, no trecho mais estreito de seu curso, a fim de atingir as terras baixas. Por muitos dias seguidos, ao longo de cerca de 65 quilômetros rio acima, os gamos estavam sendo abatidos ao cruzarem o rio, no qual já flutuava uma boa quantidade de gelo. Milhares eram mortos todos os dias, mas seu êxodo continuava. Migrações semelhantes nunca foram vistas antes ou depois, e aquela deve ter sido provocada por uma forte nevasca precoce no Grande Khingan, que forçou os gamos a fazer uma tentativa desesperada de atingir as terras baixas a leste das montanhas Dousse. Na verdade, poucos dias depois, o Dousse-alin também estava sob 60 a 90 centímetros de neve. Ora, quando se imagina o imenso território (quase do tamanho da Grã-Bretanha) do qual os grupos dispersos de gamos devem ter se juntado para uma migração empreendida em tais circunstâncias e são visíveis as dificuldades que tiveram de superar antes de todos decidirem cruzar o Amur mais ao sul, onde ele é mais estreito, só se pode mesmo admirar profundamente o grau de sociabilidade mostrado por esses animais inteligentes. Seu caráter não perde nada do que tem de excepcional quando nos lembramos dos búfalos da América do Norte, que mostravam as mesmas capacidades de cooperação. Eram vistos pastando nas planícies em grandes bandos, compostos por uma infinidade de pequenos grupos que nunca se misturavam. Todavia, quando surgia a necessidade, todos os grupos, embora espalhados por um território imenso, juntavam-se e formavam aquelas imensas colunas, chegando às centenas de milhares de indivíduos que mencionei antes.

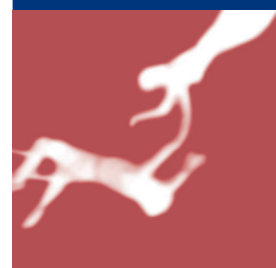
Seria bom dizer algumas palavras sobre as famílias compostas dos elefantes, seu apego mútuo, seu costume cauteloso de postar sentinelas e a simpatia desenvolvida por essa vida de estreito apoio mútuo.²³ Eu poderia mencionar a sociabilidade dessas criaturas de má fama, os javalis, e elogiar sua capacidade de associação quando atacados por um predador.²⁴ Também o hipopótamo e o rinoceronte teriam lugar num trabalho dedicado à sociabilidade animal. Muitas páginas comoventes seriam necessárias para descrever a sociabilidade e o apego mútuo das focas e das morsas e, finalmente, caberia



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

mentonar os sentimentos maravilhosos que existem entre os cetáceos sociáveis. Entretanto, preciso fazer uma breve referência às sociedades dos macacos, as quais adquirem um interesse tanto maior por serem o elo que nos leva às sociedades dos homens primitivos.

Não é preciso falar da evidente sociabilidade desses mamíferos, que estão exatamente no topo do mundo animal e são os mais próximos dos seres humanos em estrutura e inteligência. É óbvio que devemos estar preparados para encontrar todas as variedades de caráter e de hábitos numa divisão do reino animal que inclui centenas de espécies. Mas é necessário dizer principalmente que a sociabilidade, a ação em comum, a proteção mútua e um alto grau de desenvolvimento daqueles sentimentos necessariamente resultantes da vida social caracterizam a maioria dos macacos. Da menor espécie à maior, com poucas exceções conhecidas, a sociabilidade é uma regra entre eles. Os macacos noturnos preferem vida isolada; os caiararas da América do Sul [*Cebus capucinus*], os monos-carvoeiros e os guaribas ou bugios-ruivos [*Alouatta guariba*] vivem somente em pequenas famílias; os orangotangos vistos por A. R. Wallace estavam sempre solitários ou em grupos de três ou quatro indivíduos, ao passo que os gorilas parecem nunca formar bandos.²⁵ Porém, todo o resto da tribo dos macacos – os chimpanzés, os caiararas, os cuxiúspretos [*Chiropotes satanas*], os mandris, os babuínos e outros – é sociável no mais alto grau. Esses animais vivem em grandes bandos e até se juntam a espécies diferentes. A maioria deles demonstra muita tristeza quando isolada. Se um integrante do bando grita de aflição, imediatamente é acudido pelos companheiros, que repelem ousadamente os ataques da maioria dos carnívoros e das aves de rapina. Nem as águias ousam atacá-los. É sempre em bandos que pilham as plantações – com os mais velhos cuidando da segurança da comunidade. Até os pequenos saguis, cujo doce rosto infantil tanto impressionou Humboldt, abraçam-se e protegem uns aos outros quando chove, enrolando a cauda no pescoço de seus companheiros que tiritam. Várias espécies demonstram a maior solicitude por seus feridos e não abandonam um camarada nessas condições durante uma retirada até se assegurarem de que ele está morto, ou de que são incapazes de fazê-lo voltar à vida. Em suas *Oriental Memoirs*, James Forbes narra um caso semelhante, em que um bando de macacos reclama a um grupo de caça o cadáver de uma de suas fêmeas com tal insistência que se pode compreender plenamente por que “as testemunhas dessa cena extraordinária resolveram nunca mais atirar em qualquer representante da classe dos macacos”.²⁶ Em algumas espécies, vários indivíduos se juntam para virar pedras à procura de ovos de formigas. Além de postar sentinelas, os



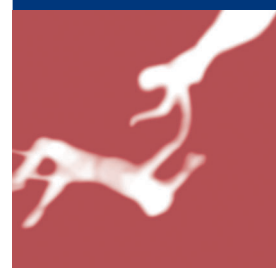
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

babuíños cinocéfalos (hamadryas) também já foram vistos formando uma cadeia para o transporte da pilhagem para um lugar seguro; e sua coragem é célebre. Tornou-se clássica a descrição feita por Brehm da luta constante de sua caravana com os babuíños cinocéfalos para poder prosseguir viagem pelo vale do Mensa, na Abissínia.²⁷ O leitor geral também está familiarizado com a natureza brincalhona dos macacos que têm rabo e com o apego mútuo que reina nas famílias de chimpanzés. E se encontramos entre os macacos maiores duas espécies não-sociáveis, a dos orangotangos e a dos gorilas, devemos nos lembrar que ambas – limitadas como estão a áreas muito pequenas, uma no coração da África e a outra nas ilhas de Bornéu e de Sumatra – parecem ser as últimas remanescentes de espécies antigamente muito mais numerosas. Pelo menos os gorilas parecem ter sido sociáveis em tempos remotos, se é que os macacos mencionados no *Periplus** eram realmente eles.

A partir da breve resenha feita, vemos que a vida em sociedade não é exceção no reino animal, mas a regra, a lei da Natureza, e que ela atinge seu mais pleno desenvolvimento com os vertebrados superiores. As espécies que gostam do isolamento, ou vivem só em pequenas famílias, são relativamente poucas e o número de todas elas é limitado. Mais ainda: é muito provável que, salvo umas poucas exceções, as aves e os mamíferos que hoje não são gregários, tenham vivido em sociedades antes de o homem se multiplicar na Terra e travar uma guerra permanente contra eles, ou destruir suas fontes de alimento. “*On ne s’associe pas pour mourir*” [“Não se fazem associações para morrer”] foi uma observação inesquecível de Espinas. E Houzeau, que conhecia o mundo animal de algumas partes da América, quando ainda não havia sofrido a influência do homem, escreveu algo com esse sentido.

No mundo animal, encontramos a associação em todos os graus de evolução e, segundo a formidável ideia de Herbert Spencer, muito bem desenvolvida por Perrier, em *Colonies animales*, as colônias estão exatamente na origem da evolução do reino animal. Mas, à medida que ascendemos na escala da evolução, vemos a associação tornando-se cada vez mais consciente. Ela perde seu caráter puramente físico, deixa de ser simplesmente instintiva e se torna

* Kropotkin refere-se aqui ao décimo oitavo e último parágrafo do *Périple, ou circumnavegação de Hannon* (traduzido do grego e publicado em português no *Jornal de Coimbra*, 1819, volume V), no qual Hannon se refere a uma ilha com uma lagoa contendo outra ilha cheia de selvagens, a maioria dos quais “eram mulheres com o corpo coberto de pêlos, a que nossos intérpretes chamavam gorilas”. (N.E.)



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

racional. Entre os vertebrados superiores, ela é periódica ou um recurso para satisfazer uma dada necessidade – propagação da espécie, migração, caça ou defesa mútua. Torna-se até ocasional, quando aves se associam contra um ladrão ou quando, sob a pressão de circunstâncias excepcionais, mamíferos se combinam para emigrar. Neste último caso, é um desvio voluntário dos modos de vida habituais. Às vezes, a associação acontece em dois ou mais graus – primeiro a família, depois o grupo e finalmente a associação de grupos, habitualmente dispersos, mas que se unem em caso de necessidade, como vimos com os bisões e outros ruminantes. Ela também assume formas superiores, garantindo mais independência ao indivíduo sem privá-lo dos benefícios da vida social. Na maioria das espécies de roedores, cada indivíduo tem sua própria habitação, para a qual se retira quando prefere ficar isolado, mas ela faz parte de um conjunto, como uma vila ou mesmo cidade, que garante a seus habitantes os benefícios e os prazeres da vida social. Finalmente, em várias espécies, como as de ratos, marmotas, lebres etc., a sociabilidade é mantida apesar das inclinações briguentas ou egoístas do indivíduo isolado. Portanto, ela não é imposta pela própria estrutura fisiológica dos indivíduos, como no caso das formigas e abelhas, mas cultivada pelos benefícios da ajuda mútua ou por causa de seus prazeres. E isso, é claro, aparece com todas as gradações possíveis e com a maior variedade de caracteres individuais e específicos – uma consequência disso é a própria variedade de aspectos assumida pela vida social e, para nós, uma prova a mais de sua generalidade.²⁸

A sociabilidade – ou seja, a necessidade do animal de se associar com seus semelhantes –, o amor à sociedade pela sociedade, combinada ao “prazer de viver”, só agora começa a receber a devida atenção dos zoólogos.²⁹ Sabemos hoje que todos os animais, a começar pelas formigas, passando pelas aves e terminando com os mamíferos superiores, gostam de brincar, de lutar, de correr uns atrás dos outros, na tentativa de se capturarem, de se importunarem, e assim por diante. E, embora muitas brincadeiras sejam, por assim dizer, uma escola do comportamento apropriado para o jovem na idade madura, há outras que – além de terem fins utilitários – são, junto com a dança e o canto, simples manifestações de um excesso de vigor – do “prazer de viver” e do desejo de se comunicar, de algum modo, com outros indivíduos da mesma espécie ou de outras; em síntese, uma manifestação da *sociabilidade em si*, que é uma característica distintiva de todo o reino animal.³⁰ Qualquer que seja o sentimento – o medo experimentado pelo aparecimento de uma ave de rapina, a alegria que se manifesta quando os animais estão saudáveis, principalmente quando jovens, ou apenas o desejo de externar um excesso de



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

impressões e de força vital –, a necessidade de comunicar percepções, de brincar, de tagarelar, ou simplesmente de sentir a proximidade de outros seres vivos aparentados permeia a Natureza e é, como qualquer outra função fisiológica, um aspecto característico de vida e sensibilidade. Essa necessidade se desenvolve mais e atinge uma expressão mais bela nos mamíferos, principalmente entre seus filhotes, e ainda mais entre as aves; mas ela impregna toda a Natureza e, mesmo entre as formigas, tem sido observada em sua plenitude pelos melhores naturalistas, entre os quais Pierre Huber, e é, evidentemente, o mesmo instinto que dá forma às grandes colunas de borboletas.

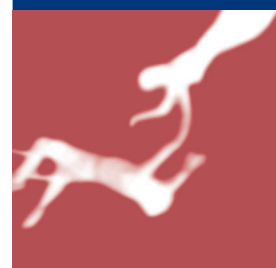
O hábito dos pássaros de se reunir para dançar e de voltar aos lugares onde habitualmente executam suas danças é muito conhecido graças às páginas que Darwin dedicou a esse assunto em *A origem do homem* (cap. xiii). Os visitantes do Jardim Zoológico de Londres também conhecem o abrigo de folhagens do pássaro-caramanchão-cetim [*Ptilonorhynchus violaceus*]. Mas esse hábito de dançar parece ser muito mais difundido do que se acreditava e, em sua obra-prima sobre La Plata* (que deve ser lida no original), W. Hudson descreve da maneira mais interessante as danças complicadas executadas por vários tipos de aves: frangos-d'água, jaçanãs, abibes, ventoinhas etc.

O hábito de cantar em coro, cultivado por várias espécies de pássaros, pertence também à categoria dos instintos sociais. Está mais visivelmente desenvolvido entre os *chakars* ou *gritones chicagüires* (*Chauna chavaria*), aos quais os ingleses deram a pouco imaginativa designação de *crested screamer* [gritador de crista]. Às vezes, esses pássaros se juntam em bandos imensos e, quando isso acontece, frequentemente cantam todos em coro. Certa vez, W. H. Hudson viu-os em grande número, em bandos bem definidos de cerca de 500 indivíduos, todos dispostos em torno de um lago dos pampas.

“Agora mesmo”, escreve ele, “um bando próximo começou a cantar e continuou seu canto potente por três ou quatro minutos; quando parou, o bando seguinte assumiu a melodia e, depois deste, o próximo, e assim por diante, até que uma vez mais as notas dos bandos da praia oposta vieram flutuando forte e claramente sobre a água – e depois foram se enfraquecendo cada vez mais, até que novamente o som se aproximou de mim pelo outro lado”.

Em outra ocasião, o mesmo Hudson viu toda uma planície coberta por um bando infindável de *chakars*, mas separados em pares e pequenos grupos.

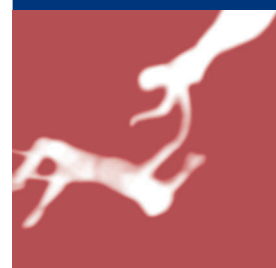
* W. H. Hudson, *The Naturalist in La Plata*. 3. ed. Nova York, Appleton, 1895. (N.E.)



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Cerca de nove horas da noite, “subitamente toda a multidão de pássaros que cobria o pântano por quilômetros irrompeu num formidável canto noturno [...]. Era um concerto que valeu a pena viajar cem quilômetros para escutar”.³¹ Pode-se acrescentar que, como todo animal social, o *chakar* é facilmente domesticado e cresce muito ligado ao homem. Dizem que “é pássaro de boa índole e que muito raramente briga”, embora possua armas poderosas. A vida em sociedade torna essas armas inúteis.

Que a vida em sociedade é a arma mais poderosa na luta pela sobrevivência, tomada em seu sentido mais amplo, foi demonstrado por diversos exemplos nas páginas precedentes e, se necessário, incontáveis outros poderiam ser acrescentados. A vida em sociedade capacita os insetos, pássaros e mamíferos mais frágeis a resistir ou a se proteger dos predadores mais terríveis; permite longevidade; possibilita às espécies a criação de sua prole com uma perda mínima de energia e a manutenção de seu número apesar de um número pequeno de nascimentos; capacita os animais gregários a migrar em busca de novas residências. Portanto, mesmo reconhecendo inteiramente que a força, a agilidade, as cores protetoras, a astúcia e a resistência à fome e ao frio, mencionadas por Darwin e Wallace, sejam qualidades que tornam o indivíduo ou a espécie os mais aptos em *determinadas* circunstâncias, afirmamos que, na luta pela vida, a sociabilidade é a maior arma em *quaisquer* circunstâncias. As espécies que a abandonam, voluntária ou involuntariamente, estão fadadas ao declínio, enquanto as que mais sabem se associar têm as maiores chances de sobrevivência e de evolução posterior, mesmo que sejam inferiores a outras em cada uma das faculdades enumeradas por Darwin e Wallace, exceto a intelectual. Os vertebrados superiores, e em especial a humanidade, são a melhor prova dessa afirmação. Quanto à faculdade intelectual, embora concordando com Darwin que se trata da arma mais poderosa na luta pela vida e do fator mais importante da evolução posterior, os darwinistas também têm de admitir que ela é eminentemente social. A linguagem, a imitação e a experiência acumulada estão entre os muitos elementos do desenvolvimento da inteligência dos quais o animal não-sociável é privado. Assim encontramos, no topo de suas classes, as formigas, os papagaios e os macacos, todos combinando a maior sociabilidade com o desenvolvimento mais elevado da inteligência. Os mais aptos são, portanto, os animais mais sociáveis, e a sociabilidade aparece como o principal fator de evolução, tanto diretamente, ao assegurar o bem-estar da espécie e diminuir a perda de energia, quanto indiretamente, ao favorecer o desenvolvimento da inteligência.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Além disso, é evidente que a vida em sociedade seria totalmente impossível sem um desenvolvimento correspondente de sentimentos sociais e, em especial, de um certo senso coletivo de justiça que se cristaliza até se tornar um hábito. Se cada indivíduo abusasse constantemente de suas vantagens pessoais, sem que outros interferissem em favor dos desfavorecidos, a vida social seria impossível. E os sentimentos de justiça se desenvolvem, em maior ou menor grau, em todos os animais gregários. Qualquer que seja a distância que percorram em busca de alimento, as andorinhas e os grouns retornam ao ninho que construíram ou repararam no ano anterior. Se um pardal preguiçoso se apropriar do ninho que um companheiro estiver construindo, ou mesmo se roubar deste uns poucos fios de palha que seja, sofrerá a reação negativa do grupo. É evidente que, se essa reação não fosse a regra, não existiria a associação de pássaros para a nidificação. Cada grupo de pinguins tem seu local de descanso e de pesca, e não luta por eles; as manadas de gado vacum da Austrália têm lugares particulares aos quais cada grupo se dirige para descansar e dos quais nunca se desvia, e assim por diante.³² São muitas as observações diretas da paz que prevalece nas associações de aves para a nidificação, nos conjuntos de tocas dos roedores e nas manadas dos animais de pasto, enquanto, por outro lado, poucas são as observações diretas de animais sociáveis que brigam entre si pela comida de nossos celeiros de maneira tão sistemática como os ratos, ou como as morsas pela posse de um lugar ensolarado na praia. Assim, a sociabilidade limita a luta física e dá lugar ao desenvolvimento de sentimentos morais. É bem conhecido o alto grau de desenvolvimento do amor de mãe e pai em todas as classes de animais, mesmo entre os leões e os tigres. Quanto às aves e aos mamíferos jovens que vemos sempre em associação, a simpatia entre eles – e não o amor – desenvolve-se ainda mais com o tempo.

Deixando de lado os fatos realmente tocantes de apego e compaixão mútuos que foram registrados entre animais domesticados e animais mantidos em cativeiro, temos diversos exemplos bem comprovados de compaixão entre animais selvagens em liberdade. Diversos deles foram observados por Max Perty e L. Büchner.³³ O relato de J. C. Wood sobre uma doninha que veio resgatar um companheiro ferido³⁴ goza de merecida popularidade. O mesmo vale para a observação do capitão Stansbury que, em sua viagem a Utah, citada por Darwin, viu um pelicano cego ser alimentado – e bem alimentado – por outros membros da espécie com peixes que tinham de ser trazidos de uma distância de 48 quilômetros!³⁵ E, em sua viagem à Bolívia e ao Peru, H. A. Weddel viu mais de uma vez que, quando um rebanho de vicunhas era furiosamente perseguido por caçadores, os machos fortes cobriam a retirada e ficavam para trás, a fim

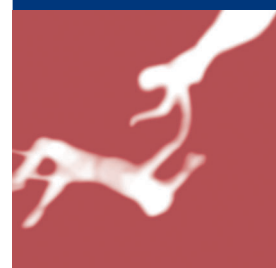


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

de proteger os companheiros. Os exemplos de compaixão para com camaradas feridos são constantemente mencionados por todos os zoólogos de campo. E são muito naturais. A compaixão é um produto necessário da vida social. Mas significa também um avanço considerável na inteligência e sensibilidade gerais. É o primeiro passo no sentido do desenvolvimento de sentimentos morais superiores. E é, por sua vez, um fator importante da evolução posterior.

Se os pontos de vista desenvolvidos nas páginas precedentes estão corretos, surge necessariamente a questão: em que medida eles são coerentes com a teoria de luta pela vida desenvolvida por Darwin, Wallace e seus seguidores? Agora vou responder concisamente a essa questão importante. Em primeiro lugar, nenhum naturalista duvidaria de que a ideia de uma luta pela vida realizada em toda a natureza orgânica seja a maior generalização de nosso século. Viver *é* lutar e, nessa luta, sobrevivem os mais aptos. Mas as respostas às questões “Com que armas principalmente é travada essa luta?” e “Quem são os mais aptos na luta?” vão diferir amplamente conforme a importância atribuída aos dois tipos diferentes de luta: a direta – ligada ao alimento e à segurança, e travada entre indivíduos isolados – e a que Darwin descreveu como “metafórica” – que se dá muito frequentemente de forma coletiva, contra circunstâncias adversas. Ninguém negaria que há certa competição real por comida, dentro de cada espécie, pelo menos em certos períodos. Mas a questão é se a competição se dá na extensão admitida por Darwin, ou mesmo por Wallace, e se ela tem desempenhado o papel que lhe é atribuído na evolução do reino animal.

A ideia que permeia a obra de Darwin é certamente a de competição real por alimento, segurança e possibilidade de deixar prole no interior de cada grupo animal. Ele fala frequentemente de regiões povoadas com vida animal até sua capacidade máxima e, dessa superpopulação, ele infere a necessidade de competição. Mas, quando buscamos em sua obra provas reais dessa competição, devemos confessar que não as consideramos convincentes. No tópico intitulado “A luta pela vida é mais acirrada entre indivíduos e variedades da mesma espécie”, não encontramos nada da riqueza de provas e ilustrações a que estamos acostumados em qualquer dos escritos de Darwin. Sob esse título não há um único exemplo da luta entre indivíduos da mesma espécie; ela é tomada como ponto pacífico. E, para a competição entre espécies animais intimamente aparentadas, ele dá apenas cinco exemplos, dos quais pelo menos um (relacionado a duas espécies de tordos), é comprovadamente duvidoso.³⁶ Mas, quando procuramos pormenores a fim de determinar até que ponto o



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

decréscimo de uma espécie foi realmente causado pelo aumento da outra, Darwin nos diz, com sua candura de sempre:

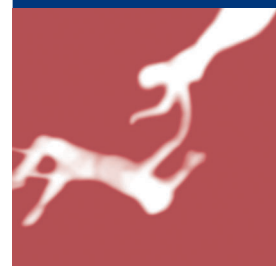
Não sabemos ao certo por que a competição deveria ser mais acirrada entre formas aliadas que ocupam aproximadamente o mesmo lugar na Natureza; mas é provável que em caso algum possamos dizer por que exatamente uma espécie foi vitoriosa sobre outra na grande batalha da vida.

Quanto a Wallace, que cita os mesmos fatos sob um título ligeiramente diferente – “A luta pela vida entre animais e plantas estreitamente aparentados é frequentemente a mais acirrada” –, ele faz a seguinte observação (os itálicos são meus), que fornece uma visão bastante diferente dos fatos citados acima:

Em *alguns* casos, sem dúvida, há uma guerra efetiva entre os dois, com o mais forte matando o mais fraco; *mas isso não é, de modo algum, necessário* e pode haver casos em que a espécie fisicamente mais fraca prevaleça por seu poder de se multiplicar mais rapidamente, por sua maior resistência às vicissitudes do clima ou por sua maior astúcia para fugir dos ataques de inimigos comuns.

Nesses casos, o que é descrito como competição pode não ser isso de forma alguma. Uma espécie sucumbe não por ser exterminada ou levada pela outra espécie à morte pela fome, e sim por não se adaptar bem às novas condições, como a outra. O termo “luta pela vida” é novamente usado em seu sentido metafórico, e pode não haver outro. Quanto à real competição entre indivíduos da mesma espécie, exemplificada pelo gado da América do Sul durante um período de seca, sua validade é prejudicada pelo fato de ocorrer entre animais domesticados. Os bisões emigram em circunstâncias semelhantes, a fim de evitar a competição. Por mais intensa que seja a luta entre plantas – e isso está amplamente comprovado –, podemos apenas repetir a observação de Wallace de que “as plantas vivem onde podem”, enquanto os animais têm, em grande medida, a possibilidade de escolher onde viver. De modo que perguntamos de novo: “Até que ponto existe realmente competição dentro de cada espécie animal? Em que se baseia essa premissa?”

A mesma observação deve ser feita em relação ao argumento indireto em favor da existência de competição e luta intensas pela vida dentro de cada espécie, que podem ser deduzidas do “extermínio de variedades de transição” tão frequentemente mencionado por Darwin. Sabe-se que, durante longo tempo, esse autor se preocupou com a ausência de uma longa cadeia de formas intermediárias entre espécies estreitamente aparentadas que ele acabou

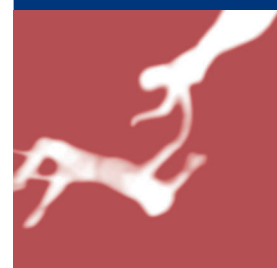


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

justificando pelo suposto extermínio dessas formas intermediárias.³⁷ Entretanto, uma leitura atenta dos diferentes capítulos em que Darwin e Wallace tratam desse assunto logo nos faz concluir que a palavra “extermínio” não significa extermínio na plena acepção do termo. É evidente que a mesma observação que Darwin fez em relação à sua expressão “luta pela sobrevivência” também se aplica à palavra “extermínio”. Esta não pode ser, de forma alguma, entendida em seu sentido literal: deve ser compreendida “em seu sentido metafórico”.

Se partíssemos da suposição de que uma dada área está povoada de animais em sua capacidade máxima e que está havendo uma intensa competição pelos simples meios de sobrevivência entre todos os seus habitantes – sendo cada animal compelido a lutar contra todos os seus semelhantes a fim de obter seu alimento diário –, o aparecimento de uma variedade nova e bem sucedida certamente implicaria, em muitos casos (embora nem sempre), o aparecimento de indivíduos capacitados a se apoderar de uma parte maior dos meios de sobrevivência do que seu justo quinhão; e o resultado seria fazerem morrer de fome tanto a forma parental que não possua a nova variante quanto as formas intermediárias que não a possuam no mesmo grau. Pode ser que, no início, Darwin atribuísse o aparecimento de novas variedades a isso; pelo menos, é o que leva a crer seu uso frequente da palavra “extermínio”. Mas tanto ele quanto Wallace conheciam a Natureza bem demais para não se darem conta de que esse não era, de forma alguma, o único possível e necessário curso dos eventos.

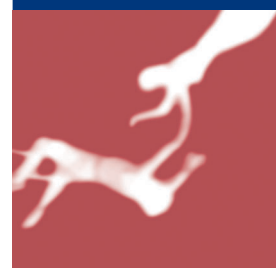
Se as condições físicas e biológicas de uma área, a extensão ocupada por uma espécie e os hábitos de todos os seus membros permanecessem constantes, o súbito aparecimento de uma variedade nova poderia significar o fim pela inanição e o extermínio de todos os indivíduos que não fossem dotados, em grau suficiente, das características apresentadas pela variedade surgida. No entanto, é exatamente essa combinação de condições que não vemos na Natureza. Cada espécie tende continuamente a ampliar sua moradia; a migração para novas moradias é a regra tanto para a lesma vagarosa como para o pássaro veloz. Mudanças físicas estão ocorrendo constantemente em todas as áreas, e as novas variedades animais representam, em um número muito grande de casos – talvez na maioria –, não uma quantidade maior de novas armas para arrebatar a comida da boca de seus congêneres (a comida é apenas uma entre centenas das diversas condições de existência) – e sim, como o próprio Wallace mostra em um parágrafo fascinante sobre a “divergência de caracteres” (*Darwinism*, p. 107), a formação de novos hábitos, a mudança



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

para novas moradias e a atração por novos tipos de alimento. Em todos esses casos, não haverá qualquer extermínio, e nem mesmo competição – a nova adaptação será *um substituto da competição, se ela por acaso existir*. Mas, com o passar do tempo, haverá ausência dos elos intermediários, em consequência da mera sobrevivência daqueles mais adaptados às novas condições – tão seguramente quanto sob a hipótese de extermínio da forma ancestral. Certamente não é preciso acrescentar que, se admitirmos, como Spencer e todos os lamarckianos, e o próprio Darwin, a influência modificadora do meio ambiente sobre as espécies, torna-se ainda menor a necessidade de extermínio das formas intermediárias.

A importância que a migração e o consequente isolamento de grupos de animais tem para a origem de novas variedades e, em última análise, para a formação de novas espécies, como apontada por Moritz Wagner, foi plenamente reconhecida pelo próprio Darwin. Pesquisas subsequentes só sublinharam a relevância desse fator e mostraram que a amplitude da área ocupada por uma dada espécie – que Darwin considerava, com inteira razão, tão importante para o aparecimento de novas variedades – pode ser combinada com o isolamento de partes da espécie devido a mudanças geológicas ou ao aparecimento de barreiras locais. Seria impossível discutir aqui essa questão tão ampla, mas umas poucas observações servirão para ilustrar a ação combinada desses agentes. É sabido que partes de uma dada espécie frequentemente mudam seu alimento. Os esquilos, por exemplo, quando há escassez de pinhões nas florestas de lariço, deslocam-se para as florestas de pinheiros, e isso implica certos efeitos fisiológicos bem conhecidos sobre eles. Se essa alteração de hábitos não perdurar, porque no ano seguinte os pinhões voltaram a ser abundantes nas sombrias florestas de lariço, evidentemente nenhuma nova variedade desses animais surgirá. Mas, se parte da ampla área ocupada por eles começar a ter seus caracteres físicos alterados – devido, por exemplo, a um clima mais ameno ou a uma seca, que façam aumentar a área das florestas de pinheiros em relação à das florestas de lariços – e se algumas outras condições concorrerem para induzir os esquilos a habitar os limites da região em seca, teremos então uma nova variedade, isto é, uma nova espécie incipiente de esquilos, sem que tenha havido entre eles nada que merecesse ser considerado extermínio. Uma proporção maior e mais bem adaptada da espécie nova sobreviveria a cada ano e os elos intermediários morreriam *ao longo do tempo*, sem que tivessem sido levados a isso pela fome causada por competidores malthusianos.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Isso é exatamente o que vemos acontecer durante as grandes mudanças físicas que ocorrem em áreas extensas da Ásia Central, devidas à seca que as acomete desde o período glacial. Outro exemplo: foi provado por geólogos que o atual cavalo selvagem (*Equus Przewalski*) evoluiu lentamente durante as fases tardias do Terciário e do Quaternário, mas que, durante essa sucessão de períodos, seus ancestrais *não* estiveram confinados a uma dada área limitada do globo. Esses cavalos vagaram tanto pelo Velho Mundo quanto pelo Novo, retornando, com toda a probabilidade, às pastagens que haviam deixado no curso de suas migrações.³⁸ Portanto, se não encontramos hoje na Ásia todos os elos intermediários entre o atual cavalo selvagem e seus ancestrais asiáticos do pós-Terciário, isso não significa absolutamente que esses elos intermediários tenham sido exterminados. Esse extermínio nunca ocorreu. Não deve ter ocorrido nem mesmo uma mortalidade excepcional entre as espécies ancestrais: os indivíduos que pertenciam a variedades e espécies intermediárias morreram no curso normal dos eventos – frequentemente cercados de alimento abundante, e seus restos ficaram enterrados por todo o globo.

Em resumo: se considerarmos esse assunto atentamente e relermos com cuidado o que o próprio Darwin escreveu a respeito, veremos que a palavra “extermínio”, se usada em relação a variedades de transição, deve ser tomada em seu sentido metafórico. Até mesmo a palavra “competição” foi usada constantemente por Darwin (veja, por exemplo, no parágrafo “Sobre a extinção”) como uma imagem ou um modo de falar, e não com a intenção de transmitir a ideia de uma competição real entre duas partes da mesma espécie pelos meios de sobrevivência. Seja como for, a ausência de formas intermediárias não é argumento em favor dessa ideia.

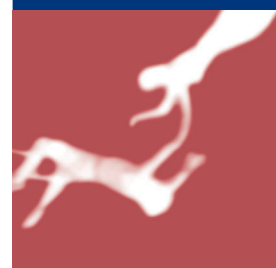
Na realidade, o principal argumento em favor de uma competição acirrada e contínua pelos meios de sobrevivência dentro de cada espécie animal é – para usar a expressão de Geddes – o “argumento aritmético” tomado de empréstimo a Malthus. Mas ele nada prova. Considerando algumas aldeias do sudeste da Rússia, vemos que seus habitantes têm alimento em abundância, mas não contam com instalações sanitárias de qualquer espécie e que, nos últimos oitenta anos, a taxa de natalidade foi de 6% e a população permaneceu constante no período. Disso poderíamos concluir que teria havido uma terrível competição entre os habitantes, mas a verdade é que, ano após ano, a população permaneceu estacionária, pela simples razão de que um terço dos recém-nascidos morreu antes de atingir os 6 meses de vida, metade das crianças, antes dos 4 anos e, de cada cem nascidos, apenas cerca de 17



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

atingiram a idade de 20 anos. Os recém-chegados não permaneceram na região a tempo de se tornarem competidores. É evidente que, se esse é o caso com seres humanos, é ainda mais com os animais. No mundo das aves, a destruição dos ovos ocorre numa escala muito elevada, porque eles são o principal alimentos de muitas espécies no início do verão. Isso sem falar das tormentas e das inundações, que destroem ninhos aos milhões na América, e das súbitas mudanças de clima que são fatais para os jovens mamíferos. Cada tormenta, cada inundações, cada visita de rato ao ninho de um pássaro, cada súbita mudança de temperatura elimina aqueles competidores que parecem tão terríveis em teoria.

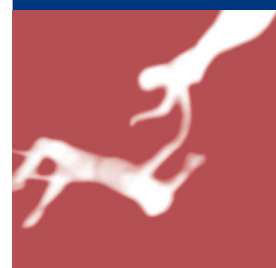
Quanto ao aumento extremamente rápido de cavalos e bois na América, de porcos e coelhos na Nova Zelândia, e mesmo de animais selvagens importados na Europa (onde seu número é mantido baixo pelo homem, e não pela competição), ele parece opor-se consistentemente à teoria da superpopulação. Se cavalos e bois se multiplicassem tão rapidamente na América, isso provaria apenas que, por mais incontáveis que fossem na época os búfalos e outros ruminantes do Novo Mundo, sua população de pasto estava muito abaixo do que as pradarias poderiam manter. Se milhões de intrusos encontraram alimento em abundância nas pradarias sem causar a morte pela fome da população anterior, devemos antes concluir que os europeus encontraram na América uma escassez de animais de pastagem, e não um excesso. E temos boas razões para acreditar que um número normal de animais é natural em todo o mundo, com algumas poucas e temporárias exceções. O número efetivo de animais numa região é determinado pelo que ocorre todo ano sob as condições mais desfavoráveis, e não pela maior capacidade de alimentação da região. Só por isso, dificilmente a competição pode ser uma condição normal, mas outras causas também intervêm para reduzir ainda mais a população animal. Os cavalos e bois que pastam durante todo o inverno nas estepes da Transbaikalia estão muito magros e exauridos ao fim do período. Mas, se isso acontece, não é por não haver comida suficiente para todos – em toda parte há pasto abundante sob uma fina camada de neve –, e sim por causa da dificuldade de todos os cavalos chegarem até ele nessas condições. Além disso, são comuns os dias de geada no início da primavera e, se eles são muito consecutivos, os cavalos ficam ainda mais exauridos. Se, além disso, há uma tempestade de neve, que leva os animais já enfraquecidos a permanecer sem alimento por vários dias, um grande número deles morre. As perdas durante a primavera são de tal magnitude que, se a estação for mais inclemente que de costume, não serão nem mesmo repostas pelas novas crias – ainda mais



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

quando *todos* os cavalos estão exauridos e os potrinhos nascem mais fracos. Portanto, o número de cavalos e bois sempre permanece abaixo do que ele poderia ser em outras condições; durante todo o ano há comida para cinco a dez vezes mais animais, mas a população aumenta muito vagarosamente. Mas, quando o buriate* dono do rebanho faz uma pequena reserva de feno na estepe para usar durante os dias de geada ou de nevasca, ele vê aumentar o número de cabeças. Quase todos os animais de pasto e muitos roedores na Ásia e na América vivem em condições muito semelhantes. Por isso temos condições de dizer com segurança que *não* é a competição a responsável por manter baixo o seu número, e que não lutam por comida em nenhum período do ano, e que, se nunca atingem uma situação parecida com a de superpopulação, a causa está no clima, e não na competição.

Parece nunca ter sido devidamente levada em conta a importância dos controles naturais à superpopulação e principalmente sua relação com a hipótese da competição. Os controles, ou melhor, alguns deles, são mencionados, porém sua ação raramente é estudada em detalhe. Todavia, se compararmos a ação dos controles naturais com a da competição, reconhecemos imediatamente que esta última não resiste à comparação com quaisquer dos outros controles. Nesse sentido, Bates menciona os números realmente espantosos de formigas aladas que são destruídos durante seus êxodos. Os corpos mortos ou semimortos das formigas-de-fogo (*Myrmica saevissima*) lançados no rio durante uma tempestade “estavam amontoados numa linha de 2,5 a 5 centímetros de altura e largura, que se estendia ininterruptamente por quilômetros à margem do rio”.³⁹ Miríades de formigas são destruídas assim numa natureza que poderia suportar cem vezes mais do que as que estão efetivamente vivendo. O dr. Altum, um silvicultor alemão que escreveu um livro muito interessante sobre animais nocivos a nossas florestas, dá muitas informações sobre a enorme importância dos controles naturais. Segundo ele, durante o êxodo da borboleta-do-pinheiro (*Bombyx pini*), uma sucessão de ventanias ou o clima frio e úmido a destrói em quantidades incriveis. Na primavera de 1871, todas desapareceram subitamente, provavelmente mortas por uma sucessão de noites frias.⁴⁰ Muitos exemplos relativos a diversos insetos de diferentes partes da Europa poderiam ser citados. Altum menciona também os pássaros inimigos da borboleta-do-pinheiro e a imensa quantidade de seus ovos destruídos pelas raposas. Mas acrescenta que os fungos parasitas que infestam periodicamente a borboleta são um inimigo muitíssimo mais terrível



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

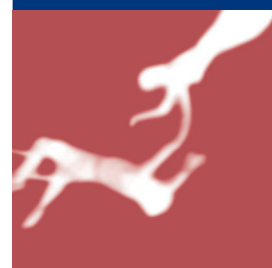
63

* Povo que vive ao sul da Sibéria, em torno do lago Baikal, criando cavalos e gado. [N.E.]

do que qualquer pássaro, porque eles a destroem de imediato em áreas mais vastas. Quanto a várias espécies de ratos (*Mus sylvaticus*, *Arvicola arvalis* e *Arvicola agrestis*), o mesmo autor fornece uma longa lista de seus inimigos, mas observa: “[...]os inimigos mais terríveis dos ratos não são outros animais, e sim as mudanças súbitas de clima, como as que ocorrem quase todo ano”. Alternâncias de geadas e calor os destroem em quantidades inumeráveis: “uma única mudança súbita de temperatura pode reduzir milhares de ratos a poucos indivíduos”. Por outro lado, um inverno quente ou que chega aos poucos, faz com que se multipliquem em proporções ameaçadoras, apesar de todos os seus inimigos, como aconteceu em 1876 e 1877.⁴¹ Portanto, no caso dos ratos, a competição parece um fator insignificante comparado ao clima. Outros exemplos semelhantes são oferecidos pelos esquilos.

Quanto aos pássaros, é do conhecimento de todos que eles sofrem com as mudanças súbitas de clima. Tempestades tardias de neve são destrutivas para os pássaros tanto nos pântanos ingleses quanto na Sibéria. De acordo com Charles Dixon, a tetraz vermelha foi tão pressionada durante alguns invernos excepcionalmente rigorosos que deixou os pântanos em grande número “e a vimos tomar as ruas de Sheffield” [Inglaterra]. E esse autor acrescenta que “a umidade persistente é quase tão fatal para ela quanto o frio”. Por outro lado, as doenças contagiosas, que acometem constantemente a maioria das espécies animais, destroem-nas em tal proporção que, muitas vezes, as perdas só são compensadas muitos anos depois, mesmo por aquelas que se multiplicam mais depressa. Há cerca de 60 anos, os esquilos terrícolas (*sousliks*) desapareceram de repente das vizinhanças de Sarepta, no sudeste da Rússia, em consequência de certa epidemia e, durante muito tempo, nenhum deles foi visto ali. Passaram-se muitos anos para que recuperassem seu número.⁴²

Poderíamos citar numerosos fatos que tendem a reduzir a importância atribuída à competição.⁴³ É evidente que seria possível responder – usando as palavras de Darwin – que, apesar disso, todo ser orgânico “em algum período de sua vida, durante alguma estação do ano, ao longo de toda uma geração ou a intervalos, tem de lutar pela vida e sofre grande destruição”, e que os mais aptos sobrevivem nessas situações. Mas, se a evolução do mundo animal se baseasse exclusivamente – ou mesmo principalmente – na sobrevivência dos mais aptos durante períodos de calamidades, e se a seleção natural fosse limitada em sua ação a períodos de seca excepcional ou a súbitas mudanças de temperatura ou a inundações, o declínio seria a regra no mundo animal. Aqueles que sobrevivem a uma fome, ou a uma epidemia violenta de cólera,



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

varíola ou difteria, como vemos em países não-civilizados, não são os mais fortes, nem os mais saudáveis ou inteligentes. Não se poderia tomar esses sobreviventes como base da evolução, já que o sofrimento prejudica a saúde – como exemplificado pelos mencionados cavalos transbaikalianos, pelas tripulações árticas e pela guarnição de uma fortaleza que tenha tido de viver durante alguns meses com meia ração. Todos saem fragilizados dessas experiências e, depois, apresentam uma taxa de mortalidade anormal. Tudo que a seleção natural faz em tempos de calamidade é poupar os indivíduos mais resistentes de todo tipo de privação. É o que ela faz com os cavalos e os bois siberianos. Eles *são* resistentes; alimentam-se de bétulas polares, em caso de necessidade; sobrevivem ao frio e à fome. Mas o cavalo siberiano não carrega a metade do peso que um cavalo europeu é capaz de levar com facilidade; a vaca siberiana não dá a metade do leite produzido por uma vaca Jersey. E os nativos de países não-civilizados, embora suportem melhor a fome e o frio, não resistem a uma comparação com os europeus bem-alimentados, cuja força física e progresso intelectual são muito maiores. “O mal não pode produzir o bem”, como escreveu Tchernichévski em um ensaio notável sobre o darwinismo.⁴⁴

Felizmente, a competição não é a regra no mundo animal, nem na humanidade. Entre os animais, limita-se a períodos excepcionais, e a seleção natural encontra campos melhores para sua atividade: melhores condições são criadas eliminando a competição por meio da ajuda e do apoio mútuos.⁴⁵ Na grande luta pela vida – pela maior plenitude e intensidade possíveis com a menor perda de energia –, a seleção natural continua buscando precisamente os meios para evitar a competição. As formigas reúnem-se em formigueiros e nações, enchem suas despensas e criam seu gado – e, desse modo, evitam a competição – e a seleção natural escolhe, dessa família, as espécies que mais sabem evitar a competição e suas inevitáveis consequências deletérias. A maioria dos pássaros do hemisfério norte vai aos poucos para o sul à aproximação do inverno, ou juntam-se em numerosas sociedades para realizar longas jornadas – e, desse modo, evitam a competição. Entre os roedores, muitos hibernam quando chega a época em que a competição pode se instalar, enquanto outros armazenam alimento para o inverno e reúnem-se em grandes aglomerados para ter a proteção necessária enquanto trabalham. Quando os líquens secam no interior do continente, as renas migram em direção ao mar. Os búfalos cruzam um continente imenso em busca de alimentação farta. E os castores, quando seu número cresce muito em um rio, dividem-se em dois grupos: os mais velhos seguem rio abaixo e os mais novos, rio acima, e assim evitam a competição. E os animais que não hibernam, nem migram, nem armazenam víveres, nem produzem sua



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

comida, como as formigas, fazem como os chapins, que Wallace descreveu de modo encantador (*Darwinism*, Cap. V): recorrem a outros tipos de comida – e também evitam a competição.⁴⁶

“Nada de competição! A competição é sempre prejudicial à espécie e vocês têm muitos recursos para evitá-la!” Essa é a *tendência* da natureza, nem sempre compreendida de todo, mas sempre presente. Essa é a palavra de ordem que nos vem do bosque, da floresta, do rio, do oceano. “Portanto, associem-se – pratiquem a ajuda mútua! Esse é o meio mais seguro de dar a cada um e a todos a máxima segurança, a melhor garantia de existência e de progresso, seja corporal, intelectual ou moral.” Isso é o que a Natureza nos ensina; e é o que têm feito todos os animais que atingiram a posição mais elevada em suas respectivas classes. Isso é também o que o homem – o homem mais primitivo – tem feito, e essa é a razão pela qual o ser humano atingiu a posição que tem hoje, como veremos nos capítulos subsequentes, consagrados à ajuda mútua nas sociedades humanas.

NOTAS

- ¹ Sievettsov, *Periodical Phenomena*, p. 251.
- ² Seyfferlitz, citado por Brehm, iv, p. 760.
- ³ Nordenskhöld, A. E., *The Arctic Voyages*, Londres, 1879, p. 135. Ver também a excelente descrição das ilhas de Santa Kilda feita por Charles Dixon (citado por Seebohm) e quase todos os livros de viagens pelas regiões árticas.
- ⁴ Ver o Apêndice III.
- ⁵ Elliot Couës, no *Bulletin U. S. Geol. Survey of Territories*, iv, n. 7, p. 556, 579 etc. Entre as gaivotas-argêntas (*Larus argentatus*), Poliakov viu, num pântano no norte da Rússia, que os locais de nidificação desses pássaros eram sempre vigiados por um macho que avisava a colônia sobre a aproximação de perigo. Nesse caso, todos os pássaros voavam e atacavam o inimigo com grande vigor. As fêmeas, que tinham cinco ou seis ninhos juntos em cada montículo do pântano, observavam uma certa ordem de saída de seus ninhos para procurar alimento. Os filhotes, que eram muito desprotegidos e facilmente poderiam se tornar presa de aves de rapina, nunca eram deixados sozinhos (“Family Habits Among the Aquatic



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Birds”), em *Proceedings of the Zool. Section of St. Petersburg Soc. Of Nat.*, dez. 17, 1874).

⁶ Brehm Pai, citado por A. Brehm, iv. 34 et seqs. Ver também *The Natural History of Selborne*, de White, Carta XI.

⁷ Couës, “Birds of Dakota and Montana”, em *Bulletin U. S. Survey of Territories*, iv, n. 7.

⁸ Ouve-se dizer muitas vezes que, de quando em quando, pássaros maiores transportam alguns menores quando cruzam juntos o Mediterrâneo, mas não se trata de um fato comprovado. Por outro lado, é certo que alguns pássaros menores se juntam aos maiores para a migração. Isso tem sido observado muitas vezes e foi confirmado recentemente por L. Buxbaum, em Raunheim [Alemanha]. Ele viu vários grupos de garças que tinham cotovias voando em seu interior e em ambos os lados de suas colunas migratórias (*Der zoologische Garten*, 1886, p. 133). Ver o Apêndice V.

⁹ H. Seebohm e Charles Dixon mencionaram esse hábito.

¹⁰ O fato é bem conhecido de todo naturalista de campo e, com referência à Inglaterra, vários exemplos podem ser achados no livro de Charles Dixon, *Among the Birds in Northern Shires* [Londres, Blackie, 1900]. Os tentilhões chegam durante o inverno em grande número e quase ao mesmo tempo, ou seja, em novembro, quando aparecem bandos de tentilhões-monteses; os tordos-ruivos-comuns também frequentam os mesmos lugares “em companhias semelhantes”, e assim por diante (p. 165 e 166).

¹¹ Ver o Apêndice VI.

¹² S. W. Baker, *Wild Beasts...*, vol. I, p. 316.

¹³ Tschudi, *Thierleben der Alpenwelt*, p. 404.

¹⁴ Houzeau, *Études*, ii, p. 463.

¹⁵ Sobre suas associações de caça, ver E. Tennant, *Natural History of Ceylon*, citado em *Animal Intelligence*, de Romanes, p. 432.

¹⁶ Ver a carta de Emile Hütter em *Liebe*, de L. Büchner.

¹⁷ Ver o Apêndice VII.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

¹⁸ No que se refere à biscacha, é muito interessante notar que esses animaizinhos extremamente sociáveis não só vivem juntos pacificamente em toda vila, mas que vilas inteiras se visitam umas às outras durante a noite. Desse modo, a sociabilidade estende-se à espécie como um todo, e não apenas a uma dada sociedade ou a uma dada nação, como vimos com as formigas. Quando o fazendeiro destrói uma toca de biscacha e enterra seus habitantes com um monte de terra, outras – assim nos diz Hudson – “vêm de longe desenterrar aqueles que foram enterrados vivos” (loc. cit., p. 311). Esse fato é bem conhecido na região de La Plata, e foi comprovado pelo autor.

¹⁹ *Handbuch für Jäger und Jadberechtigte*, citado por Brehm, ii, p. 223.

²⁰ Buffon, *Histoire Naturelle*.

²¹ Em relação aos cavalos, vale notar que, apesar de as zebras quaga nunca se misturarem com as zebras *dauw*, convivem na mais santa paz não só com avestruzes, que são boas sentinelas, mas também com gazelas, com várias espécies de antílopes e com gnus. Aqui temos um caso de antipatia entre as zebras quaga e as *dauw* que não pode ser explicado pela competição por comida. O fato de as quaga conviverem com ruminantes que se alimentam da mesma grama que elas exclui essa hipótese e devemos procurar alguma incompatibilidade de caráter, como no caso da lebre e do coelho. Conferir, entre outros, *Big Game Shooting*, de Clive Phillips-Wolley (Badminton Library), que contém ilustrações excelentes de espécies diferentes vivendo juntas na África oriental.

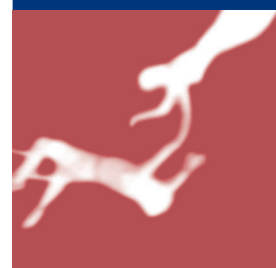
²². Nosso caçador tunguse, que ia se casar e, por isso, estava motivado pelo desejo de obter tantas peles quantas pudesse obter, percorria a cavalo todas as ladeiras em busca de gamos durante o dia. Seus esforços não foram recompensados nem mesmo por abater um gamo a cada dia; e ele era um excelente caçador.

²³. Segundo Samuel W. Baker, os elefantes se associam em grupos maiores do que a “família composta”. “Observei muitas vezes”, escreveu ele, “na parte do Ceilão conhecida como Park Country, um grande número de pegadas de elefantes, que evidentemente se associaram em grandes rebanhos para uma retirada geral de um território que consideraram inseguro” (*Wild Beasts and their Ways*, vol. i, p. 102).

²⁴ Porcos, atacados por lobos, fazem o mesmo (Hudson, loc cit.).

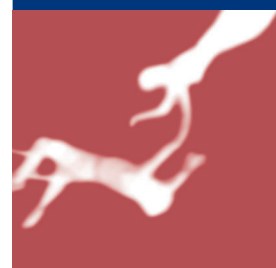
²⁵ Ver o Apêndice VIII.

²⁶ *Animal Intelligence*, de Romanes, p. 472.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

- ²⁷ Brehm, i, p. 82; *A origem do homem*, de Darwin, cap. iii. A expedição de Kozlov, de 1899-1901, também teve de sustentar luta semelhante no Tibete do norte.
- ²⁸ O mais estranho foi ler no artigo de Huxley já mencionado a seguinte paráfrase da bem conhecida frase de Rousseau: “O primeiro homem que substituiu a paz mútua pela guerra mútua – qualquer que tenha sido o motivo que o forçou a dar aquele passo – criou a sociedade” (*Nineteenth Century*, Feb. 1888, p. 165). A sociedade não foi criada pelo homem; é anterior a ele.
- ²⁹ Tais monografias, assim como o capítulo sobre “Música e dança na Natureza” que temos no livro *The Naturalist in La Plata* [op. cit], de Hudson, e *The Play of Animals*, de Carl Gross [Londres, Chapman, 1898], já esclareceram bastante um instinto que é absolutamente universal na Natureza.
- ³⁰ Além de numerosas espécies de pássaros possuírem o hábito de se juntar – em muitos casos no mesmo local – para se divertir e dançar, a experiência de W. H. Hudson prova que quase todos os mamíferos e pássaros (“provavelmente não há exceções”) se permitem com frequência sessões mais ou menos regulares de recreio, canto, dança e exercício, ou compostas exclusivamente de ruídos e sons (p. 264).
- ³¹ Para os corais de macacos, ver Brehm.
- ³² *Life in Australia*, de H. W. Haygarth [Londres, John Murray, 1848 p. 58].
- ³³ Para citar apenas uns poucos exemplos: um texugo ferido foi levado por um outro que apareceu repentinamente em cena; ratos já foram vistos alimentando um casal cego (*Seeleben der Thiere*, p. 64 et seqs); o próprio Brehm viu dois corvos alimentando um terceiro, ferido havia várias semanas, numa árvore oca (Haumsfreund, 1874; *Liebe*, de Büchner, p. 203); Blyth viu corvos indianos alimentando dois ou três camaradas cegos; e assim por diante.
- ³⁴ *Man and Beast*, p. 344.
- ³⁵ *The American Beaver*, de L. H. Morgan, 1868, p. 272; *A origem do homem* [São Paulo, Hemus, 2002], cap. iv.
- ³⁶ Diz-se que: uma espécie de andorinha causou o decréscimo de outra espécie de andorinha na América do Norte; o recente aumento da tordeia (*Turdus viscivorus*) causou o decréscimo do tordo comum (*Turdus philomelos*) na Escócia; o rato-pardo tomou o lugar do rato-negro na Europa; a barata pequena foi substituída, em todos os lugares da Rússia, por sua congênere maior; e a abelha melífera está



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

rapidamente exterminando a pequena abelha sem ferrão na Austrália. Dois outros casos, mas relativos a animais domesticados, são mencionados no parágrafo precedente. Embora referindo-se aos mesmos fatos, A. R. Wallace observa, numa nota de rodapé relativa aos tordos escoceses: “mas o prof. A. Newton me informa que essa espécie não interfere do modo aqui exposto” (*Darwinism*, p. 34). Quanto ao rato-pardo, sabe-se que, devido a seus hábitos anfíbios, permanece geralmente nas partes inferiores das habitações humanas (celeiros baixos, canos etc.) e também nas margens de canais e rios; também realiza migrações para locais distantes em bandos numerosos. O rato-negro, ao contrário, prefere ficar em nossas próprias habitações, sob o assoalho, assim como em nossos estábulos e celeiros. Desse modo, fica muito mais exposto a ser exterminado pelo homem; e não podemos afirmar, com qualquer grau de segurança, que o rato-negro está sendo exterminado ou levado a morrer de fome pelo rato-pardo, e não pelo homem.

³⁷ “Mas pode-se afirmar com insistência que, quando várias espécies estreitamente aparentadas habitam o mesmo território, com certeza encontraremos hoje muitas formas de transição [...]. De acordo com minha teoria, essas espécies aparentadas descendem de um ancestral comum; e, durante o processo de modificação, cada uma se tornou adaptada às condições de vida de sua própria região e suplantou e exterminou sua forma ancestral original e todas as variedades transitórias entre seus estados passado e presente” (*On the origin of species*, 6. ed., p. 134; e p. 137 e 296 (todo o parágrafo “On Extinction”).

³⁸ Segundo Marie Pavlov, que fez um estudo especial sobre esse assunto, eles migraram da Ásia para a África, ficaram lá por algum tempo e retornaram à Ásia. Não sabemos se essa dupla migração foi confirmada ou não, mas o fato de ter existido antes em um território maior ocupado pelo ancestral de nosso cavalo na Ásia, na África e na América está comprovado sem sombra de dúvida.

³⁹ *The Naturalist on the River Amazons*, ii, p. 85 e 95.

⁴⁰ B. Altum, *Waldbeschädigungem durch Thiere und Gegenmittel*, Berlin, 1889, p. 207 et seqs.

⁴¹ Ibidem, p. 13 e 187.

⁴² A. Becker em *Bulletin de la Société des Naturalistes de Moscou*, 1889, p. 625.

⁴³ Ver o Apêndice IX

⁴⁴ “A teoria do benefício da luta pela vida, um prefácio a vários tratados de botânica, zoologia e vida humana”, *Russkaya Mysl*, setembro, 1888.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

⁴⁵ “Um dos modos mais frequentes pelo qual a seleção natural age é pela adaptação de alguns indivíduos da espécie a um modo de vida um pouco diferente, para que sejam capazes de ocupar lugares impróprios na Natureza” (*On the origin of species*, p. 145) – em outras palavras, para evitar a competição.

⁴⁶ Ver o Apêndice X.



Piotr Kropotkin
**AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução**

AJUDA MÚTUA ENTRE OS SELVAGENS

A suposta guerra de cada um contra todos – A origem tribal da sociedade humana – O surgimento tardio da família separada – Bosquímanos e hotentotes – Australianos, papuas – Esquimós, aleutas – Aspectos da vida selvagem difíceis de serem entendidos pelos europeus – A concepção de justiça dos daiaques – Direito comum

O importante papel desempenhado pela ajuda e pelo apoio mútuos na evolução do mundo animal foi analisado concisamente nos capítulos anteriores. Agora vamos examinar a relação entre esses mesmos agentes e a evolução da humanidade. Vimos quão poucas espécies animais vivem isoladamente e quão numerosas são as que vivem em sociedades, seja para a defesa mútua, a caça, o armazenamento de alimento, a criação da prole ou simplesmente a vida em comum. Vimos também que, embora exista luta em proporção considerável entre classes ou espécies de animais ou entre as diferentes tribos destas últimas, a paz e o apoio mútuo são a regra dentro da tribo ou da espécie, e que as espécies que mais sabem se associar e evitar a competição têm as maiores probabilidades de sobrevivência e de posterior desenvolvimento progressivo. Estas prosperam, enquanto as não-sociais declinam.

É evidente que seria totalmente contrário a tudo que sabemos da Natureza se os seres humanos fossem exceção a uma regra tão geral. Não pode ser verdade que uma criatura tão indefesa em seus primórdios como o ser humano tenha se protegido e evoluído por meio de uma competição temerária por vantagens pessoais, sem consideração pelos interesses da espécie e não por meio do apoio mútuo, como outros animais. Essa proposição parece de todo indefensável para os que estão acostumados a admitir a ideia da unidade da Natureza; mas, por mais improvável e antifilosófica que seja, ela nunca deixou



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

de ter seus defensores. Sempre existiram os adeptos de uma visão pessimista da humanidade. Eles a conheceram, mais ou menos superficialmente, a partir de sua própria e limitada experiência; aprenderam da História aquilo que os analistas, sempre atentos às guerras, à crueldade e à opressão, falaram dela e pouco mais que isso, e concluíram que a humanidade não passa de um agregado frouxo de seres sempre prontos a lutar entre si, só sendo impedidos disso por alguma autoridade.

Essa foi a posição adotada por Hobbes. Embora alguns de seus seguidores do século 18 tenham se empenhado em provar que, em nenhuma época de sua existência – nem mesmo na mais primitiva –, a humanidade viveu num estado de guerra perpétua, que os seres humanos foram sociáveis mesmo no “estado de natureza” e que foi a falta de conhecimento, e não a má índole natural humana, a responsável por levá-los a todos os horrores da história inicial, a ideia de Hobbes era, ao contrário, a de que o assim chamado “estado de natureza” não era mais do que uma luta permanente entre indivíduos acidentalmente amontoados pelo mero capricho de sua existência bestial. É verdade que a ciência progrediu desde Hobbes e que temos terreno mais seguro para nos apoiar do que as especulações de Hobbes ou de Rousseau. Mas a filosofia hobbesiana ainda tem muitos admiradores; e ultimamente surgiu uma tendência que, adotando a terminologia de Darwin, e não suas ideias principais, construiu um argumento em favor da visão de Hobbes sobre o homem primitivo e conseguiu até mesmo dar-lhe uma aparência científica. Como se sabe, Huxley foi o fundador dessa escola. Num artigo escrito em 1888, ele representou os homens primitivos como se fossem tigres ou leões, destituídos de quaisquer concepções éticas, levando a luta pela sobrevivência a seu mais amargo fim e vivendo uma “contínua luta livre”. Segundo ele, “além das relações limitadas e temporárias da família, a guerra hobbesiana de cada um contra todos era a condição normal da vida”.¹

Mais de uma vez disseram que o principal erro de Hobbes, e também dos filósofos do século 18, foi supor que, em seu início, a humanidade vivia sob a forma de pequenas famílias esparsas, algo semelhante às famílias “limitadas e temporárias” dos grandes carnívoros; na realidade, sabe-se agora que não foi esse o caso, longe disso. Não temos evidência direta sobre os modos de vida dos primeiros hominídeos. Ainda não temos consenso nem mesmo sobre quando eles surgiram; os geólogos atuais inclinam-se a datar sua origem no Plioceno, ou mesmo no Mioceno, que são os depósitos do período Terciário. Mas o método indireto nos permite lançar alguma luz mesmo sobre aquela

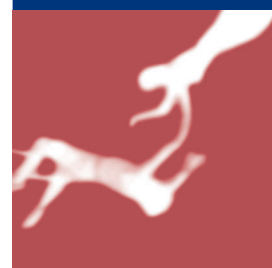


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

época remota. Durante os últimos quarenta anos, realizou-se uma pesquisa extremamente cuidadosa sobre as instituições sociais das “raças” primitivas que revelou, entre suas instituições atuais, resquícios de instituições mais antigas que desapareceram há muito tempo, mas deixaram resíduos inconfundíveis de sua existência. A partir dos trabalhos de Bachofen, MacLennan, Morgan, Edwin Taylor, Maine, Post, Kovalevsky, Lubbock e muitos outros, desenvolveu-se toda uma ciência dedicada à embriologia de instituições humanas. E essa ciência comprovou, sem qualquer sombra de dúvida, que a humanidade não começou sua vida sob a forma de pequenas famílias isoladas.

Longe de ser uma forma primitiva de organização, a família é um produto muito tardio da evolução humana. À medida que recuamos na paleoetnologia da humanidade, encontramos seres humanos vivendo em sociedades, em tribos semelhantes às dos mamíferos superiores, e foi necessária uma evolução extremamente lenta e longa para trazer essas sociedades à organização gentílica ou dos clãs, a qual, por sua vez, teve de sofrer outra evolução, também muito longa, antes que pudessem aparecer os primeiros indícios da família, polígama ou monógama. Portanto, sociedades, bandos ou tribos – e não famílias – foram a forma primitiva de organização da humanidade e de seus ancestrais mais antigos. Foi a conclusão a que chegou a etnologia depois de suas meticolosas pesquisas. E, ao tirá-la, ela simplesmente definiu o que poderia ter sido previsto pelos zoólogos. Todos os mamíferos superiores, exceto uns poucos carnívoros e umas poucas espécies de macacos (orangotangos e gorilas), indubitavelmente em processo de deterioração, vivem em sociedades, e não em pequenas famílias vagando isoladamente pelas florestas. Darwin compreendeu que macacos não-sociais jamais poderiam ter evoluído até a condição de homínídeos e, por isso, tendeu a concluir que o ser humano descende de alguma espécie comparativamente fraca, mas sociável, como o chimpanzé, e não de outra espécie mais forte, mas avessa à vida em sociedade, como o gorila.² Portanto, a zoologia e a palentologia estão de acordo ao admitir que a forma mais primitiva de vida social foi o bando, e não a família. As primeiras sociedades humanas foram simplesmente um desenvolvimento posterior daquelas que constituem a própria essência de vida dos animais superiores.³

Considerando agora a evidência positiva, vemos que os vestígios mais antigos do ser humano, datados do período glacial ou do início do pós-glacial, fornecem provas inquestionáveis de ele ter vivido em bandos. Descobertas isoladas de utensílios de pedra, mesmo da Idade da Pedra, são muito raras; mas, por outro lado, sempre que é achado um instrumento de sílex, é certo que



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

outros serão encontrados, em grande quantidade na maioria dos casos. Quando moravam em cavernas, ou sob protuberâncias de rochas em companhia de mamíferos hoje extintos, e com grande dificuldade de produzir as mais grosseiras machadinhas de sílex, os seres humanos já conheciam as vantagens da vida em sociedade. Nos vales dos tributários do Dordonha [França], em alguns lugares a superfície das rochas está inteiramente coberta de cavernas que foram habitadas pelos homens paleolíticos.⁴ Algumas vezes as cavernas, outrora moradias, são superpostas em andares, e elas certamente lembram muito mais as colônias de nidificação das andorinhas do que as tocas dos carnívoros. Quanto aos instrumentos de sílex descobertos nessas cavernas, “pode-se dizer, sem exagero, que eles são inúmeros”, diz Lubbock. Isso se aplica também a outros sítios paleolíticos. Também nas pesquisas de Lartet encontramos a informação de que os habitantes da região de Aurignac, no sul da França, compartilhavam refeições tribais por ocasião do enterro de seus mortos. Disso se conclui que, mesmo naquela época extremamente remota, os seres humanos viviam em sociedades e já manifestavam indícios de culto tribal.

Provas ainda melhores disso foram encontradas perto do final da Idade da Pedra. A grande quantidade de vestígios do homem neolítico permite reconstituir em boa medida o seu modo de vida. Quando a camada de gelo (que deve ter se estendido das regiões polares até o meio da França, da Alemanha e da Rússia e coberto o Canadá, assim como uma parte considerável dos Estados Unidos de hoje) começou a derreter, as superfícies limpas foram cobertas primeiramente por pântanos e brejos, e depois por inúmeros lagos.⁵ Os lagos preencheram todas as depressões dos vales antes que suas águas cansassem aqueles canais permanentes que, durante uma época subsequente, tornaram-se rios. E, onde quer que exploremos as praias dos inúmeros lagos daquele tempo – na Europa, Ásia ou América – cujo nome apropriado seria Período Lacustre, encontramos vestígios do homem neolítico. Esses vestígios são tão numerosos que despertam imediatamente a nossa curiosidade sobre a densidade demográfica relativa da época. Os “sítios” do homem neolítico ficam a pequena distância uns dos outros sobre os terraços que agora marcam as praias dos antigos lagos. E em todos esses sítios aparecem instrumentos de pedra em tal quantidade que não se pode duvidar da extensão do tempo em que eles foram habitados por tribos muito numerosas. Oficinas inteiras desses instrumentos foram descobertas pelos arqueólogos, dando testemunho do grande número de trabalhadores que costumavam se juntar.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Vestígios de um período mais avançado, já caracterizado pelo uso de alguma cerâmica, foram encontrados nos sambaquis da Dinamarca. Como é do conhecimento geral, os sambaquis são edificações de 1,5 a 3 metros de espessura, de 30 a 60 metros de largura e 300 metros ou mais de comprimento. Sua presença é tão comum em certas áreas da costa marinha que, por longo tempo, foram considerados fenômenos naturais. No entanto, o que continham “era *nada* mais que objetos de algum modo úteis ao homem”, e estão tão densamente abarrotados de produtos da indústria humana que, durante uma estada de dois dias em Milgaard, Lubbock escavou 191 instrumentos de pedra e quatro fragmentos de cerâmica.⁶ O próprio tamanho e extensão dos sambaquis provam que, durante gerações e gerações, as costas da Dinamarca foram habitadas por pequenas tribos que certamente viviam tão pacificamente entre si como as tribos fueguinas, que também acumulam conchas de modo semelhante e continuam vivendo no sul da Argentina.

As palafitas de lago da Suíça, que representam um avanço ainda maior rumo à civilização, são uma evidência ainda melhor de vida e trabalho em sociedade. Sabe-se bem que, mesmo durante a Idade da Pedra, as praias dos lagos suíços eram dotados de uma sucessão de aldeias, e cada uma delas consistia em várias cabanas construídas sobre uma plataforma sobre as águas, apoiada em muitos pilares. Não menos de 24 aldeias, a maioria da Idade da Pedra, foram descobertas ao longo das praias do lago Lemán, 32 no lago de Constance, 46 no lago de Neuchâtel, etc., e cada uma delas comprova a imensa quantidade de trabalho realizada em comum pela tribo, e não pela família. Afirmou-se até mesmo que a vida dos moradores das palafitas foi extraordinariamente isenta de conflitos armados. É provável que sim, principalmente se considerarmos a vida dos povos primitivos que vivem até hoje em aldeias semelhantes nas costas marinhas.

Mesmo a partir das rápidas sugestões acima, vemos que nosso conhecimento do homem primitivo não é tão precário assim e que, até agora, ele mais refuta as especulações hobbesianas do que as confirma. Além disso, esse conhecimento pode ser complementado em grande medida pela observação direta das tribos primitivas que acabaram de chegar ao mesmo nível de civilização dos habitantes da Europa dos tempos pré-históricos.

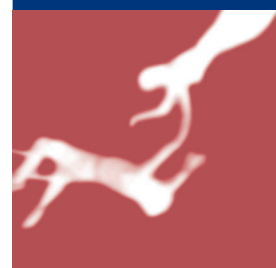
Edwin Taylor e Lubbock apresentaram provas convincentes de que essas tribos primitivas descobertas agora *não* são exemplares degenerados da humanidade que tiveram antigamente uma civilização mais elevada, como se tem afirmado de vez em quando. Mas poderíamos acrescentar o seguinte aos



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

argumentos já opostos à teoria da degeneração: exceto umas poucas tribos que se aglomeram nos planaltos menos acessíveis, os “selvagens” representam um cinturão em volta das nações mais ou menos civilizadas, e ocupam as extremidades de nossos continentes, a maioria das quais ainda guardava ou apresentava recentemente um caráter do início da era pós-glacial. Esses são os esquimós e seus congêneres, na Groenlândia, na América Ártica e na Sibéria Setentrional; e, no hemisfério sul, os australianos, os papuas, os fueguinos e, em parte, os bosquímanos; embora dentro da área civilizada, povos semelhantes aos primitivos são encontrados no Himalaia, nas montanhas da Australásia e nos planaltos do Brasil. Mas sempre é bom lembrar que a era glacial não terminou de repente em toda a superfície da Terra; ela continua na Groenlândia. Portanto, quando as regiões litorâneas do Índico, do Mediterrâneo ou do golfo do México já desfrutavam de um clima mais quente e se tornavam berços de civilizações superiores, imensos territórios da Europa Central, da Sibéria e da América do Norte, assim como da Patagônia, do sul da África e da Australásia meridional ainda permaneciam nas condições do início da era pós-glacial, o que as tornava inacessíveis às nações civilizadas das zonas equatorial e subequatorial. Eram naquele tempo o que os terríveis *urmans* do noroeste da Sibéria são agora, e sua população, inacessível e intocada pela civilização, reteve os caracteres dos seres humanos da primeira época pós-glacial. Posteriormente, quando se tornaram mais adequados à agricultura, esses territórios foram povoados por imigrantes mais civilizados e, embora uma parte de seus primeiros habitantes tenha sido assimilada pelos novos colonizadores, a outra parte migrou para mais longe e se estabeleceu onde os encontramos hoje. No que se refere às suas características físicas, os territórios que habitam ainda são subglaciais, ou eram até recentemente; suas artes e instrumentos são os mesmos do Neolítico; e, apesar de suas diferenças raciais e das distâncias que os separam, seus modos de vida e suas instituições sociais têm uma semelhança espantosa. Portanto, só podemos considerá-los fragmentos da população do início da era pós-glacial na área agora civilizada.

A primeira coisa que nos impressiona logo que começamos a estudar os povos primitivos é a complexidade da organização de suas relações de casamento. Na maioria deles, a família, no sentido que atribuímos a ela, dificilmente é encontrada em seus primórdios. Mas não é, de modo algum, um agregado frouxo de homens e mulheres que se unem de maneira desordenada conforme seus caprichos momentâneos. Todos esses povos possuem uma certa organização, que foi descrita por Morgan, em seus aspectos gerais, como “gentílica” ou de clã.⁷



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Para tratar do assunto da maneira mais breve possível, há pouca dúvida de que a humanidade passou, em seus primórdios, por uma etapa que pode ser descrita como a do “casamento comunal”, ou seja, a tribo inteira tinha maridos e esposas em comum sem maior respeito pela consanguinidade. Mas também é certo que, num período muito inicial, foram impostas algumas restrições a essa liberdade nas relações sexuais. De início, foi proibido o casamento entre os filhos de uma mesma mãe com irmãs, netas e tias dela; mais tarde, entre os filhos e filhas da mesma mãe; e outras limitações ocorreram depois. A ideia de uma *gens* ou clã, que incorporava todos os supostos descendentes de um mesmo tronco (ou melhor, todos aqueles que se juntavam em um grupo), evoluiu e o casamento dentro dele foi inteiramente proibido. O clã ainda permaneceu “comunal”, mas a esposa ou o marido tinha de vir de outro clã. E, quando uma gens se tornava muito numerosa e se subdividia em várias gens, cada uma destas constituía classes (geralmente quatro), e o casamento era permitido somente entre certas classes bem definidas. Essas são as condições encontradas agora entre os australianos que falam camilaroi. Quanto à família, seus primeiros indícios apareceram em meio à organização do clã. Uma mulher que fosse capturada em guerra contra outro clã e que tivesse pertencido antes à gens inteira podia ser mais tarde mantida por seu captor, com certas obrigações em relação à tribo. Podia ser levada por ele para uma cabana separada, depois de ter pago um certo tributo ao clã, e assim constituir uma família à parte dentro da gens; é evidente que o aparecimento dessa família foi uma abertura para uma nova fase da civilização.⁸

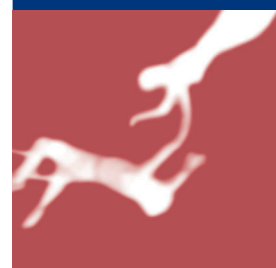
Bem, se considerarmos que essa complicada organização surgiu entre os seres humanos quando viviam seu mais baixo grau de desenvolvimento e que ela se mantinha em sociedades sob nenhum outro tipo de autoridade além da opinião pública, vemos de imediato o quão profundamente os instintos sociais devem ter estado enraizados na natureza humana, mesmo em seus estágios mais inferiores. Um “selvagem” capaz de viver sob tal organização e de se submeter livremente a regras que se chocam continuamente com seus desejos pessoais certamente não é uma besta destituída de princípios éticos e sem freio para suas paixões. Mas isso se torna ainda mais impressionante se considerarmos a remotíssima antiguidade da organização do clã. É bem sabido que os semitas primitivos, os gregos de Homero, os romanos pré-históricos, os germanos de Tácito, os antigos celtas e eslavos tiveram todos seu próprio período de organização clânica, parecidíssima com a dos australianos, dos índios peles-vermelhas, dos esquimós e de outros habitantes do “cinturão selvagem”.⁹ Portanto, temos de admitir que a evolução das leis do casamento



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

seguíram as mesmas linhas entre todas as raças humanas, ou que os rudimentos das regras do clã se desenvolveram entre alguns ancestrais comuns dos semitas, dos arianos, dos polinésios etc., antes de ter havido sua diferenciação em raças separadas, e que essas regras foram mantidas até hoje entre raças que há muito se separaram do tronco comum. Entretanto, ambas as alternativas implicam uma tenacidade igualmente impressionante da instituição – uma tenacidade que nenhuma investida individual pôde arrefecer através dos milhares de anos em que ela existiu. A própria persistência da organização clânica mostra como é completamente falso representar a humanidade primitiva como um aglomerado desordenado de indivíduos que só obedeciam a suas paixões individuais e que utilizavam sua força pessoal e astúcia contra todos os outros representantes da espécie. O individualismo desenfreado é um produto moderno, e não uma característica da humanidade primitiva.¹⁰

Passando agora para os “selvagens” existentes hoje, podemos começar com os bosquímanos, que estão em um nível de desenvolvimento tão baixo que dormem em covas abertas no solo, às vezes protegidas por algumas cortinas. Quando os europeus se estabeleceram em seu território e destruíram os cervídeos, os bosquímanos começaram a roubar-lhes o gado. A consequência foi uma guerra de extermínio contra eles, terrível demais para ser relatada aqui. Quinhentos bosquímanos foram massacrados pela Aliança dos Fazendeiros em 1774 e três mil em 1808 e 1809, e assim por diante. Eram mortos sempre que encontrados, envenenados como ratos, emboscados perto da carcaça de algum animal.¹¹ Nosso conhecimento dos bosquímanos, obtido principalmente das mesmas pessoas que os exterminaram, é necessariamente limitado. Mas sabemos que, quando os europeus chegaram, eles viviam em pequenas tribos (ou clãs), algumas vezes coligadas; costumavam caçar em comum e dividiam o resultado pacificamente; nunca abandonavam seus feridos e mostravam grande afeição a seus camaradas. Lichtenstein conta uma história muito tocante de um bosquímano que, quase afogado num rio, foi resgatado por seus companheiros, que o cobriram com suas próprias peles, tiritando eles mesmos de frio, secaram-no, esfregaram-no perto do fogo e untaram seu corpo com uma gordura quente até fazê-lo voltar à vida. Esse autor conta ainda que, quando os bosquímanos encontraram em Johan van der Walt um homem que os tratava bem, expressaram sua gratidão com tocante apego a ele.¹² Burchell e Moffat os representam como generosos, desinteressados, cumpridores de suas promessas e gratos,¹³ qualidades que só podiam ter se desenvolvido por serem praticadas na tribo. Quanto ao amor pelas crianças, basta dizer que, para assegurar a posse de uma bosquímana como escrava, o europeu lhe



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

roubava um filho, e essa mãe se deixava escravizar para compartilhar o destino da criança.¹⁴

Essas mesmas características sociais são apresentadas pelos hotentotes, um pouco mais desenvolvidos que os bosquímanos. Lubbock os descreve como “os mais imundos animais”, e eles são realmente imundos. Uma pele pendendo do pescoço, usada até cair aos pedaços, é toda a sua vestimenta; suas cabanas são uma armação feita com alguns paus e cobertas de esteiras, e não têm mobília. E, embora possuam bois e ovelhas e pareçam ter conhecido o uso do ferro antes do contato com os europeus, eles ainda ocupam um dos graus mais baixos da escala humana. Mas aqueles que os conheceram fizeram grandes elogios à sua sociabilidade e disposição à ajuda mútua. Ao receber algo, um hotentote imediatamente o divide com todos os presentes – um hábito dos fueguinos que, como se sabe, muito impressionou Darwin. Ele não come sozinho e, por mais faminto que esteja, chama aqueles que passam para compartilhar sua comida. Quando expressou seu espanto a respeito disso, Kolben recebeu a seguinte resposta: “Esse é o costume hotentote”. Mas esse costume não é apenas dos hotentotes: é um hábito universal entre os “selvagens”. Kolben, que conhecia bem os hotentotes e não deixou de apontar seus defeitos, não lhes poupou elogios no tocante à moralidade tribal revelada por eles:

A palavra deles é sagrada [...]. [Eles não conhecem] nada das artes da corrupção e deslealdade da Europa. [...] Vivem em grande tranquilidade e raramente guerreiam com seus vizinhos. [Eles são] sempre são amáveis e cuidadosos uns com os outros [...]. Um dos maiores prazeres dos hotentotes certamente está em seus presentes e em sua solicitude aos companheiros. [...] A integridade dos hotentotes, seu rigor e prontidão no exercício da justiça, assim como sua castidade, são coisas em que eles superam todas as das nações do mundo, ou a maior parte delas.¹⁵

Esse testemunho de Kolben é confirmado integralmente por Tachart, Barrow e Moodie.¹⁶ Devo apenas ressaltar que, quando Kolben escreveu que os hotentotes “são certamente o povo mais cordial, mais generoso e mais benevolente entre si do que qualquer outro que já apareceu na Terra” (vol. i, p. 332), cunhou uma frase que desde então tem sido repetida na descrição dos “selvagens”. Era comum que os europeus caricaturassem a vida das raças primitivas ao se encontrarem com elas pela primeira vez. Mas, quando um homem inteligente permanece com uma delas por mais tempo, geralmente a descrição é a da raça “mais amável” ou “mais gentil” sobre a Terra. Essas mesmas palavras foram aplicadas aos ostiacos, aos samoiedas, aos esquimós, aos daiaques, aos aleutas, aos papuas, etc., pelas mais respeitadas autoridades.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Lembro-me de ter lido que isso se aplica também aos tunguses, aos tchuktchis, aos sioux e a vários outros povos. A própria frequência com que esses grandes elogios são feitos fala por si mesma.

Os nativos da Austrália não se encontram em um nível de desenvolvimento mais elevado que o de seus irmãos sul-africanos. Suas cabanas são do mesmo tipo; muito frequentemente cortinas simples são a única proteção contra ventos frios. Na alimentação, são indiferentes, na maioria dos casos: devoram cadáveres em adiantado estado de putrefação e recorrem ao canibalismo em tempos de escassez. Quando foram encontrados pelos europeus, tinham somente instrumentos de pedra ou de osso de características as mais grosseiras. Algumas tribos não possuíam nem mesmo canoas, e não conheciam o escambo. Todavia, quando suas maneiras e costumes foram cuidadosamente estudados, eles provaram estar vivendo sob aquela elaborada organização clânica que mencionei antes.¹⁷

O território que habitam é geralmente distribuído entre as diferentes gens ou clãs, mas os territórios de caça e de pesca de cada um são propriedade comum, e os produtos da caça e da pesca pertencem a todo o clã; o mesmo acontece com os instrumentos de caça e pesca.¹⁸ As refeições são feitas em comum. Como muitos outros “selvagens”, eles respeitam certos regulamentos quanto às estações do ano, de acordo com os quais certas resinas e gramas podem ser coletadas.¹⁹ Quanto ao conjunto da moralidade desses nativos, o melhor que podemos fazer é transcrever as seguintes respostas dadas por Lumbholtz – um missionário que passou uma temporada em Queensland do Norte²⁰ – às perguntas da Sociedade Antropológica de Paris:

O sentimento de amizade é cultivado entre eles; e é forte. Em geral, as pessoas fracas recebem ajuda; os doentes também são muito bem cuidados, nunca sendo abandonados ou mortos. Essas tribos são canibais, mas muito raramente comem membros de sua própria tribo (só quando sacrificados por princípios religiosos, suponho); comem apenas estrangeiros. Os pais amam seus filhos, brincam com eles e os mimam. O infanticídio é reprovado. Pessoas idosas são muito bem tratadas e nunca deixadas para morrer. Nenhuma religião, nenhum ídolo, apenas o medo da morte. Casamentos polígamos. As disputas que surgem dentro da tribo são resolvidas por meio de duelos com escudos e espadas de madeira. Não há escravos; nenhuma cultura de qualquer espécie; nenhuma cerâmica; nenhuma vestimenta, exceto um protetor usado algumas vezes pelas mulheres. O clã consiste em duzentos indivíduos, divididos em quatro classes de homens e quatro de mulheres; o casamento somente é permitido entre as classes usuais, e nunca dentro da gens.

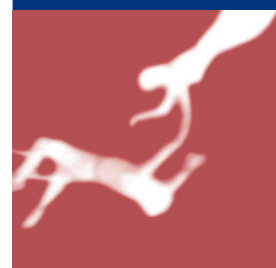


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Sobre os papuas, muito semelhantes aos nativos australianos, temos o testemunho de G. L. Bink, que esteve na Nova Guiné, em particular na baía de Geelwink, de 1871 a 1883. Eis o resumo de suas respostas ao mesmo questionário:²¹

Eles são sociáveis e animados; riem muito. Mais tímidos que corajosos. A amizade é relativamente forte entre pessoas que pertencem a tribos diferentes, e ainda mais dentro da tribo. É comum uma pessoa emprestar a um amigo o necessário para pagar uma dívida, sob a condição de que este o devolverá mais tarde sem juros aos filhos do prestador. Eles cuidam dos doentes e dos idosos; os idosos nunca são abandonados, e em nenhum caso são mortos – a menos que seja um escravo que tenha estado doente por longo tempo. Os prisioneiros de guerra às vezes são comidos. As crianças são muito mimadas e amadas. Prisioneiros de guerra velhos e débeis são mortos e os outros são vendidos como escravos. Não têm religião, deuses, ídolos ou autoridade de qualquer espécie; o homem mais velho da família é o juiz. Em casos de adultério, paga-se uma multa, da qual parte é destinada à *negoria* (comunidade). O solo é propriedade comum, mas a colheita pertence a quem cultivou. Eles têm cerâmica e conhecem o escambo – o costume é o comerciante entregar-lhes as mercadorias, depois do que voltam para casa e trazem os artigos nativos que interessam a esse comerciante; caso não os possuam, a permuta é feita com artigos europeus.²² Eles são caçadores de cabeças e essa prática é determinada pela vingança sangrenta. “Algumas vezes”, diz Finsch, “o caso é submetido ao rajá de Namototte, que o resolve pela imposição de uma multa”.

Quando bem tratados, os papuas são muito cordiais. Miklukho-Maclay desembarcou na costa leste da Nova Guiné acompanhado por um único homem e permaneceu durante dois anos entre tribos consideradas canibais, e teve saudades depois que partiu. Voltou para ficar ali mais um ano, e nunca teve um conflito do qual se queixar. É claro que sua regra foi a de *nunca* – sob qualquer pretexto – dizer qualquer coisa que não fosse verdade, nem prometer algo que não pudesse cumprir. Essas pobres criaturas, que nem mesmo sabem como obter fogo e o mantêm cuidadosamente em suas cabanas, vivem sob o comunismo primitivo, sem chefes e, dentro de suas aldeias, não têm rixas que mereçam menção. Trabalham em comum, apenas o suficiente para obter o alimento do dia, cuidam todos das crianças e, à noite, vestem-se com o máximo requinte e dançam. Adoram dançar, como todos os “selvagens”. Toda aldeia tem sua *barla* ou *balai* – a “casa grande” ou “mansão” – para os homens solteiros, para reuniões sociais e para a discussão de assuntos comuns – outro traço comum à maioria dos habitantes das ilhas do Pacífico, aos esquimós, aos



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

índios “peles-vermelhas” e assim por diante. Grupos inteiros de aldeias se relacionam muito bem e se visitam uns aos outros em bloco.

Infelizmente, os conflitos são comuns, e ocorrem principalmente devido à superstição, e não à “superpopulação da área”, à “competição acirrada” ou a invenções parecidas de um século mercantil. Tão logo alguém adoece, seus amigos e parentes se reúnem e discutem para deliberar sobre quem pode ser a causa da doença. São considerados todos os inimigos possíveis, cada um confessa suas próprias pequenas rixas e, finalmente, é descoberta a causa real: um inimigo da aldeia próxima. A decisão é uma incursão contra essa aldeia. Portanto, os conflitos são bastante frequentes, mesmo entre as aldeias da costa, para não falar dos canibais montanheses, tidos como verdadeiros bruxos e inimigos, mesmo que, numa relação mais íntima, mostrem ser exatamente do mesmo tipo dos povos vizinhos da costa.²³ Muitas páginas admiráveis poderiam ser escritas sobre a harmonia existente nas aldeias dos polinésios das ilhas do Pacífico, mas eles se encontram num estágio mais avançado de civilização. Por isso vamos tratar agora de exemplos do extremo norte. Mas, antes de deixar o hemisfério Sul, devo mencionar que mesmo os fueguinos, cuja reputação já foi tão má, passaram a ter um conceito melhor desde que o conhecimento a seu respeito se aprofundou. Os poucos missionários franceses que vivem entre eles “não conhecem qualquer ato do qual se queixar”. Em seus clãs, compostos de 120 a 150 almas, praticam o mesmo comunismo primitivo dos papuas; compartilham tudo e tratam muito bem os seus idosos. A paz prevalece entre suas tribos.²⁴

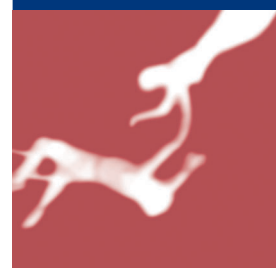
Entre os esquimós e seus congêneres mais diretos, os tlinquetes, os coloches e os aleutas, encontramos um dos exemplos mais próximos do que pode ter sido o ser humano durante a Idade do Gelo. Seus instrumentos pouco diferem dos homens do Paleolítico e algumas de suas tribos ainda não dominam a arte da pesca: simplesmente espetam o peixe com uma espécie de arpão.²⁵ Conhecem o uso do ferro, mas o recebem dos europeus, ou o retiram de navios naufragados. Sua organização social é de um tipo muito primitivo, embora já tenham saído da fase do “casamento comunal”, mesmo sob as restrições gentílicas. Vivem em família, cujos laços são muitas vezes quebrados; maridos e esposas são permutados com frequência.²⁶ Mas as famílias se mantêm unidas em clãs. E como poderia ser de outra maneira? Como poderiam sustentar a dura luta pela vida a menos que juntassem todas as suas forças? E é isso o que eles fazem, de tal modo que os laços tribais são mais fortes onde a luta pela vida é mais dura, ou seja, no nordeste da Groenlândia. A



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

“casa grande” é sua habitação costumeira e diversas famílias se alojam nela, separadas umas das outras por pequenos tabiques feitos de peles recortadas, com uma entrada comum na frente. Às vezes, a casa tem a forma de uma cruz e, nesse caso, é mantido um fogo comum no seu centro. A expedição alemã que passou um dos longos invernos da região acampada nas proximidades de uma dessas “casas grandes” pôde verificar que “nenhuma briga, nenhuma disputa pelo uso desse espaço apertado perturbou a paz”. “Repreensões ou mesmo palavras grosseiras são consideradas uma ‘contravenção’, caso não sejam colocadas sob a forma legal de processo, ou seja, de canção-*nith*”.²⁷ Coabitação íntima e estreita interdependência são suficientes para manter, século após século, aquele profundo respeito pelos interesses da comunidade que é característico da vida esquimó. Mesmo nas comunidades maiores desse povo, “a opinião pública era a verdadeira base do julgamento e, em geral, a punição era envergonhar os ofensores diante dos demais”.²⁸

A vida dos esquimós é baseada no comunismo. O produto da caça e da pesca pertence ao clã. Mas, em muitas tribos, em particular do oeste, a propriedade privada penetra em suas instituições, sob a influência dos dinamarqueses. Apesar disso, eles têm um meio original para remover as inconveniências da acumulação pessoal de riqueza que logo destruiria a unidade de sua tribo: quando um indivíduo enriquece, convoca seu clã para uma grande festa, na qual, depois da comilança, distribui sua fortuna entre todos. Foi o que Dall constatou próximo do rio Yukon: uma família aleuta distribuindo dessa maneira 10 armas, 10 vestimentas completas de pele, 200 colares de contas, numerosos cobertores, 10 peles de lobo, 200 de castor e 500 de zibelina. Depois disso, essa família se despiu de suas roupas de festa, deu-as de presente e, vestindo velhas peles rotas, dirigiu umas poucas palavras à sua parentela, dizendo que, embora estivesse agora mais pobre do que qualquer um deles, haviam conquistado sua amizade.²⁹ Distribuições de riqueza como esta parecem ser um hábito entre os esquimós e ocorrem em uma certa estação do ano, depois de uma exposição de tudo o que foi obtido durante o ano.³⁰ A meu ver, revelam uma instituição muito antiga, do tempo em que se registraram os primeiros indícios de riqueza pessoal; provavelmente foram um meio para restabelecer a igualdade entre os membros do clã, quando o enriquecimento de uns poucos a perturbou. A redistribuição periódica de terra e o perdão das dívidas, que ocorreram em tempos históricos entre raças muito diferentes (semitas, arianos etc.), devem ter sido uma sobrevivência desse costume antigo. E o hábito de enterrar com o morto – ou de destruir em seu túmulo – todos os seus objetos pessoais (encontrado entre todas as raças primitivas) deve ter tido

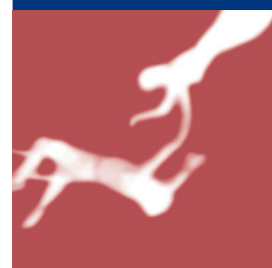


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

a mesma origem. Na verdade, embora tudo o que pertence ao morto seja queimado ou quebrado em seu túmulo, nada do que lhe pertencia em comum com a tribo, como canoas ou instrumentos comuns de pesca, é destruído. A destruição atinge apenas a propriedade pessoal. Posteriormente, esse hábito se tornou uma cerimônia religiosa, recebendo uma interpretação mística e sendo imposta pela religião, quando a opinião pública se mostrava incapaz de obrigar sozinho que ele fosse observado. E, finalmente, foi substituído pela queima de modelos dos pertences do morto (como na China) ou pelo simples ato de levar os pertences até ao túmulo e, depois de terminada a cerimônia do enterro, devolvê-los à sua casa – um hábito que ainda prevalece entre os europeus no que se refere a espadas, cruzes e outras marcas de distinção pública do morto.³¹

A literatura geral menciona com frequência o alto padrão de moralidade tribal dos esquimós. Entretanto, os seguintes comentários sobre os costumes dos aleutas – uma tribo aparentada aos esquimós – podem ilustrar melhor a moralidade “selvagem” como um todo. Foram escritos pelo notável missionário russo Veniaminov, depois de sua estadia de dez anos entre os aleutas. Eu os resumo aqui, na maior parte das vezes com suas próprias palavras:

“A resistência [escreveu ele] é sua característica principal. É simplesmente colossal. Além de se banharem no mar todas as manhãs e ficarem nus na praia, respirando o vento gelado, sua resistência, mesmo quando trabalham duro por comida insuficiente, ultrapassa tudo o que se puder imaginar. Durante uma longa escassez de comida, o aleuta cuida primeiro de suas crianças, dando-lhes tudo o que tem, e ele mesmo jejua. Não tem propensão ao roubo, fato que foi observado até mesmo pelos primeiros imigrantes russos. Não que nunca caiam em tentação, pois todo aleuta confessaria um roubo eventual, mas é sempre de quinquilharia; em geral, não passa de uma travessura infantil. O apego dos pais a seus filhos é tocante, embora nunca seja expresso em palavras ou mimos. O aleuta dificilmente faz uma promessa; mas, depois de fazê-la, ele a cumpre, aconteça o que acontecer. [Um deles deu de presente a Veniaminov um peixe seco, e este foi esquecido na praia na pressa da partida. O aleuta o levou para casa. A primeira ocasião de enviá-lo ao missionário era em janeiro; e, em novembro e dezembro, houvera uma grande escassez de comida no acampamento aleuta. Mas o peixe nunca foi tocado pelas pessoas famintas e, em janeiro, ele foi enviado a seu destinatário.] Esse código de moralidade é tão variado quanto severo. É considerado vergonhoso: temer a morte inevitável; pedir perdão a um inimigo; morrer sem nunca ter matado um inimigo; ser condenado por roubo; emborcar uma canoa no porto; temer sair ao mar em tempo tempestuoso; ser o primeiro numa festa; ficar inválido numa



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

longa viagem, em caso de escassez de comida; mostrar avidez quando o espólio é dividido, caso em que cada um dá sua própria parte ao homem ávido, para envergonhá-lo; contar um segredo de assuntos públicos à sua esposa; estando duas pessoas numa caçada, não oferecer o melhor da carne ao parceiro; vangloriar-se de seus próprios feitos, principalmente dos inventados; tratar alguém com desprezo. E também: mendigar; mimar a esposa na presença de outras pessoas e dançar com ela; barganhar pessoalmente, pois a venda sempre deve ser feita por uma terceira pessoa, que fixa o preço. Para uma mulher é vergonhoso: não saber costurar ou dançar, e não saber fazer todas as espécies de trabalho feminino; mimar o marido e os filhos, ou mesmo falar com o marido na presença de um estranho”.³²

Eis aí a moralidade aleuta, que poderia ser mais bem ilustrada ainda por seus contos e lendas. Quando Veniaminov escreveu esses comentários (em 1840), apenas um assassinato tinha sido cometido entre os aleutas desde o século anterior, numa população de 60 mil pessoas e, durante quarenta anos, nem uma única transgressão ao direito comum veio a público. Isso não soa estranho se lembrarmos que xingar, escarnecer e até mesmo usar palavras grosseiras são atos absolutamente desconhecidos na vida dos aleutas. Nem mesmo suas crianças brigam ou se ofendem verbalmente. Tudo que elas dizem é: “Sua mãe não sabe costurar” ou “Seu pai é cego de um olho”.³³

Entretanto, muitas características da vida “selvagem” continuam sendo um enigma para os europeus. O grande desenvolvimento da solidariedade tribal e os bons sentimentos que animam os povos primitivos poderiam ser exemplificados por diversos testemunhos confiáveis. Mas não é menos certo que esses mesmos “selvagens” praticam o infanticídio, abandonam seus idosos em certos casos e obedecem cegamente às regras de vingança de sangue. Portanto, devemos explicar a coexistência de fatos que, à primeira vista, parecem tão contraditórios à mente europeia. Mencionei acima que o pai aleuta, numa situação de escassez de víveres, jejua por dias e semanas, dando aos filhos o que há para comer, e que a mãe bosquímana torna-se escrava para acompanhar o filho que usaram como refém para dominá-la, e eu poderia encher páginas com exemplos das relações realmente *amorosas* existentes entre “os selvagens” e seus filhos, mencionados continuamente por viajantes. Aqui e ali se lê: sobre o amor extremo de uma mãe; sobre um pai correndo loucamente pela floresta, levando em seus ombros o filho picado por uma serpente; o relato de um missionário sobre o desespero dos pais diante da perda de um filho que ele havia salvado, poucos anos antes, de ser imolado

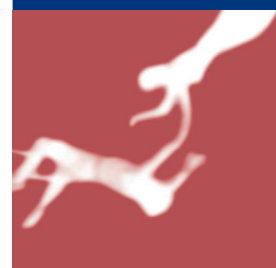


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

em seu nascimento; que as mães “selvagens” geralmente amamentam seus filhos até os 4 anos de idade; que, nas Novas Hébridas, uma mãe ou tia se mata para cuidar, no outro mundo, de um filho/sobrinho particularmente amado que morreu, e assim por diante.³⁴

Fatos semelhantes são encontrados em quantidade e, por isso, quando constatamos que esses mesmos pais amorosos praticam o infanticídio, somos levados a reconhecer que esse hábito (quaisquer que tenham sido suas transformações posteriores) deve sua origem à pura pressão da necessidade, como uma obrigação para com a tribo e como um meio de cuidar dos filhos em crescimento. Em geral, os “selvagens não se multiplicam irrestritamente”, ao contrário do que disseram alguns escritores ingleses: na verdade, tomam todos os tipos de precaução para reduzir a taxa de natalidade. Toda uma série de restrições, que os europeus certamente considerariam extravagantes, é imposta para esse fim, e são rigorosamente obedecidas. Apesar disso, os povos primitivos não podem criar todos os seus filhos. No entanto, observou-se que, tão logo conseguem aumentar seus meios regulares de subsistência, eles abandonam imediatamente a prática do infanticídio. Em geral, os pais cumprem essa obrigação com relutância e, tão logo obtêm condições materiais, recorrem a todos os tipos de acordo para salvar a vida de seus recém-nascidos. Como tão bem enfatizou meu amigo Élie Réclus,³⁵ eles inventam dias de nascimento de sorte e de azar, e poupam as crianças nascidas nos dias de sorte; tentam adiar a sentença de morte por umas poucas horas e depois dizem que, se a criança viveu por um dia, deve viver toda a sua vida natural.³⁶ Escutam os gritos das crianças vindos da floresta e dizem que o fato de acudi-las impede que um infortúnio recaia sobre a tribo; e, como não têm creches para se livrar das crianças, todos eles evitam a necessidade de executar a cruel sentença; preferem deixar o bebê no mato a lhe tirar a vida com violência. É a ignorância, e não a crueldade, que mantém o infanticídio. Desse modo, em vez de moralizar os “selvagens” com sermões, os missionários fariam melhor se seguissem o exemplo de Veniaminov que, todo ano, até sua velhice, cruzava o mar de Okhotsk num pequeno bote, ou viajava de trenó puxado por cães para chegar aos tchuktchis levando pão e instrumentos de pesca e, desse modo, conseguiu realmente acabar com o infanticídio.

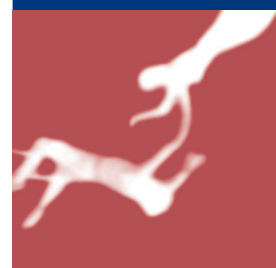
Isso vale também para o que observadores superficiais descrevem como parricídio. Acabamos de ver que o hábito de abandonar pessoas idosas não é tão amplamente difundido como dizem alguns escritores. Apesar disso, tal prática é encontrada de quando em quando entre quase todos os “selvagens”



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

e tem a mesma origem do abandono de crianças. Quando um “selvagem” sente ter se tornado um fardo para sua tribo; quando, toda manhã, sua porção de comida é tirada da boca das crianças – e elas não são tão estóicas quanto os pais, pois gritam quando têm fome; quando, todo dia, ele tem de ser carregado pela praia pedregosa ou pela floresta virgem pelos mais jovens – não há cadeira de rodas para inválidos, nem indigentes para empurrá-las em terras selvagens –, ele começa a repetir o que os velhos camponeses russos dizem até hoje: *“Tchujoi vek zayedayu, Pora na pokoi!”* (“Estou vivendo a vida dos outros; chegou a hora de me retirar!”) E se afasta. Faz o mesmo que o soldado num caso semelhante, como quando a salvação de seu destacamento depende de avançar e ele, ferido, não pode mais se mover. Sabe que vai morrer se for deixado para trás e implora a seu melhor amigo que lhe faça um último favor antes de deixar o acampamento. E o amigo, com as mãos trêmulas, dispara contra o corpo ferido. É o que fazem os selvagens. O velho pede para morrer; insiste em cumprir esse último dever para com a comunidade, e obtém o consentimento da tribo; cava seu túmulo e convida seus parentes para a última refeição juntos. Foi o que seu pai fez; agora é sua vez; e ele se separa de seus parentes com expressões de afeto. Para o “selvagem”, a morte é uma parte tão crucial de seus *deveres* para com sua comunidade que ele se recusa a ser resgatado. Moffat relatou que uma mulher, que tinha de ser sacrificada no túmulo de seu marido, foi resgatada por missionários e levada para uma ilha. Ela escapou durante a noite, cruzou um largo braço de mar e se reuniu à tribo para morrer como havia sido determinado.³⁷ Isso se tornou para eles uma questão religiosa. Mas, em geral, os “selvagens” são tão relutantes em tirar a vida de alguém, exceto em luta, que nenhum deles derrama sangue humano sem um bom motivo; e, para evitar esse tipo de coisa, recorrem a todo tipo de estratégia, o que tem sido mal interpretado. Na maioria dos casos, abandonam o idoso no mato, depois de lhe dar mais do que sua parte costumeira de comida. Expedições árticas fizeram o mesmo quando não puderam mais carregar os camaradas inválidos. “Viva alguns dias a mais; talvez aconteça um resgate inesperado!”

Cientistas europeus ocidentais, quando tomam conhecimento desses fatos, são absolutamente incapazes de lhes dar valor. São incapazes de relacioná-los a um elevado desenvolvimento da moralidade tribal e preferem lançar dúvida sobre a exatidão de observadores absolutamente confiáveis, em vez de tentarem explicar a existência paralela dos dois conjuntos de fatos: uma elevada moralidade tribal, de um lado, e o abandono dos pais e o infanticídio, do outro. Entretanto, se esses mesmos europeus contassem a um “selvagem”



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

que pessoas sensibíllissimas, muito apegadas aos filhos e tão impressionáveis que choram ao ver uma desgraça encenada no teatro, vivem na Europa a curta distância de casebres nos quais crianças morrem por pura falta de alimento, o “selvagem” também não as compreenderia. Lembro-me de como tentei em vão fazer alguns de meus amigos tunguses compreenderem nossa civilização individualista. Eles não conseguiram, e recorreram às mais fantásticas suposições. O fato é que um “selvagem”, criado em meio a ideias de uma solidariedade tribal em tudo, para o bem ou para o mal, é incapaz de compreender um europeu “moral”, que nada conhece daquela solidariedade, assim como este é incapaz de compreender o “selvagem”. Se tivessem vivido em meio a uma tribo cujo alimento durasse uns poucos dias, nossos cientistas provavelmente poderiam ter entendido seus motivos. Nesse caso, se o “selvagem” tivesse ficado entre nós e recebido nossa educação, talvez compreendesse nossa indiferença europeia em relação a nossos vizinhos e a nossas Comissões Reais criadas para impedir a proliferação do hábito de pagar a estranhos para cuidar de crianças que não são seus filhos. “Casas de pedra fazem corações de pedra”, dizem os camponeses russos. Mas, para isso acontecer, antes eles precisariam viver numa casa de pedra.

Cabe fazer observações semelhantes no que se refere ao canibalismo. Considerando todos os fatos revelados durante recente controvérsia em torno desse assunto na Sociedade Antropológica de Paris, e muitos comentários eventuais dispersos na literatura “selvagem”, tendemos a reconhecer que a prática do canibalismo originou-se por pura necessidade, mas depois se pautou pela superstição e pela religião até chegar às proporções que atingiu nas Ilhas Fiji ou no México. Sabe-se que, até hoje, muitos selvagens são compelidos a devorar cadáveres em estado avançadíssimo de putrefação e que, em casos de escassez absoluta, alguns deles tiveram de desenterrar e comer cadáveres humanos, mesmo durante uma epidemia. Esses são fatos comprovados. Mas, se nos reportarmos agora às condições que os seres humanos tiveram de enfrentar durante o período glacial, num clima úmido e frio, com pouco alimento vegetal à sua disposição, se considerarmos a terrível destruição que o escorbuto ainda faz entre os nativos subnutridos e nos lembrarmos de que carne e sangue frescos são os únicos fortificantes que eles conhecem, devemos admitir que o homem, antes um animal vegetariano, tornou-se carnívoro durante esse período. Na época, havia abundância de cervos, mas esses animais migram com frequência para as regiões árticas e algumas vezes abandonam de todo um território por vários anos. Nesses casos, os últimos recursos humanos desaparecem. Durante essas duras provações, até mesmo os europeus lançam



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

mão do canibalismo. Até hoje os “selvagens” devoram ocasionalmente os cadáveres de seus mortos; mas, naquela época, devem ter utilizado os que tinham de morrer. Idosos morriam convencidos de que, com sua morte, estavam prestando um último serviço à tribo. Essa é a razão de alguns “selvagens” darem ao canibalismo uma origem divina, como que ordenado por um mensageiro do céu. Mais tarde, porém, essa prática perdeu sua finalidade de suprir a necessidade de alimento e sobreviveu como superstição: devoravam-se os inimigos a fim de obter sua coragem e, mais tarde ainda, e com o mesmo propósito, comia-se o olho ou o coração do inimigo. Entre tribos que já tinham um clero numeroso e uma mitologia desenvolvida, foram inventados deuses maus, sedentos de sangue humano, para cujo apaziguamento os sacerdotes exigiam sacrifícios humanos. Nessa sua fase religiosa, o canibalismo atingiu suas características mais repulsivas. Aquele que se praticava no México é bem conhecido. Em Fiji, onde o rei podia comer qualquer de seus súditos, encontramos também uma poderosa casta de sacerdotes, uma teologia complexa³⁸ e um pleno desenvolvimento da autocracia. Originado pela necessidade, o canibalismo tornou-se mais tarde uma instituição religiosa e assim sobreviveu até muito depois de ter desaparecido das tribos que certamente o praticavam mas não atingiram a fase teocrática de evolução. Isso se aplica também ao infanticídio e ao abandono por parte dos pais que, em alguns casos, foram mantidos como remanescentes de tempos antigos, como uma tradição de cunho religioso.

Encerro minhas observações mencionando outro costume que também tem sido alvo das mais errôneas conclusões: a prática da vingança de sangue. Todos os selvagens têm a convicção de que o derramamento de sangue deve ser vingado: quem matou deve morrer; quem feriu deve ser ferido. Não há exceção à regra, nem mesmo para animais, ou seja, o sangue do caçador que matou um animal deve ser derramado quando de seu retorno à aldeia. Essa é a concepção de justiça dos “selvagens”, mas que ainda prevalece na Europa Ocidental em relação ao assassinato. Quando tanto o ofensor quanto o ofendido pertencem à mesma tribo, a questão é resolvida pela tribo e pela pessoa ofendida.³⁹ Mas, quando o ofensor pertence a outra tribo, e esta, por uma ou outra razão, recusa-se a dar uma compensação, então a tribo ofendida decide tomar a si a vingança. Para os povos primitivos, os atos de cada um são sempre uma questão tribal, ou seja, dependem da aprovação de todos, e é por isso que é fácil estenderem a todo o clã a responsabilidade por esses atos. Portanto, a vingança devida pode ser realizada sobre qualquer membro do clã do ofensor ou sobre qualquer parente deste.⁴⁰ Mas é frequente uma retaliação superar a ofensa: ao se tentar infligir uma ferida simples, pode-se matar o



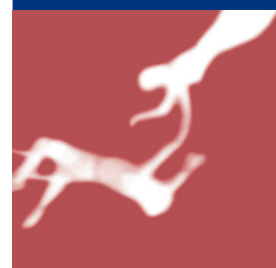
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

ofensor ou feri-lo mais que o desejado, o que se torna causa para uma nova hostilidade. Isso explica por que os legisladores primitivos foram cuidadosos ao exigirem que a represália fosse limitada a olho por olho, dente por dente, sangue por sangue.⁴¹

Mas é notável que, entre a maioria dos povos primitivos, essas hostilidades sejam infinitamente mais raras do que se poderia esperar, embora algumas delas possam atingir proporções anormais, principalmente entre montanheses que foram empurrados para as montanhas por invasores estrangeiros, como os do Cáucaso, e entre os habitantes de Bornéu – os daiaques. Soubemos recentemente que, entre os daiaques, as hostilidades chegaram ao ponto de um jovem não poder se casar, nem ser declarado adulto, sem antes cortar a cabeça de um inimigo. Essa prática horrenda foi descrita em detalhes numa obra inglesa moderna, escrita por Carl Bock.⁴² Mas parece que se trata de um exagero flagrante. Ainda mais quando a “caça de cabeças” dos daiaques adquire um significado bem diferente quando ficamos sabendo que o suposto “caçador de cabeças” não é de forma alguma motivado por paixão pessoal. Ele age de acordo com o que considera uma obrigação moral sua para com a tribo, assim como quando o juiz europeu, em obediência ao mesmo princípio, evidentemente incorreto, de “sangue por sangue”, entrega o assassino condenado ao carrasco. Tanto o daiaque como o juiz chegariam até mesmo a sentir remorso se a compaixão os levasse a poupar o assassino. Essa é a razão pela qual os daiaques são descritos por todos os que os conhecem como um povo dos mais compassivos, exceto pelos assassinatos que cometem quando movidos por sua concepção de justiça. Carl Bock, que fez uma descrição terrível dos caçadores de cabeça, escreve o seguinte:

No que se refere à moralidade, tendo a atribuir aos daiaques um lugar elevado na escala da civilização. [...] Roubos e furtos são inteiramente desconhecidos entre eles. Também são muito verdadeiros. [...] Se nem sempre obtive “toda a verdade”, obtive, no mínimo, ao menos a verdade deles. Gostaria de poder dizer o mesmo dos malaaios. (p. 209 e 210)

O testemunho de Bock é inteiramente corroborado pelo de Ida Pfeiffer. “Reconheço plenamente”, escreveu ela sobre os daiaques, “que deveria ter ficado mais tempo entre eles. Em geral, achei-os honestos, bons e reservados [...], muito mais do que qualquer outra nação que conheci”.⁴³ Stoltze usou quase a mesma linguagem quando falou deles. Os daiaques costumam ter apenas uma mulher e a tratam bem. São muito sociáveis e, toda manhã, o clã inteiro sai para pescar, caçar ou fazer horticultura, dividindo-se em grupos



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

numerosos. Suas aldeias são compostas por grandes cabanas, cada uma habitada por uma dúzia de famílias e, às vezes, por várias centenas de pessoas vivendo juntas em paz. Mostram grande respeito por suas esposas, e são apegados aos filhos. Quando uma criança adoece, as mulheres cuidam dela em turnos. Em geral, são muito moderados no comer e no beber. Tal é o daiaque em sua vida diária real.

Seria tedioso apresentar outros exemplos da vida “selvagem”. Por toda parte encontramos a mesma conduta sociável, o mesmo espírito de solidariedade. E, quando nos empenhamos em penetrar na escuridão das eras passadas, deparamo-nos com a mesma vida tribal, as mesmas associações de homens, por mais primitivas que sejam, para o apoio mútuo. Portanto, Darwin teve muita razão ao ver nas qualidades sociais do homem o principal fator para sua evolução posterior, e os vulgarizadores das concepções darwinianas estão totalmente errados quando defendem o contrário.

A pouca força e velocidade do homem [escreveu ele], sua carência de armas naturais etc. são mais do que contrabalançadas, em primeiro lugar, por suas faculdades intelectuais [que, em outra página, Darwin diz terem sido conquistadas em sua maior parte, ou mesmo exclusivamente, para o benefício da comunidade] e, em segundo lugar, por suas qualidades sociais, as quais o levaram a dar e receber ajuda de seus companheiros.⁴⁴

No século passado [19], o “selvagem” e sua “vida em estado de natureza” foram idealizados. Agora os cientistas vão ao extremo oposto, principalmente desde que alguns deles, ansiosos para provar a origem animal do homem, mas desconhecendo os aspectos sociais da vida animal, começaram a acusar o “selvagem” de todas as características “bestiais” imagináveis. Evidentemente esse exagero é ainda mais desprovido de ciência que a idealização de Rousseau. O “selvagem” não é um ideal de virtude, nem de “selvageria”. Mas o homem primitivo tem uma qualidade, elaborada e mantida pelas próprias necessidades de sua dura luta pela vida: identifica sua própria existência com a da tribo; e, sem essa qualidade, a humanidade jamais teria atingido o nível de agora.

Na verdade, os primitivos identificam sua vida com a da tribo num grau tão elevado que cada um de seus atos, por mais insignificante que seja, é considerado uma questão tribal. Todo o seu comportamento é regulado por uma série infinita de regras implícitas de adequação, que resultam de sua experiência comum do que é bom ou mau, ou seja, benéfico ou prejudicial para a própria tribo. É claro que os raciocínios que fundamentam suas regras



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

de adequação são absurdos ao extremo. Muitos deles se originam na superstição e, de modo geral, o “selvagem” vê em seus atos apenas as consequências imediatas, não prevendo as indiretas e posteriores – portanto, simplesmente exagerando um defeito pelo qual Bentham repreendeu os legisladores civilizados. Porém, sendo ou não absurdas as prescrições do direito comum, o “selvagem” as obedece, por mais inconvenientes que elas possam ser, e ainda mais cegamente do que o homem civilizado obedece à lei escrita. O direito comum é sua religião, seu próprio modo de vida. A ideia do clã está sempre presente em sua consciência, e a autorrestrição e o autossacrifício pelo clã são ocorrências diárias. Se infringir uma das regras menores da tribo, o “selvagem” é perseguido pela zombaria das mulheres. Se a infração é grave, ele passa dias e noites torturado pelo medo de ter provocado uma calamidade sobre sua tribo. Se ferir alguém de seu próprio clã por acidente, cometendo assim o maior de todos os crimes, ele fica muito infeliz: foge para a floresta e se dispõe a cometer suicídio, a menos que a tribo o absolva, infligindo-lhe uma dor física e derramando um pouco de seu próprio sangue.⁴⁵ Dentro da tribo, tudo é compartilhado; cada porção de alimento é dividida entre todos os presentes. Estando sozinho na floresta, o indivíduo não começa a comer sem antes gritar bem alto, chamando quem puder ouvir para compartilhar sua refeição.⁴⁶

Em resumo: dentro da tribo, a regra do “cada um por todos” é suprema, nos casos em que a família separada ainda não tiver quebrado a unidade tribal. Mas essa regra não se estende aos clãs vizinhos, mesmo quando federados para proteção mútua. Cada tribo ou clã é uma unidade isolada. Assim como entre os mamíferos e as aves, o território é bem distribuído entre as tribos separadas e, exceto em tempos de guerra, as fronteiras são respeitadas. Ao entrar no território dos vizinhos, o indivíduo deve demonstrar não ter más intenções. Quanto mais alto ele anuncia sua chegada, tanto mais confiança ganha e, ao entrar numa casa, deve depositar sua machadinha no limiar. Mas nenhuma tribo tem a obrigação de compartilhar sua comida com as outras; pode ou não fazê-lo eventualmente. Portanto, a vida do “selvagem” é dividida em dois conjuntos de ações, relacionados a dois aspectos éticos diferentes: as relações dentro da tribo e as relações com os estranhos, e a lei “intertribal” (assim como nossa lei internacional) difere amplamente do direito comum. Portanto, no que se refere a uma guerra, as crueldades mais repulsivas podem ser consideradas outros tantos títulos de admiração da tribo. Essa dupla concepção de moralidade perpassa toda a evolução da humanidade e se mantém até nossos dias. Nós, europeus, fizemos algum progresso – não muito grande, em todo caso – no



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

sentido de erradicar essa dupla concepção de ética; mas é preciso dizer também que, embora tenhamos em certa medida estendido, pelo menos em teoria, nossas ideias de solidariedade à nação inteira – e em parte a outras nações –, nós as enfraquecemos dentro de nossas próprias nações e mesmo dentro de nossas próprias famílias.

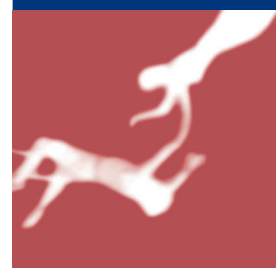
O aparecimento de uma família separada no meio do clã perturba necessariamente a unidade estabelecida. Significa propriedade e acumulação da riqueza à parte. Vimos como os esquimós evitam as inconveniências disso, e acompanhar ao longo das eras as diferentes instituições (comunidades de aldeia, corporações, e assim por diante) por meio das quais as massas se esforçaram para manter a unidade tribal, apesar das influências em contrário, é um estudo dos mais interessantes. Por outro lado, os primeiros rudimentos do saber, que apareceram numa época extremamente remota, em que se confundiam com a feitiçaria, também se tornou um poder nas mãos do indivíduo, que podia ser usado contra a tribo. Esses rudimentos foram cuidadosamente mantidos em segredo e transmitidos apenas aos iniciados nas sociedades secretas de feiticeiros, xamãs e sacerdotes que encontramos entre todos os “selvagens”. Nessa mesma época, guerras e invasões deram origem à autoridade militar, assim como a castas de guerreiros, cujas associações ou clubes adquiriram grande poder. Todavia, as guerras não foram o estado *normal* de existência em nenhum período da vida humana. Enquanto os guerreiros se exterminavam mutuamente e os sacerdotes celebravam suas carnificinas, as massas continuavam levando sua vida cotidiana, prosseguindo no labor diário. E acompanhar a vida dessas massas é uma pesquisa das mais interessantes, que inclui estudar os meios com que elas mantinham sua própria organização social, que era baseada em suas próprias concepções de equidade, de ajuda e apoio mútuos – em resumo, o direito comum, mesmo quando elas foram submetidas às mais ferozes teocracias ou autocracias estabelecidas pelo Estado.

NOTAS

¹ *Nineteenth Century*, fevereiro de 1888, p. 165.

² *The Descent of Man*, fim do cap. ii, p. 63 e 64 da 2.a edição.

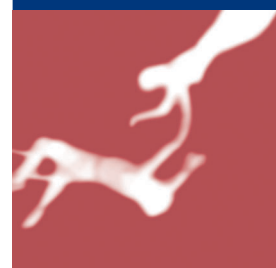
³ Certos antropólogos endossam plenamente as visões acima no que se refere ao homem. Mas algumas vezes admitem que os macacos vivem em famílias polígamas, sob a liderança de “um macho forte e ciumento”. Não sei em que medida



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

essa afirmação é baseada em observação conclusiva. Mas a passagem do livro *Thierleben*, de Brehm, que algumas vezes é citada, não pode ser considerada definitiva. Ela aparece em sua descrição geral de macacos; mas suas descrições mais detalhadas de espécies separadas contradizem-na, ou não a confirmam. Mesmo em relação aos cercopitecos, Brehm é taxativo ao dizer que eles “quase sempre vivem em bandos e muito raramente em famílias” (edição francesa, p. 59). Quanto às outras espécies, o grande número de indivíduos que compõem cada um de seus bandos, sempre contendo muitos machos, tornam a “família polígama” mais do que duvidosa, sendo evidentemente necessárias mais observações.

- ⁴ J. Lubbock, *Prehistoric times*. 4. ed. Londres, Williams & Norgate, 1890.
- ⁵ Essa extensão da calota de gelo é admitida pela maioria dos geólogos que estudaram a era glacial. O Instituto Geológico Russo já adotou essa visão no que toca à Rússia e a maioria dos especialistas alemães a defende no que se refere à Alemanha. A glaciação na maior parte do planalto central da França não deixará de ser reconhecida pelos geólogos franceses quando eles dedicarem mais atenção aos depósitos glaciais no seu todo.
- ⁶ *Prehistoric times*, p. 232 e 242.
- ⁷ Bachofen, *Das Mutterrecht*, Stuttgart, 1861; Lewis H. Morgan, *Ancient Society or Researches in the Lines of Human Progress from Savagery through Barbarism to Civilization*, Nova York, 1877; J. F. MacLennan, *Studies in Ancient History*, 1.a série, nova edição, 1886; 2.a série, 1896; L. Fison e A. W. Howitt, *Kamilaroi and Kurnai*, Melbourne. Esses quatro escritores – como Giraud Teulon observou com perspicácia –, partindo de diferentes fatos e diferentes ideias gerais, e seguindo métodos diversos, chegaram às mesmas conclusões. A Bachofen devemos a noção da família matriarcal e da sucessão matriarcal; a Morgan, o sistema de parentesco malaio e turaniano, e um esquema muito bem elaborado das principais fases da evolução humana; a MacLennan, a lei da exogamia; e a Fison e Howitt, o quadro ou esquema das sociedades conjugais na Austrália. Todos os quatro terminam estabelecendo o mesmo fato da origem tribal da família. Quando Bachofen chamou a atenção para a família matriarcal pela primeira vez, em sua obra que marcou época, e Morgan descreveu a organização do clã – ambos concorrendo para a extensão quase universal dessas formas e sustentando que as leis do casamento estão na própria base dos passos consecutivos da evolução humana –, eles foram acusados de exagero. Entretanto, pesquisas mais cuidadosas, realizadas desde então por uma falange de estudiosos da lei antiga, provaram que todas as raças da humanidade trazem marcas de terem passado por fases similares de



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

desenvolvimento dos costumes do casamento, tal como agora podemos observar em vigor entre certos selvagens. Ver os trabalhos de Post, Dargun, Kovaleski, Lubbock e seus numerosos seguidores: Lippert, Mucke etc.

⁸ Ver o Apêndice XI.

⁹ Para os semitas e os arianos, ver principalmente o livro do prof. Maxim Kovalevski, *A lei primitiva* (em russo), Moscou, 1886 e 1887. Ver também suas aulas dadas em Estocolmo ("Tableau des origines et de l'évolution de la famille et de la propriété", Estocolmo, 1890), que representam uma admirável revisão de toda a questão. Conferir também A. Post, *Die Geschlechtsgenossenschaft der Urzeit*, Oldenburg, 1875.

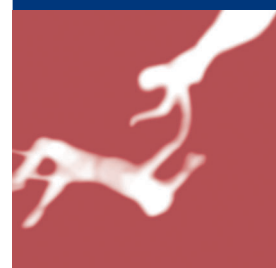
¹⁰ Seria impossível discutir aqui a origem das restrições do casamento. Eu só gostaria de comentar que existe entre os pássaros uma divisão em grupos, similar aos havaianos de Morgan; os filhotes vivem juntos, mas longe dos pais. Uma divisão semelhante provavelmente poderia ser encontrada também entre alguns mamíferos. Quanto à proibição de casamento entre irmãos e irmãs, é mais provável que tenha surgido não de especulações sobre efeitos prejudiciais da consanguinidade, especulações essas que parecem pouco prováveis, e sim para evitar uma precocidade muito fácil desse tipo de casamento. Sob coabitação íntima, ela deve ter se tornado uma necessidade imperiosa. É preciso observar também que, ao examinar a origem de novos costumes em seu conjunto, é bom lembrar que os selvagens, assim como nós, têm seus "pensadores" e seus sábios – feiticeiros, médicos, profetas etc. –, cujo saber e ideias são mais avançados que os das massas. Unidos como são em suas sociedades secretas (outra característica quase universal), certamente são capazes de exercer poderosa influência e fazer cumprir costumes cuja utilidade pode ainda não ter sido reconhecida pela maioria da tribo.

¹¹ Coronel Collins, in *Researches in South Africa*, por Philips, Londres, 1828. Citado por Waitz, ii, p. 334.

¹² Lichtenstein, *Reisen im südlichen Afrika*, ii, p. 92, 97. Berlin, 1811.

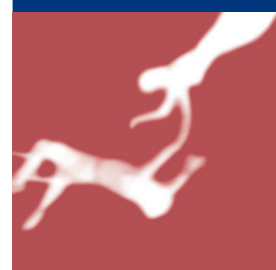
¹³ Waitz, *Anthropologie der Naturvölker*, ii, p. 335 seq. Ver também Fritsch, *Die Eingeboren Afrika's*, Brelau, 1872, pp. 386 seq.; e *Drei Jahre in Süd Afrika*. Também W. Bleck, *A Brief Account of Bushmen Folklore*, Capetown, 1875.

¹⁴ Elisée Réclus, *Géographie Universelle*, xiii, p. 475.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

- ¹⁵ P. Kolben, *The Present State of the Cape of Good Hope*, traduzido do alemão por Medley, Londres, vol. i, p. 59, 71, 333, 336, et seqs.
- ¹⁶ Citado em Waitz, *Anthropologie*, ii, p. 335 et seqs.
- ¹⁷ Os nativos que vivem ao norte de Sidney e falam a língua camilaroi são mais bem conhecidos sob esse aspecto graças à obra importante de Lorimer Fison e A. W. Howitt, *Kamilaroi and Kurnaii*, Melbourne, 1880. Ver também A. W. Howitt, "Further Note on the Australian Class Systems", in *Journal of the Anthropological Institute*, 1889, vol. xviii, p. 31, em que o autor mostra a ampla difusão da mesma organização na Austrália.
- ¹⁸ *The Folklore, Manners, etc., of Australian Aborigines*, Adelaide, 1879, p. 11.
- ¹⁹ Grey, *Journals of Two Expeditions of Discovery in North-West and Western Australia*, Londres, 1841, vol. ii, pp. 237, 298.
- ²⁰ *Bulletin de la Société d'Anthropologie*, 1888, vol. xi, p. 652. Resumi as respostas.
- ²¹ *Bulletin de la Société d'Anthropologie*, 1888, vol. xi, p. 386.
- ²² O mesmo é prática entre os papuas da baía de Kaimani, que têm fama de ser muito honestos. "Nunca acontece de um papua não cumprir sua promessa", diz Finsch em *Neuguinea und seine Bewohner*, Bremen, 1865, p. 829.
- ²³ *Notícias da Sociedade Geográfica Russa*, 1880, p. 161 et seqs. Poucos livros de viagem dão melhor compreensão dos pequenos detalhes da vida diária dos selvagens do que esses fragmentos dos cadernos de Maclay.
- ²⁴ L. F. Martial, in *Mission Scientifique au Cap Horn*, Paris, 1883, vol. i, p. 183-201.
- ²⁵ Capitain Holm, *Expedition to East Greenland*.
- ²⁶ Na Austrália, clãs inteiros têm sido vistos permutando todas as suas esposas, a fim de conjurar a calamidade (Post, *Studien zur Entwicklungsgeschichte des Familienrechts*, 1890, p. 342). Uma grande fraternidade é sua proteção contra as calamidades.
- ²⁷ H. Rink, "The Eskimo Tribes", p. 26 (*Meddelelser om Grömland*, vol. xi, 1887).
- ²⁸ H. Rink, loc. cit., p. 24. Europeus, criados no respeito ao direito romano, raramente são capazes de compreender essa força da autoridade tribal. "Na verdade", escreve Rink, "não é a exceção, mas a regra, que homens brancos, que ficaram por dez ou



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

vinde anos entre os esquimós, voltem sem ter compreendido coisa alguma sobre as ideias tradicionais que formam a base do estado social dos nativos. O homem branco, seja missionário ou comerciante, é firme em sua opinião dogmática de que o europeu mais vulgar é superior ao nativo mais distinto" (*The Eskimo Tribes*, p. 31).

²⁹ Dall, *Alaska and its Resources*, Cambridge, USA, 1870.

³⁰ Dall viu isso no Alasca, Jacobsen em Ignitok, nas vizinhanças do estreito de Behring. Gilbert Sproat menciona esse fato entre os índios de Vancouver; e Rink, que descreve as exibições periódicas acima mencionadas, acrescenta: "O uso principal da acumulação de riqueza pessoal é para distribuí-la periodicamente". Ele também menciona (op. cit., p. 31) "a destruição de propriedade com o mesmo objetivo" (de manter a igualdade).

³¹ Ver o Apêndice XII.

³² Veniaminov, *Memórias relativas ao Distrito de Unalashka* (em russo), 3 vols., São Petersburgo, 1840. O livro de Dall (*Alaska*) fornece extratos dessas memórias em inglês. Há uma descrição semelhante da moralidade dos australianos em *Nature*, xiii, p. 639.

³³ É notável que diversos escritores (Middendorff, Schrenk, O. Finsch) tenham descrito os ostiaques e os samoiedas com expressões quase idênticas. Mesmo quando bêbados, suas brigas são insignificantes. "Durante duzentos anos, apenas um assassinato foi cometido na tundra"; "suas crianças nunca brigam"; "qualquer coisa pode ser deixada durante anos na tundra, até mesmo comida e gim, e ninguém vai tocar neles". Gilbert Sproat "nunca testemunhou uma luta entre dois nativos sóbrios", nem entre os índios aht das Ilhas Vancouver, "Também é raro haver brigas entre suas crianças" (Rink, loc. cit.). E assim por diante.

³⁴ Gill, citado em Gerland e Waitz, *Anthropologie*, v. 641. Ver também p. 636-640, onde são citados muitos fatos de amor parental e filial.

³⁵ Elie Reclus, *Primitive Folk*, Londres, 1891.

³⁶ Gerland, loc. cit., p. 636.

³⁷ Erskine, citado em Gerland e Waitz, *Anthropologie*, p. 641.

³⁸ W. T. Pritchard, *Polynesian Reminiscences*, Londres, 1866, p. 363.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

³⁹ É impressionante que, no caso de uma sentença de morte, ninguém chame a si o papel de carrasco. Cada um lança sua pedra ou dá seu golpe de machadinha, evitando cuidadosamente dar um golpe mortal. Numa época posterior, o sacerdote vai apunhalar a vítima com uma faca sagrada. Mais tarde ainda, o carrasco é o rei, até que a civilização invente o carrasco pago. Ver os profundos comentários de Bastian sobre esse assunto em “Die Blutrache”, p. 1-36 (*Der Mensch in der Geschichte*, iii). Um resquício desse hábito tribal, disse-me E. Nys, sobreviveu nas execuções militares até nossos dias. No meio do século 19, era hábito carregar os fuzis dos doze soldados convocados para atirar na vítima condenada, com onze cartuchos com bala e um sem bala. Como os soldados nunca sabiam qual dentre eles tinha este último, cada um podia consolar sua consciência pesada pensando não ter sido um dos assassinos.

⁴⁰ Também na África, é um hábito amplamente difundido que, se um furto tiver sido cometido, o clã vizinho deve restaurar o equivalente à coisa roubada e depois procurar ele mesmo o ladrão. A. H. Post, *Afrikanische Jurisprudenz*, Leipzig, 1887, vol. i, p. 77.

⁴¹ Ver de M. Kovalevski, *Costumes Modernos e Lei Antiga* (em russo), Moscou, 1886, vol. ii, que contém muitas considerações importantes sobre esse assunto.

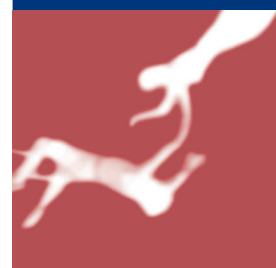
⁴² Ver Carl Bock, *The Head Hunters of Borneo*, Londres, 1881. Entretanto, sir Hugh Law, que foi governador do Bornéu durante muito tempo, disse-me que a “caça de cabeças” descrita em seu livro foi bem exagerada. Em geral, meu informante fala dos daiaques exatamente nos mesmos termos simpáticos de Ida Pfeiffer. Eu gostaria de acrescentar que, em seu livro sobre a África Ocidental, Mary Kingsley refere-se em termos simpáticos aos fans, que antes haviam sido apresentados como os mais “terríveis canibais”.

⁴³ Ida Pfeiffer, *Meine zweite Weltreise*, Viena, 1856, vol. i, p. 116 et seqs. Ver também Müller e Temminch, *Dutch Possessions in Archipelagic India*, citado por Elisée Réclus in *Géographie Universelle*, xiii.

⁴⁴ *The Descent of Man*, 2. ed., p. 63, 64.

⁴⁵ Ver Bastian, *Mensch in der Geschichte*, iii, p. 7. Ver também Grey, loc. cit., ii, p. 238.

⁴⁶ Miklkh-Maclay, loc. cit. Os mesmos hábitos vigoram entre os hotentotes até nossos dias.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

AJUDA MÚTUA ENTRE OS BÁRBAROS

As grandes migrações – A necessidade de uma nova organização – A comunidade aldeã – O trabalho comunal – O procedimento judicial – A lei intertribal – Exemplos da vida de nossos contemporâneos – Os buriates – Os cabilas – Os montanhese do Cáucaso – Linhagens africanas

Impossível estudar a humanidade primitiva sem ficarmos profundamente impressionados com a sociabilidade que ela revela desde seus primeiros passos na Terra. Vestígios de sociedades humanas são encontrados no que restou tanto do início quanto do final da Idade da Pedra. E, quando chegamos até os “selvagens” de hoje, cujos modos de vida são os do Neolítico, ainda os vemos intimamente ligados por uma antiquíssima forma de organização em clãs, que lhes possibilita combinar suas parcas forças individuais para desfrutar a vida em comum e progredir. O ser humano não é exceção na natureza. Ele também está sujeito ao grande princípio da ajuda mútua, que garante àqueles que mais se apóiam uns aos outros as melhores possibilidades de sobrevivência. Essas foram as conclusões a que chegamos nos capítulos anteriores.

No entanto, assim que chegamos a um estágio mais avançado de civilização e consultamos a História, que já tem algo a dizer sobre ele, ficamos perplexos com as lutas e conflitos que revela. Os laços antigos parecem inteiramente destruídos. Vemos guerra entre linhagens, entre tribos, entre indivíduos; e, dessa batalha caótica entre forças hostis, a humanidade saiu dividida em castas, escravizada por déspotas, separada em Estados sempre prontos a travar guerra uns contra os outros. E, revelada essa história da humanidade, o filósofo pessimista conclui triunfantemente que a guerra e a opressão são a verdadeira essência da natureza humana, que os instintos belicosos e predatórios do ser humano só podem ser mantidos dentro de



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

100

certos limites por uma autoridade forte que imponha a paz e assim dê uma oportunidade aos poucos mais nobres de preparar uma vida melhor para a humanidade no futuro.

Apesar disso, quando submetemos a vida cotidiana do ser humano durante a História a uma análise mais cuidadosa – como têm feito ultimamente muitos pacientes estudiosos das instituições humanas mais antigas –, ela adquire imediatamente um aspecto muito diferente. Deixando de lado as ideias preconcebidas da maioria dos historiadores e sua evidente predileção pelos aspectos dramáticos da História, vemos que os documentos que eles examinam são exatamente aqueles que exageram o lado guerreiro da vida humana e subestimam o lado pacífico. Perdem de vista os dias brilhantes e ensolarados para focar os vendavais e as tempestades. Mesmo agora, os registros sombrios que preparamos para o futuro historiador em nossa imprensa, nos tribunais, nos órgãos governamentais e até mesmo em nossa ficção e poesia sofrem dessa mesma parcialidade. Eles transmitem à posteridade as descrições mais minuciosas de toda guerra, batalha e escaramuça, de toda disputa e ato de violência, de todo tipo de sofrimento individual, mas dificilmente mostram algum vestígio dos incontáveis atos de devoção e apoio mútuos que cada um de nós conhece a partir de sua própria experiência; mal reparam naquilo que constitui a verdadeira essência da vida cotidiana – nossos instintos e costumes sociais. Portanto, não é de admirar que os documentos do passado sejam tão imperfeitos. Os cronistas dos tempos antigos nunca deixaram de registrar todas as pequenas guerras e calamidades que afligiram seus contemporâneos, mas não deram atenção alguma à vida das massas, se bem que, em sua maioria, elas continuassem trabalhando pacificamente enquanto uns poucos se dedicavam à luta. Os poemas épicos, as inscrições nos monumentos, os tratados de paz, quase todos os documentos históricos revelam o mesmo caráter: falam das violações da paz, não da paz em si. Portanto, mesmo o historiador bem intencionado tira inconscientemente uma conclusão distorcida das épocas que se esforça por descrever, de modo que, para recuperar as verdadeiras proporções entre o conflito e a união, somos agora obrigados a recorrer à análise minuciosa de milhares de pequenos fatos e de indícios vagos acidentalmente preservados no que restou do passado, a interpretá-los com a ajuda da etnologia comparada e, depois de tanto ouvir falar sobre o que dividia os seres humanos, reconstruir, pedra sobre pedra, as instituições que os uniam.



Piotr Kropotkin
**AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução**

101

Um longo período histórico terá de ser reescrito de acordo com novas perspectivas, levando em conta essas duas correntes da vida humana e o papel desempenhado por elas na evolução. Mas, nesse ínterim, podemos avaliar o imenso trabalho preparatório feito recentemente com a intenção de restaurar as principais características da segunda corrente, em geral muito desconsideradas. Podemos tirar alguns exemplos da vida das massas dos períodos mais bem conhecidos da História para mostrar o papel neles desempenhado pelo apoio mútuo e, com isso, dispensar (em nome da concisão) a volta à Antiguidade egípcia ou mesmo à greco-romana. Isso porque, na verdade, a evolução humana não tem o caráter de uma série ininterrupta. A civilização chegou ao fim por várias vezes numa determinada região, com uma determinada raça, e recomeçou em outro lugar, entre outras raças. Mas, a cada reinício, construíram as mesmas instituições de clãs que vemos entre os “selvagens”. Portanto, se considerarmos o último reinício de nossa própria civilização, nos primeiros séculos de nossa era, entre aqueles que os romanos chamavam de “bárbaros”, teremos toda a escala da evolução, começando com a organização tribal e terminando com as instituições atuais.

Os cientistas ainda não chegaram a um acordo sobre por que, há cerca de dois mil anos, nações inteiras se dirigiram da Ásia para a Europa, o que resultou nas grandes migrações de bárbaros que puseram fim ao Império Romano do Ocidente. Mas uma causa é naturalmente sugerida ao geógrafo, quando ele contempla as ruínas de cidades populosas nos desertos da Ásia Central ou segue o leito de rios antigos desaparecidos e os amplos contornos de lagos hoje reduzidos a simples pântanos. Estes passaram por um processo de dessecação muito recente, que prossegue ainda a uma velocidade que antes não estávamos preparados para admitir¹ e contra o qual o ser humano foi impotente. Quando viram que a água os estava abandonando, os habitantes do noroeste da Mongólia e do leste do Turquestão não tiveram outra saída além de tomar a direção dos grandes vales que levavam para as planícies e empurrar os habitantes locais para oeste.² Assim, levas e levas foram expelidas para a Europa, obrigando outras a se deslocarem continuamente por séculos a fio, para o leste e para o oeste, em busca de um lugar novo e mais ou menos permanente para morar. Raças misturaram-se durante essas migrações, aborígenes com imigrantes, arianos com habitantes do Ural-Altaí, e não surpreenderia se as instituições sociais que as mantinham coesas em suas terras de origem tivessem sido totalmente destruídas durante a estratificação das raças ocorrida na Europa e na Ásia. Mas elas *não* foram destruídas; só passaram pelas modificações exigidas pelas novas condições de vida.



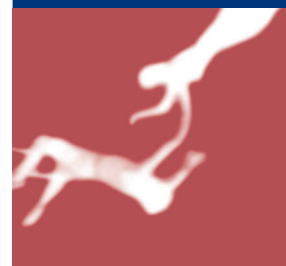
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

102

Os teutões, os celtas, os escandinavos, os eslavos e outros, quando entraram em contato com os romanos pela primeira vez, estavam num processo de transição em termos de organização social. Os agrupamentos de clãs, que se baseavam numa origem comum real ou suposta, mantiveram-nos unidos durante muitos milhares de anos consecutivos. Contudo, esses agrupamentos só podiam atender a seus propósitos quando não havia famílias separadas no interior da própria gens ou clã. Mas, como já dissemos, a família patriarcal separada tinha se desenvolvido no interior dos clãs de forma lenta, mas sistemática e, a longo prazo, é evidente que levou à acumulação individual e à transmissão hereditária de riqueza e poder.

As migrações frequentes dos bárbaros e as guerras a que deram origem só apressaram a divisão das tribos em famílias separadas, enquanto a dispersão das linhagens e sua mistura com estrangeiros ofereceram facilidades singulares para a desintegração final daqueles agrupamentos baseados no parentesco. Desse modo, os bárbaros viram-se divididos em duas situações: a de clãs dissolvidos em agregados frouxos de famílias, entre as quais as mais ricas, principalmente quando combinavam funções sacerdotais ou reputação militar com riqueza, conseguiam impor sua autoridade sobre as demais, e a de busca de uma outra forma de organização baseada em algum novo princípio.

Muitas linhagens não conseguiram resistir à desintegração: fragmentaram-se e desapareceram da História. No entanto, as mais vigorosas criaram uma nova organização – a *comunidade aldeã* – que as manteve coesas durante os quinze séculos seguintes ou mais. Essa foi a origem da concepção de um *território comum*, conquistado ou protegido por esforços conjuntos, que substituiu a de *origem comum*. Os deuses comuns perderam gradualmente seu caráter de ancestrais e foram dotados de um caráter territorial local; tornaram-se deuses ou santos de um determinado local e “a terra” era identificada com seus habitantes. Desse modo, os agrupamentos consanguíneos foram sucedidos pelos territoriais, e essa nova organização oferecia evidentemente muitas vantagens em determinadas circunstâncias: reconhecia a independência da família e até a enfatizava; a comunidade aldeã negava o direito de qualquer interferência no que se dava no interior da família; dava muito mais liberdade à iniciativa pessoal; não era hostil, em princípio, à união entre pessoas de origens diferentes e, ao mesmo tempo, mantinha a coesão necessária entre ação e pensamento, sendo forte o bastante para se opor às tendências dominadoras das minorias de feiticeiros, sacerdotes e guerreiros profissionais ou destacados. Em função disso, ela se tornou a

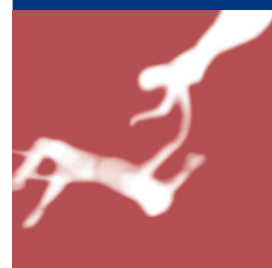


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

célula primitiva da futura organização e, em muitas nações, a comunidade aldeã ainda preserva esse caráter.

Agora é do conhecimento geral que a comunidade aldeã não foi uma característica específica dos eslavos, e nem mesmo dos antigos teutões. Existiu na Inglaterra, no período saxão e no período normando, e sobreviveu em alguns lugares até o século 19;³ foi a base da organização social da Escócia, da Irlanda e do País de Gales. Na França, a posse e a divisão comunais da terra arável pelas assembleias dos aldeões persistiu desde os primeiros séculos de nossa era até a época de Turgot, que aboliu essas assembleias por considerá-las “barulhentas demais”. A comunidade aldeã sobreviveu ao domínio romano na Itália e renasceu depois da queda do Império Romano. Foi a regra entre os escandinavos, os eslavos, os finlandeses (na *pittäya* e também provavelmente na *kihlakunta*), os cures e os lives. A comunidade aldeã na Índia – do passado e do presente, ariana e não-ariana – é bem conhecida graças às obras de Henry Maine, que marcaram época, e a afegã foi descrita por Elphinstone. Também a encontramos no *ulus* mongol, no *thaddart* cabila, na *dessa* javanesa, na *kota* ou *tofa* malaia e, sob uma grande quantidade de nomes, na Abissínia, no Sudão, no interior da África, entre os nativos de ambas as Américas, entre todas as grandes e pequenas tribos dos arquipélagos do Pacífico. Em resumo: não conhecemos uma única raça humana ou uma única nação que não tenha tido seu período de comunidades aldeãs. Só esse fato já descarta a teoria segundo a qual a comunidade aldeã na Europa teria sido uma organização servil, pois ela é anterior à servidão e nem mesmo a submissão dos servos foi capaz de destruí-la. Foi uma fase universal da evolução, um resultado natural da organização em clãs, ao menos com todas aquelas linhagens que tiveram ou ainda têm algum papel na História.⁴

Portanto, por seu surgimento natural, a comunidade aldeã não teve condições de manter uma uniformidade absoluta em sua estrutura. Em geral, foi constituída por uma união de famílias consideradas de descendência comum e que possuíam um certo território em comum. Mas, em algumas linhagens e sob determinadas circunstâncias, essas famílias cresciam muito antes de se ramificarem em outras novas; cinco, seis ou sete gerações continuavam a viver sob o mesmo teto ou no mesmo espaço, possuindo habitação e gado em comum e tomando suas refeições ao redor do mesmo fogo. Nesse caso, eram o que a etnologia chama de “família composta” ou “lar indiviso”, que ainda vemos em toda a China, na Índia, na zadruga dos eslavos meridionais e ocasionalmente na África, na Dinamarca, no norte da Rússia e no oeste da



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

França.⁵ Em outras linhagens ou em outras circunstâncias ainda não muito bem especificadas, as famílias não atingiam as mesmas proporções: os netos, e de quando em quando os filhos, deixavam o lar tão logo se casavam e cada um deles começava uma nova célula própria. Mas, juntas ou não, agrupadas ou dispersas na floresta, as famílias mantinham-se unidas em comunidades aldeãs; várias aldeias eram agrupadas em tribos; e as tribos formavam confederações. Essa foi a organização social que se desenvolveu entre os chamados “bárbaros”, quando eles começaram a se estabelecer de forma mais ou menos estável na Europa.

Foi necessária uma evolução muito longa antes que as tribos, ou clãs, admitissem alguém viver à parte na cabana de uma família patriarcal; mas, mesmo depois de esta ter sido aceita, em geral o clã não conheceu a herança pessoal de propriedade. As poucas coisas que tinham sido propriedade pessoal de um indivíduo eram destruídas em seu túmulo, ou enterradas com ele. Por outro lado, a comunidade aldeã aceitava inteiramente a acumulação privada de riqueza dentro da família e sua transmissão hereditária. Mas a riqueza era concebida exclusivamente sob a forma de propriedade *móvel*, incluindo gado, instrumentos, armas e a casa de moradia, que – “como todas as coisas que podem ser destruídas pelo fogo” – pertenciam à mesma categoria.⁶ Quanto à propriedade privada da terra, a comunidade aldeã não admitia nada do gênero, e não poderia admitir e, em regra, não a admite hoje. A terra era a propriedade comum da tribo ou de toda a linhagem, e a própria comunidade aldeã só tinha a posse de sua parte do território tribal até o momento em que a tribo reclamasse a redistribuição das porções de terra da aldeia. Já que, em sua maior parte, a abertura de clareiras nas florestas e a limpeza das pradarias eram feitas pelas comunidades ou, ao menos, pelo trabalho conjunto de diversas famílias – sempre com o consentimento da comunidade –, as parcelas de terra assim trabalhadas eram mantidas por cada família por um período de quatro, doze ou vinte anos, após o qual eram tratadas como parte da terra arável comum. A propriedade privada ou a posse “permanente” era incompatível com os próprios princípios e concepções religiosas da comunidade aldeã, assim como com os princípios dos clãs, de modo que foi necessária uma longa influência do direito romano e da Igreja cristã – que logo aceitou os princípios romanos – para acostumar os bárbaros à ideia de ser possível a propriedade privada da terra.⁷ Apesar disso, mesmo quando tal propriedade ou posse por tempo ilimitado foi reconhecida, o dono de uma propriedade rural separada continuava possuindo em comum as terras incultas, as florestas e as pastagens. Além disso, vimos muitas vezes – principalmente na história da Rússia – que,



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

quando algumas famílias, agindo separadamente, tomavam posse de alguma terra pertencente a tribos que eram tratadas como estrangeiras, elas rapidamente se associavam e constituíam uma comunidade aldeã que, na terceira ou quarta geração, começava a se declarar uma comunidade original.

Toda uma série de instituições, herdadas em parte do período dos clãs, desenvolveu-se a partir dessa base de propriedade comum da terra durante a longa sucessão de séculos que foi necessária para levar os bárbaros a viver sob o domínio de Estados organizados segundo o padrão romano ou bizantino. A comunidade aldeã foi uma associação para garantir a cada um não apenas sua parte justa da terra comum, mas também o cultivo comum, o apoio mútuo sob todas as formas possíveis, a proteção contra a violência e um incremento do saber, dos laços nacionais e das concepções morais; e toda e qualquer mudança nos costumes jurídicos, militares, educacionais ou econômicos tinha de ser decidida nas assembleias aldeãs, da tribo ou da confederação. Como a comunidade era uma continuação da gens, herdou todas as funções desta. Ela era a *universitas*, o *mir* – um mundo em si mesmo.

A caça, a pesca e a cultura dos pomares ou das plantações de árvores frutíferas em comum era a regra nas antigas gens, assim como a agricultura em comum era nas comunidades aldeãs bárbaras. É realmente escasso o testemunho direto disso e, na literatura da Antiguidade, temos apenas as passagens de Diodoro e de Júlio César falando dos habitantes das ilhas Lipari, uma das tribos celto-ibéricas, e dos suevos. Mas não faltam evidências de que a agricultura em comum era praticada entre certas tribos teutônicas, entre os francos e entre os antigos escoceses, irlandeses e galeses.⁸ São incontáveis as últimas sobrevivências dessa prática. Até na França totalmente romanizada, o cultivo em comum era habitual há cerca de 25 anos em Morbihan (Bretanha).⁹ O antigo *cyvar* ou associação de lavradores do País de Gales e o cultivo em comum da terra alocada para o uso do santuário da aldeia são muito comuns entre as tribos menos civilizadas do Cáucaso,¹⁰ e fatos semelhantes são cotidianos entre os camponeses russos. Além disso, é bem sabido que muitas tribos do Brasil, da América Central e do México cultivavam seus campos em comum e que o mesmo hábito é amplamente difundido entre alguns malaios, na Nova Caledônia, entre diversas linhagens negras, e assim por diante.¹¹ Em resumo, o cultivo em comum é tão habitual em tantas linhagens de arianos, uralo-altaicos, mongóis, negros, índios “peles-vermelhas”, malaios e melanésios que devemos considerá-lo uma forma universal – mesmo que não a única possível – de agricultura primitiva.¹²



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

106

Entretanto, o cultivo em comum não implica necessariamente o consumo em comum. Já sob a organização de clã vimos frequentemente que, quando os botes carregados de frutas ou peixes voltavam para a aldeia, tudo que eles traziam era dividido entre as cabanas e as “casas grandes” habitadas por várias famílias, ou pelos jovens, e as refeições eram preparadas separadamente em cada fogão. Esse hábito de fazer as refeições com o círculo mais íntimo de parentes ou associados prevaleceu num período mais antigo da vida do clã. E tornou-se a regra na comunidade aldeã. Mesmo o resultado do cultivo em comum era geralmente dividido entre os lares, depois de se armazenar uma parte para uso da comunidade. No entanto, a tradição de refeições em comunidade foi mantida com devoção; toda oportunidade disponível, como as homenagens aos antepassados, as festas religiosas, a semeadura e a colheita, os casamentos e os funerais, era aproveitada para reunir a comunidade em uma refeição conjunta. Até hoje, esse hábito, conhecido na Inglaterra como “ceia da colheita”, parece ser o último a desaparecer. Por outro lado, quando os campos deixaram de ser arados e semeados em comum, vários trabalhos agrícolas continuaram e continuam sendo executados pela comunidade. Em muitos casos, uma parte da terra comunal ainda é cultivada em comum, seja para o uso dos carentes, seja para os armazéns comunais, seja para usar o produto nas festas religiosas. Os canais de irrigação são cavados e reparados em comum. Os prados são ceifados pela comunidade e a vista de uma comuna russa nessa atividade – os homens rivalizando-se em seu avanço com a foice, enquanto as mulheres reviram o feno e o fazem montes com ele – é uma das mais inspiradoras, mostrando o que o trabalho humano pode e deve ser. Nesse caso, o feno é dividido entre os lares separados, e é evidente que ninguém tem o direito de tirá-lo do monte do vizinho sem sua permissão. Mas a limitação dessa última regra é das mais notáveis entre os ossétios caucasianos. Quando o cuco pia e anuncia que a primavera está chegando e que logo os prados estarão novamente cobertos de feno, quem está necessitado tem o direito de tirar do monte do vizinho a quantidade que quiser para seu gado.¹³ Os antigos direitos comunais são assim reafirmados, como para provar o quanto o individualismo desenfreado é contrário à natureza humana.

Quando desembarca em alguma pequena ilha do Pacífico e vê ao longe um bosque de palmeiras, o viajante europeu caminha na direção deste e fica atônito ao descobrir que as pequenas aldeias são conectadas por estradas pavimentadas com grandes pedras, muito confortáveis para os nativos descalços e muito semelhantes às “velhas estradas” das montanhas suíças. Essas estradas foram traçadas pelos “bárbaros” em toda a Europa e foi preciso viajar para



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

países “selvagens” densamente povoados, distantes das principais linhas de comunicação, para perceber com clareza o imenso trabalho que deve ter sido realizado pelas comunidades bárbaras a fim de conquistar as regiões despovoadas de florestas e pântanos da Europa de há cerca de dois mil anos. Famílias isoladas, sem ferramentas e fracas como eram, não poderiam tê-las conquistado; essas regiões estavam além de suas forças. Apenas comunidades aldeãs, trabalhando em comum, poderiam dominar as florestas selvagens, os pântanos e as estepes infindáveis. As estradas acidentadas, as balsas e as pontes de madeira, que eram destruídas no inverno e reconstruídas depois de terminado o degelo da primavera, as cercas e paliçadas das aldeias, os fortes feitos de barro e as pequenas torres que salpicavam o território – tudo isso era resultado do trabalho das comunidades bárbaras. E, quando ficava muito numerosa, a comunidade se ramificava. Surgia à distância uma nova comunidade, de modo que, pouco a pouco, as florestas e estepes iam sendo dominadas pelos seres humanos. Toda a constituição das nações europeias teve origem nessa ramificação de comunidades aldeãs. Mesmo hoje em dia, quando não estão muito abatidos pela miséria, os camponeses russos migram em comunidades e ainda aram o solo e constroem suas casas em comum quando se estabelecem às margens do rio Amur ou em Manitoba [Canadá]. E mesmo os ingleses, quando começaram a colonizar a América, retornavam ao antigo sistema, agrupando-se em comunidades aldeãs.¹⁴

A comunidade aldeã era o principal instrumento dos bárbaros em sua dura luta contra a natureza hostil. Era também o vínculo que eles opunham à opressão dos mais astutos e dos mais fortes, que devem ter se desenvolvido naqueles tempos tumultuados com grande facilidade. O bárbaro imaginário – que luta e mata por mero capricho – existiu tanto quanto o selvagem “sedento de sangue”. O bárbaro real vivia, ao contrário, sob uma ampla gama de instituições, levando em conta o que poderia ser útil ou prejudicial à sua tribo ou confederação. E essas instituições eram devotadamente transmitidas de geração a geração, em versos e cantos, em provérbios ou tríades, em sentenças e instruções. Quanto mais os estudamos mais reconhecemos os estreitos laços que uniam os homens em suas aldeias. Toda rixa entre dois indivíduos era tratada como uma questão comunitária – mesmo as palavras ofensivas que poderiam ter sido proferidas durante uma rixa tinham de ser reparadas por retratações tanto ao ofendido quanto à comunidade;¹⁵ e se uma delas terminasse com luta e alguém ferido, o homem que estivesse por perto e não se interpusesse era tratado como se ele próprio tivesse infligido os ferimentos.¹⁶



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

O procedimento judicial era imbuído do mesmo espírito. Todas as brigas eram levadas primeiro diante de mediadores ou árbitros e, na maioria dos casos, eram decididas por eles, que tinham um papel muito importante na sociedade bárbara. Mas, se fosse grave demais para ser resolvido dessa maneira, o caso era examinado pela assembleia – que tinha de “pronunciar uma sentença” e fazê-lo de forma condicional, ou seja, “se provado o erro, exigia-se uma compensação” – e a prova ou desmentido por seis ou doze pessoas, que confirmavam ou negavam o fato sob juramento; em caso de contradição entre os dois conjuntos de jurados, recorria-se ao ordálio. Esse procedimento, que se manteve continuamente em vigor por mais de dois mil anos, fala por si mesmo; mostra como eram estreitos os laços entre todos os membros da comunidade. Além disso, não havia nada mais para fazer cumprir as decisões da assembleia do povo além da autoridade moral desta. A única ameaça possível era a de que a comunidade poderia declarar o rebelde um fora da lei; mas, mesmo nesse caso, a ameaça era recíproca. Um homem descontente com a assembleia do povo poderia declarar que abandonaria a tribo e se mudaria para outra – essa era a mais temível das ameaças, pois supunham essas comunidades que toda sorte de infortúnios poderia recair sobre uma tribo que tivesse sido injusta com um de seus membros.¹⁷ Era simplesmente “inconcebível” rebelar-se contra uma decisão correta do direito costumeiro, como tão bem disse Henri Maine, porque, naquela época, “lei, moralidade e fato” não podiam ser separados.¹⁸ Era tão grande a autoridade moral da comunidade que, mesmo em uma época muito posterior, quando submetidas ao senhor feudal, as comunidades aldeãs mantiveram seus poderes judiciais: ao senhor, ou ao “delegado” deste, era permitido “pronunciar” a sentença condicional de acordo com a lei costumeira que ele jurara seguir e arrecadar para si a multa (*fred*) devida à comunidade. Mas, por longo tempo, o próprio senhor, se continuasse coproprietário das terras incultas da comunidade, submetia assuntos comunais às decisões desta. Nobre ou eclesiástico, ele tinha de se submeter à assembleia do povo – “*Wer daselbst Wasser und Weid genusst, muss gehorsam sein*” (“Quem desfruta aqui o direito de água e de pasto deve obedecer”) era o antigo refrão. Mesmo quando os camponeses se tornaram servos, o senhor era obrigado a comparecer à assembleia do povo quando esta o convocava.¹⁹

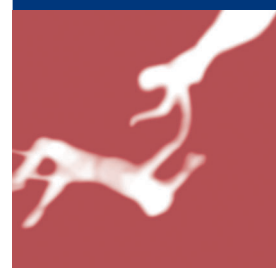
É evidente que os bárbaros não diferiam muito dos “selvagens” em suas concepções de justiça. Também achavam que um assassinato deve ser seguido pela morte do assassino; que os ferimentos deviam ser punidos por ferimentos iguais; e que a família ultrajada era quem devia executar a sentença da lei



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

costumeira. Esses eram deveres sagrados, deveres para com os ancestrais, cujo cumprimento tinha de ser à luz do dia, nunca em segredo, e amplamente divulgado. Portanto, as passagens mais inspiradas das sagas e da poesia épica são aquelas que glorificam o que se supunha ser a justiça. Os próprios deuses se juntavam para lhe dar apoio. Entretanto, a característica predominante da justiça bárbara era, por um lado, a de limitar o número de pessoas que podiam estar envolvidas numa rixa e, por outro, a de extirpar a ideia brutal de sangue por sangue e ferimento por ferimento, substituindo-a pelo sistema de compensação. Os códigos bárbaros – que eram conjuntos de regras de direito costumeiro escritas para uso de juízes – “primeiro permitiram, depois encorajaram e finalmente obrigaram” a compensação em lugar da vingança.²⁰ Mas a compensação foi muitíssimo mal interpretada por aqueles que a entenderam como multa e como uma espécie de carta branca dada ao rico para que este fizesse o que lhe desse na cabeça. A compensação em dinheiro (*Wergeld*) era muito diferente da multa (*fred*)²¹ e habitualmente tão alta para qualquer tipo de ofensa ativa que por certo desencorajava tais atos. No caso de um assassinato, ela geralmente excedia toda a fortuna do assassino: “dezoito vezes dezoito vacas” é a compensação entre os ossétios, que não sabem contar acima de dezoito; entre as tribos africanas, atinge 800 vacas ou 100 camelos com suas crias, ou 416 ovelhas nas tribos mais pobres.²² Na grande maioria dos casos, a compensação não podia ser paga de forma alguma, de modo que o assassino não tinha outra alternativa além de, contritamente, induzir a família ultrajada a adotá-lo. Mesmo agora, no Cáucaso, quando as rixas terminam, o ofensor toca com seus lábios o seio da mulher mais velha da tribo e torna-se, assim, um “irmão-de-leite” de todos os homens da família ofendida.²³ Entre várias tribos africanas, o ofensor tem de dar sua filha ou irmã em casamento a alguém da família ofendida; entre outras, tem de casar com a mulher que enviuvou; e, em todos os casos, ele se torna um membro da família, cuja opinião é considerada em todas as questões familiares importantes.²⁴

Além disso, longe de agir com desprezo pela vida humana, os bárbaros desconheciam os horrendos castigos introduzidos em época posterior pelas leis laicas e canônicas sob influência romana e bizantina. O código saxônico admitia muito facilmente a pena de morte, mesmo para o incendiarismo e o roubo à mão armada, mas os outros códigos bárbaros só a utilizavam quando havia traição aos próprios parentes e sacrilégio contra os deuses da comunidade, neste último caso como o único meio de apaziguar as divindades.



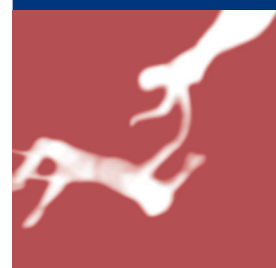
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Como se vê, tudo isso está muito longe da suposta “dissolução moral” dos bárbaros. Ao contrário, só podemos admirar os princípios profundamente morais elaborados dentro das primeiras comunidades aldeãs, que se expressaram nas tríades galesas, nas lendas sobre o Rei Arthur, nos comentários de Brehon,²⁵ nas antigas lendas germânicas, e assim por diante, ou que ainda se expressam nos ditos dos bárbaros modernos. Em sua introdução a *The History of Burnt Njal* (*A história de Burnt Njal*), George Dasent resume, bem a propósito, as qualidades do normando, tal como aparecem nas sagas:

Admitir a verdade abertamente e como um homem, sem medo de inimigos, de espíritos malignos ou do destino; [...] ser livre e corajoso em todos os seus atos; ser gentil e generoso com seus amigos e parentes; ser severo e inflexível com seus inimigos [aqueles que estão sob a lei do Talião], mas mesmo com eles cumprir todos os deveres sagrados. [...] Observar a trégua, não ser intrigante, nem caluniador. Nada proferir contra qualquer homem que não se atrevesse a lhe dizer pessoalmente. Não deixar de dar abrigo ou comida a quem o peça, mesmo que seja um inimigo.²⁶

Princípios iguais ou até melhores permeiam a poesia épica e as tríades galesas. Agir “de acordo com a natureza da brandura e com os princípios da equidade”, seja com amigos ou inimigos, e “reparar o erro” são os deveres mais elevados do homem; “o mal é a morte, o bem é a vida”, exclama o poeta legislador.²⁷ “O mundo seria absurdo se os acordos feitos oralmente não fossem honrados”, diz a lei de Brehon. E o humilde xamã da Mordóvia, após ter elogiado essas mesmas qualidades, acrescenta, em seus princípios da lei costumeira: “entre vizinhos, a vaca e a caneca de recolher o leite são comuns”, “a vaca deve ser ordenhada para si mesmo e para aquele que pedir leite”, “o corpo de uma criança fica vermelho por causa do golpe, mas o rosto daquele que a golpeia fica vermelho de vergonha”,²⁸ e assim por diante. Poderíamos encher páginas e páginas com princípios semelhantes, expressos e seguidos pelos “bárbaros”.

Outra característica das antigas comunidades aldeãs merece uma atenção especial: a ampliação gradual do círculo de homens unidos pelos sentimentos de solidariedade. Além de se reunirem em tribos, as próprias linhagens, mesmo de origens diferentes, organizavam-se em confederações. Algumas delas eram muito fortes: os vândalos, por exemplo, depois que parte de sua confederação foi para o Reno, e de lá para a Espanha e para a África, respeitaram durante quarenta anos consecutivos os marcos territoriais e as aldeias abandonadas por esse ramo de sua confederação e só se apossaram delas depois de se

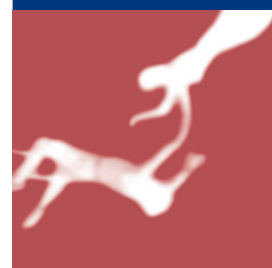


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

certificarem, por meio de enviados, que seus membros não tinham a intenção de voltar. Entre outros bárbaros, o solo era cultivado por uma parte da linhagem, enquanto a outra combatia nas fronteiras do território comum ou mesmo além delas. Eram comuns as ligas entre diversas linhagens: os sicambros uniram-se aos cheruscos e aos suevos; os godos, aos sármatas; os sármatas, aos alanos, aos cárpios e aos hunos. Mais tarde, vemos também o conceito de nação desenvolver-se gradualmente na Europa, muito antes que algo parecido com um Estado tivesse aparecido em algum lugar do continente ocupado pelos bárbaros. Mas essas nações – pois é impossível recusar o nome de nação à França merovíngia ou à Rússia dos séculos 11 e 12 – foram mantidas somente pela unidade linguística e por um acordo tácito entre as pequenas repúblicas de escolher seus duques no interior de uma única família especial.

As guerras eram certamente inevitáveis; migração significava guerra. Mas Henry Maine já provou cabalmente, em seu estudo notável sobre a origem tribal do direito internacional, que “o ser humano nunca foi feroz ou estúpido a ponto de se submeter a um mal como a guerra sem algum tipo de esforço para evitá-la”. E mostrou que “o número de antigas instituições que ficaram marcadas por um projeto para impedir a guerra ou para fornecer uma alternativa a ela”²⁹ foi extraordinariamente grande. Na realidade, o ser humano está longe de ser o guerreiro que se supõe. Tanto que os bárbaros, quando se radicaram, perderam tão depressa os seus hábitos de guerra que logo foram obrigados a escolher duques especiais acompanhados por *scholae* especiais – bandos particulares de guerreiros – para protegê-los de possíveis intrusos. Preferiam o trabalho sossegado à guerra, e foi a própria índole pacífica do homem a causa da especialização do ofício de guerreiro, que acabou desembocando na servidão e em todas as guerras da história humana travadas no “período dos Estados”.

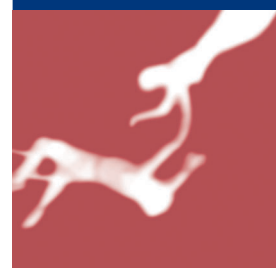
A História tem grande dificuldade em recuperar as instituições dos bárbaros. A cada passo, o historiador depara-se com algum indício frágil que é incapaz de explicar só com a ajuda de seus próprios documentos. Mas, tão logo nos referimos às instituições das numerosas tribos que ainda vivem organizadas socialmente de forma quase idêntica à dos nossos ancestrais bárbaros, surge um amplo foco de luz sobre o passado. Aqui, nossa dificuldade é simplesmente de escolha, porque as ilhas do Pacífico, as estepes da Ásia e os planaltos da África são verdadeiros museus históricos com exemplares de todos os períodos intermediários possíveis que a humanidade percorreu das gens dos selvagens até a organização dos Estados. Agora vamos examinar alguns desses exemplares.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

As comunidades aldeãs dos buriates mongóis, principalmente os da estepe de Kudinsk, situada no curso superior do rio Lena, que mais escaparam da influência russa, são bem representativas dos bárbaros em estado de transição, entre a criação de gado e a agricultura.³⁰ Esses buriates ainda vivem em “famílias indivisas”, isto é, embora cada filho, ao se casar, vá para uma cabana própria, as moradias de pelos menos três gerações permanecem dentro do mesmo terreno cercado; a família indivisa trabalha em comum em seus campos e suas habitações conjuntas e seu gado são propriedade de toda ela, assim como os pequenos trechos de terra com grama macia cercados para a criação de bezerros. Em geral, as refeições são tomadas separadamente em cada cabana; mas, quando se assa carne, todos os 20 a 60 membros da família indivisa comem juntos. Várias dessas grandes famílias, assim como diversas menores estabelecidas na mesma aldeia – na maior parte fragmentos de famílias indivisas rompidas por alguma razão – compõem a ulus, ou comunidade aldeã; várias uluses compõem uma tribo e as 46 tribos ou clãs da estepe de Kudinsk fazem parte de uma confederação. Várias tribos constituem confederações, que podem ser menores e mais íntimas, conforme a necessidade. Eles não conhecem a propriedade privada da terra – a posse da terra é de todos que fazem parte da ulus ou, melhor dizendo, da confederação e, se necessário, é redistribuída entre as diferentes uluses por uma assembleia geral da tribo, e entre as 46 tribos, pela assembleia geral da confederação. É bom lembrar que a mesma organização prevalece entre todos os 250 mil buriates da Sibéria Oriental, embora eles estejam sob o domínio russo há três séculos e bem familiarizados com as instituições russas.

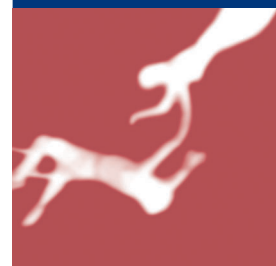
Apesar disso, as desigualdades econômicas estão surgindo depressa entre os buriates, principalmente desde que o governo russo começou a dar importância exagerada aos *taichas* (príncipes) eleitos por esse povo, a quem consideram responsáveis pela arrecadação de impostos e representantes das confederações nas relações administrativas (e até mesmo comerciais) com os russos. São muitos os canais de enriquecimento de uns poucos, paralelamente ao empobrecimento da grande massa devido à apropriação das terras buriates pelos russos. Mas, entre os buriates, em particular os de Kudinsk, existe um hábito – e hábito pesa mais do que lei – segundo o qual, quando uma família perde seu gado, as famílias mais ricas lhe dão algumas vacas e cavalos a fim de que ela possa reaver a perda. Quanto aos pobres sem família, tomam suas refeições nas cabanas de seus congêneres: entra em uma delas, senta-se junto ao fogo – por direito, e não por caridade – e compartilha a refeição, que é sempre escrupulosamente dividida em partes iguais; e dorme onde tomou sua



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

refeição noturna. Os conquistadores russos da Sibéria tiveram em geral tão boa impressão das práticas comunistas dos buriates que lhes deram o nome de *Bratskiye* – “os fraternos” – e escreveram a Moscou: “Entre eles, tudo é feito em comum; tudo o que têm é compartilhado”. Mesmo agora, quando os buriates do Lena vendem seu trigo ou enviam parte de seu gado para ser vendido a um açougueiro russo, as famílias da ulus põem junto seu trigo e gado e os vendem como um todo. Além disso, cada ulus tem seu armazém de grãos para empréstimo em caso de necessidade, um forno comum (o *four banal* das antigas comunidades francesas) e seu ferreiro. O ferreiro buriate, assim como o ferreiro das comunidades indianas,³¹ por ser membro da comunidade, nunca é pago por seu trabalho dentro dela: deve trabalhar sem remuneração e, se utilizar seu tempo vago para fabricar as plaquinhas de ferro cinzelado e prateado usadas na decoração de vestidos, pode ocasionalmente vendê-las para as mulheres de outro clã, mas as de seu próprio clã as recebem de presente. Não pode haver compra e venda dentro da comunidade, e essa regra é tão rígida que, quando uma família rica contrata um trabalhador, ele deve ser de outro clã, ou russo. Esse hábito não é exclusivo dos buriates, é claro; está tão amplamente difundido entre os bárbaros modernos, arianos e uralo-altaicos, que deve ter sido universal entre nossos ancestrais.

O sentimento de união dentro da confederação é mantido vivo pelos interesses comuns das tribos e de suas assembleias gerais, e pelas festas geralmente ligadas às reuniões destas assembleias. Outra instituição preserva esse sentimento: a *aba* (caçada em comum), reminiscência de um passado muito remoto. Todo outono, os 46 clãs de Kudinsk se juntam para essa caçada, cujo produto é dividido entre todas as famílias. Além disso, de tempos em tempos são convocadas *abas* nacionais, para assegurar a unidade da nação como um todo. Nesses casos, todos os clãs buriates, espalhados por centenas de quilômetros a leste e a oeste do lago Baikal, são obrigados a enviar seus delegados. Milhares de homens se reúnem com provisões para um mês inteiro, e as porções individuais devem ser todas iguais. Portanto, antes de se juntarem as provisões de cada participante, elas são pesadas por uma pessoa idosa (sempre “com a mão”; pois balanças seriam uma profanação do costume antigo). Depois disso, os caçadores se dividem em bandos de vinte, que vão atuar de acordo com um plano bem estabelecido. Nessas *abas*, toda a nação buriate revive suas tradições épicas de um tempo em que estava unida numa liga poderosa. Vale lembrar que essas caçadas em comum são costumeiras entre os índios “peles-vermelhas” e os chineses das margens do Ussuri (os *kada*).



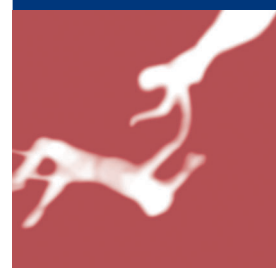
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Os cabilas, cujos modos de vida foram tão bem descritos por dois exploradores franceses,³³ são bárbaros ainda mais avançados na agricultura. Seus campos, irrigados e adubados, são bem cuidados e, nas áreas montanhosas, todo pedaço de terra existente é cultivado com a pá. Esse povo conheceu muitas vicissitudes em sua história e, durante algum tempo, seguiu a lei muçulmana da herança; mas, há 150 anos, sendo contrário a ela, retomou a lei tribal costumeira. Também a posse da terra tem caráter misto, entre eles, e a propriedade privada coexiste com a posse comunal. Até agora, a base da organização é a *thaddart* (comunidade aldeã), que consiste geralmente em várias famílias indivisas ou compostas (*kharoubas*), que alegam ter uma origem comum, assim como em famílias menores de estrangeiros. Várias aldeias agrupam-se em clãs ou tribos (*ârch*), várias tribos compõem a confederação (*thak'ebilt*) e, às vezes, várias confederações compõem uma liga, principalmente para fins de defesa armada.

A *djemmâa*, assembleia da comunidade aldeã, é a única autoridade conhecida pelos cabilas. Todos os homens adultos participam dela, que se realiza ao ar livre ou em um edifício especial com assentos de pedra. As decisões da *djemmâa* são tomadas por unanimidade, ou seja, as discussões continuam até que todos os presentes concordem em aceitar ou em se submeter a determinada decisão. A inexistência de qualquer outra autoridade para impor uma decisão levou à prática desse sistema pela humanidade desde o início das comunidades aldeãs. E ele ainda é praticado onde quer que elas continuem existindo, isto é, por várias centenas de milhões de homens em todo o mundo. A *djemmâa* designa seus executivos – o dirigente*, o escriba e o tesoureiro; impõe suas próprias taxas e controla a repartição das terras comuns, assim como todas as obras de utilidade pública.

Muitas obras são feitas em comum: estradas, mesquitas, fontes, canais de irrigação, torres de vigia para proteção contra ladrões, cercas e congêneres, são construídos pela comunidade aldeã, enquanto as grandes estradas, as mesquitas maiores e as amplas praças de mercado são feitas pela tribo. Persistem muitos resquícios da cultura comunitária, e as casas continuam sendo construídas por todos os homens e mulheres da aldeia ou com a ajuda deles. No total, as “ajudas” ocorrem todo dia e são continuamente solicitadas no cultivo dos campos, na colheita e em outras atividades. Quanto ao trabalho qualificado, cada comunidade tem seu ferreiro, que desfruta sua parte da terra

* No original, *elder*, sugerindo liderança dos mais velhos e experientes. (N.E.)

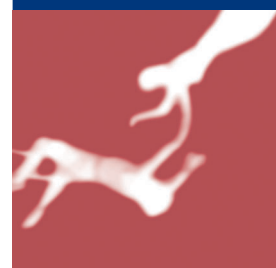


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

comunal e trabalha para a comunidade. Quando se aproxima a época da semeadura, ele visita casa por casa para reparar as ferramentas e os arados sem esperar qualquer pagamento, e a fabricação de novos arados é considerada um trabalho religioso que não pode, de modo nenhum, ser recompensado com dinheiro ou qualquer forma de salário.

O fato de já existir a propriedade privada entre os cabilas evidencia a presença de ricos e pobres entre eles. Mas, como todos os povos que vivem tão estreitamente ligados e não sabem como se origina a pobreza, eles a consideram um acidente que pode ocorrer a qualquer um. “Não diga que você nunca vai usar os andrajos do mendigo, ou que nunca irá para a prisão” é um provérbio dos camponeses russos que os cabilas entendem bem. E nenhuma diferença é detectada entre os comportamentos externos de seus ricos e pobres; quando um pobre pede uma “ajuda”, o rico trabalha no campo dele e vice-versa.³⁴ Além disso, as *djemmâas* separam certas hortas e campos, algumas vezes cultivados em comum, para o usufruto dos membros mais pobres. Muitos desses costumes continuam existindo. Como as famílias mais pobres não a podem comprar, a carne costuma ser adquirida com o dinheiro das multas, dos presentes para a *djemmâa* ou dos pagamentos pelo uso dos recipientes comunitários de óleo de oliva, e distribuída em partes iguais entre elas. E, quando uma família abate uma ovelha ou um boi para uso próprio em um dia que não seja de mercado, o fato é propagado nas ruas pelo pregoeiro da aldeia, para que pessoas doentes e mulheres grávidas possam receber a parte de que precisam.

O apoio mútuo está presente em todos os aspectos da vida dos cabilas. Se, durante uma viagem, um deles encontra outro em necessidade, a ajuda a este é obrigatória, mesmo colocando em risco a própria fortuna e a vida. A recusa pode implicar uma queixa da *djemmâa* do homem negligenciado à do egoísta, que repara a perda imediatamente. Vemos aqui um costume familiar aos estudiosos das corporações medievais de comércio. Todo estrangeiro que entra em uma aldeia cabila no inverno tem o direito de se abrigar ali, e seus cavalos podem sempre pastar nas terras comunais por 24 horas. Mas, em caso de necessidade, ele conta com uma assistência quase ilimitada. Durante a fome de 1867-1868, os cabilas receberam e alimentaram todos os que buscaram refúgio em suas aldeias, sem distinção de origem. No distrito de Dellys, foram atendidas assim não menos de 12 mil pessoas, vindas de todas as partes da Argélia, e mesmo do Marrocos. Pessoas morreram de fome em toda a Argélia, mas não houve um único caso desses no território dos cabilas. As *djemmâas*,



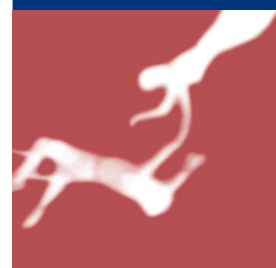
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

116

reduzindo suas próprias necessidades ao mínimo, organizaram o socorro, sem nunca pedir qualquer ajuda ao governo ou fazer a mais leve queixa. Para elas, esse é um dever natural. Os colonizadores europeus tomaram todas as medidas policiais imagináveis para evitar roubos e desordens resultantes da chegada desses estrangeiros, mas nada disso foi necessário no território dos cabilas: as *djemmas* não precisaram de ajuda, nem de proteção do exterior.³⁵

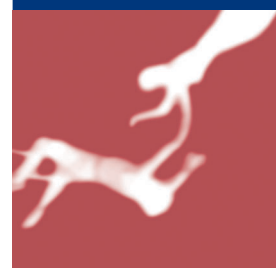
Menciono de passagem mais duas características das mais interessantes da vida dos cabilas: a *anaya* – proteção garantida a poços, canais, mesquitas, praças de mercado, algumas estradas e outras construções em caso de guerra – e as *çofs* – associações. Na *anaya*, uma série de instituições contribui para diminuir os males resultantes da guerra e para evitar conflitos. Portanto, a praça de mercado é uma *anaya*, principalmente se estiver situada em uma fronteira e misturar cabilas e estrangeiros; ninguém ousa perturbar a paz no mercado e, quando surge algum problema, é imediatamente resolvido pelos próprios estrangeiros reunidos na cidade. A estrada que homens e mulheres usam para ir da aldeia até a fonte também é uma *anaya* em caso de guerra, e assim por diante. Quanto à *çof*, é uma forma de associação muito difundida, com algumas características das *Bürgschaften* ou *Gegilden* medievais, assim como de sociedades de proteção mútua e de diversos outros propósitos – intelectuais, políticos e emocionais – que não podem ser satisfeitos pela organização territorial da aldeia, do clã ou da confederação. As *çof* não têm limites territoriais; recrutam seus membros em diversas aldeias, e até mesmo entre estrangeiros; e os protege em todas as eventualidades possíveis da vida. Em geral, elas são uma tentativa de complementar o agrupamento territorial por meio de um extraterritorial, visando dar expressão a afinidades mútuas de todo tipo ignorando as fronteiras. A livre associação internacional de gostos e ideias individuais, que consideramos uma das melhores características de nossa própria vida, tem sua origem na antiguidade bárbara.

Os montanhese do Cáucaso são outro campo extremamente instrutivo sobre este assunto. Ao estudar os atuais costumes dos ossétios – suas famílias compostas, comunidades e concepções de direito –, o professor Kovalevski, em sua notável obra *Os costumes modernos e o direito antigo*, rastreou passo a passo as disposições similares dos antigos códigos bárbaros e chegou até mesmo às origens do feudalismo. Em outras linhagens caucasianas, às vezes descobrimos indícios sobre a origem da comunidade aldeã nos casos em que esta não era tribal, e sim originada de uma união voluntária entre famílias de linhagens distintas. Foi o caso recente de algumas aldeias khevsoures, cujos



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

habitantes prestaram o juramento de “comunidade e fraternidade”.³⁶ Em outra parte do Cáucaso, o Daguestão, vemos o crescimento de relações feudais entre duas tribos, ambas mantendo, ao mesmo tempo, suas comunidades aldeãs (e mesmo vestígios das “classes” gentílicas), oferecendo assim uma ilustração viva das formas surgidas na Itália e na Gália após a conquista pelos bárbaros. A raça vitoriosa, a dos lezghines, que conquistou várias aldeias georgianas e tártaras no distrito de Zakataly, não as colocou sob o domínio de famílias separadas; constituiu um clã feudal, que hoje inclui 12 mil lares em três aldeias e possui em comum nada menos do que vinte aldeias georgianas e tártaras. Os conquistadores dividiram sua própria terra para esse clã, que a distribuiu em partes iguais entre as famílias. Mas eles não interferem nas “*djemmas*” de seus tributários, que ainda têm o hábito mencionado por Júlio César, ou seja, decidem a cada ano a porção do território comum que deve ser cultivada e mantêm sua terra dividida pelo número de famílias, e as partes são distribuídas através de sorteio. Vale lembrar que, embora os proprietários sejam comuns entre os lezghines (que vivem sob um regime de propriedade privada da terra e possuem os servos em comum³⁷), eles são raros entre os georgianos submetidos à servidão, os quais mantêm a posse comum da terra. A lei costumeira dos montanheses do Cáucaso é muito parecida com a dos longobardos ou dos francos sálicos, e diversas de suas disposições explicam boa parte do procedimento judicial dos bárbaros de antigamente. Por seu caráter muito impressionável, eles fazem de tudo para evitar que as rixas tenham um desfecho fatal. Quando surge um desentendimento entre os khevsoures, logo as espadas são desembainhadas; mas, se uma mulher corre apressadamente e lança entre os contendores o véu que usa na cabeça, as espadas são imediatamente postas em suas bainhas e a paz se restabelece. O véu das mulheres é a “*anaya*”. Se uma briga não é interrompida a tempo e termina em morte, a compensação em dinheiro é tão elevada que o agressor fica arruinado por toda a vida, salvo se for adotado pela família enlutada. Aquele que usa a espada e fere o adversário em uma disputa frívola perde a consideração de seus parentes para sempre. Em todas as disputas, a questão é assumida por mediadores, que escolhem os juízes entre os membros do clã – seis, em questões menores, e de dez a quinze em questões mais sérias. Observadores russos testemunharam a absoluta incorruptibilidade desses juízes. O significado do juramento é tão profundo que os homens que gozam da estima geral são dispensados de pronunciá-lo: basta uma simples afirmação, visto que, em assuntos graves, o khevsoure nunca hesita em reconhecer sua culpa (é claro que me refiro aos khevsoures ainda intocados pela civilização).



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

O juramento é reservado principalmente para casos como disputas de propriedade, que exigem uma certa avaliação somada à simples exposição dos fatos e nos quais os juízes agem com a máxima circunspecção. Tudo isso comprova que certamente não é a falta de honestidade ou de respeito aos direitos de seus semelhantes que caracteriza as sociedades bárbaras do Cáucaso.

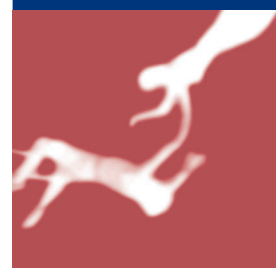
As linhagens da África oferecem uma variedade de sociedades extremamente interessantes, estabelecidas em todos os estágios intermediários, que vão das primeiras comunidades aldeãs até as monarquias bárbaras despóticas. Essa variedade é tão grande que vou abandonar a ideia de tratar aqui até mesmo dos principais resultados de um estudo comparativo de suas instituições.³⁸ Basta dizer que, mesmo sob o mais terrível despotismo de reis, as assembleias populares das comunidades aldeãs e sua lei costumeira continuam soberanas em relação a uma ampla gama de questões. A lei de Estado permite ao rei tirar a vida de qualquer um por simples capricho, ou só como mero exercício de seu despotismo, mas a lei costumeira do povo mantém a mesma rede de instituições de ajuda mútua que existe entre outros bárbaros, ou que existiu entre nossos ancestrais. E, entre certas linhagens mais favorecidas (em Bornu*, em Uganda e na Abissínia), principalmente entre os bogos, algumas disposições dessa lei são inspiradas por sentimentos realmente dignificantes e puros.

As comunidades aldeãs dos nativos das Américas têm o mesmo caráter. Os tupis do Brasil vivem em “casas grandes” ocupadas por clãs inteiros que costumam cultivar seus campos de milho e mandioca em comum. Os aranis, muito mais avançados em civilização, cultivavam os campos em comum, assim como os oucagas que, sob seu sistema de comunismo primitivo e de “casas grandes”, aprenderam a construir boas estradas e a executar diversas atividades fabris domésticas,³⁹ atividades essas não inferiores às dos primeiros tempos medievais da Europa. Aranis e oucagas também viviam sob a mesma lei costumeira de que falamos nas páginas precedentes.

Em outra extremidade do mundo, encontramos o feudalismo malaio; este, porém, não foi capaz de erradicar a *negaria* (comunidade aldeã), caracterizada pela propriedade comum de pelo menos parte da terra e pela redistribuição da terra entre as diversas comunidades da tribo.⁴⁰ Entre os alfurus de Minahassa** constatamos a rotação comunal do trabalho agrícola; junto à linhagem indígena

* Região da África Ocidental, hoje incorporada pela Nigéria. (N.E.)

** Península de uma das Ilhas Celebes, Indonésia. (N.E.)



dos *wyandots**, temos a redistribuição periódica da terra entre os integrantes da tribo e o cultivo do solo pelo clã; e, em todas as áreas de Sumatra em que as instituições muçulmanas ainda não destruíram totalmente a antiga organização, encontramos a família composta (*suka*) e a comunidade aldeã (*kota*), que mantêm seu direito sobre a terra, mesmo quando parte dela foi preparada sem sua autorização.⁴¹ Isso significa que, também nesses casos, estão presentes todos os costumes de proteção mútua e prevenção de hostilidades e guerras que foram brevemente apontados, nas páginas anteriores, como características da comunidade aldeã. Mais que isso: quanto mais definidamente foi mantida a posse comunal da terra, melhores e mais cordiais são os hábitos. De Stuers afirma claramente que, onde quer que a instituição da comunidade aldeã tenha sido menos prejudicada pelos conquistadores, são menores as desigualdades econômicas e a crueldade das próprias prescrições da lei do Talião; por outro lado, sempre que uma comunidade aldeã foi totalmente dissolvida, “os habitantes sofreram a opressão mais insuportável de seus opressores despóticos”.⁴² Isso é natural. E, quando Waitz observou que as linhagens que mantiveram suas confederações tribais estão num nível de desenvolvimento mais elevado e têm uma literatura mais rica do que aquelas que foram privadas dos antigos laços de união, ele apenas constatou o que seria de se esperar.

As sociedades bárbaras são tão espantosamente semelhantes, sob todos os climas e entre todas as raças, que seria tedioso dar outros exemplos a respeito. O mesmo processo de evolução vem acontecendo entre os seres humanos com uma semelhança espantosa. A comunidade aldeã, baseada em uma concepção territorial, passou a existir quando a organização do clã foi afetada interiormente pela família separada, e exteriormente pelo desmembramento dos clãs migrantes e pela necessidade de acolher estrangeiros de origem diferente. Essa nova instituição, que surgira naturalmente a partir da anterior – a do clã – permitiu que os bárbaros passassem por um período histórico muito perturbado sem se fragmentarem em famílias isoladas, as quais teriam sucumbido na luta pela vida. Novas formas de cultivo se desenvolveram a partir dela: a agricultura atingiu a fase que ela até hoje não superou em sua maior parte; as indústrias domésticas atingiram um elevado grau de perfeição. As regiões despovoadas foram conquistadas, cortadas por estradas e pontilhadas por aglomerados humanos gerados pelas comunidades-mães. Erigiram-se mercados e postos fortificados, assim como templos.

* Grupo iroquês da América do Norte. (N.E.)



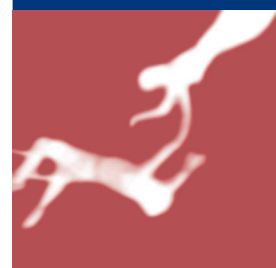
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

120

Elaboraram-se as concepções de uma união mais ampla, estendidas a linhagens inteiras e a diversas outras de origens diferentes. As antigas concepções de justiça, voltadas à mera vingança, sofreram aos poucos profunda modificação, com a ideia de reparação do erro tomando o lugar da vingança de sangue. A lei costumeira, que ainda vigora na vida cotidiana de mais de dois terços da humanidade, foi elaborada pela comunidade aldeã, assim como um sistema de hábitos cuja finalidade era evitar a opressão das massas pelas minorias cujos poderes aumentassem em proporção às crescentes facilidades de acumulação privada de riqueza. Essa foi a nova forma assumida pelas tendências das massas à ajuda mútua. E foi tão grande o progresso – econômico, intelectual e moral – realizado pela humanidade sob essa nova forma popular de organização que os Estados, quando vieram a existir mais tarde, simplesmente se apossaram, pelo interesse das minorias, de todas as funções jurídicas, econômicas e administrativas que a comunidade aldeã já tinha exercido no interesse de todos.

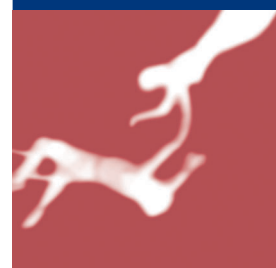
NOTAS

- ¹ Existem numerosos vestígios de lagos do período pós-plioceno, agora desaparecidos, na Ásia Central, Ocidental e do Norte. Conchas da mesma espécie que aquelas agora encontradas no mar Cáspio estão espalhadas pela superfície do solo desde o Extremo Oriente até meio caminho do lago Aral; também foram achadas em depósitos recentes bem ao norte até Kazan. Resquícios de golfos do mar Cáspio, já considerados antigos leitos do rio Amu-Daria, cortam o território turcomano. Daí podemos deduzir a ocorrência de oscilações temporárias, periódicas. Mas, com tudo isso, o ressecamento é evidente e progride a uma velocidade inicialmente inesperada. Mesmo nas partes relativamente úmidas do sudoeste da Sibéria, a sucessão de registros confiáveis, recentemente publicados por Yadrintsev, mostra que as aldeias foram construídas sobre o que era, oitenta anos atrás, o fundo de um dos lagos do grupo Tchany; os outros lagos do mesmo grupo, que cobriam centenas de quilômetros quadrados há cerca de cinquenta anos, agora são simples lagoas. Em síntese: o ressecamento do noroeste da Ásia avança a uma velocidade que deve ser medida por séculos, em vez de pelas unidades geológicas de tempo das quais costumávamos falar antigamente.
- ² Civilizações inteiras desapareceram assim, como está provado agora pelas notáveis descobertas de Dmitri Clements na Mongólia, no Orkhon e na depressão Lukchun.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

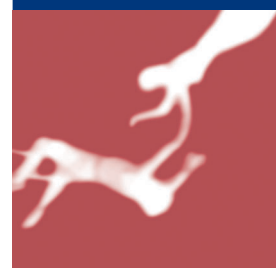
- ³ Concordo com as opiniões de Nasse, Kovalevski e Vinogradov (para citar apenas alguns especialistas modernos), e não com as de Seebohm (Denman Ross pode ser citado como leitura suplementar), não só por causa do profundo conhecimento e confluência de visões daqueles três autores, mas também por conta de seu perfeito conhecimento da comunidade aldeã como um todo – um conhecimento cuja carência se faz sentir profundamente no trabalho de Seebohm, notável por outras qualidades. O mesmo comentário se aplica, em um grau ainda mais elevado, aos escritos muito elegantes de Fustel de Coulanges, cujas opiniões e apaixonadas interpretações de textos antigos são muito peculiares.
- ⁴ A literatura sobre a comunidade aldeã é tão vasta que só tenho condições de citar umas poucas obras. Aquelas de Henry Maine, Seebohm e *Das alte Wallis*, de Walter (Bonn, 1859) são fontes de informação populares e bem conhecidas sobre a Escócia, a Irlanda e o País de Gales. Para a França, *Précis de l'histoire du droit français*, de P. Viollet, 1886, e várias de suas monografias na Biblioteca da Escola de Chartres; de Babeau, *Le Village sous l'ancien régime* (a *mir* do século 18), 3. ed, 1887; Bonnemère, Doniol etc. Sobre a Itália e a Escandinávia, os principais trabalhos são citados na obra de Leveleye, *Primitive Property*, versão alemã de K. Büchner. Sobre os finlandeses, *Föreläsningar*, de Rein, i, 16; de Koskinen, *Finnische Geschichte*, 1874 e várias monografias. Sobre os lives e cures, Lutchitzky em *Severnyi Vestnil*, 1891. Sobre os teutões, além das obras bem conhecidas de Maurer, a de Sohm (*Altdeutsche Reichs- und Gerichts- Verfassung*), e também de Dahn (*Urzeit, Völkerwanderung, Langobadische Studien*), Janssen, Wilh. Arnold etc. Sobre a Índia, além de H. Maine e as obras que ele cita, *Aryan Village*, de John Phear. Sobre a Rússia e os eslavos do sul, ver Kavelin, Posnikov, Sokolovski, Kovalevski, Efimenko, Ivanisheff, Klaus etc. (há um copioso índice bibliográfico até 1880 no *Sbornik svedeniy ob obschinye*, da Sociedade Geográfica Russa). Quanto a conclusões gerais, além de *Propriété*, de Laveleye, *Ancient Society*, de Morgan, *Kulturgeschichte*, de Lippert, ver as obras de Post, Dargun etc., e também as conferências de M. Kovalevski (*Tableau des origines et de l'évolution de la famille et de la propriété*, Estocolmo, 1890). Seria preciso mencionar muitas monografias especiais; seus títulos podem ser encontrados nas excelentes listas apresentadas por P. Viollet em *Droit privé et Droit publique*. Sobre outras raças, ver as notas subsequentes.
- ⁵ Diversas autoridades tendem a considerar a família composta um estágio intermediário entre o clã e a comunidade aldeã; e não há dúvida de que em muitos casos as comunidades aldeãs nasceram de famílias indivisas. Todavia, considero a família composta um fato de ordem distinta. Nós a encontramos dentro das gens; por outro lado, não podemos afirmar que famílias compostas



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

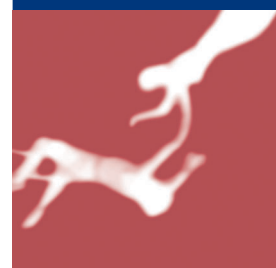
existiram em qualquer período sem pertencer ou a uma gens ou a uma comunidade aldeã, ou a uma *Gau*. Vejo a origem das primeiras comunidades aldeãs como um processo lento e proveniente diretamente de uma gens e consistindo, de acordo com circunstâncias raciais e locais, em várias famílias compostas, ou em famílias simples e compostas, ou (principalmente no caso de novos povoados) só em famílias simples. Se esta interpretação for correta, não deveríamos ter o direito de estabelecer a série: gens, família composta, comunidade aldeã – pois o segundo membro da série não teria o mesmo valor etnológico que os dois outros. Ver o Apêndice XIII.

- ⁶ Stobbe, *Beiträger zur Geschichte des deutschen Rechts*, p. 62.
- ⁷ Os poucos vestígios de posse privada da terra vistos no período bárbaro inicial aparecem somente entre os povos (batavos, francos, na Gália) que estiveram por algum tempo sob a influência da Roma Imperial. Ver Inama-Sternegg, *Die Ausbildung der grossen Grund-herrschaften in Deutschland*, Bd. i, 1878; *Neubuch nach dem älteren deutschen Recht*; Bessler, p. 11-12, em Kovalevski, *Modern Custom and Ancient Law*, Moscou, 1886, i, p. 134.
- ⁸ *Markgenossenschaft*, de Maurer; “Wirtschaft” und Recht der Franken zur Zeit der Volksrechte”, de Lamprecht (em *Histor. Taschenbuch*, 1883); *The English Village Community*, de Seebohm, cap. vi, vii e ix.
- ⁹ Letourneau, em *Bulletin de la Soc. d’Anthropologie*, 1888, vol. xi, p. 476.
- ¹⁰ *Das alte Wallis*, de Walter, p. 323; Dm. Bakradze e N. Khoudadoff, *Zapiski*, da Sociedade Geográfica do Cáucaso (em russo), xiv, Parte I.
- ¹¹ *Native Races*, de Bancroft; *Anthropologie*, de Waitz, cap. iii, p. 423; Montrozier, em *Bull. Soc. d’Anthropologie*”, 1870; *Studien*, de Post etc.
- ¹² Uma série de obras – de Ory, Luro, Laudes e Sylvestre – sobre a comunidade aldeã em Annam, mostrando que ela teve ali as mesmas formas que na Alemanha ou na Rússia, é mencionada numa revisão desses trabalhos por Jobbé-Duval, em *Nouvelle Revue historique de droit français et étranger*, out. e dez. de 1896. Um bom estudo da comunidade aldeã do Peru, antes do estabelecimento do poder dos incas, foi produzido por Heinrich Cunow (*Die Soziale Verfassung des Inka-Reichs*, Stuttgart, 1896). A posse comunal da terra e a cultura comunal são descritas nessa obra.
- ¹³ Kovalevski, *Modern Custom and Ancient Law*, cap. i, p. 115.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

- ¹⁴ Palfrey, *History of New England*, cap. ii, p. 13; citado em *Village Communities*, de Maine, Nova York, 1876, p. 201.
- ¹⁵ Königswarter, *Études sur le développement des sociétés humaines*, Paris, 1850.
- ¹⁶ Pelo menos, esta é a lei dos calmucos, cujo direito comum tem estreita parença com o direito dos teutões, dos antigos eslavos etc.
- ¹⁷ O hábito está em vigor ainda em muitas tribos africanas e outras.
- ¹⁸ *Village Communities*, p. 65-68 e 199.
- ¹⁹ Maurer, em *Gesch. der Markverfassung*, seções 29, 97, é bem claro a esse respeito. Afirma que “todos os membros da comunidade [...], e até mesmo os senhores leigos e clericais, frequentemente também os coproprietários parciais (*Markberechtigte*), e ainda estranhos à *Mark* (comuna) estavam sujeitos à sua jurisdição” (p. 132). Essa concepção permaneceu em vigor no local até o século 15.
- ²⁰ Königswarter, loc. cit., p. 50; J. Thrupp, *Historical Law Tracts*, Londres, 1843, p. 106.
- ²¹ Königswarter mostrou que as *fred* se originaram de uma oferenda que tinha de ser feita para apaziguar os ancestrais. Mais tarde, elas eram pagas à comunidade, pela quebra da paz; e, mais tarde ainda, ao juiz, ou ao rei, ou ao senhor, quando estes tinham se apropriado dos direitos da comunidade.
- ²² *Bausteine und Afrikanische Jurisprudenz*, de Post, Oldenburg, 1887, vol. i, p. 64 et seqs.; Kovalevsky, loc. cit., cap. ii, p. 164-189.
- ²³ O. Miller e M. Kovalevski, “In the Mountaineer Communities of Kabardia”, em *Vestnik Evropy*, abril, 1884. Com os shakhsevenos da estepe Mugan, disputas sangrentas sempre terminavam com o casamento entre os dois lados hostis (Markov, no apêndice ao *Zapiski* da Sociedade Geográfica do Cáucaso, xiv, p. 1, 21).
- ²⁴ Post, em *Afrik. Jurisprudenz*, oferece uma série na verdades que ilustram as concepções de equidade enraizadas entre os bárbaros africanos. O mesmo se pode dizer de todos os exames sérios do direito comum entre os bárbaros.
- ²⁵ Ver o excelente capítulo “Le droit de la Vieille Irlande” (também “Le Haut Nord”) em *Études de droit international et de droit politique* do Prof. E. Nys, Bruxelas, 1896.
- ²⁶ “Introduction”, p. xxxv.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

- ²⁷ *Das alte Wallis*, p. 343-350.
- ²⁸ Maynov, "Sketches of the Judicial Practices of the Mordovians", nos *Zapiski Etnográficos da Sociedade Geográfica Russa*, 1885, p. 236, 257.
- ²⁹ Henry Maine, *International Law*, Londres, 1888, p. 11-13. E. Nys, *Les origines du droit international*, Bruxelas, 1894.
- ³⁰ Um historiador russo, o professor Schapov de Kazan, que foi exilado na Sibéria em 1862, deu uma boa descrição de suas instituições em *Izvestia*, da Sociedade Geográfica da Sibéria Oriental, vol. v, 1874.
- ³¹ Henry Maine, *Village Communities*, Nova York, 1876, p. 193-196.
- ³² Nazarov, *O território do norte do Ussuri* (em russo), S. Petersburgo, 1887, p. 65.
- ³³ Hanoteau e Letourneaux, *La Kabylie*, 3 vol., Paris, 1883.
- ³⁴ Em troca de "ajuda" ou de "um trabalhador diligente" (*bee*), é necessário oferecer algum tipo de refeição à comunidade. Um amigo caucasiano me disse que, na Geórgia, quando um pobre necessita de "ajuda", toma emprestada uma ovelha ou duas de um homem rico para preparar a refeição e, além de seu trabalho, os membros da comunidade contribuem com tantas provisões quantas for preciso para ele poder saldar a dívida. Um hábito similar existe entre os mordovianos.
- ³⁵ Hanoteau e Letrouneux, *La Kabylie*, ii, p. 58. O mesmo respeito para com os estranhos é a regra entre os mongóis. O mongol que recusar seu teto a um estrangeiro paga toda a compensação do sangue se este sofrer algum dano decorrente da recusa (Bastian, *Der Mensch in der Geschichte*, iii, p. 231).
- ³⁶ N. Khodadov, "Notes on the Khevsoures", em *Zapiski*, da Sociedade Geográfica do Cáucaso, xiv, 1, Tiflis, 1890, p. 68. Eles também fazem o juramento de não casar com moças nascidas no seio de sua união, mostrando assim um notável retorno das antigas regras gentílicas.
- ³⁷ Dm Bakradze, "Notas sobre o distrito de Zakataly", nas mesmas *Zapiski*., xiv, 1, p. 264. As equipes conjuntas são tão comuns entre os lezghines como entre os ossétios.
- ³⁸ Ver Post, *Afrikanische Jurisprudenz*, Oldenburg, 1887. Münzinger, *Über das Recht und Sitten der Bogos*, Winterthur, 1859; Casalis, *Les Bassoutos*, Paris, 1859; Maclean, *Kafir Laws and Customs*, Mount Coke, 1858, etc.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

³⁹ Waitz, iii, p. 423 et seqs.

⁴⁰ Post, *Studien zur Entwicklungsgeschichte des Familien Rechts*, Oldenburg, 1889, p. 270 et seqs.

⁴¹ Powell, *Annual Report of the Bureau of Ethnography*, Washington, 1881, citado em *Studien*, de Post, p. 290; Bastian, *Inselgruppen in Oceanien*, 1883, p. 88.

⁴² De Stuers, citado por Waitz, v, p. 141.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

AJUDA MÚTUA NA CIDADE MEDIEVAL

O crescimento da autoridade na sociedade bárbara – A servidão nas aldeias – A revolta de cidades fortificadas: sua liberação; Cartas – A corporação – A dupla origem da cidade livre da Idade Média – Autojurisdição, autoadministração – A posição honrosa do trabalho manual – O comércio feito pela corporação e pela cidade

A sociabilidade e a necessidade de ajuda e apoio mútuos são partes inerentes da natureza humana de tal modo que, em nenhuma época da História, encontramos seres humanos vivendo em pequenas famílias isoladas, lutando entre si pelos meios de subsistência. Como vimos nos dois capítulos precedentes, a pesquisa moderna prova, ao contrário, que desde o início mesmo de sua vida pré-histórica, eles se aglomeravam em gens, clãs ou tribos mantidos pela ideia de origem comum e pela veneração a ancestrais comuns. Durante milhares e milhares de anos, essa organização manteve seres humanos juntos, mesmo na ausência de uma autoridade para impô-la. Ela marcou profundamente todo o desenvolvimento subsequente da humanidade e, quando os laços da descendência comum foram afrouxados por migrações em grande escala, ao mesmo tempo em que o desenvolvimento da família separada dentro do próprio clã destruiu a antiga unidade, uma nova forma de união, territorial em seu princípio, foi criada pelo caráter sociável do homem – a comunidade aldeã. Essa instituição manteve os homens unidos durante vários séculos, permitindo-lhes desenvolver ainda mais suas instituições sociais e atravessar um dos períodos mais sombrios da História sem se dissolver em agregados frouxos de famílias e de indivíduos, dar um novo passo em sua evolução e criar diversas instituições sociais secundárias, muitas das quais sobreviveram até os dias de hoje.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Agora vamos seguir a trajetória dos desdobramentos posteriores dessa tendência perene de ajuda mútua. Considerando as comunidades aldeãs dos povos chamados de bárbaros, numa época em que eles estavam reiniciando a civilização – após a queda do Império Romano –, cabe estudar os novos aspectos assumidos pelas necessidades de caráter social das massas na Idade Média e, em particular, nas corporações e cidades medievais.

Longe de serem os animais ferozes a que foram comparados com frequência, os bárbaros dos primeiros séculos de nossa era (como tantos mongóis, africanos, árabes e outros, que ainda continuam no estágio bárbaro) preferiam invariavelmente a paz à guerra. Com a exceção de umas poucas tribos que, durante as grandes migrações, foram levadas a desertos ou planaltos improdutivos e por essa razão tiveram de atacar seus vizinhos mais favorecidos, a grande massa de teutões, de saxões, de eslavos e outros povos, tão logo se estabelecia nos territórios recém-conquistados, voltava à pá ou a seus rebanhos. Os mais antigos códigos bárbaros já nos mostravam sociedades compostas de pacíficas comunidades agrícolas, e não de hordas de homens em guerra uns com os outros. Esses bárbaros cobriram o campo com aldeias e habitações rurais;¹ derrubaram florestas, construíram pontes sobre rios e colonizaram selvas antes desabitadas, e deixaram os propósitos guerreiros incertos a irmandades, *scholae*, ou associações de homens sem lei, agrupados em torno de chefes temporários e errantes, oferecendo seu espírito aventureiro, suas armas e seu conhecimento de guerra para a proteção de populações que só queriam ser deixadas em paz. Os bandos de guerreiros vinham e partiam, sempre às voltas com suas rixas de família, mas a grande massa continuava a arar o solo, só tomando conhecimento de seus supostos dominadores quando estes interferiam na independência de suas comunidades aldeãs.² Os novos ocupantes da Europa fizeram evoluir os sistemas de posse da terra e de cultivo do solo que ainda vigoram entre centenas de milhões de homens; elaboraram seus sistemas de compensação para os agravos em lugar da antiga vingança de sangue tribal; aprenderam os primeiros rudimentos de indústria e, embora tenham fortificado suas aldeias com paliçadas ou erigido torres e fortes de barro para se refugiarem em caso de nova invasão, logo abandonaram a tarefa de defender essas torres e fortes para os que faziam da guerra a sua especialidade.

Portanto, foi a própria índole pacífica dos bárbaros, e não seus supostos instintos bélicos, é que foi a causa de sua posterior submissão a chefes militares. Por outro lado, é claro que o modo de vida das fraternidades armadas deu a estas mais facilidades de enriquecimento do que os agricultores poderiam



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

128

encontrar em suas comunidades. Até hoje vemos, homens armados se juntarem de quando em quando para matar matabeles* e lhes roubar os rebanhos, embora estes só desejem a paz e estejam dispostos a pagar um alto preço por ela. As *scholae* de antigamente certamente não eram mais escrupulosas do que as de hoje. Gado, ferro (produto extremamente caro naquele tempo³) e escravos eram apropriados dessa maneira e, embora a maioria dessas aquisições fosse desperdiçada no local nos gloriosos festins tão decantados pela poesia épica, parte das riquezas roubadas era usada para enriquecimento posterior. Havia muita terra não cultivada e não faltava quem as quisesse arar; o que faltava era gado e os instrumentos necessários. Aldeias inteiras, arruinadas por doenças infecciosas do gado, pestes, incêndios ou invasões de novos imigrantes, eram frequentemente abandonadas por seus habitantes, que se dirigiam a qualquer ponto em busca de um novo lar. Isso ainda acontece na Rússia em circunstâncias semelhantes. E, se algum dos membros das fraternidades armadas oferecesse aos camponeses algumas cabeças de gado para um recomeço, um pouco de ferro para fazer um arado, ou mesmo o próprio arado, proteção contra novas incursões e alguns anos livres de qualquer compromisso antes de começarem a saldar a dívida contraída, eles se estabeleciam na terra. E quando, depois de uma luta penosa contra más colheitas, inundações e pestes, começavam a pagar suas dívidas, esses pioneiros se viam na teia de obrigações servis para com o protetor do território.

Não há dúvida de que a riqueza foi acumulada dessa forma, e o poder sempre acompanha a riqueza.⁴ Entretanto, quanto mais penetramos naquela época, os séculos 6 e 7 de nossa era, tanto mais percebemos que outro elemento, além da riqueza e da força militar, era necessário para constituir a autoridade de uns poucos: foi o elemento da lei e do direito, o desejo das massas de manter a paz e de estabelecer o que consideravam ser a justiça que deu aos chefes das *scholae* – reis, duques (*kniazes*) e assemelhados – a força que eles adquiriram duzentos ou trezentos anos mais tarde. Essa mesma ideia de justiça, concebida como uma vingança adequada para o agravo cometido, que surgiu no estágio tribal, passava agora como um fio vermelho pela história de instituições subsequentes e, mais do que os aspectos militares ou econômicos, tornou-se a base sobre a qual se fundou a autoridade dos reis e dos senhores feudais.

Na verdade, uma das principais preocupações da comunidade aldeã bárbara sempre foi, e ainda é entre os bárbaros contemporâneos, a de pôr um fim

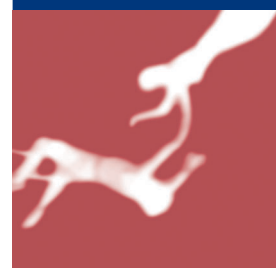
* Povo do atual Zimbábue, aparentado com os zulus. (N.E.)



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

129

rápido às hostilidades originadas pela concepção de justiça então vigente. Quando havia uma rixa, a comunidade interferia imediatamente e, depois de ouvir o caso, a assembleia do povo definia a compensação (*Wergeld*) a ser paga à pessoa ofendida ou à sua família, assim como a *fred* (multa pela quebra da paz) a ser paga à comunidade. Dessa maneira, as rixas internas eram facilmente apaziguadas. Mas, quando elas se davam entre duas tribos diferentes ou duas confederações de tribos, apesar de todas as medidas tomadas para evitá-las,⁵ era difícil encontrar um árbitro ou juiz cuja decisão fosse aceita igualmente pelas partes envolvidas, tendo em vista tanto sua imparcialidade como seu conhecimento da lei antiga. Essa era a maior de todas as dificuldades, porque as leis costumeiras de tribos e confederações distintas sobre a compensação devida em casos diferentes não eram as mesmas. Assim sendo, tornou-se habitual convocar um árbitro entre as famílias ou tribos, conhecido por manter a lei antiga em sua pureza e era versado nos cantos, tríades, sagas etc., por meio dos quais a lei era perpetuada na memória. E essa forma de preservação da lei tornou-se uma espécie de arte, um “mistério” cuidadosamente transmitido, em certas famílias, de geração a geração. Na Islândia e em outras terras escandinavas, sempre que era convocada uma assembleia nacional, um *lövsögmáthr* recitava toda a lei de memória para esclarecer a assembleia; na Irlanda, como se sabe, havia uma classe especial de homens que tinham a fama de conhecer as antigas tradições e, por isso, gozavam de grande autoridade como juízes.⁶ Os anais russos nos revelam que algumas linhagens do noroeste da Rússia, alarmadas com a desordem crescente que resultava das lutas de “clãs contra clãs”, pediram aos *varingiar* normandos para que fossem seus juízes e dirigentes de escolas de guerreiros; e que os *kniazes* (duques) eram escolhidos sempre na mesma família normanda para os próximos duzentos anos. Ao tomar conhecimento disso, somos obrigados a reconhecer que os eslavos confiavam nos normandos por seu maior conhecimento da lei, igualmente aceita por diferentes populações eslavas. Nesse caso, a posse das runas, usadas para a transmissão dos antigos costumes, era uma vantagem decisiva para os normandos; mas, em outros casos, existem leves indícios de que o ramo “mais velho” da linhagem, o suposto ramo originário, era chamado a fornecer os árbitros, cujas decisões eram consideradas justas.⁷ Num momento posterior, vemos uma tendência distinta no sentido de escolher os árbitros entre o clero cristão que ainda praticava nessa época o princípio fundamental do cristianismo, agora esquecido, de que a retaliação não é um ato de justiça. Nesse caso, o clero cristão abria as igrejas como lugar de asilo para aqueles que fugiam da vingança de sangue e agia de boa



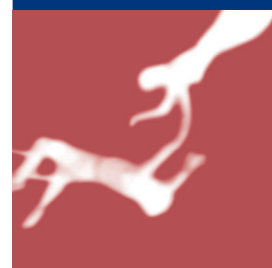
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

130

vontade como árbitro em casos criminais, opondo-se sempre ao antigo princípio tribal de “vida por vida e ferimento por ferimento”. Em resumo: quanto mais nos aprofundamos na história das primeiras instituições, menos convencidos ficamos de que a origem da autoridade esteja relacionada com a teoria militar. Mesmo aquele poder que depois se tornou a fonte de uma opressão tão grande parece, ao contrário, ter se originado na índole pacífica das massas.

Em todas essas situações, a *fred*, que muitas vezes chegava à metade da compensação, era determinada pela assembleia do povo e, desde tempos imemoriais, era aplicada em obras de utilidade pública e de defesa comum. Ela ainda tem o mesmo destino (a edificação de torres) entre os cabilas e entre certas linhagens mongóis, e temos evidência direta de que, mesmo muitos séculos depois, as multas judiciais, em Pskov e em várias cidades francesas e alemãs, continuaram sendo usadas para o reparo das muralhas da cidade.⁸ Portanto, era natural que as multas fossem repassadas ao árbitro que, por sua vez, tanto devia manter a *schola* de homens armados à qual era confiada a defesa do território, quanto executar as sentenças. Esse se tornou um costume universal nos séculos 8 e 9, mesmo quando o juiz era um bispo eleito. Foi dessa maneira que brotou o germe de uma combinação do que hoje chamamos de poder judiciário e poder executivo. Mas as atribuições do duque ou do rei eram estritamente limitadas a essas duas funções. Ele não era o regente do povo – o poder supremo ainda pertencia à assembleia popular – nem mesmo um comandante da milícia popular; quando o povo pegava em armas, marchava sob um outro comandante, também eleito, que não era um subordinado; estava em pé de igualdade com o rei.⁹ O rei era senhor apenas em seu domínio pessoal. Na verdade, na língua bárbara, a palavra *konung*, *koning* ou *cyning*, sinônimo da palavra latina *rex*, significava somente líder ou comandante temporário de um bando de homens. O comandante de uma pequena frota de embarcações, ou mesmo de um único navio pirata, era também um *konung*; até hoje o comandante de pesca na Noruega é chamado de *Not-kong* – “o rei das redes”.¹⁰ A veneração que se relaciona mais tarde à personalidade de um rei ainda não existia e, enquanto a traição à família era punida com a morte, o assassinato de um monarca podia ser reparado pelo pagamento de uma compensação: o valor de um rei era igual ao de um homem livre.¹¹ E o rei Knu (ou Canuto), quando matou um homem de sua própria *schola*, foi representado na saga convocando seus camaradas para uma *thing**, onde ficou de joelhos, implorando perdão. Foi perdoado, mas só depois de

* Ou *ting*, assembléia judicial na antiga sociedade escandinava.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

131

concordar em pagar nove vezes a compensação regular, da qual um terço foi paga a ele mesmo pela perda de um de seus homens, um terço aos parentes do morto e um terço (a *fred*) à *schola*.¹² Na realidade, sob a dupla influência da Igreja e dos juristas do direito romano, foi necessário fazer uma mudança completa nas concepções correntes na época antes que a ideia de santidade começasse a ser vinculada à personalidade do rei.

Entretanto, acompanhar o desenvolvimento gradual da autoridade a partir dos elementos apenas esboçados aqui está além alcance deste ensaio. Historiadores como o casal Green na Inglaterra, Augustin Thierry, Michelet e Luchaire na França, Kaufmann, Janssen, W. Arnold e mesmo Nietzsche na Alemanha, Leo e Botta na Itália, Bielaev, Kostomarov e seus seguidores na Rússia, e muitos outros, já esgotaram essa temática. Eles mostraram que as populações, que sempre haviam sido livres e concordaram apenas em “alimentar” um certo número de seus defensores militares, tornaram-se pouco a pouco servas desses protetores; como o “louvor” à Igreja ou a um senhor passou a ser uma dura necessidade para o homem livre; como o castelo de cada senhor ou bispo virou um ninho de ladrões ou, em resumo, como o feudalismo foi imposto; e como as cruzadas, ao livrar os servos que usavam a cruz, deram o primeiro impulso à emancipação do povo. Nada disso precisa ser contado novamente, pois nosso objetivo principal é continuar ilustrando o espírito *construtivo* das massas em suas instituições de ajuda mútua.

Quando os últimos vestígios da liberdade bárbara pareciam desaparecer, e a Europa, sob o domínio de milhares de tiranetes, estava a caminho da constituição das teocracias e dos Estados despóticos que se seguiram ao estágio bárbaro que antecedeu a civilização, ou das monarquias bárbaras, como as que vemos agora na África, a vida europeia tomou outra direção. Essa vida seguiu linhas semelhantes às que já tinham vigorado nas cidades da Grécia antiga. Com uma unanimidade que parece quase incompreensível e que durante longo tempo escapou à compreensão dos historiadores, as aglomerações urbanas, incluindo os menores burgos, começaram a sacudir o jugo de seus senhores laicos e clericais. A aldeia fortificada se sublevou contra o castelo do senhor, desafiando-o primeiramente, atacando-o em seguida e por fim destruindo-o. O movimento espalhou-se por toda parte, envolvendo toda cidade da superfície da Europa e, em menos de cem anos, apareceram cidades livres nas costas do Mediterrâneo, do Mar do Norte, do Báltico, do Atlântico, até os fiordes da Escandinávia, aos pés dos Apeninos, dos Alpes, da Floresta Negra, dos Grampianos e dos Cárpatos, e nas planícies da Rússia, da

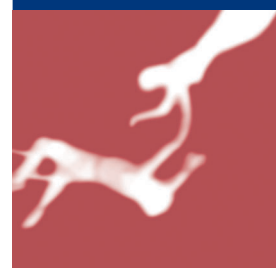


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

132

Hungria, da França e da Espanha. Por toda parte deu-se a revolta, com as mesmas características e fases, levando aos mesmos resultados. Onde quer que os homens encontrassem ou esperassem encontrar alguma proteção atrás dos muros de sua cidade, instituíram suas “conjurações”, suas “fraternidades”, suas “amizades”, unidos por uma ideia comum e marchando corajosamente em direção a uma nova vida de apoio mútuo e de liberdade. E foram tão bem-sucedidos que, em trezentos ou quatrocentos anos, mudaram a própria face da Europa. Cobriram o país com edifícios elegantes e suntuosos, desde então nunca iguais em beleza e expressividade, revelando o espírito de uniões livres de homens livres; e legaram às gerações seguintes todas as artes e indústrias das quais nossa civilização atual, com todas as suas realizações e promessas para o futuro, é só um desdobramento. E, quando examinamos agora as forças que produziram esses resultados grandiosos, nós as encontramos – não na capacidade de heróis individuais, nem na poderosa organização de Estados enormes, nem na habilidade política de seus senhores, e sim exatamente na mesma corrente de ajuda e apoio mútuos que vimos funcionando na comunidade aldeã e que foi revigorada e reforçada na Idade Média por uma nova forma de associação, inspirada pelo mesmo espírito, mas com uma nova forma – as corporações [guildas].

Agora se sabe que o feudalismo não implica uma dissolução da comunidade aldeã. Embora o senhor feudal tenha conseguido impor o trabalho servil aos camponeses e se apropriar daqueles direitos que cabiam outrora apenas à comunidade aldeã (taxas, bens inalienáveis, impostos sobre heranças e casamentos), os camponeses mantiveram os dois direitos fundamentais de suas comunidades: a posse comum da terra e a autojurisdição. Antes, quando um juiz (*Vogt*) enviado pelo rei chegava a uma aldeia, os camponeses o recebiam com flores em uma das mãos e, na outra, com armas, e lhe perguntavam qual lei ele pretendia aplicar: aquela que encontrava na aldeia ou a que havia trazido consigo. Se a resposta fosse a primeira, os aldeãos lhe entregavam as flores e o acolhiam; se fosse a segunda, lutavam contra ele.¹³ Depois passaram a receber o funcionário do rei ou do senhor feudal, a quem não podiam repelir, mas defenderam a jurisdição da assembleia do povo: eles mesmos nomeavam seis, sete ou doze juízes, que atuavam como árbitros ao lado do juiz do senhor feudal, na presença da assembleia do povo. Na maioria dos casos, nada restava ao funcionário além de confirmar a sentença proferida e arrecadar a *fred* costumeira. Esse precioso direito de autojurisdição, que naquele tempo significava autoadministração e autolegislação, foi conservado para todas as rixas, e nem mesmo os jurisconsultos que cercavam Carlos Magno conseguiram aboli-lo, tendo sido obrigados a confirmá-lo. Ao mesmo tempo,



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

133

em todos os assuntos relativos ao domínio da comunidade, a assembleia popular reteve sua supremacia e (conforme mostrado por Maurer) exigia frequentemente a submissão do próprio senhor feudal em questões que envolviam a posse da terra. O feudalismo não conseguiu quebrar essa resistência em nenhum momento de sua história; a comunidade aldeã manteve-se firme e, nos séculos 9 e 10, quando as invasões normandas, árabes e úgricas demonstraram que as *scholae* militares eram de pouca valia para proteger a terra, começou em toda a Europa um movimento geral para fortificar as aldeias com muros e fortalezas de pedra. Nessa época, milhares de centros fortificados foram construídos pelas forças das comunidades aldeãs e, depois de erguidos as suas muralhas e de se ter criado um interesse comum no interior desse novo santuário – os muros da cidade –, eles logo compreenderam que, daí em diante, poderiam resistir às investidas dos inimigos internos – os senhores feudais –, assim como às dos estrangeiros. Uma nova vida de liberdade começou a se desenvolver no interior dos enclaves fortificados. Nascia a cidade medieval.¹⁴

Nenhum período da história poderia ilustrar melhor os poderes construtivos das massas populares do que os séculos 10 e 11, quando as aldeias fortificadas e as praças de mercado, “oásis em meio à floresta feudal”, começaram a se livrar do jugo de seus senhores feudais e elaboraram lentamente a futura organização da cidade. Mas, infelizmente, esse é um período sobre o qual há pouca informação histórica; conhecemos os resultados, mas pouco sabemos a respeito dos meios com que foram obtidos. Sob a proteção de seus muros, as assembleias do povo – que eram muito independentes, ou dirigidas pelas principais famílias nobres ou mercantis – conquistaram e mantiveram o direito de eleger o *defensor* militar e o juiz supremo da cidade ou, pelo menos, de escolher entre aqueles que pretendiam ocupar essa posição. Na Itália, as jovens comunas destituíam constantemente seus *defensores* ou *domini*, e combatiam aqueles que se recusavam a deixar o cargo. O mesmo acontecia no leste [da Europa]. Na Boêmia, ricos e pobres (*Bohemicae gentis magni et parvi, nobiles et ignobiles*) participavam igualmente da eleição;¹⁵ enquanto as *vyeches* (assembleias populares) das cidades russas elegiam regularmente seus duques – sempre da mesma família, os Rurik –, aliava-se a eles e destituíam o *kniaz* que provocasse descontentamento.¹⁶ Ao mesmo tempo, na maioria das cidades do sul e do oeste da Europa, a tendência era ter como *defensor* um bispo que a própria cidade tivesse eleito; e foram tantos os bispos que lideraram a proteção das “imunidades” das cidades e a defesa de suas liberdades que, depois de sua morte, diversos deles foram considerados santos e patronos especiais. Esse foi o caso de São Uthelred, de Winchester, de São Ulrico, de



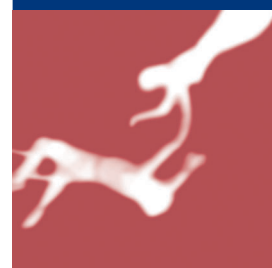
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

134

Augsburgo, de São Wolfgang, de Ratisbon, de Santo Heriberto, de Colônia, de Santo Adalberto, de Praga, etc., assim como de muitos abades e monges que agiram em defesa de direitos populares.¹⁷ E, sob os novos *defensores*, laicos ou clericais, os cidadãos conquistaram a plena autonomia jurídica e administrativa de suas assembleias populares.¹⁸

O processo de liberação como um todo progrediu graças a uma série de atos imperceptíveis de devoção à causa comum, realizada por homens saídos das massas – heróis anônimos, cujo nome não foi preservado pela História. O maravilhoso movimento da Paz de Deus (*treuga Dei*), com o qual as massas populares tentaram restringir as rixas intermináveis entre famílias nobres, nasceu nas jovens cidades, onde os bispos e os cidadãos tentaram estender aos nobres a paz que haviam estabelecido dentro de seus muros.¹⁹ Nesse mesmo período, as cidades comerciais da Itália, principalmente Amalfi (que elegia seus cônsules desde 844 e mudou frequentemente seus doges no século 10),²⁰ já tinham elaborado o direito costumeiro marítimo e comercial, que mais tarde se tornou modelo para toda a Europa. Ravena fundou sua associação de artesanato, e Milão, que fizera sua primeira revolução em 980, tornou-se um grande centro de comércio, cujos negócios passaram a gozar de total independência desde o século 11.²¹ O mesmo ocorreu com Bruges e Ghent [Bélgica] e com diversas cidades da França, nas quais o *Mahl* (fórum) se tornou uma instituição bem independente.²² E desde esse período começou o trabalho de decoração artística das cidades com obras de arquitetura que ainda podemos admirar e que são um testemunho eloquente do movimento intelectual da época. “As basílicas foram então renovadas em quase todo o universo”, escreveu Raoul Glaber em sua crônica; alguns dos mais belos monumentos da arquitetura medieval datam desse período: a antiga e maravilhosa igreja de Bremen foi construída no século 9; a de São Marcos, de Veneza, foi acabada em 1071; e o lindo domo de Pisa, em 1063. Na verdade, o movimento intelectual chamado de Renascença do Século 12²³ e de Racionalismo do Século 12 – o precursor da Reforma²⁴ – data desse período, em que a maioria das cidades ainda era de constituída de simples aglomerados de pequenas comunidades aldeãs protegidas por muros fortificados.

Entretanto, além do princípio da comunidade aldeã, foi necessário outro elemento para dar unidade de pensamento e ação a esses centros florescentes de liberdade e cultura e a capacidade de iniciativa que as fortaleceu nos séculos 12 e 13. Com a crescente diversidade dos ofícios, do artesanato e das artes, e com o comércio cada vez mais ampliado em terras distantes, surgiu uma nova



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

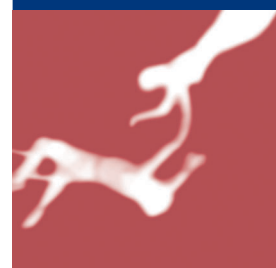
135

forma de associação: as *corporações*. Volumes e mais volumes foram escritos a respeito dessas associações que, sob o nome de corporações, irmandades, amizades e de *drujhestva*, *menne*, *artéis*, na Rússia, de *esnaifs*, na Sérvia e na Turquia, de *amkari*, na Geórgia, por exemplo, tiveram um desenvolvimento formidável na época medieval e desempenharam um papel importante na emancipação das cidades. Mas foram necessários mais de 60 anos para os historiadores compreenderem a universalidade dessa instituição e seu verdadeiro caráter. Só agora, depois de estudadas e publicadas centenas de estatutos de corporações, e de conhecidas suas relações com os *collegiae* romanos e com as associações mais antigas da Grécia e da Índia,²⁵ é que podemos afirmar, com conhecimento de causa, que essas irmandades eram apenas um desdobramento dos mesmos princípios que vimos operantes na gens e na comunidade aldeã.

Nada ilustra melhor essas irmandades medievais do que as corporações temporárias formadas a bordo de navios. Quando uma embarcação da Hansa estava na metade de seu primeiro dia de viagem depois de deixar o porto, o capitão (*Schiffer*) reunia a tripulação e os passageiros no convés e fazia o seguinte tipo de discurso, repetido por um contemporâneo:

Ele disse: “Como agora estamos à mercê de Deus e das ondas, devemos ser iguais. E, como vamos cercados de tormentas, grandes ondas, piratas e outros perigos, devemos manter uma ordem estrita, de modo a terminar bem nossa viagem. Eis por que vamos rezar pedindo bom vento e sucesso e, de acordo com o direito marítimo, avamos nomear os ocupantes dos assentos dos juízes (*Schöffstellen*)”. Depois disso, a tripulação elegeu um *Vogt* e quatro *scabini* para atuar como seus juízes. Ao fim da viagem, o *Vogt* e os quatro *scabini* abdicaram de suas funções e disseram algo como: “O que aconteceu a bordo, nós, a tripulação, devemos perdoar e considerar caso encerrado (*todt und ab sein lassen*). O que julgamos correto foi pelo bem da justiça. É por isso que imploramos a todos, em nome da justiça honesta, esquecer toda animosidade que um possa nutrir contra o outro e jurar sobre o pão e o sal que não vai guardar rancor por isso. Mas, se alguém se considera ofendido, deve apelar ao *Vogt* da terra firme e pedir-lhe justiça antes do pôr-do-sol”. No desembarque, o total das multas pagas era entregue ao juiz do porto para ser distribuído aos pobres.²⁶

Essa narrativa simples talvez descreva, melhor do que qualquer outra coisa, o espírito das corporações medievais. Organizações semelhantes passaram a existir onde quer que um grupo de homens – pescadores, caçadores, mercadores ambulantes, construtores ou artesãos estabelecidos – tenha se unido por um objetivo comum. Assim, a bordo do navio havia a autoridade do capitão; mas,



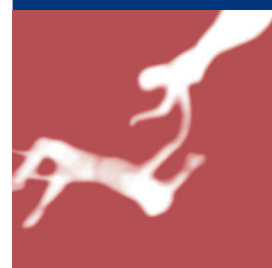
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

136

para o próprio êxito da empresa comum, todos os homens a bordo – ricos e pobres, mestres e tripulação, capitão e marinheiros – concordavam em serem iguais em suas relações mútuas, em serem pura e simplesmente seres humanos, que podem se ajudar uns aos outros e resolver suas possíveis diferenças perante juízes eleitos por todos. Do mesmo modo, quando diversos artesãos – pedreiros, carpinteiros, talhadores e outros – reuniam-se para edificar uma catedral, por exemplo, todos pertenciam a uma cidade que tinha sua organização política e, além disso, cada um deles, representava sua própria categoria ou ofício; mas também estavam unidos por seu empreendimento comum, que conheciam melhor do ninguém, e formava um só corpo, por meio dos laços mais íntimos, embora temporários; haviam fundado uma corporação para a construção de uma catedral.²⁷ Na *çof* dos cabila,²⁸ vemos isso até hoje. Esse povo tem sua comunidade aldeã, mas essa união não é suficiente para todas as suas necessidades políticas, comerciais e pessoais e, por isso, criou a *çof*, uma irmandade de vínculos mais estreitos.

Quanto ao caráter social da corporação medieval, qualquer estatuto de corporação pode ilustrá-la. No *skraa* de uma corporação dinamarquesa antiga, temos, em primeiro lugar, uma declaração dos sentimentos fraternos gerais que devem reinar na corporação; em seguida vêm os regulamentos relativos à autojurisdição em caso de disputa entre dois de seus membros, ou entre um membro e um estranho; e depois são enumerados os deveres sociais gerais. Se houvesse um incêndio na casa de um membro da corporação, ou se um deles perdesse seu navio, ou sofresse numa viagem de peregrinação, todos os demais deviam ajudá-lo. No caso de um deles cair gravemente enfermo, dois integrantes da irmandade tinham de cuidar dele em seu leito de enfermo até a recuperação e, caso ele morresse, esses mesmos integrantes da corporação deviam enterrá-lo – tarefa perigosa naqueles tempos de pestes – e acompanhá-lo à igreja e ao túmulo; após sua morte, ainda deviam amparar seus filhos, se necessário. Era muito frequente a viúva se tornar membro da corporação.²⁹

Essas duas características essenciais estavam presentes em toda irmandade formada, não importa para qual fim. Os membros tratavam-se uns aos outros como “irmão” e “irmã”;³⁰ todos eram iguais perante a corporação. Seus integrantes possuíam algum *chattel* (gado, terra, edificações, lugares de culto religioso ou “fundo”) em comum. Os irmãos faziam o juramento de esquecer as inimizades anteriores e, sem impor uns aos outros a obrigação de nunca mais brigarem de novo, concordavam em que nenhum desacordo degeneraria em rixa ou processo judicial perante outro tribunal que não o da



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

137

própria irmandade. E, se um irmão estivesse envolvido em uma briga com um estranho à corporação, esta concordava em apoiá-lo, para bem ou para mal, ou seja, quer tivesse sido acusado injustamente de agressão, quer tivesse sido realmente o agressor, ela devia apoiá-lo e levar o processo a um final feliz. Desde que a agressão não tivesse sido feita às escondidas – caso em que o agressor seria tratado como um fora-da-lei –, a irmandade o apoiava.³¹ Se os parentes do ofendido quisessem vingar a ofensa imediatamente e da mesma forma, a irmandade ajudava a fuga do irmão ofensor com um cavalo ou um bote, um par de remos, uma faca e uma pederneira; se este permanecesse na cidade, doze irmãos o acompanhavam para protegê-lo, enquanto a corporação chegava a um acordo quanto à compensação. Todos iam à corte para apoiar, sob juramento, as afirmações do irmão em julgamento e, se este fosse considerado culpado, não o deixavam se arruinar completamente e tornar-se escravo por não pagar a indenização devida; todos a pagavam, exatamente como a gens fazia outrora. Só quando quebrava a confiança dos membros da corporação ou de outras pessoas é que um irmão era excluído da irmandade e tratado como alguém de fora (*tha scal han maeles af brödre scap met nidings nafn*).³²

Tais eram as ideias essenciais das irmandades que aos poucos integraram o conjunto da vida medieval. Na verdade, temos conhecimento de corporações entre todas as ocupações possíveis: corporações de servos,³³ de homens livres e de servos e homens livres; corporações surgidas especificamente para a caça, a pesca ou a empresa comercial, que se dissolviam quando o objetivo específico era alcançado ou que duraram séculos em um dado ofício ou negócio. E essa variedade crescia na mesma proporção em que se ampliava a gama de atividades. Portanto, vemos não só mercadores, artesãos, caçadores e camponeses unidos em corporações, mas também sacerdotes, pintores, professores primários e universitários. Corporações eram formadas para executar a peça da Paixão de Cristo, edificar uma igreja, elucidar o “mistério” de uma dada escola de arte ou artesanato, ou para uma recreação especial – até mesmo de mendigos, carrascos e prostitutas –, todas organizadas segundo o mesmo princípio duplo de autojurisdição e ajuda mútua.³⁴ Existem evidências positivas de que a própria “formação da Rússia” resultou tanto do trabalho de seus artéis de caçadores, pescadores e comerciantes como das comunidades aldeãs nascentes. Até hoje esse país está coberto de artéis.³⁵

Essas poucas observações mostram como era incorreta a visão adotada por alguns dos primeiros estudiosos das corporações, segundo os quais sua essência estava em sua principal festa anual. Na realidade, a data da refeição



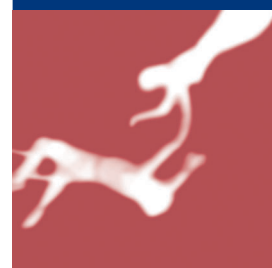
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

138

em comum era sempre o dia (ou o dia seguinte) da eleição dos representantes, da discussão de alterações nos estatutos e, muito frequentemente, do julgamento de discórdias entre os membros,³⁶ ou da renovação da lealdade à corporação. A refeição em comum, assim como a festa da antiga assembleia do povo tribal – a *mahl* ou *malum* – ou a aba dos buriates, ou a festa paroquial e a ceia da colheita, era simplesmente uma celebração do sentimento de fraternidade. Simbolizava os tempos em que tudo era propriedade comum do clã. Ao menos nesse dia tudo pertencia a todos; todos se sentavam à mesma mesa e compartilhavam a mesma refeição. Até mesmo muito tempo depois, nesse dia os internos do asilo de uma corporação de Londres se sentavam lado a lado com o rico vereador.

Quanto à distinção que diversos estudiosos tentaram estabelecer entre a antiga *frith guild* saxônica e as chamadas corporações “sociais” ou “religiosas” – todas eram *frith guilds* no sentido citado acima,³⁷ e todas eram religiosas, no sentido em que uma comunidade aldeã ou uma cidade sob a proteção de um santo especial é social e religiosa. Se a instituição da corporação se estendeu tão amplamente na Ásia, na África e na Europa, e sobreviveu por milhares de anos, reaparecendo sempre que condições semelhantes possibilitassem sua existência, isso se deve ao fato de ela ter sido mais que uma associação para alimentação ou para a realização de um culto num certo dia, ou um grupo de sepultamento. Respondia a uma necessidade profundamente enraizada na natureza humana e incorporava todos os atributos dos quais o Estado se apropriou mais tarde para sua burocracia e polícia, e muito mais. Foi uma associação para ajuda mútua em todas as circunstâncias e em todas as situações da vida, “por meio de ações e aconselhamento”, e para manter a justiça – com a diferença (em relação ao Estado) de que, em todas essas ocasiões, introduzia um elemento humano, fraternal, em lugar do elemento formal, que é a característica essencial da interferência estatal. Mesmo quando comparecia perante o tribunal da corporação, o irmão tinha de responder a homens que o conheciam bem, dividiam com ele a refeição e o trabalho cotidiano, e a realização dos mesmos deveres, homens que eram seus iguais e irmãos de fato, e não teóricos do direito, nem defensores de interesses alheios.³⁸

É evidente que uma instituição assim, tão bem adequada às necessidade da associação, sem privar o indivíduo de sua iniciativa, não poderia deixar de se difundir, crescer e fortalecer-se. A única dificuldade era encontrar uma forma que permitisse confederar as uniões de corporações sem interferir com as associações das comunidades aldeãs, reunindo-as em um todo harmonioso.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

139

E, quando essa forma foi encontrada e uma série de circunstâncias favoráveis permitiram que as cidades afirmassem sua independência, a confederação surgiu com uma unidade de pensamento que nos deixa pasmos, mesmo em nosso século de estradas de ferro, telégrafos e imprensa. Conhecemos centenas de cartas constitucionais onde as cidades documentaram sua liberação e, em todas elas, apesar da infinita variedade de detalhes, expressando um maior ou menor grau emancipação, vemos a mesma ideia. A cidade organizou-se como uma federação de pequenas comunidades aldeãs e de corporações. Uma carta constitucional apresentada aos burgueses de Aire por Philip, conde de Flandres, diz o seguinte:

Todos os que pertencem ao grupo de amigos da cidade prometeram e confirmaram por fé e juramento que se ajudarão como irmãos em tudo que seja útil e honesto. Que, se alguém cometer uma ofensa contra outro, seja em palavras, seja em ações, o ofendido não se vingará, nem ele mesmo, nem seus parentes. [...] apresentará uma queixa e o ofensor compensará sua ofensa, de acordo com o que for pronunciado por doze juízes eleitos atuando como árbitros. E se, depois de ter sido avisado por três vezes, não se submeter à decisão dos árbitros, o ofensor ou o ofendido será excluído da irmandade por ser considerado um homem corrompido e um perjuro.³⁹

Nas Cartas de Amiens e Abbeville, lemos o seguinte: “Cada um dos homens da comuna será leal a todos os seus membros e lhes dará ajuda e conselho segundo o que a justiça lhe ditar”. Nas de Soissons, Compiègne, Senlis e em muitas outras do mesmo tipo, está escrito: “Dentro das fronteiras da Comuna, todos se ajudarão segundo suas possibilidades e não sofrerão pelo fato de alguém ter tomado algo de qualquer um de seus membros, ou de ter feito outro pagar contribuições”.⁴⁰ São inumeráveis as variações sobre o mesmo tema.

Guilbert de Nogent escreveu:

A Comuna é um juramento de ajuda mútua (*mutui adjutorii conjuratio*) [...]. Um mundo novo e detestável. Por meio dela, os servos (*capite sensi*) são livres de toda servidão; por meio dela, só podem ser condenados, por transgressão à lei, a uma multa legalmente determinada; por meio dela, deixam de estar sujeitos a pagamentos que os servos costumavam fazer.⁴¹

No século 12, a mesma onda de emancipação alcançou todas as partes do continente, envolvendo desde cidades ricas até as mais pobres. E, se podemos dizer que as cidades italianas foram as primeiras a se libertar, não somos



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

capazes de apontar um centro de onde o movimento se difundiu. Na Europa Central, era muito frequente um pequeno burgo tomar a iniciativa para sua região e grandes aglomerações aceitavam a Carta constitucional dessa pequena cidade como modelo para as suas. Foi o que aconteceu à de Lorris, adotada por 83 cidades do sudoeste da França, e a com a de Beaumont, que se tornou modelo para mais de quinhentas cidades da Bélgica e da França. Delegados especiais eram enviados para obter uma cópia da Carta da cidade vizinha. Mas a Carta de cada cidade não era simples cópia da de outra: era elaborada de acordo com as concessões feitas pelos senhores feudais. O resultado disso foi que, como observado por um historiador, as Cartas Constitucionais das comunas medievais ofereciam a mesma variedade que a arquitetura gótica de suas igrejas e catedrais: havia as mesmas ideias essenciais em todas elas – a catedral simbolizando a união da paróquia e da corporação na cidade – e a mesma infinita riqueza de detalhes.

A autojurisdição era o ponto essencial, e significava autoadministração. Mas a comuna não era simplesmente uma parte “autônoma” do Estado – pois essas palavras ambíguas ainda não tinham sido inventadas –, mas um Estado em si mesma. A comuna tinha o direito de declarar guerra e paz, de constituir federação e de fazer aliança com seus vizinhos. Era soberana em seus próprios assuntos e não se intrometia nos dos outros. O poder político supremo podia ser inteiramente atribuído a um fórum democrático – como foi o caso de Pskov, cujo *vyeche* enviava e recebia embaixadores, concluía tratados, aceitava e depunha príncipes, ou passava sem eles por dezenas de anos – ou era dado a uma aristocracia de mercadores ou mesmo de nobres, ou usurpado por ela – como foi o caso de centenas de cidades da Itália ou da Europa Central. Mas o princípio era sempre o mesmo: a cidade era um Estado e – o que era ainda mais notável – ainda que o poder fosse usurpado por uma aristocracia de mercadores ou de nobres, a vida e o caráter democrático da vida cotidiana não desapareciam: as cidades dependiam pouco do que pode ser chamado de *forma política do Estado*.

O segredo dessa aparente anomalia reside no fato de que uma cidade medieval não era um Estado centralizado. Durante os primeiros séculos de sua existência, ela dificilmente poderia ser chamada de Estado no que se refere à sua organização interior, pois a atual centralização de funções era menos conhecida na Idade Média do que a centralização territorial de hoje. Cada grupo tinha sua parcela de soberania. Geralmente a cidade era dividida em quatro partes, ou em cinco a sete setores que se irradiavam de um centro, e



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

141

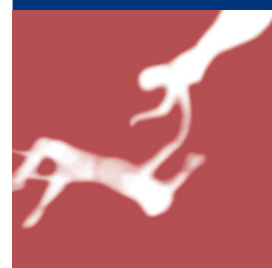
cada um deles correspondia mais ou menos a um certo comércio ou ofício que nele prevalecia, mas continha habitantes de diferentes posições sociais e ocupações – nobres, comerciantes, artesãos ou mesmo semisservos. Cada setor ou parte constituía um aglomerado bem independente. Em Veneza, cada ilha era uma comunidade política autônoma, com seus próprios ofícios organizados, comércio de sal, jurisdição e administração, fórum; e a nomeação de um doge pela cidade em nada mudava a independência interna das unidades.⁴² Na cidade de Colônia, os habitantes estavam divididos entre *Geburschaften* e *Heimschaften* (*viciniae*), isto é, corporações vizinhas, que datavam do período franco. Cada uma tinha seu juiz (*Burrichter*) e os doze árbitros (*Schöffen*) costumeiros, seu *Vogt* e seu *greve* (comandante da milícia local).⁴³ De acordo com Green, a história da Londres anterior à Conquista é a

de numerosos grupos pequenos espalhados aqui e ali pela área interna aos muros, cada qual se desenvolvendo de acordo com sua própria vida e instituições, corporações, jurisdições de proprietários de terras, templos religiosos e afins, aproximando-se lentamente de uma associação municipal.⁴⁴

E, consultando os anais das cidades russas de Novgorod e Pskov, ambas relativamente ricas em detalhes locais, encontramos os setores (*konets*) consistindo em ruas independentes (*ulitsa*), cada uma, embora povoada principalmente por artesãos de um certo ofício, também com mercadores e proprietários de terras, e constituindo uma comunidade separada. Os setores respondiam por todos os membros da comunidade em caso de crime, tinham suas próprias jurisdição e administração por representantes de rua (*ulichanskiye starosty*). De específico, tinham também o selo e, em caso de necessidade, o fórum, assim como a milícia e os padres que elegia, e sua vida e empresas coletivas.⁴⁵

Portanto, a cidade medieval é uma dupla federação: de todos os domicílios unidos em pequenas associações territoriais – a rua, a paróquia, o setor – e de indivíduos ligados por juramento em corporações de ofício. A primeira foi resultante da origem na comunidade aldeã e a segunda, uma ramificação subsequente gerada por novas condições.

O principal objetivo da cidade medieval era o de garantir a liberdade, a autoadministração e a paz, e sua principal base, o trabalho, como veremos ao tratar das corporações de ofício. Mas a “produção” não absorvia toda a atenção dos economistas medievais. Com sua mentalidade prática, eles entendiam que, para se obter a produção, devia-se garantir o “consumo” e, consequen-



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

temente, o princípio fundamental de cada cidade era o de prover “a comida e o alojamento básicos tanto para os pobres quanto para os ricos” (*gemeine notdurft und gemach armer und richer*⁴⁶). A compra de gêneros de primeira necessidade (comida, carvão, lenha etc.) antes que tivessem chegado ao mercado, ou, de forma geral, em condições particularmente favoráveis, das quais outros seriam excluídos – em uma palavra, por *preemptio* [apropriação antecipada] – era expressamente proibida. Tudo tinha de ser enviado ao mercado, onde era oferecido para a compra de todos, até que o tocar do sino fechasse o estabelecimento. Só então o varejista poderia comprar o restante e, mesmo assim, seu lucro deveria ser apenas um “lucro honesto”.⁴⁷ Além disso, quando o trigo era comprado em grande quantidade por um padeiro depois do fechamento do mercado, todo cidadão tinha o direito de solicitar uma parte (cerca de metade de um quarto) para seu uso a preço de atacado se fizesse seu pedido antes da conclusão da barganha. Por outro lado, todo padeiro podia fazer a mesma solicitação se o cidadão comprasse trigo para revendê-lo. No primeiro caso, o produto tinha apenas de ser levado ao moinho da cidade para ser triturado na ocasião oportuna a um preço estabelecido, e o pão podia ser assado no *four banal*, ou forno comunitário.⁴⁸ Em resumo: se houvesse escassez na cidade, todos tinham de passar por ela, enfrentando dificuldades maiores ou menores; mas, independentemente das calamidades, enquanto as cidades livres existiram ninguém morria de fome dentro delas, como infelizmente é bem frequente em nossos dias.

Todas essas regras fazem parte de períodos posteriores da vida urbana; nos primeiros tempos, era a própria cidade que comprava todos os gêneros alimentícios para o uso dos seus cidadãos. Os documentos publicados recentemente por Gross são prova disso e apóiam inteiramente sua conclusão no que se refere ao fato de que as cargas de gêneros alimentícios

eram compradas por certos oficiais civis em nome da cidade e depois distribuídas em cotas entre os comerciantes burgueses, não sendo permitido a ninguém comprar mercadorias descarregadas no porto, a menos que as autoridades municipais se recusassem a comprá-las.

De acordo com esse autor, “esta parece ter sido uma prática bastante comum na Inglaterra, na Irlanda, no País de Gales e na Escócia”.⁴⁹ Até o século 16, vemos que em Londres se fazia a compra comum de cereais para a “comodidade e lucro em todas as coisas desse tipo” da cidade e Câmara local, “e de todos os cidadãos e habitantes da mesma em tudo que de nós dependa”, como escreveu o prefeito em 1565.⁵⁰ É bem sabido que, em Veneza, a totalidade



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

143

do comércio de cereais esteve nas mãos da cidade; ao receber os cereais da junta que administrava as compras, os *quarters* eram obrigados a enviar à casa de cada cidadão a quantidade a ele atribuída.⁵¹ Na França, a cidade de Amiens costumava comprar sal e distribuí-lo a todos os cidadãos ao preço de custo;⁵² e, até hoje, em muitas cidades francesas, ainda se pode ver os *halles*, que eram antigamente depósitos municipais de cereais e de sal.⁵³ Em Novgorod e Pskov, na Rússia, vigorava o mesmo costume.

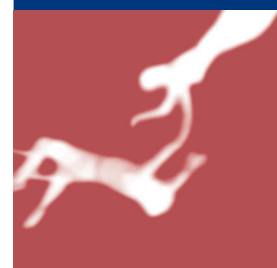
Toda essa questão relativa às compras comunaís para uso dos cidadãos e como estas eram feitas parece não ter ainda recebido a atenção necessária dos historiadores do período. Mas, aqui e ali, verificam-se fatos muitos interessantes que ajudam a ilustrar a questão. Entre os documentos de Gross, encontramos um regulamento de Kilkenny [Irlanda] do ano de 1367, por meio do qual ficamos sabendo como eram fixados os preços das mercadorias.

Os mercadores e os marinheiros tinham de declarar sob juramento o preço de custo das mercadorias e os gastos gerados pelo transporte. Depois disso, o prefeito da cidade e dois homens honestos tinham de determinar o preço pelo qual os artigos deviam ser vendidos.

A mesma regra vigorava em Thurso [Escócia] para mercadorias que chegavam “por mar ou por terra”. Essa maneira de “fixar o preço” responde tão bem às verdadeiras concepções de comércio correntes na Idade Média que devem ter sido quase universais. Era um costume muito antigo ter o preço estabelecido por uma terceira pessoa, e também era um hábito muito difundido que isso fosse feito por “homens honestos” – por uma terceira parte –, e não pelo vendedor ou pelo comprador, em todo comércio realizado dentro da cidade. Mas isso nos faz recuar ainda mais na história do comércio – para uma época em que a venda de mercadorias de demanda constante era feita pela cidade como um todo e os comerciantes eram apenas os encarregados da cidade para a venda dos bens que ela exportava. Em um regulamento de Waterford [Irlanda], também citado por Gross, está escrito que

toda espécie de mercadoria, *qualquer que seja seu tipo* [...] será comprada pelo Prefeito e *balives*, que são os compradores em comum da cidade, num determinado momento, e distribuída aos homens livres da cidade (excetuados apenas os bens próprios dos cidadãos e habitantes livres).

Difícilmente será possível dar outra explicação a esse regulamento além de que todo o comércio exterior da cidade era realizado por agentes que ela



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

144

escolhia. Além disso, temos evidência direta de que esse foi também o caso de Novgorod e Pskov, cidades soberanas que enviavam suas caravanas de mercadores a terras distantes.

Sabemos também que, em quase todas as cidades medievais das Europas Central e Ocidental, as corporações de ofício costumavam comprar, em conjunto, todas as matérias-primas necessárias, e vendiam o produto de seu trabalho por meio de seus funcionários, e é improvável que o mesmo não tenha sido o caso em relação ao comércio exterior – tanto mais que, como bem se sabe, até o século 13, não só todos os comerciantes de uma dada cidade eram considerados responsáveis, em conjunto, pelos débitos contraídos por qualquer um deles quando fora de suas fronteiras, como também a cidade como um todo. Só nos séculos 12 e 13 é que as cidades do Reno assinaram tratados especiais abolindo essa responsabilidade⁵⁴. Para finalizar, temos o notável documento de Ipswich [Inglaterra], citado por Gross, no qual lemos que a corporação mercantil dessa cidade era constituída por todos os que tinham a cidadania local e desejavam pagar sua contribuição (“sua ‘*hanse*’”) à corporação. A comunidade inteira discutia a melhor forma de mantê-la e lhe conferia certos privilégios. Portanto, em Ipswich, a corporação mercantil era mais um corpo de administradores da cidade do que uma corporação privada comum.

Em resumo: quanto mais conhecemos a cidade medieval, tanto mais constatamos que ela não era simplesmente uma organização estatal voltada para a proteção de certas liberdades políticas. Era uma tentativa de organizar, em uma escala muito mais ampla que a da comunidade aldeã, uma estreita união para ajuda e apoio mútuos, para o consumo e a produção e para a vida social como um todo, sem impor aos homens os entraves do Estado, mas dando plena liberdade de expressão à criatividade de cada grupo isolado de indivíduos nas artes, nos ofícios, na ciência, no comércio e na organização política. Vamos ver até que ponto essa tentativa foi bem-sucedida depois de analisarmos, no próximo capítulo, a organização do trabalho urbano medieval e as relações das cidades com a população camponesa que as cercava.

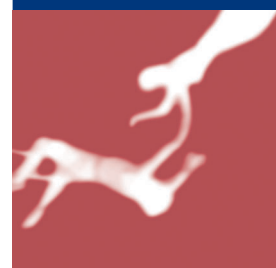


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

145

NOTAS

- ¹ W. Arnold, em sua obra *Wanderungen und Ansiedelungen der deutschen Stämme*, p. 431, chega a dizer que até que metade da atual área arável no centro da Alemanha deve ter se tornado própria para cultivo do século 6 ao 9. Nitzsch, na obra *Geschichte des deutschen Volkes*, Leipzig, 1883, vol. i., defende a mesma opinião.
- ² Leo e Botta, *Histoire d'Italie*, edição francesa, 1844, t. i, p. 37.
- ³ A indenização para o roubo de uma simples faca era de 15 *solidii*, e de peças de ferro de um moinho, de 45 *solidii*; sobre este assunto, ver a obra de Lamprecht, “Wirtschaft und Recht der Franken”, em *Historisches Taschenbuch*, de Raumer, 1883, p. 52. De acordo com o direito ribeirinho (*Riparian law*), a espada, a lança e a armadura de ferro de um guerreiro atingia o valor de pelo menos 25 vacas ou dois anos de trabalho de um homem livre. Na lei sálica, só uma couraça era avaliada em 36 *bushels* de trigo (Desmichels, citado por Michelet).
- ⁴ Durante muito tempo, a principal riqueza dos senhores da guerra (*chieftains*) consistia em seus domínios pessoais, povoados em parte por prisioneiros escravizados, mas principalmente da maneira descrita. Sobre a origem da propriedade, ver a obra “Die Ausbildung der grossen Grundherrschaften in Deutschland”, de Inama Sternegg, em *Forschungen*, de Schmoller, Bd. I, 1878; *Urgeschichte der germanischen und romanischen Völker*, de F. Dahn, Berlin, 1881; *Dorfverfassung*, de Maurer; *Essais sur l’histoire de France*, de Guizot; *Village Community*, de Maine; *Histoire d’Italie*, de Botta; ver também Seeböhm, Vinogradov, J. R. Green e outros.
- ⁵ Ver *International Law*, de Henry Maine, Londres, 1888.
- ⁶ *Ancient Laws of Ireland*, Introdução; *Etudes de droit international*, de E. Nys, t. i, 1896, p. 86 et seqs. Entre os ossétios, os árbitros das três aldeias mais antigas gozam de um respeito especial (*Modern Custom and Old Law*, de M. Kovalevsky, Moscou, 1886, ii, p. 217, em russo).
- ⁷ É possível pensar que essa concepção (relacionada à concepção do segundo-em-comando [no original, *tanistry* – o ofício do herdeiro aparente ou do segundo-em-comando entre as dinastias reais da Irlanda] desempenhou um papel importante na vida desse período; mas esse tema ainda não foi pesquisado.
- ⁸ No ano de 1002, a Carta de St. Quentin dizia claramente que o resgate de casas que deviam ser demolidas por crimes devia ser revertido para a cidade. O mesmo



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

destino era dado ao *Ungeld* nas cidades alemãs. Em Pskov, a catedral era o banco das multas e desse fundo é que era retirado o dinheiro para a construção de muros.

⁹ *Fränkische Rechts und Gerichtsverfassung*, de Sohm, p. 23; também *Geschichte des deutschen Volkes*, de Nitzsch, i, p. 78.

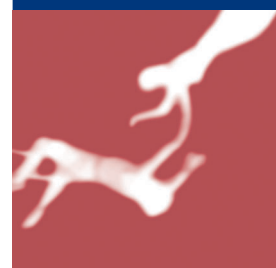
¹⁰ Ver as excelentes notas sobre este assunto em *Lettres sur l'histoire de France*, de Augustin Thierry, sétima carta. As traduções bárbaras de partes da Bíblia são extremamente instrutivas neste ponto.

¹¹ Trinta e seis vezes mais do que um nobre, conforme o direito anglo-saxão. Entretanto, no código de Rothari, o assassinato de um rei é punido com a morte; mas (excetuada a influência romana) essa nova disposição foi introduzida (em 646) no direito lombardo – como observaram Leo e Botta – para proteger o rei da vingança de sangue. Naquele tempo, pelo fato de o rei ser o executor de suas próprias sentenças (como fora anteriormente a tribo), ele tinha de ser protegido por uma disposição especial, tanto mais porque vários reis lombardos antes de Rothari foram assassinados um após outro (Leo e Botta, loc. cit, i, p. 66-90).

¹² *Deutsche Geschichte*, de Kaufmann, Bd. I, *Die Germanen der Urzeit*, p. 133.

¹³ *Urgeschichte der germanischen und romanischen Völker*, de Dr. F. Dahn, Berlin, Bd. I, 1881, p. 96.

¹⁴ Se concordo com as interpretações há muito defendidas por Maurer (*Geschichte der Städteverfassung in Deutschland*, Erlangen, 1869), é porque ele provou de forma inquestionável a evolução incessante desde a comunidade aldeã até a cidade medieval, e porque só as suas interpretações conseguem explicar a universalidade do movimento comunal. Savigny, Eichhorn e seus seguidores certamente provaram que as tradições dos *municipia* romanos nunca desapareceram completamente. Mas não levaram em consideração o período da comunidade aldeã no qual viveram os bárbaros antes que tivessem cidades. O fato é que, sempre que a humanidade recomeçou a civilização, na Grécia, em Roma ou na Europa da Idade Média, ela passou pelos mesmos estágios – tribo, comunidade aldeã, cidade livre, Estado – cada um evoluindo naturalmente do anterior. É claro que a experiência de cada civilização precedente nunca foi perdida. A Grécia (ela mesma influenciada pelas civilizações orientais) influenciou Roma, e Roma influenciou nossa civilização; mas todas elas partem do mesmo ponto – a tribo. E, assim como não podemos dizer que nossos Estados são continuações do Estado romano, também não podemos dizer que as cidades medievais da Europa



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

147

(incluindo a Escandinávia e a Rússia) eram uma continuação das cidades romanas. Foram uma continuação da comunidade aldeã bárbara, influenciada em certa medida pelas tradições das cidades romanas.

¹⁵ *Modern Customs and Ancient Laws of Russia*, de M. Kovalevsky, Londres, Ilchester Lectures, 1891, Lecture 4.

¹⁶ Foi necessária uma considerável quantidade de trabalho antes que esse caráter do assim chamado período *udyelnyi* fosse definido de maneira apropriada pela obra de Byelaeff (*Tales from Russian History*) e principalmente de Sergievich (*The Vyeche and the Prince*). O leitor inglês pode encontrar alguma informação sobre esse período na obra supracitada de M. Kovalevsky, na obra *History of Russia*, de Rambaud e, de forma bem resumida, no verbete “Russia”, da última edição da *Chambers’s Encyclopaedia*”.

¹⁷ Ferrari, *Histoire des révolutions d’Italie*, i., p. 257; Kallsen, *Die deutschen Städte im Mittelalter*, Bd. I., Halle, 1891.

¹⁸ Ver as excelentes observações de G. L. Gomme sobre a assembleia popular de Londres (*The Literature of Local Institutions*, Londres, 1886, p. 76). Mas é bom lembrar que, em cidades régias, a assembleia popular nunca atingia a independência que atingiu em outros lugares. É certo que Moscou e Paris foram escolhidas pelos reis e pela Igreja como os berços da futura autoridade régia do Estado porque não possuíam a tradição de assembleias populares acostumadas a agir soberanamente em todos os assuntos.

¹⁹ A. Luchaire, *Les Communes françaises*; também Kluckohn, *Geschichte des Gottesfriedens*, 1857. L. Sémichon (*La paix et la trêve de Dieu*, 2 vols., Paris, 1869) tentou provar que o movimento comunal derivou daquela instituição. Na realidade, a *tregua Dei*, assim como a liga começada sob Luís, o Grande, para a defesa tanto contra os roubos dos nobres quanto contra as invasões normandas, era um movimento inteiramente popular. Vitalis, o único historiador que menciona esta última liga, descreve-a como uma “comunidade popular” (“*Considérations sur l’histoire de France*”, in vol. iv. de Aug. Thierry, *Oeuvres*, Paris, 1868, p. 191 e nota).

²⁰ Ferrari, i, p. 152, 263 etc.

²¹ Perrens, *Histoire de Florence*, i, p.188; Ferrari, loc.cit., i, p. 283.

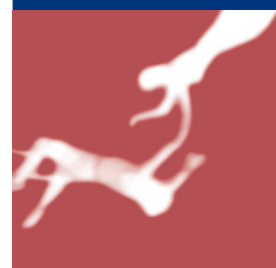
²² Aug. Thierry, *Essai sur l’histoire du Tiers Etat*, Paris, 1875, p. 414, nota.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

148

- ²³ F. Rocquain, “La Renaissance au XIIe siècle”, em *Etudes sur l’histoire de France*, Paris, 1875, p. 55-117.
- ²⁴ N. Kostomaroff, “Os racionalistas do século 12” em suas *Monografias e pesquisas* (em russo).
- ²⁵ Fatos muito interessantes a respeito da universalidade das corporações podem ser encontrados na obra *Two Thousand Years of Guild Life*, do reverendo J. M. Lambert, Hull, 1891. Com relação ao *amkari* georgiano, ver “Gorodskiye Tsekh” (“Organization of Transcaucasian Amkari”), em *Memoirs of the Caucasian Geographical Society*, xiv, 2, 1891.
- ²⁶ J. D. Wunderer, “Reisebericht”, em Fichard, *Frankfurter Archiv*, ii, p. 245; citado por Janssen, *Geschichte des deutschen Volkes*, i, p. 355.
- ²⁷ Leonard Ennen, *Der Dom zu Köln, Historische Einleitung*, Köln, 1871, p. 46, 50.
- ²⁸ Ver o capítulo anterior.
- ²⁹ Kofod Ancher, *Om gamle Danske Gilder og deres Undergang*, Copenhagen, 1785. Estatutos de uma corporação knu.
- ³⁰ Sobre a posição das mulheres em corporações, ver as notas introdutórias de Toulmin Smith à obra *English Guilds*, de seu pai. Um dos estatutos de Cambridge (p. 281) do ano de 1503 é bem claro na seguinte frase: “Thys statute is made by the comyne assent of all the bretherne and sisterne of alhallowe yelde” [Este estatuto é feito pelo consenso de todos os irmãos e irmãs da guilda de Todos os Santos].
- ³¹ Nos tempos medievais, só a agressão secreta era considerada assassinato. Vingança de sangue à luz do dia era justiça; e matar em uma briga não era assassinato, desde que o agressor mostrasse arrependimento e estivesse disposto a reparar o mal feito. Resquícios claramente visíveis dessa distinção ainda existem no direito criminal moderno, principalmente na Rússia.
- ³² Kofod Ancher, loc. cit. Esse velho folheto contém muito do que exploradores que vieram depois perderam de vista.
- ³³ Elas desempenharam um papel importante nas revoltas dos servos e por isso foram proibidas muitas vezes consecutivas na segunda metade do século 9. É claro que as proibições do rei continuavam letra morta.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

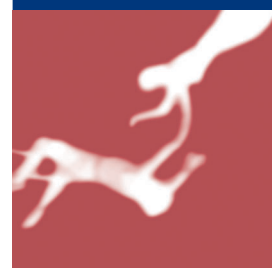
³⁴ Os pintores italianos medievais também se organizavam em corporações que, mais tarde, vieram a constituir as academias de arte. Se a arte italiana daqueles tempos foi marcada por tanta individualidade que até hoje distinguimos as diferentes escolas de Pádua, Bassano, Treviso, Verona e outras, embora todas essas cidades estivessem sob o domínio de Veneza, isso se deveu ao fato – nota Paul Richter – de que os pintores de cada cidade pertenciam a uma corporação separada, amiga das de outras cidades, mas com vida própria. O estatuto de corporação mais antigo de que se tem notícia é o da cidade de Verona, datando de 1303, mas obviamente copiado de algum estatuto muito mais antigo. “Assistência fraterna em necessidade de qualquer espécie”, “hospitalidade a estrangeiros de passagem pela cidade, pois assim pode ser obtida informação sobre assuntos que a pessoa quiser conhecer” e “obrigação de oferecer conforto em caso de necessidade” estão entre as obrigações dos membros (*Nineteenth Century*, Nov. 1890 e Aug. 1892).

³⁵ Os principais trabalhos sobre os artéis estão citados no verbete “Russia” da *Encyclopaedia Britannica*, 9 ed., p. 84.

³⁶ Ver, por exemplo, os textos das corporações de Cambridge compilados por Toulmin Smith (*English Guilds*, Londres, 1870, p. 274-276), onde se menciona que o dia geral e principal era o dia da eleição (*eleccioun day*); ou de Ch. M. Clode, *The Early History of the Guild of the Merchant Taylors*, Londres, 1888, i, p. 45; e assim por diante. Sobre a renovação da lealdade (*allegiance*), ver a saga *Jómsvíking*, mencionada em *Pappenheim’s Altdänische Schutzgilden*, Brelau, 1885, p. 67. É muito provável que, quando as corporações começaram a ser perseguidas, muitas delas inscreveram em seus estatutos apenas o dia da refeição ou de seus deveres piedosos, e aludiam à sua função judicial apenas com palavras vagas; mas essa função só desapareceu numa época muito posterior. A pergunta “Quem será meu juiz?” não tem sentido agora, posto que o Estado se apropriou da organização da Justiça para a sua burocracia; mas era de importância primordial em tempos medievais, tanto mais que autojurisdição significava autoadministração. Também é bom lembrar que a tradução do saxão e do dinamarquês *guild-bretheren* (irmãos de corporação) ou *brodre* para a palavra latina *convivii* (participantes de festim) também deve ter contribuído para a confusão acima.

³⁷ Ver as excelentes notas sobre a corporação *frith* de J. R. Green e Mrs. Green em *The Conquest of England*, Londres, 1883, p. 229-230.

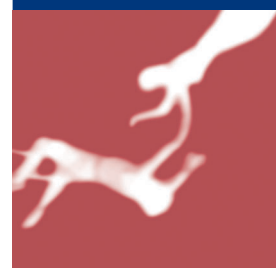
³⁸ Ver o Apêndice XIV.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

150

- ³⁹ *Recueil des ordonnances des rois de France*, t. xii. 562; citado por Aug. Thierry em *Considérations sur l'histoire de France*, p. 196, 12 ed..
- ⁴⁰ A. Luchaire, *Les Communes françaises*, p. 45-46.
- ⁴¹ Guilbert de Nogent, *De vita sua*, citado por Luchaire, op. cit., p. 14.
- ⁴² Lebreton, *Histoire de Venise*, i., p. 393; também Marin, citado por Leo e Botta em *Histoire de l'Italie*, edição francesa, 1844, t. i, p. 500.
- ⁴³ W. Arnold, *Verfassungsgeschichte der deutschen Freistädte*, 1854, Bd. ii., p. 227 et seqs.; Ennen, *Geschichte der Stadt Koeln*, Bd. i., p. 228-229; ver também os documentos publicados por Ennem e Eckert.
- ⁴⁴ *Conquest of England*, 1883, p. 453.
- ⁴⁵ Byekaeff, *Russian History*, vol. ii e iii.
- ⁴⁶ W. Gramich, *Verfassungs- und Verwaltungsgeschichte der Stadt Würzburg im 13. bis zum 15. Jahrhundert*, Würzburg, 1882, p. 34.
- ⁴⁷ Quando um navio trazia uma carga de carvão a Würzburg [Alemanha], o produto podia ser vendido no varejo apenas nos primeiros oito dias, e cada família só tinha direito a 50 cestas cheias. A carga restante podia ser vendida por atacado, mas o varejista só tinha permissão de ganhar um lucro *zittlicher* – honesto –, sendo estritamente proibido um lucro *unzittlicher* – desonesto (Gramich, loc. cit.). O mesmo acontecia em Londres (“Liber albus”, citado por Ochenkowski, p. 161) e, na verdade, em todo lugar.
- ⁴⁸ Ver Fagniez, *Études sur l'industrie et la classe industrielle à Paris au XIII^e et XIV^e siècle*, Paris, 1877, p. 155 e seguintes. Não é necessário acrescentar que a taxa sobre o pão e sobre a cerveja era fixada após cuidadosas investigações sobre a quantidade desses produtos que poderia ser obtida de uma dada quantidade de cereais. Os arquivos de Amiens contêm as minúcias dessas experiências (A. de Calonne, loc. cit., p. 77, 93). Também os de Londres (Ochenkowski, *England's wirtschaftliche Entwicklung...*, Jena, 1879, p. 165).
- ⁴⁹ Ch. Gross, *The Guild Merchant*, Oxford, 1890, i, p.135. Seus documentos provam que essa prática existia em Liverpool, Inglaterra (ii, p. 148-150), em Waterford, Irlanda, em Neath, Gales, e em Linlithgow e Thurso, na Escócia. Os textos de Gross também mostram que as compras eram feitas para distribuição não apenas entre os mercadores burgueses, mas entre “todos os cidadãos e a comunidade”



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

(“upon all citsains and commynalte”, p. 136, nota) ou, como reza o regulamento de Thurso, no século 17, “para fazer oferta aos mercadores, artesãos e habitantes do dito burgo, para que eles possam ter sua proporção do mesmo, segundo suas necessidades e capacidades”.

⁵⁰ *The Early History of the Guild of Merchant Taylors*, de Charles M. Clode, Londres, 1888, i, p. 361, apêndice 10; também o apêndice seguinte que mostra que as mesmas compras foram feitas em 1546.

⁵¹ Cibrario, *Les conditions économiques de l'Italie au temps de Dante*, Paris, 1865, p. 44.

⁵² A. de Calonne, *La vie municipale au XVme siècle dans le Nord de la France*, Paris, 1880, p. 12-16. Em 1485, a cidade permitiu a exportação de uma certa quantidade de cereais para a Antuérpia, “sendo os habitantes de Antuérpia sempre dispostos a dar as boas vindas aos mercadores e burgueses de Amiens” (ibid., p. 75-77 e textos).

⁵³ A. Babeau, *La ville sous l'ancien régime*, Paris, 1880.

⁵⁴ Ennen, *Geschichte der Stadt Köln*, i, pp. 491, 492; também textos.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

152

AJUDA MÚTUA NA CIDADE MEDIEVAL

(continuação)

Semelhanças e diferenças entre as cidades medievais – As corporações de ofício: os atributos de Estado em cada uma delas – A atitude da cidade para com os camponeses; tentativas de libertá-los – Os senhores feudais – Os resultados obtidos pela cidade medieval nas artes e no aprendizado – As causas da decadência

As cidades medievais não foram organizadas de acordo com um plano preconcebido, em obediência à vontade de um legislador externo. Todas elas cresceram naturalmente no sentido pleno da palavra – foram uma consequência sempre variável da luta entre diversas forças que se ajustavam e se reajustavam segundo seu peso relativo, dos resultados aleatórios de seus conflitos e do apoio que conseguiram nas suas vizinhanças. Portanto, não houve duas cidades cuja organização interna e cujo destino tivessem sido idênticos. Consideradas isoladamente, todas elas variaram de século a século. Mas, quando lançamos um olhar mais abrangente sobre todas as cidades da Europa, as diferenças locais e nacionais desaparecem e ficamos impressionados com a notável semelhança que todas elas mostram, embora cada uma tenha se desenvolvido por si mesma, independentemente das demais e em condições distintas. Uma pequena cidade no norte da Escócia, com sua população de rudes trabalhadores e pescadores; uma rica cidade de Flandres, com seu comércio mundial, seu luxo, seu amor pela diversão e pela vida mundana; uma cidade italiana enriquecida por seu intercâmbio com o Oriente, que cultivava, no interior de seus muros, um gosto artístico sofisticado e uma civilização requintada; e uma cidade pobre, basicamente agrícola, num distrito de pântano e lago da



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

153

Rússia parecem ter pouco em comum. No entanto, as diretrizes da organização dessas cidades e o espírito que as animava estavam imbuídos de uma grande semelhança, como os membros de uma mesma família. Vemos por toda parte as mesmas federações de pequenas comunidades e corporações, as mesmas cidades menores em torno da cidade-mãe, a mesma assembleia popular e os mesmos emblemas de sua independência. O *defensor* da cidade, sob nomes e figurinos diferentes, representava a mesma autoridade e os mesmos interesses; o abastecimento de gêneros alimentícios, e também o trabalho e o comércio eram organizados segundo linhas bem parecidas; as lutas internas e externas tinham ambições semelhantes; mais ainda: as próprias fórmulas usadas nas lutas, como também nos anais, os regulamentos e os registros são os mesmos; e os monumentos arquitetônicos, tanto góticos como romanos ou bizantinos, expressam as mesmas aspirações e os mesmos ideais, concebidos e construídos da mesma maneira. Muitas das diferenças se devem apenas à idade, e as disparidades entre cidades irmãs – que eram genuínas – repetem-se em diversas partes da Europa. A unidade da ideia principal e a identidade de origem compensam as diferenças de clima, de localização geográfica, de riqueza, de língua e de religião. Eis por que podemos falar *da* cidade medieval como uma fase bem definida da civilização; e, embora toda pesquisa que insista nas diferenças locais e individuais seja bem-vinda, ainda conseguimos apontar as principais linhas de desenvolvimento comuns a todas as cidades.¹

Não há dúvida de que a proteção dada à praça do mercado desde tempos bárbaros mais antigos desempenhou um papel importante, mas não exclusivo, na emancipação da cidade medieval. Nos primeiros tempos bárbaros, as comunidades aldeãs não praticavam o comércio em seu interior, que era feito apenas com estrangeiros, em certos pontos definidos e em dias determinados. Para que o comerciante de fora pudesse chegar ao local do intercâmbio sem o risco de ser morto em meio a alguma briga que estivesse ocorrendo entre duas famílias, a praça de mercado ficava sempre sob a proteção especial de toda a comunidade. Esse local era tão inviolável como o de culto religioso, sob cuja sombra se situava. Entre os cabilas, ele ainda é *annaya*, como a trilha ao longo da qual as mulheres carregam a água tirada do poço; nenhuma pessoa armada podia pisar em nenhum dos dois, mesmo durante guerras intertribais.

Na Idade Média, o mercado era igualmente protegido.² Não se toleravam rixas em seu interior, nem dentro de um raio definido a partir dele. A alteração que surgisse no meio da multidão de vendedores e compradores tinha de ser levada aos que velavam pela proteção do mercado – o tribunal da comunidade,



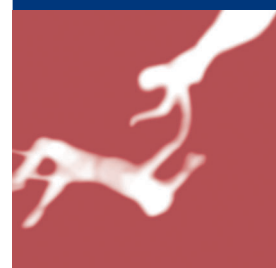
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

154

do bispo, do senhor feudal ou do juiz do rei. Um forasteiro que viesse comerciar era um hóspede e a ele se dava exatamente essa denominação. Mesmo o senhor feudal, que não tinha escrúpulos em roubar um mercador na estrada, respeitava o *Weichbild*, ou seja, o mastro situado na praça do mercado e que ostentava as armas do rei, uma luva ou a imagem do santo local, ou só uma cruz, conforme o mercado estivesse sob a proteção do rei, do senhor feudal, da igreja local ou da assembleia popular (*vyeche*).³

É fácil compreender como a autojurisdição da cidade derivou da jurisdição especial da praça de mercado, quando esta última foi concedida, de boa ou de má vontade, à própria cidade. O desenvolvimento posterior das liberdades da cidade deveu-se a essa origem, que pode ser reconhecida em muitos casos e deixou inevitavelmente uma marca especial. A jurisdição especial da praça do mercado deu predominância à atividade de comércio da comunidade. Naquele tempo, os cidadãos que possuíam uma casa na cidade e eram coproprietários de terras locais eram, muito frequentemente, membros de uma corporação mercantil que controlava o comércio da cidade e, embora no início todo cidadão, rico ou pobre, pudesse fazer parte dela e o próprio comércio pareça ter sido realizado por seus administradores em nome da cidade inteira, ela se tornou aos poucos uma espécie de órgão privilegiado. Essa corporação mercantil impedia zelosamente o ingresso dos forasteiros que logo começaram a chegar em grande número às cidades livres, e preservava as vantagens do comércio para as poucas “famílias” que já eram cidadãs na época da emancipação. Obviamente havia o perigo de que assim se constituísse uma oligarquia mercantil. Porém, já no século 10, e mais ainda durante o 11 e o 12, os principais ofícios, também organizados em corporações, tinham força suficiente para controlar as tendências oligárquicas dos comerciantes.

Nesse tempo, a corporação de ofício vendia toda a sua produção e comprava todas as matérias-primas, e seus membros eram simultaneamente comerciantes e trabalhadores manuais. Portanto, a predominância assumida pelas antigas corporações de ofício garantiu ao trabalho manual, desde as próprias origens da cidade livre, a elevada posição que daí em diante ele ocupou na cidade.⁴ Na verdade, o trabalho manual não representava inferioridade na cidade medieval; ao contrário, era extremamente respeitado pela comunidade aldeã. O trabalho manual em um “mistério” era considerado um dever sagrado para com os cidadãos, e era uma função pública (*Amt*) tão honrosa quanto qualquer outra. Um conceito de “justiça” para a comunidade, ou de “direito” em relação tanto ao produtor quanto ao consumidor, que hoje



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

pareceria extravagante, impregnava a produção e a troca. O trabalho do curtidor, do tanoeiro ou do sapateiro deveria ser “justo”, ou “certo”, como se dizia naquele tempo. A madeira, o couro ou o fio usados pelo artesão deviam ser os “certos”; o pão devia ser assado “corretamente”, e assim por diante. Essa linguagem, transposta para nossa vida presente, parece afetada e artificial; mas era natural naquele tempo, pois o artesão medieval não produzia para um comprador ou mercado desconhecido, e sim para sua corporação, em primeiro lugar, para a fraternidade de homens que se conheciam uns aos outros, que sabiam das técnicas do ofício e, ao dizerem o preço de cada produto, podiam avaliar a habilidade exibida ou o trabalho investido na fabricação. Depois, era a corporação, e não o produtor isolado, que oferecia as mercadorias para venda na comunidade e esta última, por sua vez, oferecia à irmandade de comunidades aliadas os bens que eram exportados e assumia a responsabilidade por sua qualidade. De acordo com essa forma de organização, todo ofício almejava oferecer bens de qualidade superior; defeitos técnicos e adulterações eram foco de preocupação da comunidade inteira, porque, como diz um regulamento, “eles destroem a confiança pública”.⁵ Desse modo, sendo a produção um dever social, e estando sob o controle de toda a *amitas*, o trabalho manual não poderia cair na condição degradada que tem hoje enquanto a cidade livre existisse.

Desde o início das cidades medievais houve uma diferença entre mestre e aprendiz, ou entre mestre e trabalhador (*compayne*, *Geselle*) que, nos primórdios, implicava somente distinção entre idade e habilidade, e não entre riqueza e poder. Após um aprendizado de sete anos e de ter provado seu conhecimento e suas habilidades por meio de uma obra de arte, o aprendiz tornava-se ele próprio um mestre. Só muito mais tarde, no século 16, depois de o poder real ter destruído a cidade e a corporação de ofício, é que foi possível ter-se a posição de mestre simplesmente por herança ou riqueza. Mas essa foi também uma época de decadência geral nas indústrias e nas artes medievais.

Não havia muito espaço para o trabalho assalariado nos florescentes períodos iniciais das cidades medievais, e ainda menos para o assalariamento individual. A obra dos tecelões, arqueiros, ferreiros, padeiros e outros era executada para a corporação e para a cidade e, quando eram assalariados nos ofícios de edificação, os artesãos trabalhavam em nome de suas corporações temporárias (como ainda se faz nos artéis russos) e eram pagos em conjunto. Só mais tarde começou a se multiplicar o trabalho para um mestre; mas,



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

156

mesmo nesse caso, o trabalhador era mais bem pago do que hoje, mesmo na Inglaterra, e muito mais ainda do que costumava ser em toda a Europa na primeira metade do século 19. Thorold Rogers familiarizou os leitores ingleses com essa ideia, mas ela vale também para o continente europeu, como mostram as pesquisas de Falke e Schönberg, e muitas outras citações encontradas aqui e ali. Mesmo no século 15, um pedreiro, carpinteiro ou ferreiro recebia quatro *sols* por dia em Amiens, o que correspondia a 48 libras de pão, ou à oitava parte de um novilho (*bouvard*). Na Saxônia, o salário do trabalhador (*Geselle*) no ofício de edificações era tão bom que, de acordo com Falke, ele podia comprar três ovelhas e um par de sapatos com o que ganhava em seis dias.⁶ O relativo bem-estar dos trabalhadores também é comprovado pelas doações que eles faziam a catedrais, sem falar das peças magníficas, feitas por certas corporações, ou do que estas costumavam gastar em festas e representações teatrais de fundo histórico.⁷ Na verdade, quanto mais conhecemos a cidade medieval, tanto mais nos convencemos de que o trabalho nunca teve tantas condições de prosperidade, nem tanto respeito, quanto na época em que a vida da cidade chegou a seu ápice.

Mais ainda: não só as aspirações de nossos radicais modernos já eram realidade na Idade Média, assim como muito do que se chama hoje de utopia era comum naquela época. Zombam de nós quando dizemos que o trabalho deve ser prazeroso, mas “todos devem ter prazer em seu trabalho”, diz um regulamento medieval de Kuttentberg, “e ninguém que esteja ocioso (*mit nichts thun*) deverá se apropriar daquilo que outros produziram com amor e o suor de seu rosto, porque as leis devem ser um escudo para a dedicação e o trabalho”.⁸ E, em meio a toda a controvérsia atual sobre a jornada de oito horas, é bom lembrar um regulamento de Ferdinando I, relativa às minas imperiais de carvão, que estabeleceu essa jornada para os mineiros, “como era costume antigamente” (*wie vor Alters herkommen*), e proibiu o trabalho nas tardes de sábado. Jornadas de trabalho mais longas eram muito raras, como nos diz Janssen; e as mais curtas eram as comuns. Neste país [Inglaterra], no século 15, segundo Rogers, “trabalhava-se apenas 48 horas por semana”.⁹ Na realidade, o meio-feriado de sábado, que também consideramos uma conquista moderna, era uma antiga instituição medieval, pois a tarde de sábado era o horário do banho para grande parte da comunidade, enquanto a tarde de quarta-feira era o mesmo para os trabalhadores.¹⁰ E, embora não existisse merenda escolar – provavelmente porque nenhuma criança ia com fome para a escola –, em muitos lugares era costume fazer distribuição de dinheiro para o banho dos estudantes cujos pais tinham dificuldade para consegui-lo.

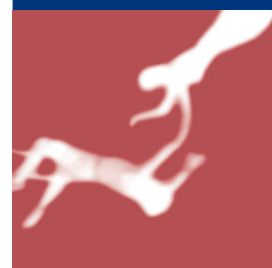


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

157

Os congressos trabalhistas também eram uma característica comum da Idade Média. Em algumas partes da Alemanha, artesãos do mesmo ofício, pertencentes a comunas diferentes, costumavam se reunir para discutir questões relativas à sua atividade: os anos de aprendizado, os salários e assim por diante. Em 1572, as cidades hanseáticas reconheceram formalmente o direito dos ofícios de se reunirem em congressos periódicos e de tomarem quaisquer decisões, desde que não contrariassem os anais das cidades relativos à qualidade dos bens produzidos. Sabe-se que tais congressos do trabalho, parcialmente internacionais como a própria Hansa, eram realizados por padeiros, fundidores, ferreiros, curtidores, fabricantes de espadas e tanoeiros.¹¹

Obviamente, a corporação de ofício requeria uma supervisão rigorosa dos artesãos por parte da corporação e sempre eram nomeados jurados especiais para esse fim. Porém, o mais notável é que, enquanto as cidades levaram sua vida livre, não houve nenhuma reclamação quanto à supervisão; mas, depois da intervenção do Estado, que confiscou a propriedade das corporações e destruiu sua independência em favor de sua própria burocracia, as queixas tornaram-se simplesmente inumeráveis.¹² Por outro lado, o enorme progresso realizado em todas as artes sob o sistema medieval de corporação é a melhor prova de que este de modo algum impedia a iniciativa individual.¹³ O fato é que a corporação medieval, assim como a paróquia, “rua” ou “quarteirão” da época, não era um corpo de cidadãos submetido ao controle de funcionários do Estado, mas uma associação de todos os homens ligados a um determinado ofício: compradores de matérias-primas, vendedores de bens manufaturados e mestres-artesãos, companheiros e aprendizes, todos eles sob juramento. Sua assembleia era soberana para a organização interna do ofício, desde que não estorvasse as outras corporações. Se estorvasse, o assunto era levado à corporação das corporações – a cidade. Mas havia algo mais que isso nas corporações de ofício: elas tinham suas próprias autojurisdição, força militar, assembleias gerais, tradições de luta, de glória e de independência, e relações com outras do mesmo ofício em outras cidades; em resumo: tinham uma vida orgânica plena, que só poderia resultar da integralidade das funções vitais. Quando a cidade era chamada às armas, a corporação comparecia como uma companhia separada (*Schaar*), com suas próprias armas (mais tarde de fogo, cuidadosamente decoradas pela corporação), com seus próprios comandantes eleitos. Ela era, em síntese, uma unidade independente da federação, como a república de Uri ou Genebra há cinquenta anos na Confederação Suíça. Compará-la a um sindicato moderno – destituído de todos os atributos da soberania de Estado e reduzido a algumas funções de importância secundária – é tão despropositado



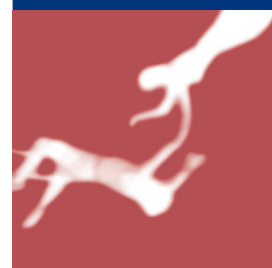
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

158

quanto comparar Florença ou Bruges a uma comuna francesa vegetando sob o código napoleônico, ou a uma cidade russa sob a lei municipal de Catarina II. Florença e Bruges elegem prefeitos, e esta última também tem suas corporações de ofício, mas a diferença é toda aquela que existe entre Florença e Fontenay-les-Oies ou Tsarevokokshaisk, ou entre um doge veneziano e um mestre de cerimônias moderno, que tira o chapéu em sinal de consideração ao funcionário do subprefeito.

As corporações medievais eram capazes de manter sua independência e, mais tarde, principalmente no século 14, quando, por diversas causas que iremos citar, a antiga vida municipal começou a sofrer profundas mudanças, os ofícios mais novos mostraram ter força suficiente para conquistar a parte que lhe cabia na administração dos negócios da cidade. As massas, organizadas em artes “menores”, levantaram-se para arrancar o poder das mãos de uma oligarquia crescente e tiveram êxito na maioria dos casos, dando início a uma nova era de prosperidade. É verdade que, em algumas cidades, os levantes foram esmagados com extrema violência, com decapitações em massa de trabalhadores, como em Paris (1306) e em Colônia (1371). Nesses casos, as liberdades decaíram rapidamente nas cidades, que foram aos poucos subjugadas pela autoridade central. Porém, a maioria delas preservou vitalidade suficiente para sair da desordem com nova vida e novo vigor.¹⁴ Sua recompensa foi um outro período de reflorescimento. Foi-lhes infundida vida nova, que encontrou sua expressão em monumentos arquitetônicos esplêndidos, em novo período de prosperidade, em súbito progresso da técnica e da invenção, e em um movimento intelectual que levou ao Renascimento e à Reforma Protestante.

A vida na cidade medieval era uma sucessão de duras batalhas para a conquista e a preservação da liberdade. É verdade que, durante essas lutas, desenvolveu-se uma raça forte e tenaz de cidadãos; é verdade que o amor e a veneração pela cidade-mãe foram gerados por essas lutas e que os grandes feitos das comunas medievais foram um resultado direto desse amor. Mas, apesar disso, os sacrifícios que as comunas medievais tiveram de fazer na batalha pela liberdade foram cruéis e deixaram marcas profundas também em sua vida interna. Muito poucas cidades, com a ajuda de circunstâncias favoráveis, conseguiram obter a liberdade de um só golpe e, em sua maioria, perderam-na de modo igualmente fácil, tendo de lutar continuamente, durante cinquenta ou cem anos, e frequentemente mais, para que seus direitos à vida livre fossem reconhecidos, sem falar nos outros cem anos necessários para consolidar sua liberdade – de modo que as Cartas do século 12 foram apenas um dos degraus dessa luta pela liberdade.¹⁵ Na realidade, a cidade medieval



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

159

era um oásis fortificado em meio a um país mergulhado na submissão feudal, e teve de abrir espaço por si mesma pela força de suas armas. Em consequência das causas mencionadas sucintamente no capítulo anterior, toda comunidade aldeã caiu gradualmente sob o jugo de algum senhor feudal leigo ou clerical, cuja casa se tornou um castelo e cujos irmãos-de-armas eram agora a escória dos aventureiros, sempre pronta a saquear os camponeses. Além dos três dias por semana que deviam trabalhar para o senhor feudal, os camponeses também tinham de arcar com todos os tipos de cobranças pelo direito de semear e de colher, de ficar alegres ou tristes, de viver, de casar ou de morrer. Pior ainda: eram continuamente pilhados pelos ladrões armados de algum senhor feudal vizinho que, tendo uma rixa contra o senhor deles, considerava-os parentes de seu suserano e vingava-se neles, roubando seu gado e suas safras agrícolas. Todo prado, todo campo, todo rio e estrada em torno da cidade, assim como todo homem, estava submetido a um senhor feudal.

O ódio que os cidadãos tinham dos barões feudais encontrou sua expressão mais característica nas diferentes Cartas que estes últimos foram obrigados a assinar. Na Carta outorgada à cidade de Speier, em 1111, Henrique V foi obrigado a declarar que libertava os cidadãos da “horrível e execrável lei da propriedade inalienável, que levou as cidades à mais profunda pobreza” (*von dem scheusslichen und nichtswürdigen Gesetze, welches gemein Budel genannt wird, Kallsen*, i. 307). A *coutume* [regulamento] de Bayonne, escrita em cerca de 1273, contém passagens como esta: “O povo antecede os senhores feudais. Foi o povo, mais numeroso do que todos os outros, que, desejoso de paz, criou os senhores feudais para refrear e abater os poderosos”, e assim por diante (Giry, “Établissements de Rouen”, i, p. 117, citado por Luchaire, p. 24). Uma Carta submetida à assinatura do rei Roberto, que é igualmente característica, obrigava-o a declarar que: “Não roubarei bois, nem outros animais. Não sequestrarei mercadores, nem tirarei seu dinheiro, nem lhes imporei resgate. Entre o dia de Nossa Senhora e o dia de Todos os Santos, não levarei nenhum cavalo, égua ou potro dos prados. Não queimarei moinhos, nem roubarei farinha. [...] Não oferecerei proteção a ladrões” etc. (este documento foi publicado por Pfister e reproduzido por Luchaire.) É igualmente característica a Carta “concedida” pelo arcebispo Hugues, de Besançon, na qual ele foi compelido a enumerar todos os prejuízos causados pelos direitos de propriedade inalienável.¹⁶ E assim por diante.

Nessas circunstâncias, não era possível manter a liberdade, de modo que as cidades foram obrigadas a fazer guerra fora de seus muros. Os cidadãos



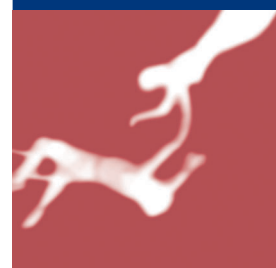
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

160

enviaram emissários para liderar a revolta nas aldeias; receberam as aldeias em suas corporações e lutaram diretamente contra os nobres. Na Itália, onde a terra era salpicada de castelos feudais, a guerra assumiu proporções heróicas e foi travada com violência por ambos os lados. Florença sustentou uma sucessão de batalhas sangrentas durante 77 anos a fim de libertar seu *contado* (condado) dos nobres; mas, quando a conquista foi efetivada (em 1181), tudo teve de ser recomeçado. Os nobres se reagruparam, constituíram suas próprias ligas em oposição às das cidades e, com reforço ora do imperador, ora do papa, fizeram a guerra prolongar-se por 130 anos. O mesmo aconteceu em Roma, na Lombardia e em toda a Itália.

Nessas guerras, os cidadãos davam mostras extraordinárias de valor, coragem e tenacidade. Mas os arcos e as machadinhas das artes e ofícios nem sempre venceram em suas batalhas com os cavaleiros protegidos por armaduras; muitos castelos enfrentaram a engenhosa maquinaria de cerco e a perseverança dos cidadãos. Cidades como Florença, Bolonha e muitas da França, da Alemanha e da Boêmia conseguiram emancipar as aldeias ao redor e seus esforços foram recompensados por prosperidade e tranquilidade extraordinárias. Mas, mesmo ali, e mais ainda nas cidades menos fortes ou menos impetuosas, os mercadores e artesãos, exauridos pela guerra e sem compreender bem seus próprios interesses, fizeram acordos às expensas dos camponeses. Obrigaram o senhor feudal a jurar submissão à cidade, e ele desmantelou seu castelo do campo e concordou em construir uma casa na cidade e em residir nela, tornando-se assim um concidadão. Em compensação, manteve a maior parte de seus direitos sobre os camponeses, que só conseguiram uma redução parcial de seu ônus. Os cidadãos erraram ao não garantir direitos iguais de cidadania aos camponeses, de quem dependiam para se abastecer, e isso criou um profundo fosso entre a cidade e a aldeia. Em alguns casos, os camponeses simplesmente trocaram de senhor, já que a cidade comprou os direitos dos barões e vendeu-os em cotas a seus próprios cidadãos.¹⁷ A servidão foi mantida e, bem mais tarde, pelo final do século 13, a revolução dos ofícios deu-lhe fim e aboliu a servidão pessoal, mas ao mesmo tempo arrancou os ex-servos da terra.¹⁸ Nem é preciso acrescentar que os resultados fatais dessa política logo foram sentidos pelas próprias cidades; o campo tornou-se seu inimigo.

A guerra contra os castelos teve outro efeito nefasto. Envolveu as cidades numa longa sucessão de conflitos entre si; isso deu origem à teoria, até pouco tempo em voga, de que elas perderam sua independência devido às desconfianças e lutas recíprocas. Essa teoria foi defendida particularmente

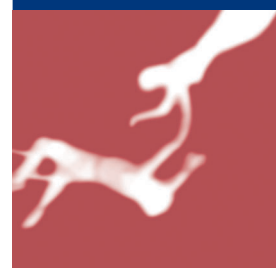


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

161

pelos historiadores imperialistas, mas agora está sendo contestada pela pesquisa moderna. É certo que, na Itália, as cidades guerreavam-se com uma hostilidade obstinada, mas em nenhum outro lugar essas lutas atingiram as mesmas proporções e, mesmo ali tiveram causas especiais, principalmente aquelas do período inicial. Como já foi comprovado por Sismondi e Ferrari, foram simples continuidade da guerra contra os castelos – em que o princípio municipal e o federativo entraram inevitavelmente em choque feroz contra o feudalismo, o imperialismo e o papado. Muitas cidades que se livraram só em parte do jugo do bispo, do senhor feudal ou do imperador foram simplesmente obrigadas pelos nobres, pelo imperador e pela Igreja a lutar contra as cidades livres, cuja política era dividi-las e armá-las umas contra as outras. Essas circunstâncias especiais (também parcialmente refletidas na Alemanha) explicam por que as cidades italianas – algumas das quais buscavam apoio do imperador para combater o papa, enquanto outras se aliavam à Igreja para resistir ao imperador – logo foram divididas entre gibelinos e guelfos, e por que a essa mesma divisão surgiu em cada cidade separada.¹⁹

O imenso progresso econômico realizado pela maioria das cidades italianas, exatamente na época em que essas guerras estavam mais acirradas,²⁰ e em que as cidades concluíam facilmente as suas alianças, caracterizam ainda melhor aquelas lutas e enfraquecem ainda mais a teoria acima mencionada. Nas guerras de 1130-1150 já surgiram ligas poderosas. Poucos anos depois, quando Frederico Barba-Ruiva invadiu a Itália e, apoiado pelos nobres e por algumas cidades retardatárias, marchou contra Milão, pregadores populares despertaram o entusiasmo do povo em muitas cidades. Crema, Piacenza, Brescia, Tortona e outras foram em seu socorro; as bandeiras das corporações de Verona, Pádua, Vicenza e Trevisa tremulavam lado a lado nos acampamentos das cidades contra as do imperador e dos nobres. No ano seguinte foi fundada a Liga Lombarda, que 60 anos depois se fortaleceu com a adesão de muitas outras cidades e formou uma organização duradoura que tinha metade de seus fundos de guerra em Gênova e a outra metade em Veneza.²¹ Na Toscana, Florença liderou outra liga poderosa, à qual pertenciam Lucca, Bolonha, Pistóia etc. e que desempenhou um papel importante no esmagamento dos nobres na Itália central; a formação de ligas menores era comum. Portanto, é certo que, embora indubitavelmente existissem ciúmes e fosse fácil semear a discórdia, isso não evitou que as cidades se unissem para a defesa comum da liberdade. Foi só mais tarde, quando cidades isoladas se tornaram pequenos Estados, é que se desencadearam guerras entre elas próprias, como sempre acontece quando os Estados lutam pela supremacia, ou pela posse de colônias.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

162

Ligas semelhantes foram formadas na Alemanha com o mesmo objetivo. Quando, sob os sucessores de Conrad, a terra passou a ser causa de rixas intermináveis entre os nobres, as cidades da Vestfália coligaram-se contra os cavaleiros, tendo como uma de suas cláusulas nunca emprestar dinheiro a um cavaleiro que continuasse a esconder bens roubados.²² Como “os cavaleiros e os nobres viviam da pilhagem e matavam quem quisessem matar”, como se queixava o *Zorn Wormser*, as cidades do Reno (Mainz, Colônia, Speier, Estrasburgo e Basileia) tomaram a iniciativa de formar uma liga que logo contou com 60 cidades aliadas, reprimiu os ladrões e manteve a paz. Também com a mesma finalidade, surgiu posteriormente a liga das cidades da Suábia, dividida em três “distritos de paz” (Augsburgo, Constance e Ulm). E, mesmo quando essas ligas se dissolveram,²³ já tinham vivido o suficiente para mostrar que, enquanto os supostos pacificadores – os reis, os imperadores e a Igreja – fomentavam a discórdia e eram eles próprios impotentes contra os cavaleiros ladrões, era das cidades que vinha o impulso para restabelecer a paz e a união. As cidades – e não os imperadores – foram os verdadeiros construtores da unidade nacional.²⁴

Federações similares entre pequenas aldeias eram organizadas com a mesma finalidade e, como agora Luchaire chamou atenção para esse assunto, é certo que em breve vamos saber mais a respeito. As aldeias associavam-se em pequenas federações no *contado* de Florença; o mesmo acontecia nos arredores de Novgorod e de Pskov. Na França, há evidência inquestionável de uma federação de 17 aldeias camponesas nos Laonnais, que existiu por cerca de cem anos (até 1256) e lutou bravamente por sua independência. Nas vizinhanças de Laon havia mais três repúblicas camponesas, que tinham jurado defender Cartas Constitucionais semelhantes às de Laon e Soissons; como seus territórios eram contíguos, elas se ajudaram mutuamente em suas guerras de libertação. Em geral, Luchaire afirma que muitas dessas federações devem ter existido na França nos séculos 12 e 13, mas a maioria dos documentos relativos a elas foram perdidos. É claro que, sem a proteção dos muros, elas podiam ser facilmente esmagadas pelos reis e senhores feudais; mas, em determinadas circunstâncias favoráveis, quando tiveram apoio de uma liga de cidades e proteção em suas montanhas, essas repúblicas camponesas se tornaram unidades independentes da Confederação Suíça.²⁵

Eram muito comuns as associações entre cidades para fins pacíficos. As relações que elas estabeleceram durante o período de libertação não foram interrompidas depois. Algumas vezes, quando os *scabini* [almotacés] de uma



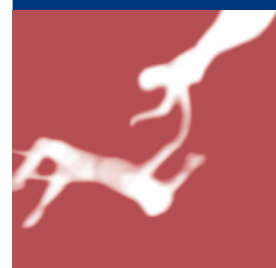
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

163

cidade alemã, ao terem de pronunciar uma sentença num caso novo ou complicado, declaravam não saber o que fazer (*des Urtheiles nicht weise zu sein*), eles enviavam delegados para outra cidade a fim de obter essa sentença. O mesmo acontecia na França,²⁶ enquanto Forlì e Ravena ficaram conhecidas por terem naturalizado mutuamente seus cidadãos e lhes concedido plenos direitos em ambas as cidades. Fazia parte também da mentalidade daqueles tempos submeter uma disputa entre duas cidades, ou dentro de uma cidade, a outra comuna, que era convidada a atuar como árbitro.²⁷ Também eram habituais os tratados comerciais entre cidades.²⁸ Associações para regular a produção e o tamanho dos tonéis usados para o comércio do vinho, as “associações do comércio do arenque” e outras foram meras precursoras das grandes federações comerciais da Hansa flamenga e, posteriormente, da grande Hansa do Norte da Alemanha, cuja história poderia ilustrar, por si só, o espírito de federação que caracterizava os homens daquela época. Embora não seja preciso acrescentar, foi por meio das ligas hanseáticas que as cidades medievais contribuíram mais para o desenvolvimento das relações internacionais, da navegação e da descoberta marítima do que todos os Estados dos primeiros 17 séculos de nossa era.

Em resumo: federações de pequenas unidades territoriais, assim como de homens unidos por empreendimentos comuns dentro de suas respectivas corporações e de cidades e grupos de cidades, constituíam a própria essência da vida e do pensamento durante aquele período. O período compreendido entre os séculos 6 e 10 pode ser descrito como um imenso esforço de assegurar ajuda e apoio mútuos em escala grandiosa através dos princípios de federação e de associação preservados por meio de todas as manifestações de vida humana e em todos os graus possíveis. Em parte, esse esforço foi coroado de êxito. Uniu homens antes divididos; assegurou-lhes uma grande dose de liberdade e decuplicou suas forças. Em uma época em que o particularismo era alimentado por tantos agentes e as causas de discórdia e desconfiança eram tão numerosas, é um prazer ver que cidades espalhadas por um amplo continente tivessem tanto em comum e fossem tão dispostas a se confederarem para realizar tantos objetivos comuns. Em termos de longo prazo, sucumbiram a inimigos poderosos; por não terem compreendido bem o princípio de ajuda mútua, cometeram erros fatais; mas não pereceram devido a seus próprios ciúmes, e seus erros não resultaram da falta de espírito de federação entre si.

Os resultados desse novo movimento da humanidade na cidade medieval foram extraordinários. No começo do século 11, as cidades da Europa eram



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

164

pequenos aglomerados de cabanas miseráveis, adornados apenas com igrejas baixas e desajeitadas, cujos construtores mal sabiam fazer um arco; as artes, consistindo geralmente em alguma tecelagem e forja, estavam em sua infância; o saber concentrava-se em uns poucos mosteiros. Trezentos e cinquenta anos depois, a própria face da Europa tinha mudado. A terra era dotada de ricas cidades, rodeadas de muros grossos e altíssimos, decorados com torres e portões, cada qual uma obra de arte em si mesma. As catedrais, concebidas em um estilo grandioso e profusamente enfeitadas, levantavam seus campanários aos céus, exibindo uma pureza de forma e uma audácia de imaginação que agora nos esforçamos em vão por atingir. Os ofícios e as artes alcançaram um grau de perfeição que dificilmente podemos nos vangloriar de ter suplantado, se dermos mais valor à habilidade criativa do artesão e à superioridade do acabamento de seu trabalho do que à rapidez da fabricação. As esquadras das cidades livres cruzaram o Mediterrâneo em todas as direções; com um pouco mais de esforço, cruzariam os oceanos. Em grandes tratos de terra, o bem-estar tomou o lugar da miséria; o aprendizado cresceu e difundiu-se. Foram elaborados os métodos de ciência, estabelecida a base da filosofia natural e aberto o caminho para todas as invenções mecânicas das quais tanto se orgulha o nosso tempo. Tais foram as mudanças mágicas realizadas na Europa em menos de quatrocentos anos. E os prejuízos que a Europa arcou com a perda de suas cidades livres só podem ser compreendidos quando comparamos o século 17 ao século 14, ou ao 13. A prosperidade que anteriormente caracterizava a Escócia, a Alemanha e as planícies da Itália acabou. As estradas caíram em um estado abjeto, as cidades ficaram despovoadas, o trabalho foi reduzido à escravidão, a arte desapareceu, o próprio comércio entrou em decadência.²⁹

Mesmo que as cidades medievais não nos tenham legado documentos escritos para dar testemunho de seu esplendor e nada tenham deixado além dos monumentos da arte da edificação que hoje vemos em toda a Europa, da Escócia até a Itália, e de Gerona, na Espanha, a Breslau, em território eslavo, podemos concluir, apesar disso, que os tempos em que a cidade independente existiu foram, durante a era cristã, os de maior desenvolvimento do intelecto humano até o final do século 18. Ao olharmos, por exemplo, para um quadro medieval representando Nuremberg com suas inúmeras torres e pináculos elevados, cada qual ostentando a marca da arte livre e criativa, fica difícil imaginar que, há 300 anos, a cidade não passava de um aglomerado de cabanas miseráveis. E nossa admiração aumenta quando examinamos os detalhes da arquitetura e as decorações de cada uma das inumeráveis igrejas, campanários,

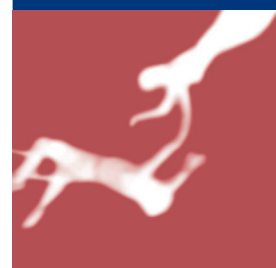


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

portões e casas comunais espalhados por toda a Europa, tão distantes a leste quanto a Boêmia e as cidades polonesas hoje mortas da Galiza. Não só a Itália, a mãe da arte, mas toda a Europa está repleta desses monumentos. O próprio fato de a arte da arquitetura – acima de tudo social – ter atingido seu apogeu, é significativo por si mesmo. Para chegar ao grau de perfeição que atingiu, essa arte deve ter se originado de uma vida eminentemente social.

Mas a arquitetura não chegou à sua grandeza só por ter sido um desdobramento natural do artesanato; não foi só porque todo edifício e toda decoração arquitetônica foram inventados por homens que sabiam, por experiência própria, dos efeitos artísticos que podiam ser obtidos da pedra, do ferro, do bronze ou mesmo de simples toras de madeira e da argamassa; não foi só porque todo monumento foi um resultado de experiência coletiva, acumulada em cada “mistério” ou ofício.³⁰ Assim como a arte grega, a arquitetura nasceu de uma concepção de fraternidade e unidade acalentada pela cidade. Teve uma audácia que só podia ser fruto de lutas e vitórias ousadas; mostrou aquela expressão de vigor porque o vigor impregnava toda a vida da cidade. Uma catedral ou casa comunal simbolizava a grandeza de um organismo no qual todo pedreiro e talhador tivera sua parte, e um edifício medieval aparece como resultado da contribuição de toda a cidade, e não de um esforço solitário do qual milhares de escravos teriam participado com o que lhes foi imposto pela imaginação de alguém. O imponente campanário elevava-se sobre uma estrutura, grandiosa em si mesma, na qual palpitava a vida da cidade – não sobre uma armação sem significado, como a torre [Eiffel] de ferro de Paris; não como o simulacro de pedra que esconde a feiúra de uma armação de ferro que se fez na Tower Bridge [em Londres]. Como a Acrópole de Atenas, a catedral de uma cidade medieval visava glorificar a grandeza da cidade vitoriosa, simbolizar a união de seus ofícios, expressar a glória de cada cidadão em uma cidade de sua própria criação. Depois de realizar sua revolução dos ofícios, a cidade frequentemente começava a construir outra catedral a fim de expressar uma outra união que passara a existir, mais ampla e abrangente.

Os meios disponíveis para esses empreendimentos grandiosos eram desproporcionalmente pequenos. A catedral de Colônia foi iniciada com um desembolso anual de apenas 500 marcos; uma dádiva de 100 marcos era registrada como grande doação³¹ e, mesmo quando o trabalho se aproximava do fim e as doações choviam, o desembolso anual em dinheiro girava em torno de 5 mil marcos, e nunca superou os 14 mil. A catedral de Basileia foi construída com meios igualmente escassos. Mas cada corporação contribuiu



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

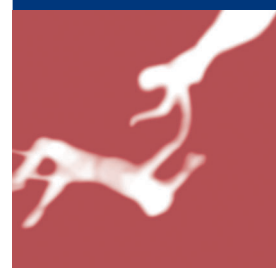
166

com sua parte de pedra, de trabalho e de talento decorativo para *seu* monumento comum. Cada corporação expressou nela suas concepções políticas, contando a história da cidade em bronze ou pedra, glorificando os princípios de “liberdade, igualdade e fraternidade”,³² exaltando os aliados da cidade e condenando seus inimigos ao fogo eterno. E também deu seu *amor* ao monumento comunal decorando-o ricamente com vitrais, pinturas, “portões, dignos de serem os do Paraíso”, como disse Michelangelo, ou decorações em pedra em cada mínimo canto do edifício.³³ Nesse trabalho, as cidades pequenas, e até mesmo as paróquias pequenas,³⁴ rivalizavam com as grandes, e as catedrais de Laon e de Saint Ouen pouco ficam a dever à de Rheims ou à da Casa Comunal de Bremen, ou ao campanário da assembleia do povo de Breslau. “Nenhum trabalho deve ser começado pela comuna sem que tenha sido concebido em resposta ao grande coração dessa mesma comuna, composto dos corações de todos os cidadãos, unidos numa vontade comum” – essas foram as palavras do Conselho de Florença, e esse espírito se revela em todos os trabalhos de utilidade comum, como os canais, os terraços, as vinhas e os pomares em torno dessa cidade, ou os canais de irrigação, que cruzavam as planícies da Lombardia, ou o porto e o aqueduto de Gênova ou, na verdade, quaisquer trabalhos desse tipo que foram realizados por quase todas as cidades.³⁵

Todas as artes progrediram igualmente nas cidades medievais, e as que vemos hoje são, em sua maior parte, uma continuação daquelas. A prosperidade das cidades flamengas tinha por base a roupa fina de lã que fabricavam. No começo do século 14, antes da peste negra, Florença fabricava de 70 mil a 100 mil tecidos de lã, avaliados em 1.200.000 florins de ouro.³⁶ A ourivesaria, a arte da fundição, a forja requintada do ferro, foram todas criações dos “mistérios” medievais, que conseguiram realizar, em seus próprios domínios, tudo que pudesse ser feito manualmente, sem o uso de um poderoso motor primitivo. Manualmente e como invenção porque, como diz Whewell:

Pergaminho e papel, impressão e gravação, vidro e aço melhorados, pólvora, relógios, telescópios, a bússola do marinheiro, o calendário reformado, a notação decimal; a álgebra, a trigonometria, a química, o contraponto (uma invenção equivalente a uma nova criação em música), tudo isso são bens que herdamos daquilo que tão depreciativamente tem sido chamado de Período Estacionário. (*History of Inductive Sciences*, i, p. 252)

Nenhum princípio novo foi gerado por qualquer dessas descobertas, como disse Whewell, mas a ciência medieval tinha feito algo mais do que a efetiva descoberta de novos princípios: preparou a descoberta de todos os novos princípios



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

167

que conhecemos hoje nas ciências mecânicas; o pesquisador adquiriu o hábito de observar os fatos e de raciocinar a partir deles. A ciência medieval era indutiva, apesar de não ter captado ainda plenamente a importância e o poder da indução, e estabeleceu os fundamentos da mecânica e da filosofia natural. Francis Bacon, Galileu e Copérnico foram os descendentes diretos de um Roger Bacon e de um Michael Scot, assim como a máquina a vapor foi produto direto das pesquisas feitas nas universidades italianas sobre o peso da atmosfera, e dos estudos matemáticos e técnicos que caracterizavam Nuremberg.

Mas por que alguém deveria se incomodar em insistir no avanço da ciência e da arte na cidade medieval? Não bastaria apontar para as catedrais, no que se refere ao talento, e para a língua italiana e para o poema de Dante, no que se refere ao intelecto, para ter de imediato uma boa ideia daquilo que a cidade medieval *criou* durante seus quatro séculos de vida?

Não há dúvida de que as cidades medievais prestaram um imenso serviço à civilização europeia. Evitaram que esta descambasse para as teocracias e os Estados despóticos da Antiguidade; dotaram-na da variedade, da autoconfiança, da força de iniciativa e das imensas energias intelectuais e materiais que a Europa possui agora e que são a melhor garantia da capacidade de resistência a qualquer nova invasão do Oriente. Mas por que esses centros de civilização, que tentaram responder às necessidades arraigadas da natureza humana e eram tão cheios de vida, não se preservaram? Por que se deixaram tomar pela senilidade no século 16? E por que, depois de terem repellido tantos assaltos do exterior e só haurindo vida nova a partir de suas lutas internas, finalmente sucumbiram a ambos?

Várias causas contribuíram para isso, e algumas tinham suas raízes no passado remoto, enquanto outras resultaram dos erros cometidos pelas próprias cidades. Perto do final do século 15, já estavam começando a surgir Estados poderosos, reconstruídos segundo o modelo romano. Em todo país e região, algum senhor feudal mais astuto, mais dado a acumular às escondidas e frequentemente menos escrupuloso que seus vizinhos, conseguiu se apropriar de domínios pessoais mais ricos e ter mais camponeses em suas terras, mais cavaleiros a seu serviço e mais tesouros em sua arca. Escolheu para sua sede um grupo de aldeias bem situadas e ainda sem a experiência da vida municipal livre – Paris, Madri ou Moscou – e, com o trabalho de seus servos, transformou-as em cidades nobres fortificadas, para onde atraiu companheiros de armas por meio de livre distribuição de aldeias, e mercadores por meio de proteção ao comércio. Assim foi plantada a semente de um Estado futuro, que aos



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

168

poucos começou a absorver outros centros similares. Juristas versados no estudo do direito romano vieram em grande quantidade; dos burgos surgiu uma raça de homens ambiciosos e tenazes, que odiavam igualmente a perversidade dos senhores feudais e o que chamavam de rebeldia dos camponeses. Tinham horror às próprias formas da comunidade aldeã, que não faziam parte de seu código, e aos princípios do federalismo, que consideravam heranças “bárbaras”. Seu ideal era o cesarismo, sustentado pela ficção do consenso popular e pela força das armas, e trabalharam arduamente em favor daqueles que prometiam realizá-lo.³⁷

A Igreja cristã, outrora rebelde e agora aliada ao direito romano, trabalhou na mesma direção. Com o fracasso da tentativa de constituir o Império Teocrático da Europa, os bispos mais inteligentes e ambiciosos passaram a apoiar quem consideravam capazes de reconstituir o poder dos reis de Israel ou dos imperadores de Constantinopla. A Igreja concedeu santidade aos dominadores em ascensão, coroou-os como representantes de Deus na Terra e colocou a serviço deles o aprendizado e a diplomacia de seus ministros, suas bênçãos e maldições, suas riquezas e as simpatias que havia conservado entre os pobres. Os camponeses, que as cidades não conseguiram libertar, ou que se recusaram a fazê-lo, ao ver os habitantes dos burgos impotentes para pôr termo às guerras intermináveis entre os cavaleiros – guerras pelas quais eles tinham de pagar tão caro – agora punham suas esperanças no rei, no imperador ou no grande príncipe; e, ao ajudá-los a esmagar os poderosos proprietários rurais, contribuíram para a constituição do Estado centralizado. E, por fim, as invasões dos mongóis e dos turcos, a guerra santa contra os mouros na Espanha, assim como as terríveis guerras que logo irromperam entre os crescentes centros de soberania – Île de France e Borgonha, Escócia e Inglaterra, Inglaterra e França, Lituânia e Polônia, Moscou e Tver, e assim por diante – concorreram para o mesmo fim. Surgiram Estados poderosos, e as cidades tinham agora de resistir não apenas a frouxas federações de senhores feudais, mas também a centros extremamente organizados que tinham exércitos de servos à sua disposição.

O pior de tudo foi que as autocracias em desenvolvimento encontraram apoio nas divisões que haviam surgido dentro das próprias cidades. A ideia fundamental da cidade medieval era grandiosa, mas não suficientemente ampla. A ajuda e o apoio mútuos não podem se limitar a uma pequena associação; devem difundir-se para os arredores, para que estes não absorvam a associação. E, desde o começo, o cidadão medieval cometeu um terrível equívoco nesse sentido: em vez de considerar como elementos que contribuiriam para a



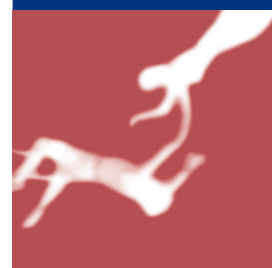
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

169

formação da cidade – como eram efetivamente –, os camponeses e artesãos que haviam se reunido sob a proteção de seus muros, ele estabeleceu uma clara divisão entre as “famílias” dos antigos habitantes dos burgos e as dos forasteiros que chegavam. Para as primeiras foram reservados todos os benefícios do comércio e das terras comunais e, para os últimos, nada mais que o direito de usar livremente a habilidade de suas próprias mãos. A partir daí, a cidade dividiu-se entre “os burgueses”, ou “a comuna”, e “os habitantes”.³⁸ O comércio, que inicialmente era comunal, tornou-se então privilégio das “famílias” mercantes e artesãs, e o passo seguinte foi inevitável – o de se tornar individual, ou privilégio de grupos opressores.

A mesma divisão surgiu entre a cidade propriamente dita e as aldeias dos arredores. A comuna bem que tinha tentado libertar os camponeses, mas suas guerras contra os senhores feudais se tornaram, como já mencionado, guerras para libertar a própria cidade de seus senhores, e não os camponeses. Ela deixou para o senhor feudal os direitos sobre os vilãos, sob a condição de que este não mais molestasse a cidade e também se tornasse um burguês. Mas os nobres “adotados” pela cidade, e residindo agora dentro de seus muros, simplesmente levaram a antiga guerra para seus próprios arredores. Não gostavam de se submeter a um tribunal de simples artesãos e mercadores e resolviam suas diferenças antigas nas ruas. Toda cidade tinha agora seus Colonnas e Orsinis, seus Overstolzes e Wises. Com as grandes rendas das propriedades que ainda tinham, esses nobres se cercaram de numerosos clientes e feudalizaram os costumes e hábitos da própria cidade. E, quando o descontentamento das classes artesãs da cidade começou a se fazer sentir, ofereceram suas armas e seus seguidores para resolver as diferenças por meio de uma luta aberta, em vez de deixarem que a questão encontrasse os canais que outrora sempre lhe haviam assegurado uma solução.

O erro maior e mais fatal da maioria das cidades foi o de basear sua riqueza no comércio e na indústria, em detrimento da agricultura. Repetiram o erro cometido pelas cidades da Grécia antiga e, por causa dele, descambaram para os mesmos crimes.³⁹ A desavença de tantas cidades em relação à terra conduziu-as necessariamente a uma política hostil ao campo, que se tornou cada vez mais evidente nos tempos de Eduardo III,⁴⁰ das *jacqueries* francesas, das guerras dos hussitas e das guerras camponesas na Alemanha. Por outro lado, uma política comercial envolveu-as com empreendimentos distantes. Colônias foram fundadas pelos italianos no sudeste, pelas cidades alemãs no leste, pelas eslavas no extremo nordeste. Passaram a existir exércitos



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

170

mercenários para as guerras coloniais, e logo também para a defesa local. Foram contraídos empréstimos de tal monta que arruinavam por completo os cidadãos, e as disputas internas pioravam a cada eleição, durante a qual estavam em jogo as políticas coloniais em favor de umas poucas famílias. Ampliou-se a distância entre ricos e pobres e, no século 16, em toda cidade, a autoridade do rei encontrava aliados e apoio fáceis entre os últimos.

Existe ainda outra causa da decadência das instituições comunais, mais importante e mais profunda que todas as já mencionadas. A história das cidades medievais oferece um dos exemplos mais marcantes do poder das *ideias e princípios* sobre os destinos da humanidade, e dos resultados totalmente opostos que são obtidos quando ocorre uma modificação profunda nas principais ideias vigentes. A autoconfiança e o federalismo, a soberania de cada grupo e a construção do corpo político a partir do simples para o complexo eram as ideias fundamentais no século 11. Mas, após essa época, as concepções mudaram inteiramente. Os estudantes de Direito Romano e os prelados da Igreja, estreitamente ligados desde o tempo de Inocêncio III, tiveram êxito em paralisar a ideia – a antiga ideia grega – que presidiu a fundação das cidades. Durante dois ou três séculos, do púlpito, da cátedra universitária e do assento do juiz, ensinou-se que a salvação devia ser procurada em um Estado extremamente centralizado, posto sob uma autoridade semidivina;⁴¹ que *um* homem podia e devia ser o salvador da sociedade e, em nome da salvação pública, tinha o direito de cometer qualquer violência: queimar homens e mulheres na pira, fazê-los perecer sob torturas indescritíveis, mergulhar províncias inteiras na miséria mais abjeta. Lições objetivas a respeito disso foram dadas em grande escala e com uma crueldade inaudita, onde quer que a espada do rei e o fogo da Igreja, ou ambos ao mesmo tempo, pudessem chegar. Esses ensinamentos e exemplos moldaram a própria visão de mundo dos cidadãos, dando-lhes uma nova forma. Eles passaram a achar que nenhuma autoridade era grande demais e que não havia excesso de crueldade em nenhum assassinato lento, desde que fosse executado “em nome da segurança pública”. E, com essa nova perspectiva mental, com essa nova crença no poder de um único homem, o antigo princípio federalista se desvaneceu e o próprio gênio criativo das massas se extinguiu. A ideia romana foi vitoriosa e, nessas circunstâncias, o Estado centralizado teve nas cidades uma presa fácil.

Exemplo típico dessa mudança foi a Florença do século 15. Antigamente, uma revolução popular era indício de um novo começo. Agora, quando o povo se insurgia levado pelo desespero, não mais trazia ideias construtivas; nenhuma



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

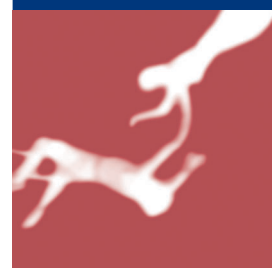
171

ideia nova surgiu do movimento. O número de representantes do conselho comunal cresceu de 400 para 1.000; e na *signoria*, em lugar de 80, cabiam 100. Mas uma revolução nos números de nada adiantou. O descontentamento popular estava crescendo e novas revoltas se seguiram. Foi chamado um salvador – o “tirano” –, que massacróu os rebeldes, mas a desintegração do corpo comunal continuava pior do que nunca. E, depois de uma nova revolta, quando o povo de Florença pediu conselho a seu homem mais popular, Jerônimo Savonarola, a resposta do monge foi: “Oh, povo meu, sabeis que não posso entrar em negócios do Estado. [...] purificai vossa alma e, com tal disposição de espírito, reformai vossa cidade e, então, povo de Florença, tereis inaugurado a reforma em toda a Itália!”. Foram queimadas máscaras de carnaval e livros malditos, decretaram-se uma lei de caridade e outra contra usurários – e a democracia de Florença continuou sendo o que era. O antigo espírito havia desaparecido. Por confiar demais no governo, o povo deixou de confiar em si mesmo; era incapaz de encontrar novas saídas. O Estado só precisava agir para esmagar suas últimas liberdades.

Contudo, a corrente de ajuda e apoio mútuos não se extinguiu nas massas; continuou a fluir mesmo após essa derrota. Foi retomada com força descomunal, em resposta aos apelos comunistas dos primeiros propagandistas da Reforma e continuou existindo ainda depois que as massas, sem conseguirem realizar a vida que esperavam inaugurar sob a inspiração de uma religião reformada, caíram sob o domínio de um poder autocrático. Existe até hoje, e ainda busca seu caminho para descobrir uma nova expressão que não seja o Estado, nem a cidade medieval, nem a comunidade aldeã dos bárbaros, nem o clã selvagem, mas que participe de todas essas formas e, entretanto, seja-lhes superior em suas concepções humanas mais amplas e mais profundas.

NOTAS

- ¹ A literatura sobre o assunto é extensa, mas ainda não existe um trabalho que trate da cidade medieval como um todo. Sobre as Comunas Francesas, as *Lettres e Considérations sur l'histoire de France*, de Augustin Thierry, continuam sendo um clássico; a obra *Communes françaises*, de Luchaire, é uma excelente edição na mesma linha. Sobre as cidades da Itália, a grande obra de Sismondi, *Histoire des républiques italiennes du moyen âge*, Paris, 1826, 16 vols., *History of Italy*, de Leo e Botta, *Révolutions d'Italie*, de Ferrari, e *Geschichte der Städteverfassung*



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

in Italien, de Hegel, são as principais fontes de informação geral. Sobre a Alemanha, temos *Städteverfassung*, de Maurer, *Geschichte der deutschen Städte*, de Barthold e, entre obras recentes, *Städte und Gilden der germanischen Völker*, de Hegel (2 vols. Leipzig, 1891), e *Die deutschen Städte im Mittelalter*, de Otto Kallsen (2 vols. Halle, 1891), assim como *Janssen's Geschichte des deutschen Volkes*, Janssen (5 vols. 1886), as quais esperamos que sejam logo traduzidas para o inglês (tradução francesa em 1892). Sobre a Bélgica, *Les Libertés communales*, de A. de Wauters (Bruxelles, 1869-78, 3 vols.). Sobre a Rússia, as obras de Byelaev, de Kostomarov e de Sergievich. Finalmente, sobre a Inglaterra, em *Town Life in the Fifteenth Century*, de J. R. Green (Londres, 1894, 2 vols.) temos um dos melhores trabalhos sobre cidades em uma região mais ampla. Além disso, há uma pletora de histórias locais bem conhecidas e várias obras excelentes de história geral ou econômica que mencionei tantas vezes neste e no capítulo precedente. Entretanto, a riqueza da literatura consiste sobretudo em estudos separados, algumas vezes pesquisas admiráveis sobre a história de cidades isoladas, principalmente italianas e alemãs; sobre as corporações; sobre a questão da terra; sobre os princípios econômicos da época; sobre a importância econômica das corporações e ofícios; sobre as ligas entre cidades (a Hansa); e sobre a arte comunal. Uma incrível riqueza de informação está contida em obras dessa segunda categoria, dos quais apenas algumas das mais importantes foram citadas nestas páginas.

- ² Kulischer, em um ensaio excelente sobre comércio primitivo (*Zeitschrift für Völkerpsychologie*, vol. x, p.380), também destaca que, de acordo com Heródoto, os argipeanos eram considerados invioláveis, porque o comércio entre os citas e as tribos do norte ocorria no território deles. Um fugitivo era considerado sagrado em seu território e eles eram chamados frequentemente a atuar como árbitros para seus vizinhos. Ver o Apêndice XV.
- ³ Ultimamente tem havido discussões sobre o *Weichbild* e o direito do *Weichbild*, que continua obscuro (ver Zöpfl, *Alterthümer des deutschen Reichs und Rechts*, iii, p. 29; Kallsen, i, p. 316). A explicação dada acima parece mais provável, mas é claro que deve ser testada por mais pesquisa. Também é evidente que, para usar uma expressão escocesa, a *mercet cross* (cruz do mercado) poderia ser considerada um emblema da jurisdição da Igreja, mas nós a encontramos tanto em cidades episcopais quanto naquelas em que a assembleia popular era soberana.
- ⁴ Para tudo o que diz respeito à corporação mercantil, ver a obra exaustiva de Gross, *The Guild Merchant* (Oxford, 1890, 2 vols.); ver também as observações de Green, em *Town Life in the Fifteenth Century*, vol. ii. caps. v, viii, x; e a revisão de



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

A. Doren sobre o assunto em *Forschungen*, de Schmoller, vol. xii. Se as considerações feitas no capítulo anterior (segundo as quais o comércio era comunal em seus primórdios) forem comprovadas, poderíamos sugerir que a corporação mercantil era um órgão encarregado do comércio no interesse da cidade inteira e só aos poucos se tornou uma corporação de mercadores que comerciavam para si mesmos, ao passo que os mercadores aventureiros da Grã-Bretanha, os *povolniki* (colonizadores e mercadores livres) de Novgorod e os *mercati personati* seriam aqueles aos quais foi permitido abrir novos mercados e novos ramos de comércio para si mesmos. Em geral, é bom lembrar que a origem da cidade medieval não pode ser atribuída a um fator específico. Ela resultou de muitos fatores com diferentes graus de importância.

⁵ Janssen, *Geschichte des deutschen Volkes*, i, p. 315; Gramich, *Würzburg* e, na verdade, qualquer conjunto de leis e regulamentos.

⁶ Falke, *Geschichtliche Statistik*, i, pp. 373-393, e ii, p. 66; citado em Janssen, *Geschichte*, i, p. 339; J. D. Blavignac, em *Comptes et dépenses de la construction du clocher de Saint-Nicolas à Fribourg en Suisse*, chega a uma conclusão similar. Sobre Amiens, de De Calonne, *Vie Municipale*, p. 99 e Apêndice. Para quem quiser uma avaliação e representação gráfica cuidadosa dos salários na Inglaterra medieval e seu equivalente em pão e carne, ver o excelente artigo e gráficos de G. Steffen em *The Nineteenth Century*, relativo a 1891, e *Studier öfver lönsystemets historia i England*, Stockholm, 1895.

⁷ Para citar apenas um exemplo entre muitos que podem ser encontrados nas obras de Schönberg e de Falke: para pôr uma cortina e um altar na igreja, os dezesseis sapateiros (*Schusterknechte*) da cidade de Xanten, no Reno, deram 75 *gulden* de subscrições e 12 *gulden* de sua caixa, dinheiro este que valia, segundo as melhores avaliações, dez vezes mais que no presente.

⁸ Citado por Janssen, loc. cit., i, p. 343.

⁹ *The Economical Interpretation of History*, Londres, 1891, p. 303.

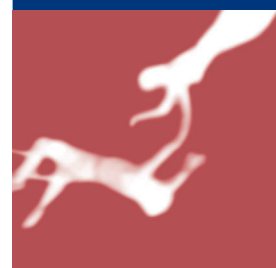
¹⁰ Janssen, loc. cit. Ver também Alwin Schultz, *Deutsches Leben im XIV und XV Jahrhundert*, edição na íntegra, Viena, 1892, p. 67 et seqs. Em Paris, em certos ofícios, a jornada de trabalho variava de sete a oito horas no inverno a catorze horas no verão, enquanto em outros era de oito a nove horas no inverno e de dez a doze no verão. Todo trabalho era suspenso nos sábados e, em cerca de 25 outros dias ("*jours de commun de vile foire*"), às quatro horas, enquanto aos domingos e em trinta outros feriados não era realizado nenhum trabalho. A conclusão geral é



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

que o trabalhador medieval trabalhava menos horas, tudo considerado, que os atuais (E. Martin Saint-Léon, *Histoire des corporations*, p. 121).

- ¹¹ W. Stieda, “Hansische Vereinbarungen über städtisches Gewerbe im XIV und XV Jahrhundert”, em *Hansische Geschichtsblätter*, Jahrgang 1886, p. 121; Schönberg, *Wirtschaftliche Bedeutung der Zünfte*; também, em parte, Roscher.
- ¹² Ver as observações profundas de Toulmin Smith sobre a espoliação das corporações pelos reis, na introdução que escreveu para *English Guilds*. Na França, a mesma espoliação por parte dos reis e abolição da jurisdição das corporações começou em 1306, e o golpe final foi desferido em 1382 (Fagniez, loc. cit., p. 52-54).
- ¹³ Adam Smith e seus contemporâneos sabiam muito bem o que condenavam ao escrever contra a interferência do Estado no comércio e contra os monopólios mercantis criados por este. Infelizmente, seus seguidores, deploravelmente superficiais, puseram corporações medievais e interferência estatal no mesmo saco, não fazendo qualquer distinção entre um edito de Versalhes e um regulamento de corporação. Também é desnecessário dizer que os economistas que estudaram seriamente o assunto, como Schönberg (o editor do célebre curso de *Economia Política*), nunca cometeram esse erro. Mas, até bem recentemente, confusões como essa passavam por “ciência” econômica.
- ¹⁴ Em Florença, as sete artes menores fizeram sua revolução em 1270-1282 e seus resultados são descritos em detalhe por Perrens (*Histoire de Florence*, Paris, 1877, 3 vols.) e em particular por Gino Capponi (*Storia della repubblica di Firenze*, 2. ed., 1876, i, p. 58-80; traduzido para o alemão). Em Lyons, ao contrário, onde o movimento dos ofícios menores ocorreu em 1402, esses últimos foram derrotados e perderam o direito de nomear eles mesmos seus próprios juizes. Parece que as duas partes chegaram a um acordo. O mesmo movimento ocorreu em Rostock em 1313; em Zurique, em 1336; em Berna, em 1363; em Braunschweig, em 1374 e, no ano seguinte, em Hamburgo; em Lübeck, entre 1376 e 1384 e assim por diante. Ver: Schmoller, *Strassburg zur Zeit der Zunftkämpfe and Strassburg's Blüthe*; Brentano, *Arbeitergilden der Gegenwart*, 2 vols., Leipzig, 1871-1872; E. Bain, *Merchant and Craft Guilds*, Aberdeen, 1887, p. 26-47, 75 etc. Quanto à opinião de Gross relativa às mesmas lutas na Inglaterra, ver as observações de Green em *Town Life in the Fifteenth Century*, ii, p.190-217; e também o capítulo sobre a “Labour Question” (Questão operária) e, na verdade, o conjunto desse volume interessantíssimo. As visões de Brentano sobre as lutas entre ofícios, apresentadas em particular nos capítulos iii e iv de seu ensaio “On the History and Development of Guilds”, em Toulmin Smith, *English Guilds*, continua sendo um clássico sobre



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

175

o assunto e pode-se dizer dele que foi confirmado diversas vezes por pesquisa subsequente.

- ¹⁵ Para dar apenas um exemplo, Cambrai fez sua primeira revolução em 907 e, depois de três ou quatro outras revoltas, obteve sua carta (*charter*) em 1076. Essa carta foi contestada duas vezes (em 1107 e em 1138) e duas vezes reafirmada (em 1127 e em 1180). No total, foram 223 anos de lutas antes da conquista do direito à independência. Lyons – de 1195 a 1320.
- ¹⁶ Ver Tuetey, “Étude sur Le droit municipal... en Franche-Comté”, em *Mémoires de la Société d’émulation de Montbéliard*, 2. série, ii, p. 129 e seguintes.
- ¹⁷ Esse parece ter sido o caso na Itália. Na Suíça, Berna comprou até as cidades de Thun e Burgdorf.
- ¹⁸ Esse foi pelo menos o caso nas cidades da Toscana (Florença, Lucca, Siena, Bolonha etc.), para as quais as relações entre cidade e camponeses são mais bem conhecidas. Ver Luchitzkiy, “Slavery and Russian Slaves in Florence”, na *Izvestia 1885*, da Universidade de Kiev, matéria baseada em *Ursprung der Besitzlosigkeit der Colonien in Toscana*, de Rumohr, 1830. Toda a questão concernente às relações entre as cidades e os camponeses requer muito mais estudo do que aquele realizado até agora.
- ¹⁹ As generalizações de Ferrari costumam ser teóricas demais para serem sempre corretas, mas suas visões sobre o papel desempenhado pelos nobres nas guerras da cidade são baseadas em uma ampla gama de fatos comprovados.
- ²⁰ Só aquelas cidades que defenderam obstinadamente a causa dos barões, como Pisa ou Verona, perderam com as guerras. Para muitas cidades que lutaram do lado dos barões, a derrota foi também o começo da liberação e do progresso.
- ²¹ Ferrari, ii, p.18, 104 et seqs.; Leo e Botta, i, p. 432.
- ²² J. Falke, *Die Hansa als Deutsche See- und Handelsmacht*”, Berlin, 1863, p. 31, 55.
- ²³ Em relação a Aachen e Colônia, temos testemunho direto de que os bispos dessas duas cidades – um deles, comprado pelo inimigo – abriram para este os portões.
- ²⁴ Ver os fatos apresentados por Nitzsch, iii, p. 133 e seguintes, embora nem sempre seja necessário aceitar suas conclusões; e também Kallsen, i, p. 458 etc.
- ²⁵ Sobre a comuna do Laonnais que, até as pesquisas de Melleville (*Histoire de la Commune du Laonnais*, Paris, 1853), foi confundida com a comuna de Laon, ver



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Luchaire, p. 75 et seqs. Sobre as corporações iniciais de camponeses e associações subsequentes, ver de Wilman, “Die ländlichen Schutzgilden Westphaliens”, em “*Zeitschrift für Kulturgeschichte, neue Folge, Bd. iii.*”, citado em *Henne-am-Rhyn’s Kulturgeschichte*, iii, p. 249.

²⁶ Luchaire, p. 149.

²⁷ Duas cidades importantes como Mainz e Worms resolviam uma disputa política por meio de arbitragem. Depois que irrompeu uma guerra civil em Abbeville, Amiens agiu como árbitro, em 1231 (Luchaire, p. 149); e assim por diante.

²⁸ Ver, por exemplo, W. Stieda, *Hansische Vereinbarungen*, loc. cit., p.114.

²⁹ Cosmo Innes, *Early Scottish History and Scotland in Middle Ages*, citado pelo Rev. Denton, loc. cit., p. 68, 69; Lamprecht, *Deutsches wirthschaftliche Leben im Mittelalter*, revisto por Schmoller em seu *Jahrbuch*, bd. xii; Sismondi, *Tableau de l’agriculture toscane*, p. 226 e seguintes. Os domínios de Florença eram reconhecidos de imediato graças à sua prosperidade.

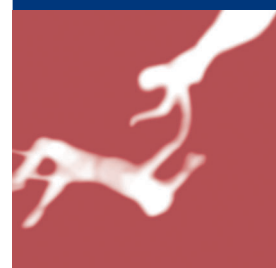
³⁰ John J. Ennett (*Six Essays*, Londres, 1891) tem páginas excelentes sobre esse aspecto da arquitetura medieval. Willis, em seu apêndice a *History of Inductive Sciences* (i, p. 261-262), de Whewell, ressaltou a beleza das relações mecânicas nos edifícios medievais. “Uma nova construção decorativa amadureceu”, escreve ele, “não contrariando nem controlando a construção mecânica, mas assistindo-a e harmonizando-se com ela. Cada elemento, cada moldura se torna uma base de sustentação; e, pela multiplicidade de estacas amparando-se mutuamente e consequente redistribuição de peso, o olho ficava satisfeito pela estabilidade da estrutura, apesar dos aspectos curiosamente esbeltos das partes separadas”. Impossível definir melhor uma arte que surgiu da vida social da cidade.

³¹ L. Ennen, *Der Dom zu Köln, seine Construction und Anstaltung*, Köln, 1871.

³² As três estátuas estão entre as decorações externas da catedral de Notre Dame de Paris.

³³ A arte medieval, assim como a arte grega, não conhecia a loja de curiosidades que chamamos de galeria ou museu nacional. Um quadro era pintado, uma estátua esculpida, uma decoração em bronze era fundida para ficar em seu devido lugar num monumento de arte comunal. Viviam lá, eram parte de uma totalidade e contribuíam para dar unidade à impressão produzida pelo todo.

³⁴ Cf. J. T. Ennett, *Second Essay*, p. 36.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

177

- ³⁵ Sismondi, iv, p. 172; xvi, p. 356. O grande canal, Naviglio Grande, que traz água do Tessino, foi iniciado em 1179, ou seja, após a conquista da independência, e foi terminado no século 13. Sobre a decadência subsequente, ver xvi, p. 355.
- ³⁶ Em 1336, Florença tinha de 8 mil a 10 mil meninos e meninas nas escolas primárias, de mil a 1.200 rapazes nas suas sete escolas secundárias e de 550 a 600 alunos em suas quatro universidades. Os trinta hospitais comunais continham mais de mil leitos para uma população de 90 mil habitantes (Capponi, ii, p. 249 et seqs.). Escritores de prestígio sugeriram mais de uma vez que, em seu todo, a educação tinha um nível mais elevado do que geralmente se supunha. Isso, com certeza, na Nuremberg democrática.
- ³⁷ Cf. as excelentes considerações de L. Ranke sobre a essência do direito romano em sua obra *Weltgeschichte*, Bd. iv, Abth. 2, p. 20-31. Também as observações de Sismondi sobre o papel desempenhado pelos legisladores na constituição da autoridade real, em *Histoire des Français*, Paris, 1826, viii, p. 85-99. O ódio popular contra esses *weise Doktoren und Beutelschneider des Volks* (“sábios doutores e ladrões do povo”) irrompeu com força total nos primeiros anos do século 16 nos sermões do começo do movimento da Reforma.
- ³⁸ Brentano compreendeu perfeitamente os efeitos nefastos da luta entre os “antigos burgueses” e os recém-chegados. Em sua obra sobre as comunidades aldeãs da Suíça, Miaskowski disse o mesmo em relação a elas.
- ³⁹ Até o século 15, o comércio de escravos raptados no Oriente nunca sofreu interrupções nas repúblicas italianas. Tanto na Alemanha quanto em outros lugares são encontrados leves resquícios dele. Ver Cibrario, *Della schiavitù e del servaggio*, 2 vols. Milão, 1868; Luchitzkiy, “Slavery and Russian Slaves in Florence in the Fourteenth and Fifteenth Centuries”, em *Izvestia*, da Universidade de Kiev, 1885.
- ⁴⁰ J. R. Green, *History of the English People*, Londres, 1878, i, p. 455.
- ⁴¹ Ver as teorias expressas pelos advogados de Bolonha, já no Congresso de Roncaglia em 1158.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

AJUDA MÚTUA ENTRE NÓS

As revoltas populares no começo do período dos Estados – As instituições de ajuda mútua atuais – A comunidade aldeã; suas lutas para resistir à abolição pelo Estado – Os hábitos derivados da vida das comunidades aldeãs, conservados em nossas aldeias modernas – Suíça, França, Alemanha, Rússia

A tendência do ser humano à ajuda mútua tem uma origem tão remota e está tão profundamente entrelaçada à toda a evolução de nossa espécie que foi conservada por esta até o presente, apesar de todas as vicissitudes da História. Evoluiu principalmente durante períodos de paz e prosperidade; mas, quando as grandes calamidades assolavam os homens – países inteiros devastados por guerras e populações inteiras dizimadas pela miséria, ou sob o jugo da tirania –, essa mesma tendência continuou existindo nas aldeias e entre as classes mais pobres das cidades; continuou unindo e, com o passar do tempo, chegou até a reagir contra minorias dominantes, guerreiras e devastadoras que a desprezavam como sentimentalismo barato. E toda vez que a humanidade teve de construir uma nova organização social, adaptada a uma nova fase de desenvolvimento, seu gênio construtivo sempre tirou os elementos e a inspiração para o recomeço dessa mesma tendência perene. Na medida em que foram uma criação das massas, as novas instituições econômicas e sociais, os novos sistemas éticos e as novas religiões tiveram a mesma origem, e o progresso ético de nossa raça, considerado em suas linhas gerais, aparece como uma extensão gradual dos princípios de ajuda mútua, desde a tribo até aglomerados cada vez maiores, de modo a finalmente englobar toda a humanidade, sem discriminação de credo, língua e raça.

Depois de passarem pela tribo selvagem e pela comunidade aldeã, os europeus elaboraram uma nova forma de organização na Idade Média, que



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

179

teve a vantagem de abrir grande espaço para a iniciativa individual, respondendo ao mesmo tempo à necessidade humana de ajuda mútua. Nos tempos medievais, foi criada uma federação de comunidades aldeãs, compreendida por uma rede de corporações e fraternidades. Os resultados notáveis obtidos sob essa nova forma de associação – em bem-estar para todos, indústrias, arte, ciência e comércio – foram discutidos em certa medida nos dois capítulos anteriores, que também tentaram mostrar por que, pelo final do século 15, as repúblicas da Idade Média – cercadas por domínios de senhores feudais hostis, incapazes de libertar os camponeses da servidão e gradualmente corrompidas pelas ideias do cesarismo romano – foram condenadas a se tornarem presa dos crescentes Estados militares.

Mas, nos três séculos seguintes, antes de serem completamente submetidas à autoridade do Estado, as massas populares fizeram uma tentativa formidável de reconstruir a sociedade na antiga base de ajuda e apoio mútuos. Hoje sabemos que o grande movimento da Reforma não foi simplesmente uma revolta contra os abusos da Igreja Católica. Também teve seu ideal construtivo, o ideal da vida em comunidades livres e fraternais. Os sermões e escritos que tocavam mais o coração das massas estavam imbuídos de ideias de fraternidade econômica e social da humanidade. Os “Doze Artigos” e profissões de fé similares, difundidos entre os camponeses e artesãos alemães e suíços, além de garantir o direito de cada um a interpretar a Bíblia de acordo com seu próprio entendimento, também incluíam o pedido de restituição das terras comunais às comunidades aldeãs e a abolição da servidão feudal. E sempre se referiam à “verdadeira” fé – a fé na fraternidade. Ao mesmo tempo, milhares de homens e mulheres juntavam-se às fraternidades comunistas da Morávia, doando-lhes toda sua fortuna e vivendo em colônias numerosas e prósperas construídas segundo os princípios do comunismo.¹ Só carnificinas em massa puseram fim a esse movimento popular amplamente difundido, e foi pela espada, pelo fogo e pela força que os jovens Estados asseguraram sua primeira e decisiva vitória sobre as massas populares.²

Durante os três séculos seguintes, tanto na Europa quanto nas Ilhas Britânicas, os Estados eliminaram todas as instituições nas quais a tendência da ajuda mútua encontrara expressão. As comunidades aldeãs foram privadas de suas assembleias populares, de seus tribunais e de sua administração independente; suas terras foram confiscadas. As corporações foram espoliadas de suas posses e liberdades e submetidas ao controle, ao capricho e ao suborno dos funcionários do Estado. As cidades foram despojadas de sua soberania, e



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

180

suas próprias fontes de vida interior – a assembleia popular, os juízes e a administração eleitos, a paróquia e a corporação soberanas – foram aniquiladas; a burocracia do Estado apoderou-se de cada elo do que fora antes um todo orgânico. Sob essa política fatal e as guerras que ela engendrou, regiões inteiras, outrora populosas e opulentas, ficaram desertas; cidades ricas tornaram-se burgos insignificantes e as próprias estradas que as ligavam com outras tornaram-se impraticáveis. A indústria, a arte e o conhecimento entraram em decadência. A educação política, a ciência e o direito foram colocados a serviço da ideia de centralização do Estado. Ensinava-se nas universidades e pregava-se no púlpito que as instituições com as quais antigamente os homens expressavam suas necessidades de ajuda mútua não eram toleráveis em um Estado bem organizado; que só este poderia representar os laços de união entre seus súditos; que o federalismo e o “particularismo” eram inimigos do progresso e que o Estado era o único em condições de desencadear novos avanços. Por volta do final do século 17, os reis da Europa, o parlamento nas Ilhas Britânicas e a Convenção revolucionária da França, embora estivessem em guerra entre si, concordaram em declarar-se contra qualquer tipo de associação independente de cidadãos dentro do Estado e em decretar que os trabalhos forçados e a morte eram as únicas punições convincentes para os trabalhadores que ousassem entrar em “coalizões”. “Nada de Estado dentro do Estado!” Só o Estado e a Igreja do Estado podiam cuidar de questões de interesse geral, enquanto os súditos deviam representar agregados frouxos de indivíduos, sem vínculos particulares e obrigados a apelar ao governo toda vez que sentissem a pressão de uma necessidade comum. Até meados do século 19, essas foram a teoria e a prática na Europa. Até mesmo sociedades comerciais e industriais estavam sob suspeita. Quanto aos trabalhadores, seus sindicatos foram considerados ilegais até metade do século 19 na Inglaterra e, nos últimos vinte anos, na Europa. O conjunto de nossa educação estatal era tal que, até hoje, mesmo na Inglaterra, parte significativa da sociedade consideraria revolucionária a concessão dos direitos que todos, homens livres ou servos, exerciam havia quinhentos anos na assembleia do povo, na corporação, na paróquia e na cidade.

A absorção de todas as funções sociais pelo Estado favoreceu necessariamente o desenvolvimento de um individualismo desenfreado e tacanho. À medida que cresciam as obrigações para com o Estado, os cidadãos iam sendo evidentemente aliviados das obrigações de uns para com os outros. Na corporação – e nos tempos medievais – todo homem pertencia a alguma corporação ou fraternidade – dois “irmãos” tinham o dever de cuidar por turnos de um outro que tivesse caído doente; agora era suficiente dar ao

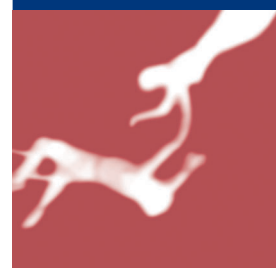


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

181

vizinho do enfermo o endereço do hospital público mais próximo. Na sociedade bárbara, o indivíduo que assistisse a uma luta entre dois homens, surgida de uma discussão, e não interferisse para evitar que ela tivesse um fim fatal, também era considerado assassino; mas, sob a teoria do Estado que protegia todos, essa intervenção não era necessária: cabia à polícia intervir ou não. E, enquanto numa terra “selvagem”, entre os hotentotes, era escandaloso comer sem ter chamado aos gritos, por três vezes, quem quisesse compartilhar da comida, agora tudo que um cidadão respeitável tem de fazer é pagar o imposto dos pobres e deixar os famintos morrerem de inanição. O resultado foi o triunfo completo, no direito, na ciência e na religião, da teoria segundo a qual os homens podem, e devem, buscar sua própria felicidade sem considerar as necessidades das outras pessoas. É a religião do dia, e duvidar de sua eficácia é ser um utopista perigoso. A ciência proclama em alto e bom som que a luta de cada um contra todos é o princípio essencial da natureza e das sociedades humanas também. A biologia atribui a essa luta a evolução progressiva do mundo animal. A história adota essa mesma linha de argumentação, e os economistas políticos, em sua ignorância ingênua, atribuem todo o progresso da indústria e da maquinaria modernas aos efeitos “maravilhosos” do mesmo princípio. A própria religião do púlpito é uma religião de individualismo, levemente mitigada por relações mais ou menos caridosas com os vizinhos, principalmente aos domingos. Homens “práticos” e teóricos, cientistas e pregadores, advogados e políticos, todos concordam em uma coisa: que o individualismo pode ser mais ou menos abrandado pela caridade em seus efeitos mais deletérios, mas é a única base segura para a manutenção da sociedade e de seu progresso.

Portanto, pareceria inútil procurar instituições e práticas de ajuda mútua na sociedade moderna. O que pode ter restado delas? Mas, assim que procuramos descobrir como vivem os milhões de seres humanos e começamos a estudar suas relações cotidianas, ficamos impressionados com o enorme papel que os princípios de ajuda e de apoio mútuos desempenham hoje em dia na vida humana. Embora a destruição das instituições de ajuda mútua já esteja ocorrendo há três ou quatro séculos, na prática e na teoria, ainda há centenas de milhões de homens vivendo sob suas formas, mantendo-as devotadamente e empenhando-se em reconstituí-las onde elas deixaram de existir. Em nossas relações mútuas, cada um de nós tem seus momentos de revolta contra o credo individualista em voga, e os atos nos quais os homens são guiados por suas inclinações de ajuda mútua são tantos em nossas relações diárias que, se elas fossem interrompidas, todo o progresso ético posterior seria imediatamente



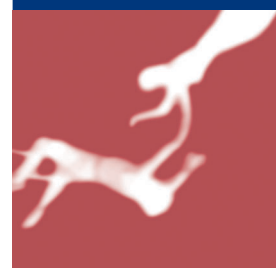
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

182

paralisado. A própria sociedade humana não poderia ser mantida ao longo de uma única geração. Agora vamos analisar esses fatos, desprezados principalmente por sociólogos, mas que são de importância crucial para a vida e a evolução posterior da humanidade, começando com as instituições de apoio mútuo existentes e passando, em seguida, aos atos de ajuda mútua que têm sua origem nas afinidades sociais ou pessoais.

Numa visão panorâmica da constituição da sociedade europeia atual, impressiona imediatamente o fato de que, apesar dos esforços envidados para desfazer a comunidade aldeã, essa forma de associação continua existindo com a magnitude que veremos aqui e, hoje em dia, muitas tentativas são feitas para reconstituí-la de alguma forma, ou para lhe encontrar um substituto qualquer. Segundo a teoria corrente sobre a comunidade aldeã, ela teve morte natural na Europa Ocidental porque a posse comunal do solo era incoerente com os requisitos modernos da agricultura. Porém, em lugar algum ela desapareceu espontaneamente, muito ao contrário: as classes dominantes sempre levaram vários séculos de esforços persistentes, mas nem sempre bem-sucedidos, para aboli-la e para confiscar as terras comunais.

Na França, as comunidades aldeãs começaram a ser privadas de sua independência e a ter suas terras pilhadas já no século 16. Mas foi apenas no século seguinte, quando a massa de camponeses foi levada, por extorsões e guerras, ao estado de sujeição e miséria vividamente descrito por todos os historiadores, que essa pilhagem se tornou fácil e atingiu proporções escandalosas. “Cada um os pilhou de acordo com suas forças [...]. Dívidas imaginárias foram cobradas, a fim de tomar suas terras”, assim lemos num edito promulgado por Luís XIV em 1667.³ O recurso do Estado para resolver tais mazelas foi obviamente tornar as comunas ainda mais subservientes a si e pilhá-las ele próprio. Na verdade, dois anos depois, toda renda em dinheiro das comunas foi confiscada pelo rei. A apropriação das terras comunais aumentou cada vez mais e, no século seguinte, os nobres e o clero já tinham se apossado de imensas extensões de terra – metade da área cultivada, de acordo com certas estimativas –, na maior parte para deixá-las sem cultivo.⁴ Mas os camponeses ainda mantinham suas instituições comunais e, até o ano de 1787, as assembleias populares das vilas, compostas de todos os chefes de família, reuniam-se à sombra do campanário ou de uma árvore para dividir e redividir o que tinham preservado de seus campos, avaliar as taxas e eleger seu executivo, exatamente como a *mir* russa faz hoje. Foi o que as pesquisas de Babeau comprovaram.⁵



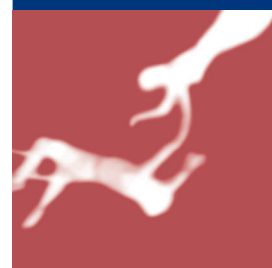
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

183

Mas, para o governo, as assembleias populares eram “barulhentas” e desobedientes demais e, em 1787, conselhos eleitos, compostos de um prefeito e de três a seis síndicos, escolhidos dentre os camponeses mais ricos, ocuparam o seu lugar. Dois anos mais tarde, a Assembleia Constituinte Revolucionária, que a essa altura estava aliada ao Antigo Regime, corroborou inteiramente essa lei (em 14 de dezembro de 1789), e o burguês da aldeia teve então sua chance de pilhar as terras comunais, o que tratou de fazer durante todo o período revolucionário. Só em 16 de agosto de 1792, sob a pressão das insurreições camponesas, a Convenção decidiu devolver as terras cercadas para as comunas;⁶ mas, ao mesmo tempo, ordenou que estas fossem divididas em partes iguais apenas entre os camponeses mais ricos, medida que provocou novas insurreições e foi abolida em 1793, quando veio a ordem de dividir as terras comunais igualmente entre todos os que tinham direito a elas, ricos e pobres, “ativos” e “inativos”.

Mas essas duas leis eram tão opostas às concepções dos camponeses que não foram obedecidas, e estes, sempre que retomavam a posse de parte de suas terras, mantinham-nas sem divisão. Seguiram-se os longos anos de guerras e, de início (1794), as terras comunais foram simplesmente confiscadas pelo Estado como hipoteca de empréstimos estatais, postas à venda e pilhadas como tais; depois foram sucessivamente devolvidas às comunas e confiscadas (1813); e só em 1816 o que restou delas, ou seja, cerca de 15 milhões de acres da terra menos produtiva, foi devolvido às comunidades aldeãs.⁷ Mas isso não deu fim aos problemas das comunas. Cada novo regime via nas terras comunais um meio de recompensar seus partidários e, nesse sentido, foram decretadas três leis (a primeira em 1837 e a última sob Napoleão III) destinadas a induzir as comunidades aldeãs a dividir suas propriedades rurais. Por três vezes essas leis tiveram de ser anuladas em consequência da oposição encontrada nas aldeias; mas toda vez se tomava alguma coisa delas, e Napoleão III, sob o pretexto de estimular métodos aperfeiçoados de agricultura, concedeu grandes extensões das terras comunais a alguns de seus favoritos.

O que poderia restar da autonomia das comunidades aldeãs depois de tantos golpes? O prefeito e os síndicos eram considerados simples funcionários não-remunerados da máquina do Estado. Mesmo assim, sob a Terceira República, muito pouco podia ser feito numa comunidade aldeã sem que a colossal máquina do Estado, desde o prefeito até os ministérios, fosse posta em movimento. Embora seja difícil acreditar, é verdade que, quando um camponês queria pagar em dinheiro sua parte no reparo de uma estrada comunal, por



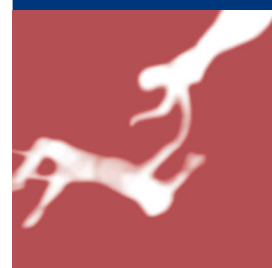
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

184

exemplo, em vez de quebrar ele mesmo a quantidade necessária de pedras, era preciso que ao menos doze diferentes funcionários do Estado dessem sua aprovação; um total de 52 decisões diferentes deviam ser tomadas e trocadas entre estes antes que fosse permitido ao camponês fazer esse pagamento ao conselho comunal. Tudo o mais tinha o mesmo caráter.⁸

O que se verificou na França ocorreu em toda a Europa Central e Ocidental. Até as principais datas das grandes espoliações de terras dos camponeses foram as mesmas. Na Inglaterra, a única diferença é que a espoliação se deu por medidas isoladas, em vez de gerais – com menos pressa, mas muito mais extensamente do que na França. Os confiscos de terras comunais pelos senhores feudais começaram também no século 15, depois da derrota da insurreição camponesa de 1380 – como mostram a *História* de Rossus e um estatuto de Henrique VII, no qual eles são mencionados da seguinte forma: “abusos e infortúnios danosos [...] para o bem-estar comum”.⁹ Posteriormente, sob Henrique VIII, como se sabe, teve início o Grande Inquérito, cujo objetivo era pôr fim ao cercamento das terras comunais que, no entanto, terminou em uma sanção do que já tinha sido feito.¹⁰ As terras comunais continuaram a ser saqueadas e os camponeses foram expulsos da terra. Mas foi principalmente a partir da metade do século 18 que, na Inglaterra como em todo lugar, a simples erradicação de todos os vestígios da propriedade comunal tornou-se uma política sistemática, e o que surpreende não é o fato de ela ter desaparecido, mas o de poder ter sido mantida, mesmo na Inglaterra, sendo “em geral prevalecente em época tão recente quanto a dos avós desta geração”.¹¹ O próprio objetivo das Leis de Cercamento, como mostrou Seebohm, era o de eliminar esse sistema,¹² e fizeram um serviço tão bom com as quase quatro mil leis decretadas entre 1760 e 1844, que dele restaram apenas alguns resquícios quase imperceptíveis. A terra das comunidades aldeãs foi tomada pelos senhores feudais e a apropriação foi sancionada pelo Parlamento em todos os casos.

Na Alemanha, na Áustria e na Bélgica, a comunidade aldeã também foi destruída pelo Estado. Eram raras as pessoas que dividiam suas terras,¹³ uma vez que, por toda parte, os Estados as proibiram disso, ou simplesmente favoreceram a apropriação privada. O último golpe contra a propriedade comunal na Europa Central também data da metade do século 18. Em 1768, o governo austríaco usou a força bruta para obrigar as comunas a dividirem suas terras e, dois anos depois, nomeou uma comissão especial para esse fim. Na Prússia, Frederico II recomendou, em diversas de suas leis (1752, 1763,



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

185

1765 e 1769), que o *Justizcollegien* obrigasse os camponeses a fazer a divisão. Em 1771, uma resolução especial foi imposta à Silésia com o mesmo objetivo. Na Bélgica, como as comunas resistiram, foi promulgada uma lei, em 1847, dando ao governo o poder de comprar prados comunais para revendê-los no varejo e de fazer uma venda forçada da terra comunal sempre que houvesse um possível comprador.¹⁴

Em resumo: falar da morte natural das comunidades aldeãs em virtude de leis econômicas é uma brincadeira tão ridícula quanto dizer que soldados massacrados em um campo de batalha faleceram de morte natural. O que houve foi simplesmente isto: as comunidades aldeãs subsistiram por mais de mil anos, e os camponeses, onde e quando não foram arruinados por guerras e extorsões, aperfeiçoaram continuamente seus métodos de cultivo. Mas o valor da terra estava aumentando em consequência do crescimento das indústrias e, sob a organização estatal, a nobreza havia adquirido um poder que nunca tivera sob o sistema feudal e, dessa forma, tomou posse das melhores áreas das terras comunais e fez o que pôde para destruir as instituições comunais.

Mas as instituições da comunidade aldeã respondem tão bem às necessidades e concepções dos agricultores que, apesar de tudo, até hoje a Europa está coberta de remanescentes vivos da comunidade aldeã, e a vida no campo europeu está impregnada de costumes e hábitos que datam do tempo em que ela existia. Mesmo na Inglaterra, apesar de todas as medidas drásticas tomadas contra a antiga ordem das coisas, ela predominou até o começo do século 19. Gomme, um dos poucos eruditos ingleses que prestaram atenção ao assunto, mostra em sua obra que muitos vestígios da posse comunal do solo são encontrados na Escócia: a posse coletiva da terra foi mantida em Forfarshire até 1813; em certas aldeias de Inverness, até 1801 era costume arar a terra para toda a comunidade, sem marcar divisões, e dividi-la em partes somente depois de feita a aradura. Em Kilmore, a divisão e a redivisão dos campos estavam em pleno vigor “até os últimos 25 anos” e a Comissão de Arrendatários (Crofters’ Commission) ainda verificou sua existência em certas ilhas.¹⁵ Na Irlanda, o sistema prevaleceu até a grande fome; e, quanto à Inglaterra, as obras de Marshall, que passaram despercebidas até que Nasse e Henry Maine chamaram a atenção para elas, não deixam dúvida de que o sistema da comunidade aldeã foi amplamente difundido em quase todos os condados ingleses no começo do século 19.¹⁶ Há não mais de 20 anos, Henry Maine mostrou-se “muito surpreendido com o número de casos de direitos anômalos de propriedade, que implicavam necessariamente a existência prévia da pro-

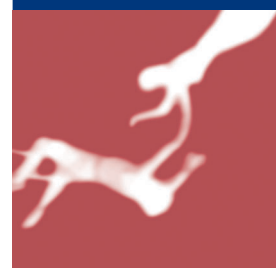


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

186

priedade coletiva e do cultivo em comum”, de que tomou conhecimento a partir de uma pesquisa comparativamente breve.¹⁷ E, se as instituições comunais persistiram até pouco tempo atrás, um grande número de hábitos e costumes de ajuda mútua seriam indubitavelmente descobertos em aldeias inglesas, caso os escritores deste país prestassem uma atenção mínima à vida aldeã.¹⁸

Voltando ao continente: ali encontramos instituições comunais em pleno vigor em muitas partes da França, da Suíça, da Alemanha, da Itália, das terras escandinavas e da Espanha, sem falar da Europa Oriental. A vida aldeã nesses países está impregnada de hábitos e costumes comunais, e quase todo ano a literatura continental é enriquecida por obras sérias que tratam desse assunto e de outros afins. Devo, portanto, limitar-me aos exemplos mais típicos. A Suíça é, sem dúvida, um deles. Não são apenas as cinco repúblicas de Uri, Schwytz, Appenzell, Glarus e Unterwalden que mantêm suas terras como propriedades rurais indivisas, governadas por suas assembleias populares, mas também em outros cantões as comunidades aldeãs continuam sob um amplo autogoverno e possuem grandes parcelas do território federal.¹⁹ Dois terços dos prados alpinos e dois terços das florestas da Suíça são terras comunais até hoje, e um número considerável de campos, pomares, vinhas, turfeiras, pedreiras e assim por diante, são propriedades comunitárias. No cantão de Vaud, onde todos os chefes de família continuam participando das deliberações de seus conselhos eleitos, o espírito comunal está particularmente vivo. Perto do final do inverno, os rapazes de toda aldeia vão para os bosques e ficam ali alguns dias, abatendo árvores e fazendo as toras deslizarem pelos declives íngremes como se estes fossem tobogãs. As toras e a lenha são divididas entre todas as famílias ou vendidas para seu benefício. Essas excursões são verdadeiras festas de trabalho viril. Nas margens do lago Lemano, parte do trabalho necessário para manter os terraços das vinhas ainda é feito em comum; na primavera, quando o termômetro ameaça descer abaixo de zero antes do nascer do sol, o vigia acorda todos os chefes de família para que queimem palha e estrume para formar uma nuvem artificial que protege suas vinhas da geada. Em quase todos os cantões suíços, as comunidades aldeãs possuem os chamados *Bürgerutzen* – ou seja, um certo número de cidadãos, descendentes de famílias antigas, proprietárias em comum de um certo número de vacas; eles também têm em comum alguns campos, ou vinhedos, cujo produto é dividido entre os habitantes dos burgos; ou ainda a comuna arrenda certas terras para o benefício de todos os seus membros.²⁰



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

187

Pode-se considerar regra que, nos lugares que preservaram uma ampla esfera de funções para continuarem sendo partes vivas do organismo nacional, e onde não foram reduzidas à miséria absoluta, as comunas suíças nunca deixaram de cuidar bem de suas terras. A propósito: na Suíça, as propriedades rurais comunais contrastam claramente com o estado miserável das “comunas inglesas”. As florestas comunais do cantão de Vaud e de Valais são admiravelmente bem administradas, de acordo com as regras da silvicultura moderna. Em todos os outros lugares, as “faixas” de campos comunais, que mudam de donos sob o sistema de redistribuição, são muito bem adubadas, principalmente quando não há falta de prados e de gado. Em geral, os prados de regiões altas são bem cuidados e as estradas rurais são excelentes. E, quando admiramos o chalé suíço, a estrada da montanha, o gado dos camponeses, os terraços de vinha ou o prédio escolar, devemos ter em mente que pouco haveria para se admirar se a madeira do chalé não tivesse vindo das florestas comunais e a pedra, das pedreiras comunais; se as vacas não fossem criadas nos pastos comunais e as estradas e os prédios escolares não tivessem sido construídos pelo trabalho comunal.²¹ É claro que, na Suíça, como em todas as partes, a comuna perdeu muitos de seus direitos e funções, e a “corporação”, composta por um pequeno número de famílias antigas, ocupou o lugar da comunidade aldeã anterior, à qual todos pertenciam. Mas, de acordo com a opinião de pesquisadores sérios, o que foi conservado manteve toda a sua vitalidade.²²

Nem é preciso dizer que grande número de hábitos e costumes de ajuda mútua continuam persistindo nas aldeias suíças. Todas as famílias se revezam para receber os participantes das reuniões convocadas para quebrar nozes à noite, para as festas destinadas a levantar o dote da moça que vai casar, para os mutirões para a construção de casas e para a silagem das colheitas, assim como para todo trabalho que possa ser solicitado por um dos habitantes, e participam do intercâmbio de crianças de um cantão com as de outro, para que possam aprender dois idiomas, o francês e o alemão, e assim por diante.²³ E diversas exigências modernas também são atendidas com o mesmo espírito. No cantão de Glarus, por exemplo, a maior parte dos prados foi vendida durante uma época de calamidades, mas as comunas ainda continuam a comprar terras e, depois que os campos assim comprados ficaram na posse de diferentes membros da comuna, por dez, vinte ou trinta anos, conforme o caso, eles voltam a fazer parte do fundo comum, que é redistribuído de acordo com as necessidades de todos. Um grande número de pequenas associações é formado para produzir os gêneros básicos – pão, queijo e vinho – com trabalho em comum, ainda que



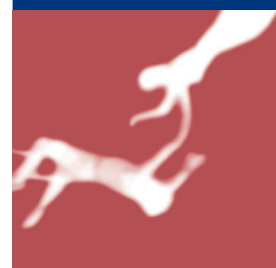
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

188

em escala limitada, e a cooperação agrícola se difunde por toda a Suíça com a maior facilidade. Não é raro encontrar associações formadas por dez a trinta camponeses, que comprem terras em comum e as cultivam como coproprietários, e em todo lugar são organizadas associações de laticínios para a venda de leite, manteiga e queijo. Na verdade, a Suíça foi o berço dessa forma de cooperação. Além disso, ela oferece um imenso campo para o estudo de todo tipo de sociedade, grande ou pequena, formada para a satisfação de todas as necessidades modernas. Em certas partes da Suíça, em quase todas as aldeias há diversas associações – para a proteção contra fogo, para a manutenção do cais nas margens de um lago, para o suprimento de água e assim por diante, e o país está coberto de sociedades de arqueiros, de atiradores de precisão, de topógrafos, de exploradores de trilhas e coisas do gênero, originadas no militarismo moderno.

Mas a Suíça está longe de ser uma exceção na Europa, uma vez que as mesmas instituições e os mesmos hábitos são encontrados em aldeias da França, da Itália, da Alemanha, da Dinamarca e assim por diante. Acabamos de ver o que foi feito pelos governantes da França para destruir a comunidade aldeã e conseguir a posse de suas terras; mas, apesar disso tudo, um décimo de todo o território disponível para cultura, isto é, 13.500.000 acres, incluindo metade de todas as campinas naturais e cerca da quinta parte das florestas do país continua sendo posse comunal. Os bosques fornecem a lenha e cada pedaço é cortado, principalmente pelo trabalho comunal, com a regularidade desejável; as pastagens são livres para o gado dos membros da comuna, e o que resta dos campos comunais é distribuído e redistribuído em certas partes da França, como nas Ardennes.²⁴

Essas fontes adicionais de suprimento, que ajudam os camponeses mais pobres a passar por um ano de más colheitas sem serem forçados a vender seus pequenos lotes e sem recorrer a empréstimos impagáveis, certamente têm sua importância tanto para os trabalhadores rurais quanto para os cerca de três milhões de pequenos proprietários. É duvidoso que a pequena propriedade camponesa possa ser mantida sem esses recursos adicionais. Mas, para as posses comunais, pequenas como são, sua ética é mais importante que seu valor econômico. Elas mantêm na vida aldeã um núcleo de costumes e hábitos de ajuda mútua que indubitavelmente atua como um vigoroso controle sobre o desenvolvimento do individualismo e da ambição desmedidos que a pequena propriedade rural tem grande tendência a desenvolver. A ajuda mútua em todas as circunstâncias possíveis da vida aldeã é parte do cotidiano em



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

toda a França. Em todos os lugares do país encontramos, sob nomes diferentes, o *charroi*, isto é, a ajuda desinteressada dos vizinhos para a colheita e a vindima, ou para construir uma casa, as mesmas reuniões noturnas que observamos na Suíça. Esses hábitos são mencionados por quase todos aqueles que escreveram sobre a vida aldeã francesa. Mas talvez seja melhor resumir aqui trechos de cartas que acabei de receber de um amigo a quem pedi que me comunicasse suas observações a respeito. Agora está velho, mas foi prefeito de sua comuna no sul da França (em Ariège) durante anos; os fatos que menciona, ele os conheceu em longos anos de observação pessoal e têm a vantagem de terem ocorrido em suas vizinhanças, em vez de serem abstraídos de uma grande área. Alguns podem parecer frívolos; mas, em geral, descrevem bem o pequeno mundo da vida aldeã.

“Em diversas comunas da vizinhança”, escreve meu amigo, “o antigo costume de *l’emprunt* ainda está em vigor. Quando muitas mãos são necessárias em uma fazenda de meeiros para se fazer rapidamente um trabalho, como desenterrar batatas ou ceifar o feno, por exemplo, a juventude da vizinhança é convocada; rapazes e moças acorrem em grande número, fazendo o trabalho com alegria e gratuitamente; à noite, depois de uma refeição festiva, eles dançam.”

“Em algumas comunas, quando uma moça vai casar, as jovens da vizinhança vêm ajudar a noiva a fazer o enxoval. Em várias comunas, as mulheres ainda fiam bastante. Quando uma família tem de desenrolar os fios, o trabalho todo é feito em uma tarde, e todos os amigos são chamados para ajudar. Em muitas comunas de Ariège e em outras partes do sudoeste, a debulha dos cereais também é feita com a ajuda dos vizinhos. Eles são recebidos com vinho e nozes, e os jovens dançam depois de terminado o trabalho. Isso também acontece na fabricação do óleo de amêndoas e no esmagamento do cânhamo. Na comuna de L., as colheitas de cereais seguem o mesmo costume. Esses dias de trabalho duro tornam-se dias de festa, em que o anfitrião sente-se honrado em servir uma boa refeição. Não se dá nenhuma remuneração aos trabalhadores; todos fazem isso uns para os outros.”²⁵

“Na comuna de S., a terra de pasto comum aumenta a cada ano, de modo que aproximadamente a totalidade da área da comuna é agora mantida em comum. Os pastores são eleitos por todos os donos de gado; as mulheres tomam parte nessa eleição, quando são elas que têm posse do gado. Os touros necessários à reprodução pertencem à comuna.”



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

190

“Na comuna de M., os quarenta a cinquenta pequenos rebanhos de ovelhas dos comunitários são juntados e divididos em três ou quatro antes de serem conduzidos às campinas mais elevadas. Cada dono trabalha como pastor durante uma semana.”

“Na vila de C., uma debulhadora foi comprada em comum por vários habitantes, e as cerca de quinze a vinte pessoas necessárias para fazê-lo funcionar vêm de todas as famílias. Três outras debulhadoras foram compradas e foram alugadas por seus donos, mas o trabalho é executado por auxiliares externos, convidados da maneira usual.”

“Em nossa comuna de R., tivemos de levantar o muro do cemitério. Metade do dinheiro necessário para comprar cal e pagar os salários dos trabalhadores qualificados foi fornecido pelo conselho da cidade; a outra metade foi obtida com contribuições. O trabalho de transportar água e carregar areia, fazer argamassa e auxiliar os pedreiros foi todo feito por voluntários [exatamente como na *djemma* dos cabilas]. As estradas rurais foram reparadas da mesma maneira: por dias de trabalho voluntário dos membros da comuna. Outras comunas construíram suas fontes nesses moldes. A prensagem das uvas e outras pequenas obras são feitas frequentemente pela comuna”.

Dois residentes da mesma vizinhança, questionados por meu amigo, acrescentaram:

“Em O., há dois anos atrás, não havia moinho. A comuna construiu um, por meio de uma taxa cobrada dos comunitários. Quanto ao moleiro, foi decidido, a fim de evitar fraudes e parcialidade, que ele deveria receber dois francos de cada consumidor de pão e que o cereal seria moído gratuitamente”.

“Em St. G., alguns camponeses fizeram seguro contra incêndio. Há pouco tempo, quando ocorreu um incêndio, todos deram algo à família atingida – um caldeirão, roupas de cama, uma cadeira e assim por diante – e, dessa forma, foi reconstituído um lar modesto. Todos os vizinhos estão ajudando a reconstruir a casa e, nesse ínterim, a família foi alojada gratuitamente pelos vizinhos”.

Esses hábitos de apoio mútuo – dos quais muitos outros exemplos podem ser dados – explicam indubitavelmente a facilidade com a qual os camponeses franceses se associam para usar, por turnos, o arado com sua parrelha de cavalos, a prensa de uvas e a debulhadora, quando estes são mantidos na aldeia por apenas um deles, assim como para todos os tipos de trabalho rural em comum. Desde tempos imemoriais, as comunidades aldeãs mantiveram canais, abateram florestas, plantaram árvores e drenaram pântanos; e con-



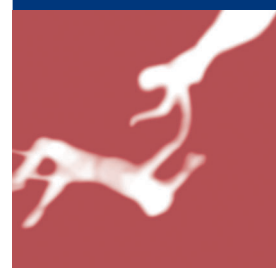
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

191

tinuam a fazer tudo isso. Muito recentemente, em La Borne de Lozère, o trabalho comunal transformou colinas estéreis em belos pomares. “Os homens carregaram a terra nas costas; fizeram terraços, nos quais plantaram castanheiras, pessegueiros e outras árvores frutíferas, e a água da irrigação foi trazida por meio de canais de três ou cinco quilômetros de comprimento”. Há pouco terminaram um novo canal, de mais de 17 quilômetros.²⁶

Ao mesmo espírito se deve também o notável êxito recente dos *syndicats agricoles*, associações de camponeses e de fazendeiros. Foi só a partir de 1884 que associações de mais do que dezenove pessoas foram permitidas na França, e não preciso dizer que, quando esse “perigoso experimento” – como o chamaram nas Câmaras – foi posto em prática, os funcionários tomaram todas as devidas “precauções” que conseguiram inventar. Apesar disso tudo, a França começa a ser coberta por sindicatos. De início, eram formados apenas para a compra de adubos e sementes, e a adulteração atingiu proporções colossais nesses dois ramos.²⁷ Mas, aos poucos, estenderam suas funções em várias sentidos, entre os quais a venda de produtos agrícolas e melhorias permanentes na terra. No sul da França, as devastações da praga de filoxera fizeram nascer grande número de associações de produtores de vinho. Um número de produtores avaliado entre dez e trinta formou um sindicato, comprou uma máquina a vapor para bombear a água e construiu as instalações necessárias para irrigar suas vinhas por turnos.²⁸ Novas associações são formadas constantemente, seja para proteger a terra de inundações, seja para fins de irrigação ou de manutenção de canais, e a unanimidade dos camponeses das vizinhança – exigida por lei –, não é obstáculo. Em toda parte vemos as *fruitières* (associações de laticínios), em algumas das quais a manteiga e o queijo são divididos em partes iguais, independentemente da produção de cada vaca. Em Ariège, há uma associação de oito comunas separadas para o cultivo em comum de suas terras, que elas juntaram; no mesmo departamento, sindicatos para assistência médica gratuita foram formados em 172 comunas, de um total de 337; surgem associações de consumidores em conexão com os sindicatos; e assim por diante.²⁹ “É bem uma revolução o que está acontecendo em nossas aldeias”, escreveu Alfred Baudrillart, “por meio dessas associações que, em cada região, expressam suas próprias características especiais.”

Pode-se dizer coisas muito semelhantes sobre a Alemanha. Em todos os lugares em que puderam resistir à pilhagem de suas terras, os camponeses preservaram a posse comunal, que predomina visivelmente em Württemberg, Hohenzollern, Baden e na província hessiana de Starkenberg.³⁰ As florestas



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

192

comunais são mantidas, em regra, em excelente estado e, em milhares de comunas, a madeira e a lenha são divididas todo ano entre os habitantes. Mesmo o antigo costume do *Lesholztag* é amplamente difundido: quando o sino da aldeia toca, todos vão até a floresta e pegam tanta lenha quanto podem carregar.³¹ Na Westfália, encontram-se comunas nas quais toda a terra é cultivada como uma única propriedade rural, utilizando-se todos os aperfeiçoamentos da agronomia moderna. Os antigos hábitos e costumes comunais estão em vigor na maior parte da Alemanha. A convocação para as *aides*, que são verdadeiras festas do trabalho, é habitual na Westfália, em Hesse e em Nassau. Em regiões ricas em madeira, aquela usada para construir uma nova casa costuma ser retirada da floresta comunal, e os vizinhos reúnem-se para a construção. Mesmo nos subúrbios de Frankfurt, é costume entre os horticultores que, quando um deles adoece, todos vêm no domingo cultivar sua horta.³²

Na Alemanha, como na França, desde que os governantes suspenderam suas leis contrárias às associações camponesas – apenas em 1884-1888 –, estas começaram a se desenvolver com rapidez admirável, apesar de todos os obstáculos legais.³³ De acordo com Buchenberger,

é um fato que, devido a essas associações, em *milhares* de comunidades aldeãs, nas quais jamais se conheceu nenhum tipo de adubo químico ou forragem racional, ambos se tornaram de uso cotidiano, em uma quantidade totalmente imprevista (vol. ii, p. 507).

Essas associações compram toda espécie de implemento e maquinaria agrícola que economiza trabalho e as melhores raças de gado, e também introduzem vários métodos para melhorar a qualidade dos produtos. Também são formadas associações para a venda da produção agrícola, assim como para fazer melhorias permanentes na terra.³⁴

Do ponto de vista da economia social, todos esses esforços dos camponeses são por certo pouco importantes. Eles não conseguem aliviar muito e, e menos ainda de forma permanente, a miséria à qual estão condenados os agricultores de toda a Europa. Mas, do ponto de vista ético, que estamos considerando agora, sua importância não deve ser subestimada. Provam que, mesmo sob o temerário sistema individualista que prevalece agora, as massas agrícolas mantêm devotadamente sua herança de apoio mútuo; e, tão logo os Estados relaxam as leis de ferro por meio das quais têm quebrado todos os vínculos entre os homens, estes são imediatamente reconstituídos, apesar das dificuldades políticas, econômicas e sociais, que são muitas, e de modo a responder melhor às



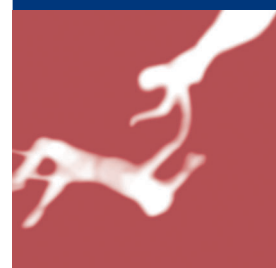
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

193

exigências da produção moderna. Esses vínculos indicam em que direção e de que forma esperar o progresso ulterior.

Exemplos desse fato poderiam ser multiplicados facilmente se pensarmos na Itália, na Espanha, na Dinamarca e assim por diante, bastando destacar algumas características desses países.³⁵ Também é preciso mencionar as populações eslavas da Áustria e da península balcânica, entre as quais se encontra a “família composta” ou o “lar indiviso”.³⁶ Mas apresso-me em passar para a Rússia, onde a mesma tendência de apoio mútuo toma certas formas novas e imprevistas. Além disso, quando tratamos da comunidade aldeã na Rússia, temos a vantagem de possuir uma imensa massa de materiais, coletada durante o colossal censo em domicílio feito recentemente por diversos *zemstvos* (conselhos municipais), que abrange uma população de aproximadamente 20 milhões de camponeses em diferentes regiões do país.³⁷

Duas conclusões importantes podem ser tiradas da massa de evidências coletada pelos pesquisadores russos. Na Rússia central, onde um terço dos camponeses foi levado à ruína completa (devida à tributação pesada, aos pequenos loteamentos de terra improdutiva, a aluguéis exorbitantes e à coleta de impostos muito severa depois de total fracasso da safra), houve uma pronunciada tendência à constituição da propriedade individual da terra nas comunidades aldeãs durante os primeiros 25 anos após a emancipação dos servos. Muitos camponeses empobrecidos, os “sem cavalo”, abandonaram a terra à qual tinham direito na comuna, e esta se tornou frequentemente propriedade dos camponeses mais ricos, que obtêm rendas adicionais do comércio, ou de negociantes estrangeiros, que comprem terra principalmente para arrendá-la aos camponeses por valores exorbitantes. Além disso, uma falha na lei de resgate de terras, de 1861, abriu grandes facilidades para a compra de terras de camponeses a um preço vil,³⁸ e os funcionários do Estado, na maior parte das vezes, usaram sua poderosa influência em favor da propriedade individual, em detrimento da posse comunal. Mas, durante os últimos 20 anos, voltou a soprar um forte vento de oposição à apropriação individual da terra nas aldeias da Rússia central, e a massa dos camponeses situados socialmente entre os ricos e os muito pobres tem feito esforços vigorosos para manter a comunidade aldeã. Quanto às estepes férteis do sul, que são agora a região mais populosa e mais rica da Rússia europeia, a maioria delas foi colonizada durante o século 19 de acordo com o sistema de propriedade e ocupação individuais, forma essa sancionada pelo Estado. Mas, desde que métodos agrícolas aperfeiçoados com o auxílio de maquinário foram introduzidos na região, os próprios proprietários



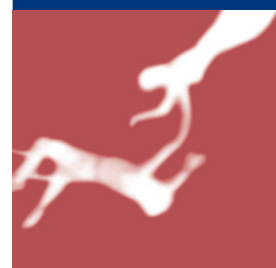
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

194

camponeses passaram gradualmente a transformar sua propriedade individual em posse comunal, e agora, naquele celeiro da Rússia, há um número muito grande de comunidades aldeãs de origem recente, e formadas espontaneamente.³⁹

A Crimeia e a parte do continente situada ao norte dela (a província de Táurida), para a qual temos dados detalhados, são um ótimo exemplo desse movimento. Depois de sua anexação em 1783, esse território começou a ser colonizado por russos (grandes, pequenos e brancos), cossacos, homens livres e servos fugidos – que vieram individualmente ou em grupos de todos os cantos da Rússia. Começaram com criação de gado e, quando mais tarde passaram a arar o solo, cada qual trabalhava tanto quanto conseguia. Mas, quando – com a continuidade da imigração e a introdução de arados aperfeiçoados – começou a haver grande demanda de terra, surgiram disputas encarniçadas entre esses colonos, disputas que duraram anos, até que esses homens, antes sem quaisquer vínculos, chegaram aos poucos à ideia de que deviam acabar com suas rixas por meio da introdução da propriedade comunal da terra. Decidiram que a terra que possuíam individualmente devia, a partir de então, ser de propriedade comum, e começaram a dividi-la e a redividi-la de acordo com as regras usuais da comunidade aldeã. Aos poucos, o movimento ampliou-se muito e, em um pequeno território, os estatísticos da Táurida encontraram 161 aldeias nas quais a propriedade individual havia sido substituída pela propriedade comunal pelos próprios camponeses, principalmente entre 1855 e 1885. Uma grande variedade de tipos de comunidades aldeãs foi posta em prática livremente pelos agricultores.⁴⁰ Essa transformação ganha maior interesse pelo fato de ter ocorrido não apenas entre os grandes russos, que estão acostumados à vida de comunidade aldeã, mas também entre os pequenos russos, que há muito a esqueceram sob domínio polonês, entre os gregos e os búlgaros, e mesmo entre os alemães, os quais também há muito a colocaram em prática, a seu modo, em suas colônias prósperas e semi-industriais do Volga.⁴¹ É evidente que os tártaros muçulmanos da Táurida mantêm sua terra sob a lei costumeira muçulmana, ou seja, de ocupação pessoal limitada; mas, mesmo entre eles, podemos ver a comunidade aldeã europeia em uns poucos casos. Quanto às outras etnias presentes na Táurida, a propriedade individual foi abolida em seis vilas estonianas, duas gregas, duas búlgaras, uma tcheca e uma alemã.

Esse movimento é característico da totalidade da fértil região das estepes do sul. Mas também há casos isolados de sua presença na Pequena Rússia: em diversas aldeias da província de Chernigov, os camponeses tinham sido donos individuais de seus lotes, dos quais tinham documentos legais em separado,



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

195

e arrendavam e vendiam sua terra quando bem entendiam. Mas, na década de 1850, começou entre eles um movimento pela posse comunal, tendo em vista principalmente o número crescente de famílias pobres. A iniciativa da reforma partiu de uma aldeia, que foi seguida pelas outras, e o último caso registrado data de 1882. É claro que houve lutas entre os pobres – que geralmente queriam a posse comunal – e os ricos – que, em regra, preferiam a propriedade individual –, e essas lutas duraram anos. Em certos lugares, sendo impossível conseguir a unanimidade exigida então pela lei, a aldeia dividia-se em duas partes: uma sob propriedade individual e a outra sob posse comunal. Houve casos em que as duas acabaram formando uma só comunidade. A partir de 1880, em muitas aldeias da Rússia central que estavam rumando para a propriedade individual, teve início um movimento de massa pelo restabelecimento da comunidade aldeã. Mesmo camponeses proprietários que viveram anos sob o sistema individualista retornaram em grande número às instituições comunais. Desse modo, um número considerável de ex-servos recebeu apenas a quarta parte dos lotes regulamentares, mas livres de hipoteca e na forma de posse individual. Em 1890, houve entre eles um movimento amplo (em Kursk, Ryazan, Tambov, Orel etc.) para reunir os lotes e introduzir a comunidade aldeã. A maioria dos “agricultores livres” (*volnyie khlebopashtsy*), que tinham sido liberados da servidão pela lei de 1803 e comprado seus lotes – cada família separadamente – passou a viver sob esse sistema, introduzido por eles próprios. Todos esses movimentos são de origem recente e receberam a adesão de não-russos. Foi assim que os búlgaros do distrito de Tiraspol, depois de terem permanecido por 60 anos sob o sistema de propriedade pessoal, adotaram a comunidade aldeã entre 1876 e 1882. Em 1890, os menonitas alemães de Berdyansk lutaram para introduzir a comunidade aldeã e, entre os batistas alemães, os camponeses que eram pequenos proprietários (*Kleinwirtschaftliche*) estavam agitando suas aldeias com o mesmo propósito. Outro exemplo: na década de 1840, na província de Samara, o governo russo criou 102 aldeias no sistema individual de propriedade a título de experiência. Cada chefe de família recebeu uma esplêndida propriedade de 42,5 hectares. No ano de 1890, em 72 das 103 aldeias, os camponeses já tinham manifestado o desejo de introduzir a comunidade aldeã. Todos esses fatos foram tirados do excelente trabalho de V. V., que apresenta já classificados os dados registrados no censo em domicílio de que falamos acima.

Esse movimento pela posse comunal depõe contra as teorias econômicas correntes, segundo as quais o cultivo intensivo é incompatível com a comunidade aldeã. O máximo que se pode dizer sobre essas teorias é que elas nunca foram



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

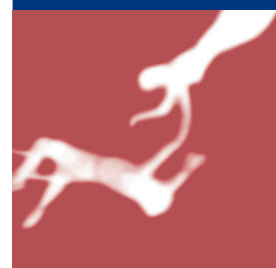
196

submetidas a experimentação, pertencendo, portanto, ao domínio da metafísica política. Os fatos mostram, ao contrário, que onde os camponeses russos, com a ajuda de circunstâncias favoráveis, são menos miseráveis do que a média, e quando encontram homens de conhecimento e iniciativa entre seus vizinhos, a comunidade aldeã é a melhor forma de introduzir diversos aperfeiçoamentos na agricultura e na vida da aldeia em seu conjunto. Aqui, como em outros lugares, a ajuda mútua é um condutor do progresso melhor do que a guerra de cada um contra todos, como pode ser constatado pelos fatos citados abaixo.

Durante o reinado de Nicolau I, muitos funcionários da Coroa e senhores de servos obrigavam os camponeses a introduzir o cultivo comunal em pequenos lotes das terras das aldeias a fim de reabastecer os armazéns comunais, depois de concedidos empréstimos de grãos aos membros mais pobres da comunidade. Esses cultivos, ligados às piores lembranças da servidão na cabeça dos camponeses, haviam sido abandonados tão logo esta foi abolida, mas agora os camponeses começaram a reintroduzi-los por sua própria conta. No distrito de Ostrogoisk, em Kursk, foi suficiente a iniciativa de uma pessoa para fazê-los reviver em quatro quintos de todas as aldeias. E isso é encontrado também em diversas outras localidades. Em um determinado dia, os membros da comunidade aparecem, os mais ricos com um arado ou uma carroça e os mais pobres sem nada nas mãos, e não há nenhuma discriminação quanto à participação de cada um no trabalho. Depois a colheita é usada para empréstimos aos membros mais pobres, na maioria livres de ônus, ou para os órfãos e as viúvas, a igreja da aldeia, a escola, ou para pagar uma dívida comunal.⁴²

Tudo o que se espera das pessoas que vivem sob o sistema da comunidade aldeã é que todo tipo de trabalho que entra, por assim dizer, na rotina da vida das aldeias (conservação de estradas e pontes, represas, drenagem, fornecimento de água para irrigação, corte de madeira, plantação de árvores etc.) seja feito por toda a comuna, assim como o arrendamento da terra e a capina – mediante o trabalho dos velhos e dos jovens, dos homens e das mulheres, como descrito por Tolstói.⁴³ Isso se verifica diariamente no país inteiro. A comunidade aldeã, por outro lado, de modo algum rejeita as melhorias da agricultura moderna quando pode arcar com os gastos e quando as informações pertinentes, até agora acessíveis apenas aos ricos, chegam à casa do camponês.

Dissemos há pouco que os arados aperfeiçoados se difundiram rapidamente no sul da Rússia e, em muitos casos, seu uso foi propagado pelas comunidades aldeãs. Um arado era comprado pela comunidade e experimentado numa parte da terra comunal, e as melhorias necessárias eram indicadas aos fabricantes,



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

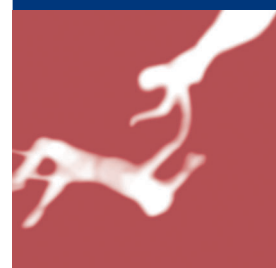
197

e as comunas frequentemente ajudavam a começar a manufatura de arados baratos nos moldes de uma indústria aldeã. No distrito de Moscou, onde há pouco tempo, durante cinco anos, 1.560 arados foram comprados pelos camponeses, o impulso veio daquelas comunas que arrendavam terras em conjunto principalmente para melhorar o cultivo.

No nordeste (Viatka), pequenas associações de camponeses, que viajam com suas máquinas de peneirar (manufaturadas nos moldes de uma indústria aldeã em um dos distritos do ferro), propagaram o uso dessas máquinas nas regiões vizinhas. A difusão muito ampla das debulhadoras em Samara, Saratov e Kherson deve-se às associações de camponeses, que têm condições de comprar um motor caro, coisa que o camponês individual não pode fazer. E, embora quase todos os tratados econômicos digam que a comunidade aldeã estava fadada ao desaparecimento pelo fato de o sistema de três campos ter sido substituído pelo de rotação de culturas, muitas na Rússia estão tomando a iniciativa de introduzir o novo sistema. Mas, antes de aceitá-lo, os camponeses geralmente separam uma parte dos campos comunais para um experimento, e a comuna compra as sementes.⁴⁴ Se o experimento der bons resultados, eles vencem as dificuldades em redividir seus campos para se adequarem ao sistema de cinco ou seis campos alternados.

Esse sistema está sendo usado agora em *centenas* de aldeias de Moscou, Tver, Smolensk, Viatka e Pskov.⁴⁵ E ali onde há possibilidade de sobrar um pedaço da terra, as comunidades também separam uma parte de seu domínio para as hortas. Por fim, a súbita expansão das pequenas fazendas-modelo, dos pomares, das hortas e da sericultura verificada recentemente na Rússia – que começa nas escolas da aldeia, sob a orientação de um professor ou de um aldeão voluntário – também se deve ao apoio encontrado nas comunidades aldeãs.

Também são comuns as melhorias permanentes como a drenagem e a irrigação. Por exemplo: em três distritos da província de Moscou, nos últimos dez anos foram realizadas obras de drenagem em grande escala – industriais em grande medida –, em não menos de 180 a 200 diferentes aldeias, cavadas com pá pelos próprios membros das comunidades. Na outra extremidade da Rússia, nas estepes secas de Novouzen, foram construídos mais de mil diques e perfuradas várias centenas de poços artesianos pelas comunas; em uma rica colônia alemã do sudeste, os membros da comunidade, homens e mulheres, trabalharam durante cinco semanas consecutivas para construir uma represa de mais de três quilômetros de comprimento, para fins de irrigação. O que se poderia fazer isoladamente na luta contra o clima seco? O que se poderia

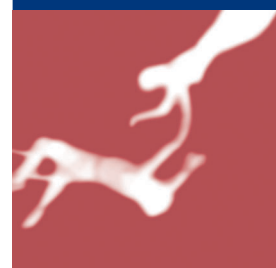


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

obter pelo esforço individual quando a Rússia meridional foi invadida pela marmota e todos os que viviam da terra, ricos e pobres, comunitários e individualistas, tinham de trabalhar com suas mãos para combater a praga? De nada adiantaria chamar a polícia; associar-se era a única solução viável.

E agora, depois de falar tanto sobre a ajuda e o apoio mútuos praticados pelos lavradores em países “civilizados”, vejo que poderia escrever um capítulo com exemplos tirados da vida das centenas de milhões de homens que também vivem sob a tutela de Estados mais ou menos centralizados, mas sem contato com a civilização e as ideias modernas. Poderia descrever a vida interior de uma aldeia turca e sua rede de admiráveis costumes e hábitos de ajuda mútua. Virando as páginas de minhas anotações cheias de exemplos da vida camponesa no Cáucaso, encontro fatos tocantes de apoio mútuo. Identifico os mesmos costumes na *djemmâ* árabe, na *purra* afegã, nas aldeias da Pérsia, da Índia e de Java, na família indivisa dos chineses, nos bivaques dos seminômades da Ásia Central e dos nômades do extremo norte. Consultando notas tomadas ao acaso da literatura sobre a África, descubro que estão repletas de fatos semelhantes: pedidos de ajuda para as colheitas, casas construídas por todos os habitantes da aldeia – algumas vezes para reparar os danos causados por assaltantes civilizados –, pessoas ajudando-se em caso de acidente, protegendo o viajante e assim por diante. E, quando leio atentamente obras como o compêndio de Post sobre a lei costumeira na África, compreendo por que, apesar de toda a tirania, opressão, roubos e incursões, guerras tribais, reis glutões, feiticeiros e sacerdotes enganadores, caçadores de escravos e coisas assim, essas populações não se perderam nas florestas; e por que mantiveram uma certa civilização e permaneceram humanas, em vez de caírem no grau de famílias esparsas de orangotangos que tendem a desaparecer. O fato é que os caçadores de escravos, os ladrões de marfim, os reis guerreiros, os matabele e os “heróis” de Madagascar desapareceram, deixando uma trilha de sangue e fogo; mas o núcleo das instituições, hábitos e costumes de ajuda mútua, arraigado na tribo e na comunidade aldeã, este permanece e mantém os homens unidos em sociedades, abertos ao progresso da civilização e prontos a aceitá-lo quando chegar o dia em que recebam civilização em vez de balas de fuzil.

O mesmo se aplica ao nosso mundo civilizado. As calamidades naturais e sociais vêm e passam. Populações inteiras são periodicamente reduzidas à miséria ou à fome; as próprias fontes da vida são destruídas entre milhões de homens, reduzidos à pobreza da cidade; a compreensão e os sentimentos de milhões são viciados pelos ensinamentos destilados em favor de uma minoria.



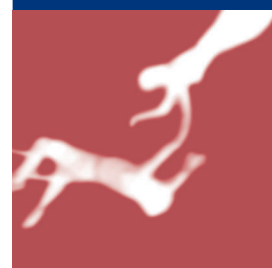
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

199

Tudo isso certamente faz parte de nossa existência. Mas o núcleo das instituições, os hábitos e costumes de ajuda mútua, estes permanecem vivos entre milhões, mantendo-os todos juntos, e eles preferem aderir a seus costumes, crenças e tradições a aceitar o ensinamento de uma guerra de cada um contra todos, que lhes é apresentado como ciência, mas que de ciência não tem nada.

NOTAS

- ¹ Uma literatura volumosa, tratando desse assunto antes muito negligenciado, vem crescendo na Alemanha. As obras de Keller, *Ein Apostel der Wiedertäufer* e *Geschichte der Wiedertäufer*, o trabalho de Cornelius, *Geschichte des münsterischen Aufruhrs*, e o de Janssen, *Geschichte des deutschen Volkes*, são consideradas as fontes principais. A primeira tentativa de familiarizar os leitores ingleses com os resultados das amplas pesquisas nessa direção realizadas na Alemanha foi feita por um trabalho excelente e pequeno de Richard Heath, *Anabaptism from its Rise at Zwickau to its Fall at Münster, 1521-1536*, Londres, 1895 (Baptist Manuals, vol. i.), no qual as principais características do movimento estão bem indicadas e são dadas referências bibliográficas completas. Ver também a obra de K. Kautsky, *Communism in Central Europe in the Time of the Reformation*, Londres, 1897.
- ² Poucos de nossos contemporâneos percebem tanto a extensão desse movimento quanto os meios pelos quais foi suprimido. Mas aqueles que escreveram logo depois da grande guerra camponesa estimaram entre 100 mil e 150 mil homens o número de camponeses massacrados depois de sua derrota na Alemanha. Ver Zimmermann, *Allgemeine Geschichte des grossen Bauernkrieges*. Sobre as medidas tomadas para suprimir o movimento nos Países Baixos, ver *Anabaptism*, de Richard Heath.
- ³ “Com isso, cada qual se acomodou segundo seu arbítrio... eles foram separados... para despojar as comunas, usaram-se dívidas simuladas” (Edito de Luís XIV, de 1667, citado por diversos autores. Oito anos antes dessa data, as comunas foram submetidas à tutela do Estado).
- ⁴ “Numa propriedade rural de um grande senhor, mesmo se ele tiver milhões de renda, é líquido e certo encontrar a terra sem cultivo” (Arthur Young). “Uma quarta parte do solo deixou de ser cultivada”; “nos últimos 400 anos, a terra voltou a seu estado natural”; “a Sologne, antes florescente, agora é um grande

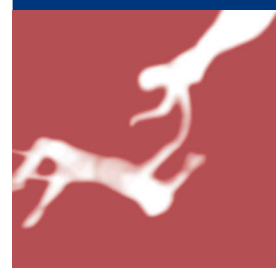


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

200

pântano”; e assim por diante (Théron de Montaugé, citado por Taine em *Origines de la France Contemporaine*, t. i, p. 441).

- ⁵ A. Babeau, *Le Village sous l'Ancien Régime*, 3. ed., Paris, 1892.
- ⁶ Na França oriental a lei só confirmava o que os camponeses já tinham feito eles mesmos; em outras partes da França ela geralmente continuava letra morta.
- ⁷ Depois do triunfo da reação da classe média, as terras comunais foram declaradas domínios do Estado (24 de agosto de 1794) e, junto com as terras confiscadas à nobreza, foram postas à venda e surrupiadas pelos *bandes noires* da pequena burguesia. É verdade que no ano seguinte foi dado um basta nesse roubo (lei de 2 de Prairial, ano V) e a lei precedente foi revogada; mas, nesse caso, as comunidades aldeãs foram simplesmente abolidas; em seu lugar foram introduzidos os conselhos cantonais. Só sete anos depois (em 9 de Prairial, ano XII, ou seja, em 1801), é que foram reintroduzidas as comunidades aldeãs, mas só depois de terem sido privadas de todos os seus direitos, sendo o prefeito e síndicos nomeados pelo governo nas 36 mil comunas da França! Esse sistema foi mantido até depois da Revolução de 1830, quando os conselhos comunais eleitos foram reintroduzidos de acordo com a lei de 1787. Quanto às terras comunais, voltaram a ser confiscadas pelo Estado em 1813, pilhadas como tais e só parcialmente restituídas às comunas em 1816. Ver a coletânea clássica de leis francesas de autoria de Dalloz, *Répertoire de Jurisprudence*; ver também a obra de Doniol, Dareste, Bonnemère, Babeau e muitos outros.
- ⁸ Esse procedimento é tão absurdo que não acreditaríamos que fosse possível se os 52 atos não tivessem sido enumerados na íntegra por um escritor autorizado no *Journal des Economistes* (abril 1893, p. 94); diversos exemplos similares foram dados por outros autores.
- ⁹ Ochenkowski, *Englands wirtschaftliche Entwicklung im Ausgange des Mittelalters* (Jena, 1879), p. 35 e seguintes, no qual toda a questão é discutida com pleno conhecimento dos textos.
- ¹⁰ Nasse, *Ueber die mittelalterliche Feldgemeinschaft und die Einhegungen des XVI. Jahrhunderts in England* (Bonn, 1869), p. 4, 5; Vinogradov, *Villainage in England* (Oxford, 1892).
- ¹¹ Seebohm, *The English Village Community*, 3. ed., 1884, p. 13-15.
- ¹² “Um exame detalhado da Lei de Cercamento deixa claro que o sistema, tal como foi descrito [posse comunal], é o sistema que foi abolido por essa lei” (Seebohm,

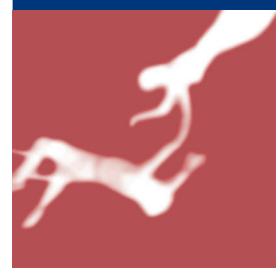


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

201

loc. cit., p. 13). Mais ainda: “Em geral, eles são definidos da mesma forma, começando com a consideração de que os campos abertos e comuns ficam dispersos em pequenas faixas, misturados uns com os outros e situados em locais inconvenientes; de que diferentes pessoas possuem partes deles e têm sobre eles direitos em comum... e que é desejável que eles possam ser divididos e cercados, sendo separada uma parcela específica para cada dono” (p. 14). A lista de Porter contém 3.867 desses atos, dos quais o maior número existiu nas décadas de 1770-1780 e 1800-1820, como na França.

- ¹³ Na Suíça, vemos diversas comunas arruinadas por guerras e que venderam parte de suas terras, que agora se empenham em recomprá-las.
- ¹⁴ A. Buchenberger, “Agrarwesen und Agrarpolitik”, em A. Wagner, *Handbuch der politischen Oekonomie*, 1892, vol. i, p. 280 et seqs.
- ¹⁵ G.L. Gomme, *The Village Community, with special reference to its Origin and Forms of Survival in Great Britain* (Contemporary Science Series), Londres, 1890, p. 141-143; também desse autor *Primitive Folkmoths* (Londres, 1880), p. 98 e seguintes. Ver o Apêndice XVI.
- ¹⁶ “Em quase todas as partes da Inglaterra, particularmente nos condados do Centro e do Leste, mas também no Oeste – como em Wiltshire –, no Sul – como em Surrey –, no Norte – como em Yorkshire –, existem campos comuns extensos e abertos. De um total de 316 paróquias de Northamptonshire, 89 estão nessa condição; mais de 100 em Oxfordshire; cerca de 50 mil acres em Warwickshire; em Berkshire, metade do condado; mais da metade de Wiltshire; em Huntingdonshire, de uma área total de 240 mil acres, 130 mil eram campinas, terras incultas e campos comuns” (Marshall, citado em Henry Maine, *Village Communities in the East and West*”, Nova York, 1876, p. 88, 89).
- ¹⁷ *Ibid.*, p. 88; também “Quinta Conferência”. É bem conhecida a ampla extensão de terras comunais não cultivadas em Surrey, mesmo agora.
- ¹⁸ Em diversos livros que tratam da vida inglesa no campo, encontrei descrições encantadoras do cenário do campo, mas quase nada sobre a vida e os costumes diários dos trabalhadores.
- ¹⁹ Na Suíça, os camponeses que cultivavam suas terras sem demarcação de propriedade também caíram sob o domínio dos senhores feudais e grande parte de suas propriedades rurais foram apropriadas por estes nos séculos 16 e 17. (Ver, por exemplo, A. Miaskowski, em Schmoller, *Forschungen*, vol.. ii, 1879, p.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

202

12 et seqs.). Mas a guerra camponesa na Suíça não terminou com uma derrota esmagadora dos camponeses, como em outros países: eles conseguiram preservar uma grande parcela dos direitos e das terras comunais. O autogoverno das comunas é, na verdade, o próprio fundamento das liberdades suíças.

²⁰ Miaskowski, em *Forschungen*, de Schmoller's, vol. ii, 1879, p. 15.

²¹ Ver a respeito uma série de obras, resumidas em um dos excelentes e sugestivos capítulos (ainda não traduzidos para o inglês) que K. Bücher acrescentou à tradução alemã de "Propriedade Primitiva", de Laveleye. Também de Meitzen, ver "Das Agrar- und Forst-Wesen, die Allmenden und die Landgemeinden der Deutschen Schweiz", em *Jahrbuch für Staatswissenschaft*, 1880, iv (análise dos trabalhos de Miaskowski); O'Brien, "Notes in a Swiss village", em *Macmillan's Magazine*, outubro de 1885.

²² Ver o Apêndice XVII.

²³ Os presentes de casamento, que muito contribuem neste país para o conforto dos casais jovens, são evidentemente um vestígio dos hábitos comunais.

²⁴ As comunas possuem 4.554.100 acres de florestas, de um total de 24.813.000 em todo o território, e 6.936.300 acres de campinas naturais, de um total de 11.394.000 acres na França. Os restantes 2 milhões de acres são campos, pomares e outros.

²⁵ No Cáucaso, os georgianos fazem mais ainda. Como uma refeição tem custo e um homem pobre não tem condições econômicas de oferecê-la, os vizinhos que vêm ajudá-lo no trabalho compram um carneiro.

²⁶ Alfred Baudrillart, em H. Baudrillart, *Les Populations Rurales de la France*, 3. série (Paris, 1893), p. 479.

²⁷ O *Journal des Economistes* (agosto de 1892, maio e agosto de 1893) forneceu recentemente alguns dos resultados de análises feitas nos laboratórios agrícolas em Ghent e em Paris. A extensão da adulteração é simplesmente inacreditável, assim como os estratagemas dos "negociantes honestos". Em certas sementes de grama havia 32% de grãos de areia, coloridos de modo a enganar mesmo um olho experiente; outras amostras continham só de 52% a 22% de semente pura, sendo o resto erva daninha. Sementes de ervilhaca (*vetch*) continham 11% de grama venenosa (*nigela*); uma farinha para engorda de gado continha 36% de sulfatos; e assim por diante.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

203

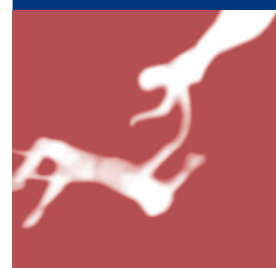
- ²⁸ A. Baudrillart, loc.cit., p. 309. Originalmente um agricultor se encarregava de fornecer água, e vários outros se comprometiam a usá-la. “O que caracteriza particularmente essas associações”, observa A. Baudrillart, “é que não existe nenhum tipo de acordo escrito. Tudo gira em torno da palavra dada. Apesar disso, não surgiu nem um único caso de dificuldades entre as partes”.
- ²⁹ A. Baudrillart, loc.cit., p. 300, 341 et seqs. M. Terssac, presidente do sindicato de St. Gironnais (Ariège) escreveu a meu amigo nestes termos: “Para a exposição de Toulouse, nossa associação agrupou os donos do gado que nos parecia valer a pena exhibir. A sociedade incumbiu-se de pagar a metade dos gastos de deslocamento e exposição; um quarto foi pago por cada dono e o quarto restante por aqueles expositores que ganharam prêmios. O resultado foi que muitos dos que tomaram parte na exposição não o teriam podido fazer em outras condições. Aqueles que obtiveram os maiores prêmios (350 francos) contribuíram com 10% desses prêmios, ao passo que aqueles que não ganharam nenhum gastaram apenas 6 ou 7 francos cada um”.
- ³⁰ Em Württemberg, 1.629 comunas de um total de 1.910 tinham propriedade comunal. Em 1863, elas possuíam mais de 1 milhão de acres de terra. Em Baden, 1.256 comunas de um total de 1.582 tinham terras comunais; em 1884-1888 elas mantinham 121.500 acres de campos em cultivo comunal e 675.000 acres de florestas, isto é, 46% da área total sob florestas. Na Saxônia, 39% da área total tem propriedade comunal (Schmoller, *Jahrbuch*, 1886, p. 359). Em Hohenzollern, cerca de dois terços de toda a terra de campinas, e em Hohenzollern-Hechingen, 41% de toda propriedade rural pertencem às comunidades aldeãs (Buchenberger, *Agrarwesen*, vol. i, p. 300).
- ³¹ Ver K. Bücher que, em um capítulo especial acrescentado a *Ureigenthum*, de Laveleye, coletou todas as informações relativas à comunidade aldeã na Alemanha.
- ³² K. Bücher, *ibid.*, p. 89, 90.
- ³³ Para essa legislação e os numerosos obstáculos que foram postos no caminho sob a forma de burocracia e supervisão, ver Buchenberger, *Agrarwesen und Agrarpolitik*, Bd. ii. p. 342-363 e p. 506, nota.
- ³⁴ Buchenberger, loc.cit., vol. ii, p. 510. A União Geral de Cooperação Agrícola compreende um agregado de 1.679 sociedades. Na Silésia, um agregado de 32 mil acres de terra foi drenado recentemente por 73 associações; 454.800 acres na Prússia, por 516 associações; na Bavária existem 1.715 associações de drenagem e irrigação.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

204

- ³⁵ Ver o Apêndice XVIII.
- ³⁶ Sobre a península dos Bálcãs, ver *Propriété Primitive*, de Laveleye.
- ³⁷ Os fatos referentes à comunidade aldeã, contidos em cerca de 100 volumes (de um total de 450) desses inquéritos, foram classificados e resumidos num excelente trabalho russo por “V. V.” em *A comunidade camponesa (Krestianskaya Obschina)*, São Petersburgo, 1892, o qual, além de seu valor teórico, é um rico compêndio sobre esse assunto. Os inquéritos acima também deram origem a uma literatura volumosa, na qual a questão da moderna comunidade aldeã sai pela primeira vez do domínio das generalidades e é posta sobre a base sólida na verdades confiáveis e bem detalhados.
- ³⁸ A amortização da dívida tinha de ser feita em anuidades durante 49 anos. À medida que os anos passavam e a maior parte dela foi sendo paga, ficava cada vez mais fácil quitar a parte restante e, como cada lote podia ser amortizado individualmente, essa disposição legal era aproveitada por negociantes, que compravam a terra de camponeses arruinados pela metade de seu valor. Posteriormente foi aprovada uma lei para dar um paradeiro a tais manobras.
- ³⁹ V. V., em sua obra *A comunidade camponesa*, reuniu todos os fatos relativos a esse movimento. Sobre o rápido desenvolvimento agrícola do sul da Rússia e a difusão da maquinaria inglesa, os leitores encontrarão informação nos Relatórios Consulares (Odessa, Taganrog).
- ⁴⁰ Em alguns casos, eles procederam com grande cautela. Em uma aldeia, começaram a juntar todas as terras de campinas, mas só uma pequena porção dos campos – cerca de dois hectares por camponês (*soul*) – passava a ser comunal; o resto continuava sendo propriedade individual. Mais tarde, entre 1862 e 1864, o sistema foi ampliado, mas só em 1884 a posse comunal foi introduzida na íntegra (V. V., *A comunidade Camponesa*, p. 1-14).
- ⁴¹ Sobre a comunidade aldeã menonita, ver A. Klaus, *Nossas colônias (Nashi Kolonii)*, São Petersburgo, 1869.
- ⁴² No distrito de Ostrogozhsk, tais culturas comunais existem em 159 aldeias, de um total de 195; em Slavyanoserbsk, em 150, de um total de 187; em Alexandrovsk, em 107 comunidades aldeãs; em Nikolayevsk, 93; em Elisabethgrad, 35. Numa colônia alemã, a cultura comunal é feita para o pagamento de uma dívida comunal. Todos participam, embora a dívida tenha sido contraída por 94 membros, de um total de 155.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

205

⁴³ É possível encontrar listas de tais obras, que atraíram a atenção dos estatísticos dos *zemstvo*, em *A comunidade camponesa*, de V. V., p. 459-600.

⁴⁴ No governo de Moscou, o experimento geralmente era feito no campo, que era reservado para a cultura comunal de que estamos falando.

⁴⁵ Diversos exemplos dessas e de outras melhorias foram dados no *Official Messenger*, 1894, n. 256 a 258. Associações entre camponeses “sem cavalos” começam a aparecer também no sul da Rússia. Outro fato interessantíssimo é o súbito desenvolvimento, no sudoeste da Sibéria, de numerosas cooperativas desnatadeiras para produzir manteiga. Centenas delas se espalharam em Tobolsk e Tomsk, sem que se soubesse de onde veio a iniciativa do movimento. Ela veio de cooperativados dinamarqueses, que costumavam exportar a manteiga de melhor qualidade que produziam e comprar manteiga de qualidade inferior da Sibéria para seu próprio uso. Depois de vários anos de relações desse tipo, eles introduziram desnatadeiras na Sibéria. Agora, um grande comércio de exportação cresceu a partir de seus empreendimentos.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

206

AJUDA MÚTUA ENTRE NÓS

(continuação)

Sindicatos criados depois da destruição das corporações pelo Estado – Suas lutas – Ajuda mútua em greves – Cooperação – Associações livres para fins diversos – Altruísmo – Inumeráveis sociedades para ação combinada sob todos os aspectos possíveis – Ajuda mútua na vida das favelas – Ajuda pessoal

Quando examinamos a vida cotidiana das populações rurais da Europa, descobrimos que, apesar de tudo o que tem sido feito nos Estados modernos para a destruição da comunidade aldeã, a vida dos camponeses continua impregnada de hábitos e costumes de ajuda e apoio mútuos, importantes vestígios da posse comunal do solo ainda estão preservados e, desde que os obstáculos legais à associação rural foram removidos há pouco tempo, difundiu-se no campo uma rede de associações livres para todos os fins econômicos – de modo que a tendência desse novo movimento é a de reconstituir alguma espécie de associação semelhante à comunidade aldeã de antigamente. Essas foram as conclusões tiradas no capítulo anterior e, agora, vamos considerar as instituições de apoio mútuo que podem ser encontradas hoje entre as populações industriais.

Durante os últimos trezentos anos, as condições para o crescimento dessas instituições têm sido tão desfavoráveis nas cidades quanto foram nas aldeias. Na verdade, sabemos muito bem que as cidades medievais foram subjugadas no século 16 por Estados militares crescentes e que todas as instituições que reuniam artesãos, mestres e mercadores em corporações e cidades foram destruídas de forma brutal. Também o autogoverno e a autojurisdição destas foram abolidos; o juramento de lealdade entre irmãos de corporação tornou-



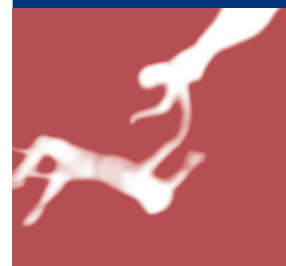
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

207

se delito grave contra o Estado; as propriedades das corporações e as terras das comunidades aldeãs foram confiscadas; e a organização interna e técnica de todos os ofícios foi assumida pelo Estado. Decretaram-se leis cada vez mais severas destinadas a impedir qualquer tipo de associação dos artesãos. Por certo tempo, toleraram-se alguns vestígios das antigas corporações: as de mercadores conseguiram sobreviver graças à doação de generosos subsídios aos reis, e algumas de artesãos foram preservadas como órgãos administrativos. Algumas delas ainda se arrastam numa existência sem sentido. Mas, o que antes era a força essencial da vida e da indústria medievais desapareceu há muito tempo sob o peso esmagador do Estado centralizado.

Na Grã-Bretanha, que pode ser considerada o melhor exemplo da política industrial dos Estados modernos, já no século 15 o Parlamento começou a destruição das corporações, mas foi principalmente no século seguinte que foram adotadas medidas decisivas nesse sentido. Além de arruinar a organização das corporações, Henrique VIII também confiscou suas propriedades, com menos desculpas e escrúpulos ainda do que na época do confisco das propriedades rurais dos mosteiros, como escreveu Toumin Smith.¹ Eduardo VI terminou o serviço² e, já na segunda metade do século 16, o Parlamento decidia todas as disputas entre artesãos e mercadores, o que antes era feito em cada cidade separadamente. O Parlamento e o rei não apenas tomaram para si as decisões legais em torno de todas essas disputas como, tendo em vista os interesses da Coroa nas exportações, logo começaram a determinar o número de aprendizes em cada ofício e a regulamentar minuciosamente as próprias técnicas de fabricação – os pesos dos tecidos, o número de fios em cada metro de pano e assim por diante. Aliás, com pouco êxito, porque as controvérsias e as dificuldades técnicas, que durante séculos e séculos haviam sido decididas por consenso entre corporações intimamente interdependentes e cidades federadas, estavam completamente fora do alcance dos poderes do Estado centralizado. A interferência constante dos funcionários públicos paralisou os ofícios, levando a maioria deles à total decadência; e, quando se opuseram à regulamentação das indústrias pelo Estado, os economistas do século 18 só deram vazão a um descontentamento generalizado. A abolição dessa interferência pela Revolução Francesa foi saudada como um ato de liberação, e o exemplo da França logo foi seguido em outros lugares.

O Estado não teve mais êxito no caso da regulamentação dos salários. No século 15, quando a distinção entre mestres e aprendizes ou jornaleiros se tornou cada vez mais evidente nas cidades medievais, associações de aprendizes



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

208

(*Gesellenverbände*), que às vezes tinham assumido um caráter internacional, opuseram-se às associações de mestres e de mercadores. Desde então, foi o Estado que tomou a seu cargo a solução de suas reclamações e, sob o Estatuto Elizabetano de 1563, os juízes de paz tiveram de ajustar os salários de modo a garantir um sustento “adequado” a jornaleiros e aprendizes. Mas os juízes não foram capazes de conciliar os interesses conflitantes, e muito menos de obrigar os mestres a obedecer às decisões que tomavam. Aos poucos, a lei tornou-se letra morta e foi revogada no final do século 18. Embora tenha abandonado a função de regulamentar salários, o Estado continuou proibindo severamente todas as associações possíveis de jornaleiros e trabalhadores que tivessem por objetivo elevar seus salários ou mantê-los num certo nível. Durante todo o século 18, o Estado legislou contra as associações de trabalhadores e, finalmente em 1799, proibiu todos os tipos de sindicato sob a ameaça de punições severas. Na verdade, nesse caso o Parlamento britânico só seguiu o exemplo da Convenção revolucionária francesa, que decretou uma lei draconiana contra coalizões de trabalhadores – qualquer coalizão entre alguns cidadãos era considerada um ataque à soberania do Estado, o qual devia proteger igualmente a todos. Desse modo, o trabalho de destruição das associações medievais foi completado. Tanto na cidade quanto na aldeia, o Estado reinava sobre agregados de indivíduos sem coesão e estava pronto para impedir a reconstituição de qualquer tipo de associação independente entre eles por meio das mais duras medidas. Estas foram, então, as condições nas quais a tendência de ajuda mútua teve de abrir seu caminho no século 19.

É preciso dizer que nenhuma dessas medidas conseguiu destruir essa tendência? Ao longo do século 18, os sindicatos de trabalhadores foram continuamente reconstituídos.³ Nem as cruéis perseguições que aconteceram sob as leis de 1797 e 1799 conseguiram detê-los. Toda falha na supervisão, todo atraso dos mestres em denunciá-los eram aproveitados. Sob o disfarce de sociedades de amigos, de clubes funerários ou de irmandades secretas, eles se difundiram nas indústrias têxteis, entre os cuteleiros de Sheffield e entre o mineiros; vigorosas organizações federais foram formadas para apoiar esses ramos de profissão durante greves e perseguições.⁴

Em 1825, a revogação das Leis de Associação deu novo impulso ao movimento. Sindicatos e federações nacionais formaram-se em todos os ofícios⁵ e, quando fundou o Grande Sindicato Nacional Unificado, Robert Owen reuniu meio milhão de membros em poucos meses. É verdade que esse período de relativa liberdade não durou muito. A perseguição recomeçou na década de



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

209

1830, seguida pelas condenações ferozes e célebres de 1832-1844. O Grande Sindicato foi desmantelado e, em todo o país, tanto os empregadores privados quanto o Governo em suas próprias repartições começaram a obrigar os trabalhadores a abandonar toda ligação com sindicatos e a assinarem “o Documento” redigido para esse fim. Com a promulgação da Lei do Patrão e do Empregado, os sindicalistas foram perseguidos em massa e os trabalhadores eram sumariamente presos e condenados por simples queixas de mau comportamento por parte do patrão.⁶ As greves foram reprimidas de modo autocrático e houve as mais espantosas condenações pelo simples fato de alguém anunciar uma greve, ou de participar dela como delegado – isso sem falar da repressão militar a tumultos de greves, nem das condenações que se seguiram às irrupções de atos de violência.

Nessas circunstâncias, o apoio mútuo era uma tarefa muito difícil. Mas, apesar de todos os obstáculos, dos quais nossa geração dificilmente pode ter ideia, o renascimento dos sindicatos recomeçou em 1841 e, desde então, a união dos trabalhadores teve sólida continuidade. Depois de uma longa luta, que durou mais de 100 anos, foi conquistado o direito de associação e, na época atual, cerca da quarta parte (1.500.000) dos trabalhadores regularmente empregados pertence a sindicatos.⁷

Quanto aos outros Estados europeus, basta dizer que até data muito recente todos os tipos de sindicato eram perseguidos como conspirações e que, apesar disso, existem em toda parte, embora frequentemente tenham de assumir a forma de sociedades secretas. As greves da década de 1890 mostram bem a extensão e a força das organizações trabalhistas, principalmente a dos Cavaleiros do Trabalho – nos Estados Unidos e na Bélgica. Mas é bom lembrar que, independentemente da perseguição, o simples fato de alguém pertencer a um sindicato de trabalhadores implica consideráveis sacrifícios em dinheiro, tempo e trabalho não remunerado, além do risco permanente de perder o emprego.⁸ Por outro lado, há a greve que o sindicalista tem de enfrentar continuamente e cuja triste realidade é que o crédito limitado da família de um trabalhador na padaria ou na loja de penhores logo se esgota, o fundo de greve não é suficiente nem mesmo para a comida e a fome logo aparece no rosto das crianças. Para quem vive em estreito contato com trabalhadores, uma greve prolongada é um espetáculo dos mais tristes; assim sendo, não é difícil imaginar o que acontecia na Inglaterra durante uma greve há quarenta anos e até hoje no continente, exceto nas suas áreas mais ricas. Mesmo agora, as greves terminam sempre com a ruína total e a emigração forçada de populações



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

210

inteiras, e é bastante comum ainda, na Europa, que grevistas sejam baleados em resposta à mais leve provocação, ou mesmo sem qualquer motivo.⁹

Mesmo assim, a cada ano há milhares de greves e *lock-outs* na Europa e na América, das quais as mais intensas e prolongadas são, em geral, as chamadas “greves de solidariedade”, realizadas para dar apoio a camaradas impedidos de entrar nas fábricas, ou para defender os direitos de associação. Embora parte da imprensa tenda a explicar as greves como forma de “intimidação”, os jornalistas que convivem com grevistas expressam sua admiração pela ajuda e apoio mútuos praticados constantemente por estes. Todos sabem disso. Todos já ouviram falar do árduo trabalho feito por voluntários para organizar o socorro durante a greve dos portuários de Londres; da taxa de 4 xelins por semana que os mineiros pagaram para o fundo de greve, ao retornarem ao trabalho depois de muitas semanas parados; da viúva de um mineiro que, durante a grande greve do trabalho de 1894, em Yorkshire, levou as economias de seu marido para o fundo de greve; do último pão sempre dividido com os vizinhos; dos mineiros de Radstock que, favorecidos com quintais maiores, convidaram quatrocentos colegas de Bristol para comer com eles seus repolhos e batatas; e assim por diante. Embora todos os correspondentes de jornais tivessem constatado diversos fatos como esses, durante a grande greve de mineiros de Yorkshire, em 1894, nenhum registrou tais aspectos “irrelevantes” em seus respectivos jornais.¹⁰

Mas o sindicalismo não é o único espaço onde a necessidade de ajuda mútua dos trabalhadores encontra expressão. Existem também as associações políticas, cujas atividades muitos trabalhadores consideram mais eficazes que as dos sindicatos para conquistas relativas ao bem-estar, já que, no momento, seus objetivos estão mais limitados. É claro que o simples fato de pertencer a um grupo político não pode ser encarado como manifestação da tendência de ajuda mútua. Todos sabemos que a política é um campo em que os elementos puramente egoístas da sociedade entram nas mais complicadas combinações com as aspirações altruístas. Mas todo político experimentado sabe que os grandes movimentos políticos lutaram por bandeiras amplas e frequentemente distantes, e que os mais fortes deles foram os que despertaram o entusiasmo mais desinteressado. Todos os grandes movimentos históricos tiveram esse traço distintivo; o socialismo está nesse caso para a nossa geração. Quem nada sabe a respeito costuma chamar seus seguidores de “agitadores mercenários”. Mas a verdade é que – falando só do que sei pessoalmente –, se eu tivesse mantido um diário nos últimos 24 anos e descrito nele toda a

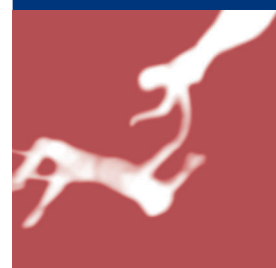


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

211

devoção e altruísmo que encontrei no movimento socialista, quem o lesse teria a palavra “heroísmo” constantemente nos lábios. Mas os homens dos quais eu teria falado não eram heróis; eram homens comuns, inspirados por uma ideia grandiosa. Todo jornal socialista – e existem centenas deles só na Europa – tem a mesma história de anos de sacrifício sem qualquer esperança de recompensa e, na esmagadora maioria dos casos, sem qualquer ambição pessoal. Tenho visto famílias vivendo sem saber o que comerão no dia seguinte: em sua cidadezinha, o marido é boicotado por todos por sua participação no jornal; e a esposa sustenta a família com costuras. Essa situação dura anos, até que a família se retira sem uma palavra de censura, dizendo simplesmente aos companheiros: “Continuem! Não aguentamos mais!” Já vi homens morrendo de tuberculose e, mesmo conscientes desse fato, batendo de porta em porta, sob neve e neblina, para preparar reuniões, falando nelas a poucas semanas da morte e só depois indo para o hospital, dizendo: “Bem, amigos, estou acabado; os médicos dizem que tenho apenas umas poucas semanas de vida. Digam a meus camaradas que ficarei feliz se vierem me ver”. Já fui testemunha de fatos que, se eu os contasse aqui, seriam considerados pura “idealização”; e os próprios nomes desses homens, raramente conhecidos fora de um estreito círculo de amigos, logo serão esquecidos quando esses amigos também tiverem morrido. Na verdade, eu mesmo não sei o que admiro mais, se a devoção ilimitada desses poucos ou a soma de pequenos atos de devoção da grande massa. Cada caderno de jornal vendido por um pênny, cada reunião, cada 100 votos ganhos em uma eleição socialista representam uma quantidade de energia e de sacrifícios dos quais ninguém de fora tem a menor ideia. E o que os socialistas fazem agora foi feito no passado em todo partido popular e avançado, seja político, seja religioso. Todo progresso passado foi promovido por homens desse tipo e por uma devoção semelhante.

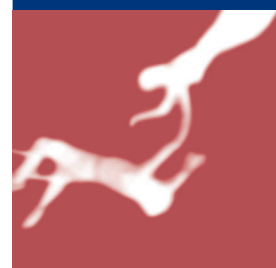
A cooperação, principalmente na Grã-Bretanha, foi descrita muitas vezes como empresa de acionistas individualistas e, tal como é agora, tende inevitavelmente a gerar um egoísmo cooperativo, não só em relação à comunidade em geral, mas também entre os próprios cooperados. No entanto, é certo que, em sua origem, o caráter essencial do movimento cooperativista era de ajuda mútua. Mesmo hoje, seus mais ardentes defensores estão persuadidos de que a cooperação leva a humanidade a um estágio mais elevado de harmonia nas relações econômicas; e ninguém passa uma temporada em algum dos baluartes do movimento no norte da Inglaterra sem perceber que grande número de pessoas comuns tem a mesma opinião. A maioria delas perderia o interesse pelo movimento se essa fé desaparecesse, e é preciso reconhecer que, nos



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

últimos poucos anos, ideais mais amplos de bem-estar e de solidariedade dos produtores começaram a ser usuais entre os cooperados. Não há dúvida de que hoje existe uma tendência de se estabelecer relações mais cordiais entre os donos de oficinas cooperativas e os trabalhadores.

A importância da cooperação na Inglaterra, na Holanda e na Dinamarca é do conhecimento geral; ao mesmo tempo, na Alemanha, e principalmente no Reno, as sociedades cooperativas já são um importante fator da vida industrial.¹¹ Mas talvez seja a Rússia que ofereça o melhor campo para o estudo da cooperação sob uma infinita variedade de aspectos. Nesse país, ela tem origem natural; é uma herança da Idade Média e, embora uma sociedade cooperativa formalmente estabelecida tenha de enfrentar muitas dificuldades legais e a desconfiança oficial, a cooperação informal – o *artel* – representa a própria substância da vida camponesa russa. A história da “formação da Rússia” e da colonização da Sibéria é uma história dos artéis ou das corporações de caça e de comércio, seguidos pelas comunidades aldeãs. E hoje encontramos o artel em todo lugar: em todo grupo de 10 a 50 camponeses que vêm da mesma aldeia trabalhar em uma fábrica; em todos os ofícios da construção; entre pescadores e caçadores; entre condenados a caminho da Sibéria, ou cumprindo pena ali; entre cabineiros de trens, corretores da Bolsa e trabalhadores da alfândega; em todo lugar nas indústrias das aldeias, que dão ocupação a 7 milhões de homens – de alto a baixo no mundo do trabalho, de forma permanente ou temporária, para produção e consumo sob todos os aspectos possíveis. Até hoje, muitos dos pesqueiros dos afluentes do mar Cáspio são explorados por imensos artéis. O rio Ural pertence ao conjunto dos cossacos dessa região, que dividem e redividem entre as aldeias, sem nenhuma ingerência da autoridade, os lugares de pesca – talvez os mais ricos do mundo. No Ural, no Volga e em todos os lagos do norte da Rússia, a pesca é sempre feita por artéis. Além dessas organizações permanentes, existem os simplesmente incontáveis artéis temporários, constituídos para todo e qualquer objetivo especial. Quando 10 ou 20 camponeses chegam a uma cidade grande para trabalhar como tecelões, carpinteiros, pedreiros, construtores de embarcações, e assim por diante, sempre constituem um artel: alugam quartos, contratam alguém para cozinhar (muito frequentemente a esposa de um deles), elegem um mais experiente para liderá-los e tomam suas refeições em comum, cada um pagando sua parte da comida e do alojamento ao artel. Os grupos de condenados a caminho da Sibéria sempre fazem o mesmo, e seus líderes eleitos são reconhecidos oficialmente como intermediários entre os condenados e o chefe militar responsável pela escolta. Nas prisões de trabalhos forçados, os



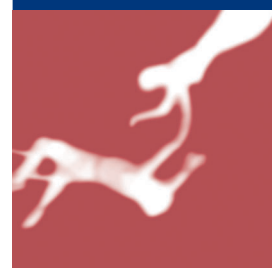
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

condenados têm a mesma organização. Os cabineiros de trens, os corretores da Bolsa, os trabalhadores da alfândega, os delegados municipais nas capitais, responsáveis coletivamente por cada membro, desfrutam de tal reputação que nenhum comerciante hesita em confiar qualquer quantidade de dinheiro ou de boletos bancários ao membro do artel. Nos ofícios de construção, são formados artéis de 10 a 200 membros; e os construtores e empreiteiros sérios de ferrovias sempre preferem contratar empregados através de um artel a procurar trabalhadores isolados. As últimas tentativas do Ministério da Guerra de tratar diretamente com artéis produtivos, formados *ad-hoc* nos ofícios domésticos, e de lhes fazer encomendas de botas e de todos os tipos de bens em latão ou em ferro são consideradas das mais bem-sucedidas; ao passo que a encomenda de uma obra em ferro para a Coroa (*Votkinsk*) a um artel de trabalhadores, que ocorreu há sete ou oito anos, foi um êxito retumbante.¹²

Portanto, vemos que, na Rússia, onde não sofreu a interferência do Estado (em suas manifestações informais), a antiga instituição medieval sobreviveu intacta até agora e assume grande variedade de formas, de acordo com os requisitos da indústria e do comércio modernos. Já nos Bálcãs, no Império Turco e no Cáucaso, as antigas corporações continuaram em sua plenitude: os *esnafs* da Sérvia preservaram integralmente seu caráter medieval, incluindo tanto mestres quanto jornaleiros, regulando os ofícios e sendo instituições voltadas ao apoio mútuo no trabalho e em caso de doença;¹³ os *amkari* do Cáucaso, e em especial em Tiflis, além de terem essas funções, influem consideravelmente na vida municipal.¹⁴

Em relação à cooperação, talvez seja bom falar também das sociedades de amigos, das ordens beneficentes, dos clubes de campo e de cidade organizados para diminuir as contas dos médicos, os clubes de vestuário e funeral para os mortos, as pequenas associações muito comuns entre operárias, para as quais elas destinam alguns trocados toda semana para sacar quando atingem uma libra, quantia que usam para alguma compra substancial, e muitos outros exemplos. Em todas essas sociedades e clubes existe um espírito social ou jovial nada desprezível, mesmo que o “crédito e débito” de cada membro seja rigorosamente vigiado. Mas são tantas as associações baseadas na disposição de sacrificar tempo, saúde e vida, se necessário, que podemos dar inúmeros exemplos das melhores formas de apoio mútuo.

No entanto, os primeiros e mais dignos de menção são a Associação de Botes Salva-vidas da Inglaterra e instituições semelhantes da Europa. A primeira tem agora mais de trezentos botes ao longo das costas das Ilhas Britânicas, e



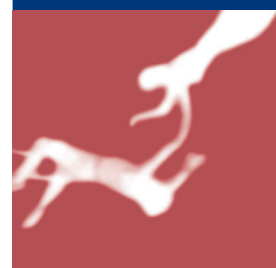
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

214

teria o dobro se não fosse a pobreza dos pescadores, que não têm dinheiro para comprá-los. No entanto, as tripulações são de voluntários, cuja disposição de sacrificar a vida para o resgate de pessoas absolutamente estranhas todo ano enfrenta provas difíceis; vários dos mais corajosos entre eles morrem todo inverno. E, se lhes perguntarmos o que os leva a arriscar a vida, mesmo quando as possibilidades de êxito são mínimas, a resposta está na narrativa apresentada a seguir: uma terrível tempestade de neve no Canal da Mancha assolou a costa plana e arenosa de uma pequena aldeia em Kent, e uma sumaca carregada de laranjas encalhou nas areias das imediações. Nessas águas rasas, só poderia navegar um bote salva-vidas simples, de fundo chato, e lançá-lo na água durante tal tempestade era arriscadíssimo. Mesmo assim, os homens saíram, lutaram durante horas contra o vento, e o bote virou duas vezes. Um deles se afogou e os outros foram lançados na praia. Um desses últimos, que era um guarda-costeiro experimentado, foi encontrado na manhã seguinte, muito ferido e meio congelado na neve. Perguntei-lhe por que haviam feito aquela tentativa desesperada. “Eu mesmo não sei”, foi sua resposta.

A sumaca encalhou; todo o povo da aldeia estava na praia e dizia que seria loucura sair, que nunca deveríamos trabalhar na arrebentação. Vimos cinco ou seis homens agarrados ao mastro, acenando em desespero. Todos sentimos que algo devia ser feito, mas o quê? Uma, duas horas se passaram e estávamos todos nós lá, de pé. Começamos a nos sentir mal. Então, de repente, pareceu-nos ter ouvido seus gritos no meio da tempestade eles tinham um garoto com eles. Não podíamos mais ficar ali, parados. Todos, a uma só voz, dissemos: ‘Temos de ir!’ As mulheres concordaram e elas iam nos tratar como covardes se não tivéssemos ido, mesmo que, no dia seguinte, tenham nos chamado de loucos pelo que fizemos. Corremos juntos para o bote e saímos. O bote emborcou, mas conseguimos desvirá-lo. O pior foi ver o pobre afogado ao lado e não termos podido fazer nada para salvá-lo. E então veio uma onda medonha, o bote emborcou novamente e fomos jogados na praia. Os homens acabaram sendo resgatados pelo bote *D.*, e o nosso foi recolhido a vários quilômetros de distância. Eu fui encontrado na neve, na manhã seguinte.

O mesmo sentimento movia também os mineiros do Vale de Rhonda, enquanto trabalhavam para resgatar seus camaradas de uma mina inundada. Tinham de perfurar 30 metros de carvão para atingir seus camaradas sepultados; mas, quando faltavam apenas três metros, foram envolvidos pelo grisú. As lâmpadas apagaram-se e os homens do resgate foram retirados da mina, pois o risco para quem trabalha nessas condições é de ser atingido por uma explosão a qualquer momento. Mas o som das pancadas rápidas dos mineiros sepultados



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

215

ainda eram ouvidos; continuavam vivos e pediam socorro, e vários colegas se apresentaram como voluntários para salvá-los sob qualquer risco. E, quando desceram na mina, suas esposas tinham apenas lágrimas silenciosas para segui-los – mas não disseram uma única palavra para impedi-los.

Aí está a essência da psicologia humana. A menos que fiquem enlouquecidos no campo de batalha, os homens “não conseguem” ficar ouvindo apelos de socorro sem responder a eles. O herói vai; e o que o herói faz, *todos* sentem que deveriam ter feito também. Os sofismas do intelecto não resistem ao sentimento de ajuda mútua, porque este foi nutrido por milhares de anos de vida social humana e centenas de milhares de anos de vida pré-humana em sociedade.

Mas caberia perguntar: o que dizer daqueles homens que se afogaram no Serpentine na presença de uma multidão da qual ninguém moveu um dedo para salvar? O que dizer da criança que caiu no canal do Regent Park – também diante de uma multidão, num feriado – e que só se salvou graças à presença de espírito de uma criada que usou um cão terra-nova para resgatá-la? A resposta é muito simples. O homem é resultado tanto de seus instintos herdados quanto de sua educação. Entre mineiros e marujos, suas ocupações comuns e seu contato diário uns com os outros criam um sentimento de solidariedade, ao mesmo tempo em que os perigos circundantes mantêm sua coragem e determinação. Nas cidades, ao contrário, a ausência de interesses comuns nutre a indiferença, enquanto a coragem e a determinação, que raramente têm oportunidade de se manifestarem, desaparecem ou tomam outra direção. Além disso, a tradição do herói da mina ou do mar sobrevive nas aldeias dos mineiros e dos pescadores, enfeitada por um halo poético. Mas quais são as tradições de uma multidão heterogênea de Londres? A única tradição que ela pode ter em comum deve ser criada pela literatura, mas não existe uma literatura que represente o épico das aldeias. O clero está tão ansioso para provar que tudo o que deriva da natureza humana é pecado e que tudo o que é bom no homem tem origem sobrenatural que sua maioria ignora os fatos que não podem ser considerados um exemplo de inspiração ou graça superior vinda de cima. E quanto aos escritores leigos, sua atenção está dirigida basicamente para uma espécie de heroísmo, aquela que exalta a ideia do Estado. Portanto, admiram o herói romano ou o soldado em batalha, prestando pouca atenção ao heroísmo do pescador. É claro que o poeta e o pintor podem se deixar enlevar pela beleza do coração humano em si; mas é raro qualquer dos dois conhecer a vida das classes mais pobres e, embora possam



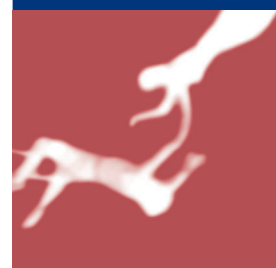
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

216

cantar ou pintar o herói romano ou militar em circunstâncias convencionais, não conseguem despertar emoções fortes a respeito daquele que atua nas circunstâncias modestas que eles ignoram. E, quando tentam, produzem uma simples peça de retórica.¹⁵

Os incontáveis clubes, sociedades e alianças criados para o lazer, o estudo e a pesquisa, a educação e assim por diante, cujo número cresceu de tal forma que seriam necessários muitos anos só para fazer uma lista de todos eles, são outra manifestação da mesma tendência perene de associação e apoio mútuo. Algumas dessas associações, como as de ninhadas de pássaros de espécies diferentes que se juntam no outono, destinam-se única e exclusivamente a compartilhar os prazeres da vida. Toda aldeia da Inglaterra, da Suíça, da Alemanha e de outros países tem seus clubes de críquete, de futebol, de tênis, de boliche com nove pinos, de pombos, de música ou de canto. Outras sociedades são muito mais numerosas e algumas delas, como a Liga dos Ciclistas, adquiriram subitamente um desenvolvimento formidável. Embora seus membros nada tenham em comum exceto o amor pelo ciclismo, já há entre eles uma espécie de maçonaria para ajuda mútua, principalmente nos recantos e lugares afastados e pouco frequentados por ciclistas; procuram o Clube da Liga em uma aldeia como se fosse uma espécie de lar e, durante o Acampamento dos Ciclistas realizado todo ano, são feitas muitas amizades duradouras. O mesmo acontece na Alemanha, com os Kegelbrüder, os Irmãos dos Nove Pinos e as Sociedades de Ginastas (com 300 mil membros); na França, com a irmandade informal de remadores; com os iateclubes, e assim por diante. Essas associações certamente não alteram a estratificação econômica da sociedade; mas, em especial nas cidades pequenas, contribuem para diluir as distinções sociais e, na medida em que todas elas tendem a formar grandes federações nacionais e internacionais, ajudam a aumentar os intercâmbios pessoais amistosos entre todos os tipos de pessoas espalhadas pelas diferentes partes do globo.

Na Alemanha, os Clubes Alpinos, os *Jagdschutzvereine*, que têm mais de 100 mil membros – caçadores, guardas florestais profissionais, zoólogos e simples amantes da Natureza – e a Sociedade Ornitológica Internacional, que inclui zoólogos, criadores e simples camponeses, têm o mesmo caráter. Em poucos anos, além de fazerem um trabalho muito útil, que só grandes associações poderiam assumir de forma adequada (mapas, cabanas de refúgio, estradas nas montanhas; estudos da vida animal, de insetos nocivos, de migrações de pássaros e outros), também continuam criando novos laços entre os seres humanos. Dois alpinistas de nacionalidades diferentes que se



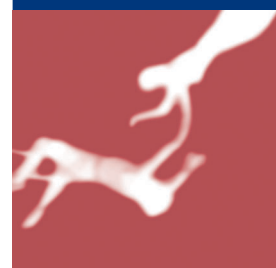
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

217

encontram numa cabana de refúgio no Cáucaso, ou o professor e o camponês ornitólogos que se abrigam na mesma casa, deixam de ser estranhos um para o outro. A Sociedade do Tio Toby, em Newcastle, que já convenceu mais de 260 mil meninos e meninas a nunca destruir ninhos de pássaros e a tratar bem todos os animais, certamente tem feito muito mais para o desenvolvimento de sentimentos humanos e do gosto pela ciência natural do que muitos moralistas e grande parte de nossas escolas.

Mesmo neste resumo conciso, não podemos deixar de falar da existência de milhares de sociedades científicas, literárias, artísticas e educacionais. Até agora, as instituições científicas, controladas com rigor e frequentemente subsidiadas pelo Estado, em geral atuam dentro de um círculo muito estreito e, muitas vezes, são consideradas simples brechas para se obter nomeações oficiais, e a própria estreiteza desse círculo gera ciúmes, sem dúvida. Mesmo assim, as distinções de berço, de filiação política e de credo são, em certa medida, diluídas por tais associações. Nas cidades menores e mais remotas, as sociedades científicas, geográficas ou musicais, principalmente aquelas que agregam um círculo maior de amadores, tornam-se pequenos centros de vida intelectual, uma espécie de elo entre o lugarejo e o mundo mais amplo, e espaços onde pessoas de condições muito diferentes se encontram em pé de igualdade. Para se ter uma boa ideia do valor desses centros, é preciso conhecê-los na Sibéria, digamos. Quanto às inúmeras sociedades educacionais, que só agora começam a quebrar o monopólio do Estado e da Igreja em termos de educação, elas certamente assumirão a liderança nessa área em breve. Já devemos o sistema de *Kindergarten* (jardins de infância) às Associações Froebel; na Rússia, o elevado padrão de educação das mulheres deve-se a inúmeras associações educacionais formais e informais, embora elas e outros grupos sempre tenham tido de enfrentar a violenta oposição de um governo poderoso.¹⁶ Todo mundo sabe que as várias sociedades pedagógicas da Alemanha têm feito a maior parte do trabalho de elaboração dos métodos modernos de ensino de ciência em escolas populares. Nelas o professor encontra também seu maior apoio. Sem sua ajuda, quanto não teria sofrido o professor de aldeia, mal remunerado e sobrecarrado de trabalho!¹⁷

Todas essas associações, sociedades, irmandades, alianças, institutos, e assim por diante – que podem agora ser contados às dezenas de milhares só na Europa, cada qual representando uma imensidão de trabalho voluntário, desinteressado e não remunerado ou mal remunerado – o que são além de muitas manifestações, sob uma infinita variedade de aspectos, da mesma

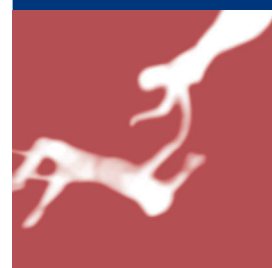


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

218

tendência humana perene de ajuda e apoio mútuos? Por quase três séculos, as pessoas foram impedidas de se associar até mesmo para fins literários, artísticos e educacionais. Só podiam ser formadas sociedades sob a proteção do Estado ou da Igreja, ou como irmandades secretas, a exemplo da maçonaria. Mas agora que a resistência foi quebrada, elas enxameiam em todas as direções, estendem-se por todos os múltiplos ramos da atividades humana, tornam-se internacionais e indubitavelmente contribuem, numa medida que ainda não pode ser calculada com precisão, para derrubar os muros edificados pelos Estados entre as diferentes nacionalidades. Apesar dos ciúmes despertados pela competição comercial e das chamas do ódio alimentadas pelos fantasmas de um passado decadente, existe uma consciência de solidariedade internacional que está crescendo tanto entre os espíritos avançados do mundo quanto entre as massas de trabalhadores, dado que eles conquistaram o direito de estabelecer relações internacionais; e, sem dúvida, essa mentalidade participou da prevenção de uma guerra europeia durante o último quarto de século.

As associações beneficentes de ordens religiosas, que também são todo um mundo, certamente devem ser mencionadas aqui. Não há a menor dúvida de que a grande maioria de seus membros é motivada pelos mesmos sentimentos de ajuda mútua que são comuns a toda a humanidade. Infelizmente, os pregadores preferem atribuir a esses sentimentos uma origem sobrenatural. Muitos deles alegam que o ser humano não obedece conscientemente à inspiração de ajuda mútua enquanto não for iluminado pelos ensinamentos da religião particular que representam e, segundo Santo Agostinho, a maioria deles não reconhece esses sentimentos no “selvagem pagão”. Além disso, enquanto o cristianismo primitivo, como todas as outras religiões, era um apelo aos generosos sentimentos humanos de ajuda mútua e de afinidade, a Igreja Cristã tem ajudado o Estado a destruir todas as instituições de ajuda e apoio mútuos existentes antes dela, ou desenvolvidas fora de seu âmbito; e, em vez da *ajuda mútua* que todo selvagem considera um dever para com seus parentes, a Igreja prega a *caridade*, revestida de um caráter de inspiração divina e que, por conseguinte, implica uma certa superioridade do doador sobre aquele que a recebe. Mesmo com essa limitação, e sem qualquer intenção de ofender aqueles que se consideram um grupo eleito por realizar atos simplesmente humanos, por certo podemos encarar o imenso número de associações religiosas de caridade como um resultado da mesma tendência à ajuda mútua.

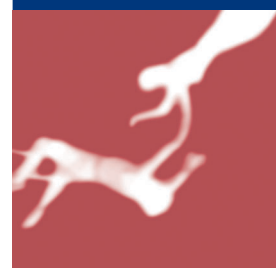


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

219

Todos esses fatos mostram que buscar satisfazer interesses pessoais sem qualquer preocupação com as necessidades das outras pessoas não é a única característica da vida moderna. Paralelamente a essa corrente, que proclama com tanto orgulho a sua liderança nos negócios humanos, percebemos uma luta árdua, mantida tanto pelas populações rurais quanto pelas industriais, para reintroduzir instituições duradouras de ajuda e apoio mútuos; também vemos em todas as classes da sociedade um movimento amplamente difundido, cujo propósito é criar uma variedade infinita de instituições mais ou menos permanentes com essa mesma finalidade. Mas, quando passamos da vida pública para a vida privada do ser humano moderno, descobrimos outro mundo extremamente amplo de ajuda e apoio mútuos que passa despercebido para a maioria dos sociólogos, porque está limitado ao estreito círculo da família e da amizade pessoal.¹⁸

No sistema social presente, todos os laços de união entre os habitantes da mesma rua ou vizinhança foram dissolvidos. Nas áreas mais ricas das cidades maiores, as pessoas vivem sem conhecer seus vizinhos do lado. Mas, nos becos apinhados, as pessoas se conhecem muito bem e estão sempre em contato umas com as outras. É claro que há pequenas rixas, nos becos como em todo lugar, mas os agrupamentos formados por afinidades pessoais crescem e a ajuda mútua é praticada em seu interior em uma extensão da qual as classes mais ricas não têm ideia. Por exemplo: se considerarmos as crianças de um bairro pobre que brincam na rua, no adro de uma igreja ou num gramado, notamos imediatamente que existe uma estreita união entre elas, apesar das brigas temporárias, e que essa união as protege de todos os tipos de infortúnio. Tão logo uma criancinha se inclina com curiosidade sobre a abertura de um dreno, outra grita: “Não pare aí. Tem doença no buraco!” E também: “Não suba naquele muro. Se cair, o trem mata você!”; “Não chegue perto do fosso!”; “Não coma aquelas frutas. Veneno! Você vai morrer”. Esses são os primeiros ensinamentos dados às crianças quando elas se juntam a seus companheiros da rua. Quantas crianças, cujos *play-grounds* são os pavimentos em torno das “habitações-modelo dos trabalhadores” ou os cais e pontes dos canais, não seriam esmagadas e mortas pelos vagões, ou se afogariam nas águas lama-centas, se não existisse essa espécie de apoio mútuo? E quando um Joãozinho escorrega para o fosso descoberto atrás do quintal do leiteiro ou uma Lucinha de faces rosadas cai, afinal, no canal, as crianças gritam tão alto que toda vizinhança é alertada e corre para socorrê-los.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

220

E temos também a aliança entre as mães. “Você nem imagina”, contou-me há pouco uma médica que vive em um bairro pobre, “o quanto eles se ajudam. Se uma mulher não preparou ou não pôde preparar nada para o bebê que estava esperando – e isso acontece o tempo todo! –, todos os vizinhos trazem algo para o recém-nascido. Um dos vizinhos sempre toma conta das crianças e alguns outros sempre passam para cuidar da casa enquanto a mulher estiver de resguardo”. Esse hábito é geral, mencionado por todos os que viveram entre os pobres. As mães se apóiam e cuidam das crianças alheias de milhares de maneiras. Para uma senhora das classes mais ricas ser capaz de passar por uma criança faminta e com frio na rua sem notá-la, é necessário algum treino – se isso é bom ou mau, elas que decidam por si. Mas as mães das classes mais pobres não têm esse treino, pois não podem suportar a visão de uma criança faminta; elas *têm de* alimentá-la, e é o que fazem. “Quando os escolares pedem pão, raramente ou nunca deixam de recebê-lo” – escreveu-me uma amiga que trabalhou durante muitos anos em Whitechapel, ligada a um clube de trabalhadores. Mas talvez o melhor que eu faça seja transcrever ainda breves passagens de sua carta:

É muito comum os vizinhos cuidarem uns dos outros em caso doença, sem qualquer espécie de remuneração. E, quando uma mulher tem filhos pequenos e sai para trabalhar, outra mulher sempre cuida deles.

Se as pessoas não se ajudassem umas às outras nas classes trabalhadoras, não sobreviveriam. Conheço famílias que estão sempre se ajudando – com dinheiro, alimentos, combustível, cuidando de crianças pequenas, em casos de doença, em casos de morte.

Os limites entre ‘meu’ e ‘seu’ são muito menos nítidos entre os pobres do que entre os ricos. Sapatos, roupas, chapéus e outras coisas – o que possa ser necessário no momento – são continuamente tomados emprestados dos outros, assim como todas as espécies de utensílios domésticos.

No último inverno, os membros do Clube Radical Unido juntaram uma pequena quantia de dinheiro e, depois do Natal, começaram a distribuir sopa e pão às crianças que iam à escola. Foi aos poucos, mas acabaram tendo 1.800 crianças para atender. O dinheiro vinha de estranhos, mas todo o trabalho era feito pelos membros do clube. Alguns deles, desempregados, chegavam às 4 horas da manhã para lavar e descascar os legumes; cinco mulheres chegavam às 9 ou 10 (depois de fazer seu trabalho doméstico) para cozinhar e ficavam até às 6 ou 7 lavando os



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

pratos. Na hora da refeição, entre 12 e 13h30, vinte ou trinta trabalhadores vinham ajudar a servir a sopa, cada um ficando o tempo que podia roubar à hora sua própria hora de refeição. Isso durou dois meses. Ninguém foi pago.

Minha amiga também mencionou vários casos individuais, dos quais os seguintes são típicos:

Annie W. foi entregue por sua mãe aos cuidados de uma senhora idosa da rua Wilmot. Quando essa mãe morreu, a senhora, que também era muito pobre, sustentou Annie sem receber um centavo por isso. A velha senhora morreu também, e a criança, que tinha cinco anos de idade e ficara desamparada durante a doença da mãe adotiva, estava em farrapos, evidentemente. Mas Annie logo foi acolhida pela sra. S., esposa de um sapateiro, que já tinha seis filhos. Recentemente, o marido dela ficou doente e ninguém da família tinha muito o que comer.

No outro dia, a sra. A., mãe de seis crianças, cuidou da Sra. B. em sua doença e levou para seu próprio quarto o filho mais velho dela... Mas quem precisa desses fatos? Eles são muito gerais... Também conheço a sra. D. (que mora na Hackney Road, em Oval), que tem uma máquina de costura e trabalha com ela para os outros, mesmo sem remuneração, embora ela mesma tenha cinco filhos e o marido para cuidar... E assim por diante.

Quem quer que tenha uma ideia da vida das classes trabalhadoras sabe muito bem que, sem a prática da ajuda mútua em grande escala, eles nunca poderiam sair de todas as dificuldades com que se deparam. Só por acaso uma família de trabalhadores consegue tocar a vida sem ter de enfrentar circunstâncias como a crise descrita pelo tecelão de fitas Joseph Gutteridge em sua autobiografia.¹⁹ E, se tudo não desmorona nesses casos, é por causa da ajuda mútua. No caso de Gutteridge, uma velha enfermeira, ela mesma miseravelmente pobre, apareceu no momento em que a família dele estava indo à catástrofe final, trazendo um pouco de pão, carvão e roupa de cama que tinha conseguido a crédito. Em outros casos, é uma outra pessoa ou os vizinhos que dão os passos para salvar a família. Mas, sem alguma ajuda de outros pobres, quantos mais não teriam sido levados à ruína irreparável todo ano!²⁰

Depois de ter vivido algum tempo entre os pobres, com 7 xelins e 6 *pence* por semana, Plimsoll foi levado a reconhecer que os sentimentos generosos que levava consigo quando começou essa vida “transformaram-se em respeito e admiração calorosos” ao ver como as relações entre os pobres são permeadas de ajuda e apoio mútuos, e aprendeu também os modos simples de dar esse



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

222

apoio. Depois de muitos anos de experiência, ele concluiu que, “quando você começa a pensar no tipo de gente que eram esses homens, percebe que assim era a vasta maioria das classes trabalhadoras”.²¹ Quanto a cuidar dos órfãos, esse é um hábito tão difundido, mesmo entre as famílias mais pobres, que pode ser considerado regra geral. Entre os mineiros, depois das duas explosões em Warren Vale e em Lund Hill, descobriu-se que “cerca de um terço dos homens mortos, como os respectivos comitês podem atestar, estava então sustentando outras pessoas além das esposas e filhos”. “Já pensaram no que isso significa?”, acrescentou o Plimsoll. “Homens ricos, e até mesmo homens remediados fazem isso, não duvido. Mas considerem a diferença”. Considerem o que significa a quantia de 1 xelim, subscrita por cada trabalhador, para ajudar a viúva de um camarada, ou de 6 *pence*, para ajudar um colega a custear a despesa extra de um funeral, para quem ganha 16 xelins por semana e tem uma esposa e, em alguns casos, cinco ou seis filhos para criar.²² No entanto, essas subscrições são uma prática geral entre os trabalhadores de todo o mundo, mesmo em casos muito mais simples que uma morte na família, e a ajuda em trabalho é a coisa mais comum em suas vidas.

Mas essas mesmas práticas de ajuda e apoio mútuos podem ser constatadas entre as classes mais ricas. É claro que, quando se pensa no rigor com que frequentemente os ricos tratam seus empregados, a tendência é adotar a visão mais pessimista da natureza humana. Muitos devem recordar a indignação causada durante a grande greve de Yorkshire, em 1894, quando velhos mineiros foram processados pelos proprietários por terem extraído carvão de uma mina abandonada. E, mesmo sem falar dos horrores dos períodos de luta e guerra social, como o extermínio de milhares de operários aprisionados depois da queda da Comuna de Paris, quem pode ler, por exemplo, as revelações da pesquisa sobre o trabalho, feita na Inglaterra na década de 1840, ou o que Shaftesbury escreveu sobre “a medonha perda de vidas humanas nas fábricas, que recebiam crianças tomadas das casas correcionais ou simplesmente compradas em todo o país para serem vendidas como escravas de manufaturas”,²³ quem pode ler isso sem ficar profundamente impressionado com a baixeza possível no homem quando sua ganância está em jogo? Mas é preciso dizer também que a culpa por esse tratamento não deve ser atribuída inteiramente à perversidade da natureza humana. Por acaso os ensinamentos dos homens de ciência, e mesmo os de uma porção considerável do clero, até pouco tempo atrás, não foram lições de desconfiança, de desprezo e quase de ódio pelas classes mais pobres? Não foi a ciência que ensinou que, desde que a servidão foi abolida, ninguém precisa ser pobre a não ser por causa seus próprios



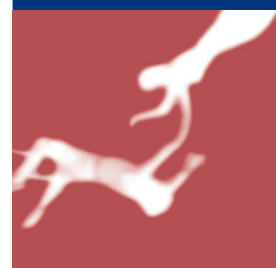
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

223

vícios? E muito poucos membros da Igreja tiveram a coragem de condenar assassinos de crianças quando a grande maioria ensinava que os sofrimentos dos pobres, e mesmo a escravidão dos negros, faziam parte do Plano Divino! Não foi o próprio inconformismo em si um protesto popular contra o tratamento rigoroso dispensado aos pobres pela Igreja anglicana oficial?

Com tais líderes espirituais, os sentimentos das classes mais ricas ficaram necessariamente, como observou Plimsoll, não exatamente embotados, e sim “estratificados”. É raro elas se aproximarem emocionalmente dos pobres, dos quais as pessoas abonadas são separadas por sua própria maneira de viver, e também não conhecem os melhores aspectos de sua vida cotidiana. Mas, deixando de lado os efeitos das paixões da acumulação de riquezas e os gastos supérfluos impostos pela própria opulência, os ricos praticam, no círculo da família e dos amigos, o mesmo apoio e ajuda mútua dos pobres. Ihering e L. Dargun estão inteiramente certos ao dizerem que, se fosse possível fazer uma estatística de todo o dinheiro que passa de mão em mão em forma de empréstimos amigáveis e ajuda, a quantia total seria enorme, mesmo em comparação com as transações do comércio mundial. E, se pudermos somar a isso, como certamente devemos, o que é gasto em hospitalidade, em pequenos serviços mútuos, no gerenciamento dos negócios de outras pessoas, em presentes e em caridade, ficaríamos na verdade impressionados com a importância de tais transferências na economia nacional. Mesmo no mundo governado pelo egoísmo comercial, a expressão corrente “Fomos maltratados por tal firma” mostra que também existe um tratamento cordial, em contraposição aos maus tratos, isto é, o tratamento determinado pela lei, e todo comerciante sabe que muitas firmas são salvas da bancarrota a cada ano pelo apoio fraterno de outras firmas.

Quanto à caridade e os inúmeros trabalhos pelo bem-estar geral feitos voluntariamente por tantas pessoas abastadas, bem como por trabalhadores, e em especial por profissionais, todos sabem do papel dessas duas categorias de benevolência na vida moderna. Se o desejo de ter prestígio, poder político ou distinção social geralmente macula o caráter real disso, não se pode duvidar de que o impulso nesse sentido deriva, na maioria dos casos, dos mesmos sentimentos de ajuda mútua. Muitas vezes, os homens que adquiriram riqueza não encontram nela a satisfação esperada. Outros começam a pensar que, embora alguns economistas considerem a riqueza a recompensa da capacidade, sua própria recompensa é exagerada. A consciência de solidariedade humana começa a se fazer entender e, embora a vida social seja configurada de modo



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

a sufocar esse sentimento por meios artificiais, é ele que frequentemente se impõe. É assim que esses homens procuram encontrar uma saída para essa profunda necessidade humana, doando sua fortuna ou suas forças para algo que, em sua opinião, vai promover o bem-estar geral.

Em resumo: nem os poderes esmagadores do Estado centralizado, nem os ensinamentos de ódio e de luta impiedosa, disfarçados de atributos de ciência, vindos de filósofos e sociólogos serviçais, conseguiram eliminar o sentimento de solidariedade profundamente enraizado no coração e na mente dos seres humanos, já que ele foi alimentado por toda a evolução precedente. O resultado da evolução, desde seus estágios mais primitivos, não pode ser superado por um dos aspectos dessa mesma evolução. E a necessidade de ajuda e apoio mútuos, que nos últimos tempos se refugiou no estreito círculo da família, de vizinhos de favelas, da aldeia ou da associação secreta de trabalhadores, reafirma-se novamente, mesmo em nossa sociedade moderna, e reclama seu direito de ser, como sempre foi, o principal motor do progresso. São essas as conclusões às quais necessariamente chegamos depois de refletir com cuidado sobre cada um dos grupos de fatos tratados concisamente nos dois últimos capítulos.

NOTAS

- ¹ Toulmin Smith, *English Guilds*, Londres, 1870, Introd., p. xliii.
- ² A Lei de Eduardo VI – a primeira de seu reinado – ordenava entregar à Coroa “todas as fraternidades, irmandades e corporações existentes dentro do domínio da Inglaterra e Gales e de outros domínios do rei; e todos os solares, terras e prédios residenciais que pertencessem a elss ou a qualquer uma delas” (*English Guilds*, Introd., p. xliii). Ver também de Ockenkowski, *Englands wirtschaftliche Entwicklung im Ausgange des Mittelalters*, Jena, 1879, caps. ii-v.
- ³ Ver de Sidney e Beatrice Webb, *History of Trade-Unionism*, Londres, 1894, p. 21-38.
- ⁴ Ver, na obra de Sidney Webb, as associações existentes naquele tempo. Supõe-se que os artesãos de Londres nunca foram mais bem organizados do que entre 1810 e 1820.
- ⁵ A Associação Nacional para a Proteção do Trabalho incluía cerca de 150 sindicatos separados que faziam contribuições vultosas e tinham cerca de 100.000 membros. O Sindicato de Construtores e os Sindicatos de Mineiros também eram grandes organizações (Webb, loc. cit., p. 107).



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

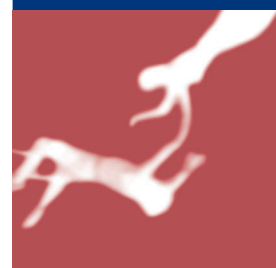
225

- ⁶ Nessa questão, concordo com a obra de Webb, repleta de documentos para endossar suas afirmações.
- ⁷ Desde a década de 1840 houve grandes mudanças na atitude das classes mais ricas para com os sindicatos. Mas, mesmo na década de 1860, os patrões fizeram uma tentativa formidável para esmagá-los, trancando as fábricas e deixando de fora populações inteiras. Até 1869 simplesmente concordar em fazer greve e anunciar uma greve com cartazes, para não falar de piquetes, eram punidos frequentemente como intimidação. A Lei de Empregados e Empregadores só foi revogada em 1875; desde então foi permitido fazer piquetes pacíficos, e a “violência e intimidação” durante greves caíram no domínio do direito comum. Porém, em 1887, mesmo durante a greve dos trabalhadores do cais, foi preciso gastar dinheiro extra para defender, perante os tribunais, o direito de fazer piquete, enquanto os processos judiciais dos últimos anos ameaçam uma vez mais tornar ilusórios os direitos conquistados.
- ⁸ Uma contribuição semanal de 6 *pence* de um salário de 18 xelins, ou de 1 xelim de um salário de 25 xelins, significa muito mais do que 9 libras de uma renda de 300 libras: isto é na sua maioria gasto em alimentação; e a contribuição logo dobra quando é declarada greve em um sindicato irmão. A descrição impressionante da vida sindical, feita por um artesão qualificado e publicada pelo casal Webb (p. 431 e seguintes.), dá uma ideia excelente da quantidade de trabalho exigido de um sindicalista.
- ⁹ Ver os debates sobre as greves de Falkenau, feitas no *Reichstag* austríaco em 10 de maio de 1894, nos quais o fato é plenamente reconhecido pelo Ministério e pelo dono da mina. Ver também a imprensa inglesa daquele tempo.
- ¹⁰ Muitos desses fatos podem ser encontrados no *Daily Chronicle* e, em parte, no *Daily News* de outubro e novembro de 1894.
- ¹¹ As 31.473 associações de produtores e consumidores do Médio Reno tinham, por volta de 1890, um gasto anual de 18.437.500 libras; durante o ano, 3.675.000 libras foram garantidas por empréstimos.
- ¹² Ver o Apêndice XIX.
- ¹³ Relatório Consular Britânico, abril de 1889.
- ¹⁴ Uma pesquisa essencial sobre este assunto foi publicada em russo nas *Memórias* (*Zapiski*) da Sociedade Geográfica do Cáucaso, vol., vi, 2, Tiflis, 1891, por C. Egiazarov.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

- ¹⁵ É muito difícil escapar das prisões francesas. Mas um prisioneiro conseguiu fugir de uma delas em 1884 ou 1885. Conseguiu até mesmo se esconder durante um dia inteiro, embora tivesse sido dado o alarme e os camponeses da vizinhança estivessem à sua procura. Na manhã seguinte, foi achado escondido em uma vala, perto de um vilarejo. Talvez tivesse a intenção de roubar comida, ou roupas para trocar por seu uniforme de prisão. Enquanto estava deitado na vala, começou um incêndio na aldeia. Ele viu uma mulher correndo para fora de uma das casas em chamas e ouviu seus gritos desesperados para salvarem uma criança no andar de cima da casa. Ninguém se mexeu. Então o prisioneiro fugitivo saiu correndo de seu esconderijo e, com o rosto queimado e as roupas incendiadas, salvou a criança do fogo e a entregou à mãe. É claro que foi preso no local pela polícia da aldeia que, a essa altura, já tinha dado o ar da graça. O fugitivo foi levado de volta para a prisão. O fato foi relatado em todos os jornais franceses, mas nenhum deles tratou de exigir sua libertação. Se tivesse protegido um guarda do golpe de um camarada, ele teria sido considerado um herói. Mas seu ato foi simplesmente humano, não promovia o ideal de Estado; ele mesmo não o atribuía a uma súbita inspiração de graça divina; e isso foi suficiente para deixar o homem cair no esquecimento. Talvez seis ou doze meses tenham sido acrescentados à sua sentença por ter roubado “a propriedade do Estado” – o uniforme da prisão.
- ¹⁶ A Academia Médica para Mulheres (que deu à Rússia grande parte de suas 700 mulheres graduadas), as quatro Universidades das Senhoras (com cerca de 1.000 alunas em 1887; fechadas naquele ano e reabertas em 1895) e a Escola Comercial para Mulheres são obra exclusiva dessas sociedades privadas. Às mesmas sociedades devemos o elevado padrão que os ginásios de moças atingiram desde que foram abertos na década de 1860. Os 100 ginásios agora espalhados pelo Império (com mais de 70.000 alunos) correspondem às Escolas para Moças da Inglaterra; só que todos os professores são graduados em universidades.
- ¹⁷ A Verein für Verbreitung gemeinnützlicher Kenntnisse [União Alemã para a Difusão dos Conhecimentos Úteis], embora tenha apenas 5.500 membros, já abriu mais de 1.000 escolas e bibliotecas públicas, organizou milhares de aulas e publicou livros dos mais valiosos.
- ¹⁸ Poucos autores da área da sociologia prestaram atenção a isso. Ihering é um deles, e seu caso é muito instrutivo. Quando o grande escritor alemão sobre direito começou seu trabalho filosófico, *Der Zweck im Rechte* (*O propósito em Direito*), pretendia analisar “as forças ativas que produzem o avanço da sociedade e o mantêm”, e assim produzir “a teoria do homem sociável”. Ele analisou em primeiro lugar as forças egoístas em ação, incluindo o atual sistema de salários



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

227

e de coerção com seu grande número de leis políticas e sociais; e, em um esquema cuidadosamente elaborado de sua obra, visava dedicar o último parágrafo às forças éticas – o senso de dever e de amor mútuos – que contribuem para o mesmo objetivo. Mas, ao discutir as funções sociais desses dois fatores, teve de escrever um segundo volume, duas vezes maior que o primeiro; e, mesmo assim, só tratou dos fatores pessoais que ocuparam apenas umas poucas linhas das páginas seguintes. L. Dargun adotou a mesma ideia em *Egoismus und Altruismus in der Nationalökonomie*, Leipzig, 1885, acrescentando alguns fatos novos. *Amor*, de Büchner, e as várias paráfrases dele publicados na Inglaterra e na Alemanha, tratam do mesmo assunto.

¹⁹ *Light and Shadows in the Life of an Artisan*, Coventry, 1893.

²⁰ Poucos ricos conseguem entender que muitos pobres se ajudam mutuamente, pois não sabem de que quantidades mínimas de comida ou dinheiro depende frequentemente a vida de alguém das classes mais desfavorecidas. Shaftesbury percebeu essa terrível verdade quando começou seu Fundo das Moças das Flores e do Agrião (Flowers and Watercress Girls' Fund), do qual eram feitos empréstimos de uma ou ocasionalmente duas libras, de modo a permitir que as moças comprassem uma cesta e flores [para vender] quando o inverno começava e elas estavam numa situação terrível. Os empréstimos eram feitos a moças que não tinham nem "6 pence", mas que nunca deixavam de achar algum outro pobre para ser seu fiador. "De todos os movimentos aos quais estive ligado", escreveu Shaftesbury, "considero esse movimento das Moças do Agrião o de maior êxito [...]. Ele começou em 1872 e tivemos de 800 a 1.000 empréstimos, e não perdemos nem 50 libras durante todo o período [...]. O que foi perdido – e foi muito pouco, dadas as circunstâncias – foi por causa de morte ou doença, e não por fraude" (*The Life and Work of the Seventh Earl of Shaftesbury*, por Edwin Hodder, vol. iii. p. 322. Londres, 1885-1886). Muitos outros fatos estão na obra de Ch. Booth, *Life and Labour in Londres*, vol. i; em "Pages from a Work Girl's Diary" (*Nineteenth Century*, setembro de 1888, p. 310), de Miss Beatrice Potter; e assim por diante.

²¹ Samuel Plimsoll, *Our Seamen*, edição popular, Londres, 1870, p. 110.

²² *Our Seamen*, p. 110. Plimsoll acrescentou: "Não desejo menosprezar os ricos, mas penso haver motivo para perguntar se essas qualidades estão tão plenamente desenvolvidas neles; pois, apesar de não poucos deles não estarem familiarizados com as alegações, razoáveis ou não, de parentes pobres, essas qualidades não estão em exercício constante. Em muitos casos, a riqueza parece abafar os bons



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

228

sentimentos de seus possuidores, cuja compaixão se torna não menor exatamente, e sim ‘estratificada’. Estas são reservadas aos sofrimentos de sua própria classe e às aflições dos que estão acima. Os ricos raramente se voltam para os inferiores e é provável que admirem muito mais um ato de coragem [...] do que a resistência e a ternura exercidas constantemente na vida diária de um trabalhador inglês” – assim como de todos os trabalhadores do mundo.

²³ “Life of the Seventh Earl of Shaftesbury”, por Edwin Hodder, vol. i, pp. 137-138.



Piotr Kropotkin
**AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução**

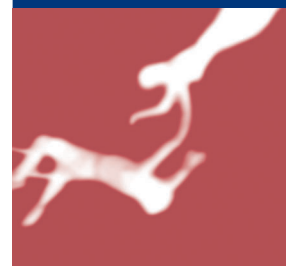
229

CONCLUSÃO

Se considerarmos agora os ensinamentos que podem ser extraídos da análise da sociedade moderna com relação às evidências da importância da ajuda mútua na evolução do mundo animal e da humanidade, podemos resumir nosso estudo da maneira apresentada a seguir.

Vimos que, no mundo animal, a grande maioria das espécies vive em sociedades e encontra na associação as melhores armas para a luta pela vida, desde que ela compreendida, claro está, em seu sentido darwiniano mais amplo, ou seja, como luta contra todas as condições naturais desfavoráveis às espécies, e não como luta pelos simples meios de sobrevivência. As espécies animais nas quais a luta individual foi reduzida a seus limites mais estreitos e nas quais a prática da ajuda mútua atingiu seu maior desenvolvimento são invariavelmente as mais numerosas e as que têm mais condições de progredir. A proteção mútua obtida nesse caso, a possibilidade de atingir idade avançada e de acumular experiência, o desenvolvimento intelectual mais elevado e a nova soma de hábitos sociais garantem a manutenção dessas espécies, sua extensão e evolução contínuas. As espécies não-sociais estão, ao contrário, condenadas à decadência.

Quanto ao passado do ser humano, vimos que, desde a aurora da Idade da Pedra, ele vivia em clãs e tribos e já no estágio selvagem inferior havia desenvolvido uma ampla série de instituições sociais, no clã e na tribo, e descobrimos que os primeiros costumes e hábitos tribais deram à humanidade o embrião de todas as instituições que configuraram mais tarde os principais aspectos do progresso constante. Da tribo selvagem derivou a comunidade aldeã bárbara; e um círculo novo, mais amplo ainda, de costumes e hábitos sociais, vários dos quais ainda sobrevivem entre nós, foi desenvolvido sob os princípios de posse e defesa comuns de um dado território, sob a jurisdição da assembleia aldeã e das federações de aldeias real ou supostamente pertencentes a um mesmo tronco. E, quando novas exigências induziram os homens a recomeçar, recomeçaram na cidade, que era uma rede dupla: uma de unidades territoriais (comunidades aldeãs) e outra ligada a corporações, estas surgidas do exercício comum de uma dada arte ou ofício, ou para fins de apoio e defesa mútuos.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

230

E, por fim, nos dois últimos capítulos, foram apresentados fatos para mostrar que, embora o crescimento do Estado segundo o padrão do Império Romano tivesse posto um fim violento a todas as instituições medievais de apoio mútuo, esse novo aspecto da civilização não podia durar. O Estado, baseado em agregados frouxos de indivíduos e pressupondo ser o único vínculo entre eles, não atingiu seu propósito. Suas leis rigorosas finalmente foram sobrepujadas pela tendência de ajuda mútua, que ressurgiu e reafirmou-se numa infinidade de associações que agora tendem a abranger todos os aspectos da vida e a se apoderar de tudo o que os seres humanos necessitam para viver e para reparar as perdas causadas pela vida.

Provavelmente alguém vai dizer que, embora possa representar um dos fatores da evolução, a ajuda mútua só explica um único aspecto das relações humanas e que, ao lado dessa corrente, por mais poderosa que seja, há e sempre haverá a outra, a da autoafirmação do indivíduo; essa afirmação não aparece só em seus esforços para obter superioridade pessoal ou de casta, econômica, política e espiritual, como também em sua função muito mais importante, ainda que menos evidente, de avançar através dos laços, que sempre tendem a se cristalizar, que a tribo, a comunidade aldeã, a cidade e o Estado lhe impõem. Em outras palavras, a autoafirmação do eu do indivíduo é considerada um elemento do progresso.

É claro que nenhum estudo da evolução seria completo sem uma análise dessas duas correntes dominantes. Mas a autoafirmação do indivíduo ou de grupos de indivíduos, suas lutas por superioridade e os conflitos daí resultantes já foram analisados, descritos e glorificados desde tempos imemoriais. Na verdade, até nossos dias, só essa corrente recebeu a atenção do poeta épico, do analista, do historiador e do sociólogo. A História, tal como foi escrita até agora, é quase inteiramente uma descrição dos modos e meios pelos quais a teocracia, o poder militar, a autocracia e, mais tarde, o domínio das classes mais ricas têm sido promovidos, estabelecidos e mantidos. As lutas entre essas forças compõem, na verdade, a substância da História. Podemos então tomar como ponto pacífico o conhecimento do fator indivíduo na História humana – mesmo que haja muito espaço para um novo estudo do assunto segundo as linhas acima mencionadas. Por outro lado, o fator da ajuda mútua foi totalmente ignorado até agora, ou simplesmente negado, ou mesmo transformado em objeto de escárnio de escritores das gerações presentes e passadas. Por isso é necessário mostrar, antes de mais nada, a importância do papel que esse fator desempenha na evolução, tanto no mundo animal quanto



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

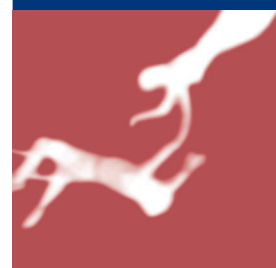
231

nas sociedades humanas. Só depois que isso tiver sido plenamente reconhecido será possível proceder a uma comparação entre os dois fatores.

É evidente que, por qualquer método mais ou menos estatístico, é impossível fazer um cálculo, mesmo que grosseiro, de sua importância relativa. Todos sabemos que uma única guerra pode produzir mais mal – enquanto dura e depois – do que centenas de anos de ação ininterrupta do princípio de ajuda mútua pode produzir o bem. Mas, quando vemos que, no mundo animal, o desenvolvimento progressivo e a ajuda mútua andam de mãos dadas, ao passo que a luta interna à espécie é concomitante ao retrocesso; que, no mundo humano, até mesmo o êxito na luta e na guerra é proporcional ao desenvolvimento da ajuda mútua em cada uma das nações, cidades, facções ou tribos em conflito; e que, no processo de evolução, a própria guerra (na extensão possível) acabou servindo aos objetivos do progresso em ajuda mútua no seio da nação, da cidade ou do clã, essas próprias constatações já nos dão uma boa ideia da influência dominante do fator da ajuda mútua como um elemento do progresso.

Vemos também que a prática da ajuda mútua e de seus desdobramentos sucessivos criaram as próprias condições de vida social, na qual o homem teve condições de desenvolver suas artes, seu conhecimento e sua inteligência, e que os períodos de maior progresso nas artes, na indústria e na ciência foram aqueles em que as instituições baseadas na tendência de ajuda mútua chegaram a seu apogeu. Na verdade, o estudo da vida interna da cidade medieval e das antigas cidades gregas revela que a combinação de ajuda mútua, como era praticada dentro da corporação medieval e do clã grego, com a ampla iniciativa proporcionada ao indivíduo e ao grupo por meio do princípio federativo, deu à humanidade os dois maiores períodos de sua história – o da cidade grega antiga e o da cidade medieval –, e que a ruína das instituições mencionadas correspondeu, em ambos os casos, a uma rápida decadência durante os períodos de hegemonia do Estado que se seguiram.

Quanto ao súbito progresso industrial verificado durante o século 19, geralmente atribuído ao triunfo do individualismo e da competição, é óbvio que tem uma origem mais profunda. Depois das grandes descobertas do século 15 e, em particular, a da pressão atmosférica, confirmadas por uma série de outros avanços na filosofia natural – e surgidas sob a organização da cidade medieval –, elas teriam de ser seguidas necessariamente pela invenção da máquina a vapor e por toda a revolução que a conquista de uma nova energia



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

232

implicava. Se as cidades medievais tivessem vivido para levar suas descobertas a esse ponto, as consequências éticas da revolução efetuada pelo vapor poderiam ter sido diferentes, mas inevitavelmente teria ocorrido a mesma revolução na ciência e na técnica. Na verdade, uma questão continua em aberto: saber se a decadência geral das indústrias, que se seguiu à ruína das cidades livres e que foi perceptível particularmente na primeira metade do século 18, não teria retardado de modo considerável o surgimento da máquina a vapor, assim como a consequente revolução nas artes. Quando consideramos a espantosa rapidez do progresso industrial entre os séculos 12 e 15 – na tecelagem, na metalurgia, na arquitetura e na navegação – e refletimos sobre as descobertas científicas a que esse progresso levou, ao final do século 15, devemos nos perguntar se a humanidade não se atrasou na hora de tirar todo o proveito possível dessas conquistas quando ocorreu uma depressão geral nas artes e indústrias na Europa, após a decadência da civilização medieval. Certamente não foi o desaparecimento do artista-artesão, nem a ruína das grandes cidades, nem a extinção das relações entre elas que retardaram a Revolução Industrial. Sabemos também que James Watt gastou 20 anos ou mais de sua vida a fim de tornar sua invenção utilizável, porque ele não encontrou no século 18 o que teria encontrado com facilidade na Florença ou na Bruges da Idade Média, ou seja, os artesãos capazes de forjar suas peças em metal e de lhes dar o acabamento artístico e a precisão que a máquina a vapor requer.

Portanto, atribuir o progresso industrial de nosso século à guerra de um contra todos, como se tem proclamado, é raciocinar como o homem que, não conhecendo as causas da chuva, atribui-as à vítima que imolou perante seu ídolo de barro. Para o progresso industrial, assim como para qualquer outra vitória sobre a natureza, a ajuda mútua e as relações íntimas certamente são, como sempre foram, muito mais vantajosas do que a luta de uns contra os outros.

Mas é principalmente no campo da ética que a importância dominante do princípio de ajuda mútua aparece em sua plenitude. Parece evidente que a ajuda mútua é o fundamento real de nossas concepções éticas. Mas, quaisquer que sejam as opiniões sobre a origem do sentimento ou instinto de ajuda mútua, se ela é natural ou se é possível atribuir-lhe uma causa sobrenatural, é preciso rastrear sua existência até as escalas mais inferiores do reino animal e seguir sua evolução ininterrupta, em oposição a alguns agentes contrários, através de todos os graus do desenvolvimento humano até o presente. Mesmo as novas religiões que apareceram de tempos em tempos – sempre em épocas em que o princípio de ajuda mútua estava entrando em decadência nas

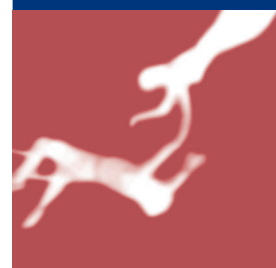


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

233

teocracias e nos Estados despóticos orientais, ou no declínio do Império Romano – elas só reafirmaram o mesmo princípio. Encontraram seus primeiros discípulos entre os humildes, nas camadas mais baixas e oprimidas da sociedade, entre os quais o princípio de ajuda mútua é o fundamento necessário da vida cotidiana. E as novas formas de associação introduzidas nas comunidades budistas e cristãs primitivas, nas irmandades da Morávia e outros lugares, assumiram o caráter de um retorno aos melhores aspectos da ajuda mútua da vida tribal primitiva.

Entretanto, toda vez que era feita uma tentativa de retornar a esse antigo princípio, sua própria ideia fundamental era ampliada. Do clã, ela se estendeu ao tronco familiar, à federação de troncos familiares, à nação e, por fim – ao menos idealmente –, à toda a humanidade. Ao mesmo tempo, ela foi refinada. No budismo e no cristianismo primitivos, nos escritos dos sábios muçulmanos, nos primeiros movimentos da Reforma e principalmente nos movimentos éticos e filosóficos do século 18 e em nossa época, o abandono total da ideia de vingança ou de “retribuição” – do bem com o bem e o mal com o mal – é afirmado cada vez mais vigorosamente. A concepção superior de “nenhuma vingança pelos erros” e de dar de graça mais do que se espera receber de seus vizinhos é proclamada como o verdadeiro princípio da moralidade – um princípio superior à mera equivalência, equidade ou justiça, e que gera mais felicidade. E o que se pede ao homem é que se guie em seus atos não apenas pelo amor, que é sempre pessoal – ou tribal no melhor dos casos –, mas também pela percepção de sua unidade com todo ser humano. Na prática da ajuda mútua, que remonta aos primeiros passos da evolução, encontramos a origem evidente e indubitável de nossas concepções éticas; e podemos afirmar que, no progresso ético do homem, a ajuda mútua – e não a luta de uns contra os outros – tem o papel principal. Em seu avanço, mesmo no momento presente, vemos também a melhor garantia de uma evolução ainda mais grandiosa de nossa espécie.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

234

APÊNDICES

I

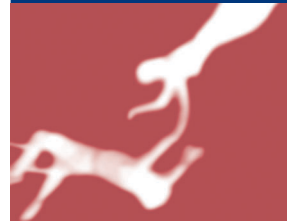
Enxames de borboletas, libélulas etc.

Em *Natuurkundig Tijdschrift voor Nederlandsch Indië*, 1891, parte L, p. 198 (analisado em *Naturwissenschaftliche Rundschau*, 1891, t. vi, p. 573), M. C. Piepers publicou pesquisas interessantes sobre vôos em massa de borboletas que ocorrem nas Índias Orientais Holandesas [Indonésia]. Essas revoadas acontecem nos primeiros meses após o começo das monções e geralmente participam delas indivíduos de ambos os sexos de *Catopsilia* (*Callidryas*) *crocale*, Cr.; mas, de vez em quando, os enxames são de indivíduos pertencentes a três espécies diferentes do gênero *Euphoea*. Parece que um dos objetivos desses vôos é a cópula. É bem possível que estes não sejam resultado de uma ação orquestrada, e sim consequência da imitação, ou do desejo de seguir com os outros.

Sobre o rio Amazonas, Bates viu *Callidryas* (*Callidryas bracteolata*) amarelas e alaranjadas “juntando-se em massas densas, algumas vezes de dois ou três metros de circunferência, com as asas na posição vertical, de modo que a praia parecia salpicada de camadas de açafraão. Suas colunas migratórias, cruzando o rio do norte para o sul, eram contínuas, desde muito cedo até o pôr-do-sol” (*Naturalist in the river Amazon*, p. 131).

Em suas longas migrações pelos Pampas, as libélulas reúnem-se em grandes bandos de indivíduos de diferentes espécies (Hudson, *Naturalist on the La Plata*, p. 130 et seqs.).

Os gafanhotos (*Zoniopoda tarsata*) vivem também em bandos (Hudson, loc. cit., p. 125).



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

II

As formigas

O livro de Pierre Huber, *Les recherches sur les mœurs des fourmis indigènes* (Genebra, 1810), a partir do qual Cherbuliez elaborou uma edição popular em 1861, *Les fourmis indigènes*, na Bibliothèque Genevoise, e que deveria ser traduzida e publicada em todas as línguas a preço acessível, não é só o melhor trabalho que há sobre o assunto, mas também um modelo de verdadeira pesquisa científica. Darwin tinha razão ao descrever Pierre Huber como um naturalista superior mesmo a seu pai. Esse livro devia ser lido por todo jovem naturalista, não apenas pelos fatos que contém, mas também como uma aula de métodos de pesquisa. A criação de formigas em ninhos artificiais de vidro, e os testes feitos por exploradores subsequentes – entre os quais Lubbock –, são todos encontrados no pequeno e admirável trabalho de Huber. Os leitores dos livros de Forel e de Lubbock estão obviamente cientes de que tanto o professor suíço quanto o escritor britânico iniciaram seus trabalhos com espírito crítico, procurando refutar as afirmações de Huber relativas aos admiráveis instintos de ajuda mútua das formigas; mas, depois de uma cuidadosa investigação, foram obrigados a confirmá-las. Infelizmente é uma característica da natureza humana tanto acreditar com satisfação em qualquer declaração sobre a capacidade humana de mudar a seu arbítrio a ação das forças da Natureza, como recusar-se a admitir fatos científicos bem comprovados que tendem a reduzir a distância entre os seres humanos e seus irmãos animais.

M. Sutherland começou seu livro (*Origin and Growth of Moral Instinct*) com a evidente intenção de provar que todos os sentimentos morais nascem do cuidado dos pais e do amor familiar, que surgiram apenas em animais de sangue quente. Por isso, ele tenta minimizar a importância da simpatia e da cooperação entre as formigas. Cita o livro de Büchner, *Mind in Animals*, mostra conhecer os experimentos de Lubbock e descarta os trabalhos de Huber e de Forel no seguinte trecho:

[...] mas tudo, ou quase tudo [os exemplos de simpatia entre as formigas dados por Büchner] é desfigurado por um certo quê de sentimentalismo [...] que os torna mais adequados a livros escolares do que a verdadeiros trabalhos de ciência; e o mesmo deve ser observado em algumas das mais conhecidas *anedotas* de Huber e de Forel (vol. i, p. 298)



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

236

Sutherland não especifica a que anedotas se refere, mas parece-me que ele nunca teve a oportunidade de examinar a obra de Hube, nem a de Forel, pois os naturalistas que conhecem suas obras não encontram “anedotas” nelas.

É preciso mencionar aqui o trabalho recente do professor Gottfried Adlerz sobre formigas na Suécia (“Myrmecologiska Studier: Svenska Myror och des Lefnadsförhallanden”, em *Bihang till Svenska Akademiens Handlingar*, vol. xi. n. 18, 1886). Nem é necessário dizer que todas as observações de Huber e de Forel relativas à ajuda mútua das formigas, inclusive a partilha de comida, que tanto impressionaram aqueles que não tinham dado atenção ao assunto, são inteiramente confirmadas por esse professor sueco (p. 136-137).

Adlerz também fez experimentos muito interessantes para provar o que Huber já havia observado, ou seja, que as formigas de dois formigueiros diferentes nem sempre se atacam. Um desses experimentos foi realizado com a espécie *Tapinoma erraticum*, um outro com a *Rufa*, formiga comum. Ele colocou um formigueiro inteiro num saco e o esvaziou a uma distância de dois metros um do outro. Não houve luta entre ambos, mas as formigas do segundo formigueiro começaram a carregar as larvas do primeiro. Em geral, quando Adlerz juntava formigas operárias com suas larvas, ambas tomadas de formigueiros diferentes, não havia luta; mas, se as formigas operárias estivessem sem suas larvas, começava uma batalha (p. 185-186).

Adlerz também completou as observações de Forel e de MacCook sobre as “nações” de formigas, compostas de formigueiros diferentes e, tomando por base suas próprias estimativas, segundo as quais em cada formigueiro construído existem até 300 mil *Formica exsecta*, ele concluiu que tais “nações” podem atingir dezenas e até mesmo centenas de milhões de indivíduos.

O livro admirável de Maeterlinck sobre as abelhas, embora não contenha observações novas, seria muito útil se fosse menos desfigurado por “expressões” metafísicas.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

237

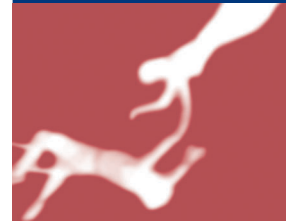
III

Ajuda mútua entre os pardais

Durante os últimos anos, tive a oportunidade de observar sociedades de pardais no jardimzinho de nossa casa em Bromley. Sabe-se que esses animais são muito brigões e de constituição sanguínea, e que se desentendem com frequência e por qualquer motivo, e é tal a algazarra que fazem então que, mesmo não querendo, acabamos prestando atenção neles. Um exemplo: um casal aproveitou o desprendimento de uma telha no ângulo do teto da casa vizinha e ali construiu um ninho.

No inverno, os melros alimentam-se e vivem sem brigas ao lado dos pardais; mas parece que às vezes expulsam os filhotes destes de seus ninhos. E um deles costuma assustar o referido casal. Chega voando, pousa sobre a calha e, de quando em quando, tenta chegar ao ninho pela passagem sob as telhas, estreita demais para ele. E então todos os pardais de nosso jardimzinho fazem um tremendo escarcéu: vêm imediatamente, furiosos, e lançam-se sobre o melro, obrigando-o a se afastar. Sempre ficávamos sabendo quando o intruso vinha ao ninho do casal, pois era impossível não perceber o alarido.

Os pardais também faziam escândalo, mas de outro caráter, quando caía um filhote de um de seus ninhos. Nessas ocasiões, o barulho e a excitação eram descomunais e ficávamos sabendo do ocorrido na mesma hora. A colônia só se tranquilizava quando recolhíamos o filhote (que, do contrário, poderia ser comido pelos gatos) e o colocávamos em um cômodo com janela aberta. Depois disso, a mãe vinha, pousava no parapeito e, se não me engano, às vezes até entrava no cômodo. À tarde ou no dia seguinte, atraía o filhote para a parte do teto mais próxima da janela. E então, numerosos pardais, que não se sabia de onde vinham, reuniam-se imediatamente a seu redor, todos frenéticos – talvez de alegria – e o filhote, reunindo coragem, ensaiava para se lançar do teto e aprender a voar.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

IV

Associações de nidificação

Os diários de Audubon (*Audubon and his Journals*, Nova York, 1898), em particular os relativos à sua vida nas costas do Labrador e no rio São Lourenço na década de 1830, contêm descrições excelentes sobre as associações de nidificação das aves aquáticas. Falando de “A Rocha” [The Rock], uma das ilhas de Madelene ou Amherst, ele escreveu: “Às onze horas, consegui distinguir claramente o topo do convés, e achei que estivesse coberto de neve de cerca de um metro de espessura; essa era a aparência de cada parte de suas saliências chatas que se projetavam no espaço”. Mas não era neve: eram gansos-patolas, todos calmamente sentados sobre seus ovos ou filhotes recém-nascidos, com a cabeça voltada na direção do vento, quase se tocando uns aos outros, e em linhas regulares. O espaço sobre a rocha e ao redor dela “estava cheio de gansos-patolas voando, como se uma pesada nevasca estivesse caindo diretamente sobre nós”. Gaivotas do gênero *Rissa* e tolas urias (*Uria aalge*) reproduzem-se na mesma rocha (*Journals*, vol. i, p. 360-363).

Para quem estivesse na ilha de Anticosti, o mar “estava literalmente coalhado de urias e mergulhões (*Alca torva*)”. Mais além, o ar estava repleto de patos-do-mar (*Oidemia fusca*). Nas rochas do golfo, as gaivotas argêntas, as andorinhas-do-mar (grandes, árticas e provavelmente da espécie Foster), os *Tringa pusilla*, as gaivotas-do-mar, os mergulhões, os gansos selvagens (*Anser canadensis*), os mergansos de peito vermelho, os cormorões etc., estavam todos chocando. Ali havia extrema abundância de gaivotas-do-mar; “[..] elas estão sempre assediando todos os outros pássaros, sugando seus ovos e devorando seus filhotes [...]”; “[...] aqui, tomam o lugar das águias e dos falcões”.

No Missouri, acima de Saint Louis, Audubon viu, em 1843, abutres e águias fazendo ninhos em colônias. Ele mencionou “longas linhas de praia elevada, coroadas por estupendas rochas calcárias nas quais havia muitos buracos curiosos, onde vimos abutres e águias entrarem ao anoitecer”, ou seja, urubus-de-cabeça-vermelha (*Cathartes aura*) e águias de cabeça pelada (*Haliaeetus leucocephalus*), como observou E. Couës numa nota de rodapé (vol. i, p. 458).

Um dos melhores locais de nidificação ao longo das praias são as ilhas Farne. Na obra de Charles Dixon, *Among the Birds in Northern Shires*, há uma



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

239

vívida descrição desses lugares, onde milhares de gaivotas, andorinhas-do-mar, êideres, cormorões, tarambolas, ostraceiros, urias e papagaios-do-mar se juntam todos os anos.

Ao nos aproximarmos de uma dessas ilhas, a primeira impressão que se tem é a de que essa gaivota (a menor, de costas pretas) monopoliza todo o chão, pois ela existe em grande abundância. O ar parece cheio delas, o chão e as rochas nuas estão abarrotados; e, quando nosso bote finalmente atinge a praia e nós saltamos nela impientemente, tudo se torna uma excitação barulhenta – uma perfeita babel de gritos de protesto continua até deixarmos o lugar. (p. 129.)



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

240

As aves grandes ajudam as pequenas durante as migrações?

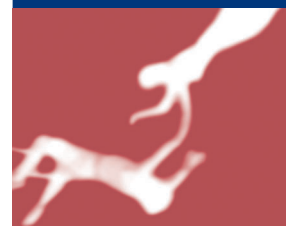
Sei que alguns zoólogos – talvez a maioria – ridicularizam qualquer menção a isso. Mas já que, ao me permitir fazer essa pergunta, tenho o apoio de alguns pesquisadores das ciências naturais, entre eles um zoólogo como Heiglin, creio poder chamar a atenção dos cientistas a respeito. Para aqueles que *estudaram* a vida social das aves, a pergunta parecerá estranha.

Em um capítulo especial de seu livro (*Recreations of a Naturalist*, Londres, 1906), James Ed. Harting, naturalista e zoólogo inglês, analisou as citações que conhecia sobre o fato de que, nas migrações, as aves grandes às vezes ajudam as pequenas, que nesse caso pousam em suas costas. *Não existem fatos absolutamente fidedignos*, pois é quase impossível ver, a partir do solo, um pássaro pousado sobre outro durante a migração. Mas alguns ornitólogos tarimbados consideram isso *provável*.

Eis aqui os fatos reunidos por Harting. J. Rae, o conhecido pesquisador [britânico] do Ártico, em seu informe à sábia Sociedade de Lineu, disse que as tribos indígenas *cree*, de York Factory e de Moose Factory (na Terra de Hudson), afirmavam que, durante a migração, uma das pequenas aves migratórias pousa para descansar sobre o ganso canadense.

Esses indígenas caçam tal ganso em grande escala, ao encontrá-lo quando ele emigra do sul de seus territórios. Também os indígenas das margens do Atabaski e do lago Grande Escravo, que vivem a cerca de 1.500 verstas [cerca de 1.600 quilômetros] a noroeste dos *crees*, afirmaram o mesmo a Rae.

D. Lenner, em seu livro *Bible Customs in Bible Lands*, menciona um grande número de pequenas aves que emigram da Palestina para a Arábia e o Egito sobre o dorso dos grous. Elas voam baixo quando migram do norte para o sul e as aves pequenas sobem até elas. Às vezes escuta-se os pios dos pássaros que já estão pousados sobre o dorso dos grandes. Ao menos é o que dizem os habitantes do lugar. Mas é necessário lembrar que ninguém duvida de que as aves pequenas realizam suas migrações junto com as grandes: esse é um fato geralmente conhecido. Por si mesmos, esses pios não demonstram que os pequenos estejam pousados nos grandes.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Mas o professor norte-americano Claypole diz (em artigo publicado no conhecido periódico científico inglês *Nature* a 24 de fevereiro de 1881) que ele mesmo se convenceu pessoalmente, durante sua permanência na ilha de Creta, de que as alvéolas-brancas e outros pequenos pássaros, durante sua emigração da Europa para o sul, pousam sobre o dorso dos grou. De início, não quis acreditar; mas, quando viu um pescador disparar contra um bando de grou que passava voando, notou que esses pássaros se destacavam do bando e desapareciam.

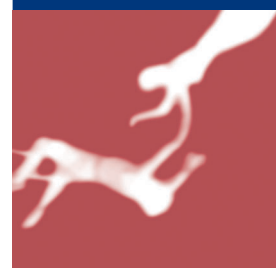
Um escritor alemão, Adolf Ebeling, ouviu dizer o mesmo no Cairo, e o conhecido viajante e ornitólogo Heiglin lhe disse, nessa mesma cidade, que considera o fato inteiramente provável, apesar de não ter tido a oportunidade de comprová-lo pessoalmente.

Hedenborg, célebre viajante sueco, afirma ter ouvido com frequência, na ilha de Rodes, o piado de passarinhos que fazem migrações com cegonhas e que, certa vez, chegou a ver alguns saindo das costas das cegonhas ao chegarem à ilha.

T. H. Nelson escreveu, na revista inglesa *Zoologist* (fevereiro de 1992, p. 73), que o inspetor do dique do estuário do Tees, na Inglaterra, viu em 16 de outubro [do ano precedente], com tempo claro, no extremo da construção, uma coruja de orelha curta, que parecia cansada de voar sobre o mar e, mal pousou, um outro pássaro saltou de seu dorso e saiu voando. Antes que pusesse a mão na escopeta, a coruja fugiu, mas ele matou o outro pássaro, que o zoólogo definiu como uma “cambaxirra-de-crista-dourada”.

Uma ave pequena como essa e que voa mal dificilmente poderia atravessar o Mar do Norte contra a força do vento. E, no entanto, emigra e voa regularmente para a Inglaterra, sempre antes da galinhola; por isso é chamada na Inglaterra de “arauto da galinhola”. Os pescadores desses litorais observaram muitas vezes que esse pássaro pousava em seus botes.

Resumindo o que sabemos sobre essa matéria, podemos dizer o seguinte: os zoólogos não fizeram observações inquestionáveis e definitivas. Mas os habitantes dos lugares, que comerciavam com a ave quando ela chega às margens, em geral estão certos de que os pássaros pequenos, que emigram com os grandes, pousam – *talvez somente no final de seu vôo através do mar* – sobre o dorso dos grandes.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

242

VI

Número de animais sociáveis na África Equatorial

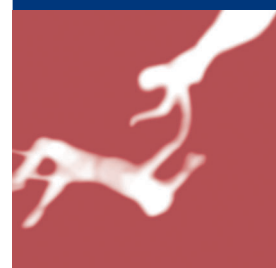
Felizmente ainda existe uma região onde, há alguns anos, a vida animal havia se conservado como era antes do aparecimento do ser humano munido de armas de fogo. É a África Equatorial, sobre a qual temos a bela obra *With Flashlight and Riffle* (Londres, 1906, 2 vols.; utilizei a tradução inglesa, mas o original foi escrito em alemão), de C. G. Schillings, escritor renomado entre os zoólogos como autoridade sobre a fauna da África e como especialista em ciências naturais. Na África Meridional, diz ele, os habitantes brancos e os nativos, munidos de armas de fogo, aniquilaram uma quantidade inumerável de animais selvagens, de modo que algumas espécies desapareceram por completo, com o que o próprio aspecto da fauna mudou inteiramente.

Assim desapareceram o gnu-de-rabo-branco (*Connohaetes gnu*), o gamo bontebok (*Damaliscus pygargus*), o blesbok (*Dam. albifrons*), a quaga (*Equus quagga*), a zebra-da-montanha (*Eq. zebra*), o formoso antílope da espécie *Hippotragus leucophoeus*, o búfalo-do-cabo (*Bubalus caffer*), o rinoceronte negro (*Rh. bicornis*), a girafa, o hipopótamo e a avestruz – com exceção de alguns indivíduos que se conservam das três primeiras espécies – e por completo quanto às restantes.

É necessário lembrar aqui que, não muito depois do primeiro terço do século 19, esses animais existiam em quantidades incalculáveis, e que eram ainda mais numerosos em uma época mais remota.

Até na África Equatorial seu número tem diminuído, e as zebras não são mais encontradas em rebanhos, como as que o professor G. Meyer (consultar seu livro *Kilimandjaro*) viu alguns anos antes da expedição de Schillings: os rebanhos de elefantes e búfalos tornaram-se muito raros. E, com tudo isso, massas de animais continuam vivendo hoje em grandes sociedades, e as associações de espécies distintas, citadas por Schillings, são espantosas.

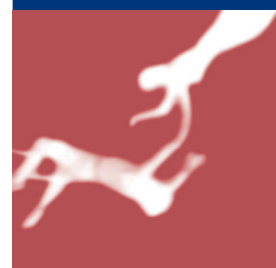
Nos planaltos da África Equatorial, depois das grandes chuvas, enormes extensões ficam inundadas por três semanas e todas as cavidades se convertem em pântanos ou lagos extensos que atraem inumeráveis quantidades de todos os animais possíveis do *veld* (estepes elevadas) completamente seco.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

“Bandos incontáveis de gansos e marrecos cobriam a superfície dos lagos” – escreve Schillings – “e, nas margens, pastavam milhares de gnus e zebras; e vindos dos mais longínquos limites do *velt*, os rinocerontes reuniam-se em suas paradas habituais no capim; vinham também *waterboks*, *hartebeasts* (diferentes espécies de gamos e antílopes), gazelas e alguns búfalos” (p. 91-92).

As descrições da vida nas margens desses lagos temporários e as fotografias admiráveis – parte das quais tirada à noite, com a ajuda de magnésio –, feitas por Schillings, são realmente incríveis, pois mostram que um número imenso de animais diferentes se reúne nesses lugares e como, graças apenas à atenção e à prudência de seus batedores e guardiães, conseguem aproximar-se em rebanhos do manancial e beber, de noite, sem serem destroçados pelos leões que se reúnem ali. Desde o pôr-do-sol até a manhã seguinte, centenas de milhares de aves diferentes voam em direção ao lago e as mais distintas classes de mamíferos se aproximam para beber. O curioso é que, em suas primeiras expedições, Schillings viu que os leões caçam em grupos, o que se pode comprovar em suas fotografias noturnas. Em uma delas, aparecem três que haviam deslizado até as presas. Pessoalmente, Schillings não viu mais que sete juntos (p. 133); mas, mal um leão rugia de noite, quase imediatamente lhe respondiam vários outros. Uma noite, na margem de um lago temporário, onde se reuniam muitos animais de todas as classes, depois de ter se fartado de ouvir os rugidos de muitos leões, pela manhã Schillings começou a examinar suas pegadas e convenceu-se de que “pelo menos trinta leões haviam se estabelecido então nesse lugar” (p. 132). “Um respeitável observador inglês” – diz ele – “viu certa vez 27 leões juntos.” (p. 345). Na época em que Schillings realizava suas expedições, era comum que vários leões se reunissem para caçar.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

VII

A sociabilidade dos animais

A sociabilidade dos animais era maior quando eles eram menos caçados pelo homem. Isso é confirmado por muitos fatos reveladores de que os animais que agora vivem isolados em lugares habitados pelo homem continuam vivendo em rebanhos em regiões desabitadas. Assim, nos desertos de planaltos sem água do norte do Tibete, Prjevalsky encontrou ursos vivendo em sociedades. Ele cita numerosos “rebanhos de iaques, hemionos, antílopes e até de ursos”. Estes últimos, diz ele, alimentam-se de diversos pequenos roedores, e são tantos que, “os nativos me garantiram ter encontrado 100 a 150 deles dormindo na mesma caverna” (*Relatório Anual de 1885* da Sociedade Geográfica Russa, p. 11, em russo). Existem grandes sociedades de lebres (*Lepus Lehmani*) vivendo no território transcaspiano (N. Zarudnyi, “Recherches zoologiques dans la contrée Transcaspienne”, in *Bull. Soc. Natur. Moscou*, 1889, p. 4). Segundo E. S. Holden, as raposinhas californianas que vivem nos arredores do observatório Lick e têm “uma dieta mista de frutos de manzanita e frangos dos astrônomos” (*Nature*, nov. 5, 1891) também parecem muito sociáveis.

Alguns exemplos muito interessantes de amor pela sociedade entre os animais foram dados recentemente por C. J. Cornish (*Animals at Work and Play*, Londres, 1896). Todos os animais detestam a solidão, observa ele corretamente. E também dá um exemplo divertido do hábito dos “cães de pastoreio” de postar sentinelas. Esse hábito é tão arraigado que esses animais têm uma sentinela a postos até no Jardim Zoológico de Londres e no Jardin d’Acclimatation de Paris (p. 46).

O professor Kessler estava totalmente certo ao dizer que, ficando juntos no outono, os filhotes de pássaros contribuem para o desenvolvimento de sentimentos de sociabilidade. Cornish (na obra mencionada acima) deu vários exemplos de brincadeiras de mamíferos jovens, como carneiros brincando de “seguir o líder” ou de “sou o rei do castelo”, por exemplo, além de notar seu gosto por corrida de obstáculos; cita também os pequenos corços, que têm uma brincadeira que lembra o *cross-touch*, na qual usam o nariz. Além disso, temos o excelente trabalho genérico de Karl Gross, *The Play of Animals*.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

VIII

Os orangotangos já foram mais sociáveis

Da obra do professor Eduardo Beccari, botânico italiano que viajou por Sarawak [Bornéu], deduz-se que os selvagens do lugar exterminam os orangotangos usando de crueldade, graças às suas flechas envenenadas que, emboscados, sopram através de um grosso cilindro vegetal oco. Não é de estranhar que, em tais condições, esses animais prefiram levar uma vida solitária, mas existem fatos que indicam que antes não eram tão avessos à sociabilidade, pois até hoje se reúnem às vezes em pequenos grupos quando o fruto do *durion* amadurece.

“A melhor época para a caça do orangotango” – escreve Beccari – “é quando o fruto amadurece. Então é fácil encontrá-los em grupos de cinco, seis ou mais sobre uma árvore. Quando estive em Marop, os *mai* (isto é, os orangotangos) vagavam pelos bosques em busca de alimento e não era fácil achá-los, principalmente em grupos mais numerosos. No entanto, vi oito em um dia, quatro deles sobre uma árvore.”

Até a variedade *tiaping*, que é menor que a *kassa*, aparece em grupos, e os *dayakos* dizem que muitos dos primeiros costumam ser vistos ao redor das aldeias, quando amadurece o *durion* (*Viagem pelos grandes bosques de Bornéu*, edição inglesa, p. 204).

Beccari também viu numerosos ninhos ou guaridas, e escreveu o seguinte:

A palavra ninho é perfeitamente aplicável aos fatos e lugares de descanso que são preparados sobre as árvores, nos lugares onde se estabelecem por um tempo. Eles fazem sua guarida com ramos que arrancam da própria árvore e colocam no lugar em que se forma uma bifurcação. Não se vê tentativa alguma de arrumar bem os ramos, nem de fazer uma proteção. Simplesmente há uma plataforma sobre a qual o animal pode se deitar. Os ninhos de orangotango que vi eram, obviamente, só para um indivíduo. Talvez os casais construam guaridas mais cômodas, mas não encontrei nada que indicasse costumes domésticos nesses macacos. (p. 143)

Além disso, para armazenar provisões, às vezes se reúnem vários indivíduos.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

246

IX

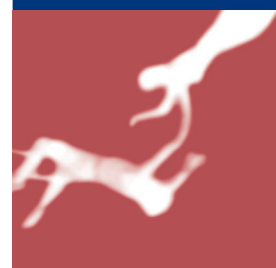
Obstáculos à superpopulação

NNo livro *Naturalist on the La Plata* (capítulo III), Hudson fez um relato bem interessante sobre o súbito aumento de uma espécie de ratos e as consequências dessa repentina “onda de vida”.

“No verão de 1872-73”, escreve ele, “tínhamos muito sol, com chuvas frequentes, de modo que os meses quentes não trouxeram carência de flores selvagens, como geralmente ocorria em outros anos.” A estação era muito favorável para ratos e “essas prolíficas criaturinhas logo ficaram tão abundantes que os cães e gatos subsistiam quase exclusivamente deles. Raposas, doninhas e gambás alimentavam-se nababescamente; mesmo o tatu, insetívoro, caçava ratos”. As aves domésticas tornaram-se vorazes, “enquanto os papa-moscas (*Pitangus*) amarelos e os cucos *Guira* só caçavam ratos”. No outono apareceram inúmeras cegonhas e corujas de orelha curta, que passaram a tomar parte do banquete geral. Em seguida, veio um inverno com seca prolongada; comia-se grama seca; e os ratos, sem abrigo e comida, começaram a morrer. Os gatos voltaram furtivamente para as casas; as corujas de orelha curta, uma espécie nômade, foram-se; as corujinhas que vivem em buracos ficaram tão magras que quase não podiam voar, “ficando pousadas perto de suas casas durante o dia todo à procura de alguma migalha”. Incríveis quantidades de ovelha e gado pereceram no mesmo inverno, durante um mês de frio que se seguiu à seca. Quanto aos ratos, Hudson observou que “depois da grande reação, dificilmente um remanescente faminto sobrevive para dar continuidade à espécie”. Este exemplo também é interessante por mostrar que, em planícies e nos planaltos, o aumento repentino de uma espécie imediatamente atrai inimigos de outras partes da mesma região e como as espécies desprotegidas por sua organização social sucumbem necessariamente a eles.

O mesmo autor dá outro exemplo excelente, observado na República da Argentina. O “coypu” (*Myiopotamus coypu*) é um roedor muito comum nesse país – um rato na forma, mas grande como uma lontra. Tem hábitos aquáticos e é muito sociável.

“Numa tarde”, escreveu Hudson, “eles estavam todos fora, nadando e brincando na água, conversando com sons estranhos, que parecem gemidos e gritos de homens



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

247

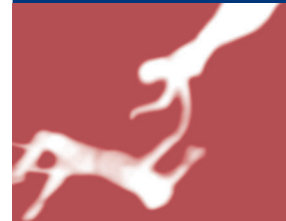
feridos sentindo muita dor. O *coyapu*, que tem uma ótima pele sob o longo pêlo grosso, foi exportado em grande número para a Europa; mas, há cerca de 60 anos, o ditador Rosas promulgou um decreto proibindo a caça desse animal. O resultado foi que os animais cresceram e se multiplicaram em excesso e, abandonando seus hábitos aquáticos, tornaram-se terrestres e migratórios, e em qualquer lugar formavam bandos em busca de comida. De repente, uma misteriosa doença os acometeu e os exterminou rapidamente; a espécie quase foi extinta.” (p. 12.)

Portanto, extermínio pelo homem, de um lado, e doenças contagiosas, por outro, são os principais controles que mantêm as espécies dentro de limites – e não a competição pelos meios de sobrevivência, que pode não existir.

Poderíamos apresentar inúmeros fatos para provar que regiões de clima mais ameno que o da Sibéria são igualmente subpovoadas. Mas encontramos a mesma observação relativa às praias do rio Amazonas na famosa obra de Bates.

“Na verdade”, escreveu Bates, “há uma grande variedade de mamíferos, pássaros e répteis, mas eles estão muito espalhados e têm muito medo do homem. A região é tão extensa e uniforme na cobertura florestal de sua superfície que só a longos intervalos se vêem animais em abundância, num certo ponto mais atraente que os outros.” (*Naturalist on the Amazon*”, 6. ed., p. 31.)

Esse é um fato muito notável, posto que a fauna brasileira, que é pobre em mamíferos, é riquíssima em pássaros, e as florestas do país fornecem bastante comida para os pássaros, como já citado em uma página anterior, sobre as sociedades de aves. Mas as florestas do Brasil, como as da Ásia e da África, são subpovoadas. Isso é válido também para os pampas da América do Sul, sobre os quais Hudson afirma ser realmente espantoso que apenas um pequeno ruminante seja encontrado nessa imensa área de gramíneas, tão admiravelmente adequada a quadrúpedes herbívoros. Como se sabe, milhões de carneiros, bois e cavalos, introduzidos pelo homem, pastam agora numa grande parte dessas campinas, nas quais também há poucas espécies de pássaros terrestres e com poucos indivíduos.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

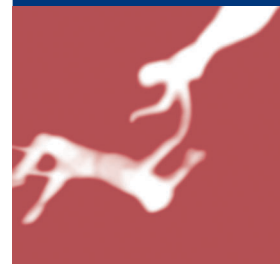
Adaptações para evitar a competição

Os trabalhos de todos os naturalistas de campo apresentam numerosos exemplos dessas adaptações. Um deles, muito interessante, é o tatu peludo, sobre o qual W. H. Hudson diz:

[...] ele traçou uma linha para si mesmo e, conseqüentemente, prospera, enquanto seus congêneres estão desaparecendo rapidamente. Sua comida é das mais variadas. Ele devora todas as espécies de insetos, descobrindo vermes e larvas a vários centímetros abaixo da superfície. Gosta de ovos e de filhotes de aves, alimenta-se de carniça com a mesma facilidade que um abutre e, quando lhe falta comida animal, subsiste com uma dieta vegetal de trevo e até de grãos de milho. Portanto, quando outros animais estão morrendo de fome, o tatu peludo está sempre gordo e vigoroso. (*Naturalist on the La Plata*, p. 71)

A faculdade de adaptação do habibe faz dele uma espécie muito populosa. Na Inglaterra, ele “se instala tão facilmente na terra arável como nas terras áridas”. Em seu livro *Birds of Northern Shires*, Charles Dixon diz que “a variedade de comida é ainda mais comum no caso das aves de rapina”. Assim, por exemplo, ficamos sabendo pelo mesmo autor (p. 60, 65) “que o falcão-tartaranhão-azulado dos pântanos ingleses se alimenta não apenas de pássaros pequenos, mas também de toupeiras, ratos, rãs, lagartos e insetos, enquanto a maior parte dos falcões menores come basicamente insetos” (p. 67).

O capítulo muito sugestivo dedicado por W. H. Hudson à família da trepadeira-do-bosque, ou arapaçu-rabudo, é outra ilustração excelente das formas pelas quais grandes parcelas da população animal evitam a competição, ao mesmo tempo em que conseguem se multiplicar em uma determinada região sem possuir quaisquer das armas usualmente consideradas essenciais na luta pela sobrevivência. A família acima mencionada cobre uma faixa imensa – do sul do México à Patagônia – e já são conhecidas não menos de 290 espécies dela, pertencentes a cerca de 46 gêneros, cuja característica mais notável é a grande diversidade de hábitos de seus membros. Os diferentes gêneros e espécies possuem hábitos peculiares próprios, e até o modo de vida de uma mesma espécie difere em localidades distintas.

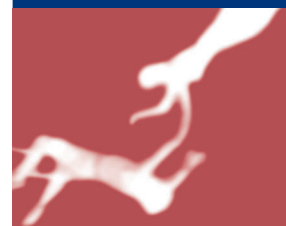


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Algumas espécies de *Xenops* e de *Maganornis*, como os pica-paus, escalam verticalmente os troncos de árvores à procura de insetos; mas espécies como os chopins também exploram os talos menores e a folhagem da extremidade dos ramos, de modo que a árvore inteira, desde a raiz até a folhagem mais elevada, é um território de caça. O *Sclerurus*, embora habite as florestas densas e seja dotado de garras muito curvas, nunca busca alimento nas árvores, só no chão, entre as folhas mortas. Mas o estranho é que, quando alarmado, ele voa para o tronco da árvore mais próxima, ao qual se agarra numa posição vertical e, ficando silencioso e imóvel, deixa de ser visto graças à proteção de sua cor escura.

E assim por diante. Seus hábitos de nidificação também são bem variados: em um único gênero, três espécies constroem um ninho de barro em forma de forno, uma quarta com paus nas árvores e uma quinta abre buracos na superfície de um barranco, como um martim-pescador.

Ora, essa imensa família, que Hudson diz ocupar todas as partes do continente sul-americano, “pois não há realmente clima, nem espécie de solo ou vegetação que não possua sua espécie apropriada”, usando as próprias palavras desse autor, faz parte das espécies de “pássaros mais destituídos de defesas”. Como os patos citados por Sievertsov (ver no texto), eles não têm garras ou bicos poderosos; “são criaturas tímidas, pouco resistentes, sem força ou armas; seus movimentos são menos rápidos e vigorosos que os de outras espécies e só voam bem baixinho”. Mas, como observam tanto Hudson quanto Asara, têm “muito gosto pela vida em sociedade”, embora “seus hábitos sociais sejam restringidos pelas condições de uma vida que torna a solidão necessária”. Não lhes são possíveis as grandes associações de reprodução, que vemos nas aves marinhas, porque vivem de insetos e precisam explorar cuidadosamente cada árvore – o que fazem de um modo quase profissional, mas chamam-se continuamente na mata, “conversando uns com os outros a longas distâncias”. Eles formam aqueles “bandos errantes”, bem conhecidos graças à pitoresca descrição de Bates, enquanto Hudson foi levado a acreditar que, “em todo lugar na América do Sul, os Dendrocopaptidae [arapaçus] são os primeiros a se combinarem para agir em grupo e que os pássaros de outras famílias os seguem e se associam a eles, sabendo, por experiência, que podem ter um butim”. Não é necessário dizer que Hudson faz grandes elogios à inteligência dessas aves. A sociabilidade e a inteligência andam de mãos dadas.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

250

XI

A origem da família

Na época em que escrevi o capítulo sobre os selvagens, parecia haver certo consenso entre os antropólogos quanto ao aparecimento relativamente tardio, nas instituições humanas, da família patriarcal, tal como a conhecemos entre os hebreus ou na Roma Imperial. Mas, desde então, foram publicados trabalhos em que foram contestadas as ideias defendidas por Bachofen e MacLennan, sistematizadas principalmente por Morgan e ainda mais desenvolvidas e confirmadas por Post, Maxim Kovalevski e Lubbock. Os mais importantes desses trabalhos são os do professor dinamarquês C. N. Starcke (*Primitive Family*, 1889) e do professor de Helsingfors, Edward Westermarck (*The History of Human Marriage*, 1891; 2. ed., 1894). Com a questão das formas primitivas de casamento sucedeu o mesmo que com as instituições primitivas da propriedade territorial. Quando as ideias de Maurer e Nasse sobre a comunidade aldeã, desenvolvidas por uma escola de pesquisadores talentosos, bem como as dos antropólogos modernos sobre a constituição primitivamente comunista do clã, obtiveram uma aceitação quase geral, provocaram o surgimento de obras como os de Fustel de Coulanges, na França, de Frederic Seebohm, na Inglaterra, e de diversos outros, nos quais se fez uma tentativa – com mais brilho do que profundidade real de investigação – de desacreditar tais ideias e lançar dúvidas sobre as conclusões a que chegaram aqueles estudiosos por meio de pesquisa moderna (ver o Prefácio de Vinogradov à sua obra notável intitulada *Villainage in England* [*Servidão na Inglaterra*]). Analogamente, quando as ideias sobre a inexistência da família no estágio primitivo do desenvolvimento da humanidade começaram a ser aceitas pela maioria dos antropólogos e estudiosos do direito antigo, fizeram surgir necessariamente obras como os de Starcke e de Westermarck, nos quais o homem era representado, de acordo com a tradição hebraica, como uma espécie que surgiu com a família patriarcal, sem nunca ter passado, evidentemente, pelos estágios descritos por MacLennan, Bachofen ou Morgan. Esses trabalhos, entre os quais foi muito lido o texto brilhante intitulado *History of Human Marriage* [*História do casamento humano*], produziram um certo efeito, sem dúvida: quem não tinha tido a oportunidade de ler os grossos volumes relacionados à controvérsia ficou hesitante, enquanto alguns antropólogos, bem familiarizados com a matéria, como o professor francês Durkheim, adotaram uma atitude



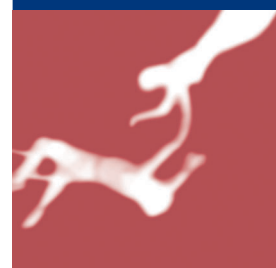
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

251

conciliatória, embora um tanto indefinida. Essa controvérsia pode ser irrelevante para o propósito especial de uma obra sobre ajuda mútua. O fato de os homens terem vivido em tribos desde as eras mais primitivas da humanidade não é contestado nem mesmo por aqueles que se sentem chocados com a ideia de que o ser humano possa ter passado por um estágio em que a família, tal como a conhecemos, não existia. Mas o assunto é interessante por si próprio e merece ser mencionado, mas seria necessário um volume inteiro para lhe fazer plena justiça.

Quando nos esforçamos por levantar o véu que esconde de nós as instituições antigas, e principalmente aquelas que predominaram desde o aparecimento dos seres humanos, somos obrigados – diante da ausência inevitável de testemunho direto – a realizar um trabalho muito minucioso, que consiste em remontar à origem de cada instituição, anotando cuidadosamente mesmo os vestígios mais tênues que ela deixou em hábitos, costumes, tradições, cantos, folclore e assim por diante; e depois, reunindo os diferentes resultados de cada um desses estudos, é necessário reconstituir mentalmente a sociedade que responderia à coexistência de todas essas instituições. A partir disso, podemos ter uma boa ideia da quantidade formidável de fatos e do vasto número de estudos minuciosos de questões particulares necessários para se chegar a qualquer conclusão segura. É exatamente isso o que se encontra na obra monumental de Bachofen e de seus seguidores, mas não nos trabalhos da outra escola. A massa de verdades esquadrihada por Westermack é, sem dúvida, mais que suficiente, e seu trabalho é certamente muito válido como crítica, mas dificilmente vão levar aqueles que conhecem os trabalhos originais de Bachofen, Morgan, MacLennan, Post, Kovalevski etc. e que estão familiarizados com a escola da comunidade aldeã a mudar suas opiniões e a aceitar a teoria da família patriarcal.

Assim sendo, ousar dizer que os argumentos apresentados por Westermack sobre os hábitos familiares dos primatas não têm o valor que ele lhes atribui. O que sabemos sobre as relações familiares entre as espécies sociáveis de macacos de nossos dias é extremamente incerto, e as duas espécies não-sociáveis, a dos orangotangos e a dos gorilas, devem ser descartadas da discussão, já que ambas são, como observei no texto, espécies decadentes. Sabemos menos ainda sobre as relações que existiram entre machos e fêmeas de primatas no final do período Terciário. As espécies que viveram nesse período provavelmente estão todas extintas e não temos a menor ideia de qual delas derivou a forma ancestral do ser humano. Tudo o que podemos



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

252

dizer é que deve ter existido uma grande variedade de relações de família e de tribo nas diferentes espécies de primatas, que eram extremamente numerosas naquele tempo, e que devem ter ocorrido grandes mudanças desde então nos hábitos desses animais, similares às que ocorreram, mesmo nos dois últimos séculos, nos hábitos de muitas outras espécies de mamíferos.

Portanto, a discussão deve se limitar inteiramente às instituições humanas e, na análise minuciosa de cada resquício específico de cada instituição primordial, *em ligação com tudo que conhecemos de todas as outras instituições do mesmo povo ou da mesma tribo*, está a força principal do argumento da escola segundo a qual a família patriarcal é uma instituição de origem relativamente recente.

Na verdade, há *entre os homens primitivos todo um ciclo de instituições* que não podem ser inteiramente compreendidas se não aceitarmos as ideias de Bachofen e de Morgan, que falam da vida comunista do clã, enquanto ele ainda não estava dividido em famílias patriarcais separadas; falam também da vida em “*casas grandes*” e das *classes* que ocupam “*casas grandes*” separadas de acordo com a idade e o grau de iniciação dos jovens (M. Maclay, H. Schurz); das restrições à acumulação pessoal de propriedade, das quais são dados diversos exemplos no texto; do fato de as mulheres tomadas de outra tribo pertencerem à tribo inteira antes de se tornarem posse privada; e de muitas instituições semelhantes analisadas por Lubbock.

Esse amplo ciclo de instituições que entraram em decadência e finalmente desapareceram na fase de comunidade aldeã do desenvolvimento humano estão em perfeito acordo com a teoria do “casamento tribal”; mas, em sua maioria, essas instituições são desprezadas pelos seguidores da escola da família patriarcal. Certamente este não é o modo adequado de discutir o problema. Os homens primitivos não tinham várias instituições superpostas ou justapostas, como temos agora. Sua *única* instituição era o clã, que compreendia *todas* as relações mútuas de seus membros. As relações de casamento e as de propriedade são relações que dizem respeito ao clã. E a última coisa que poderíamos esperar dos defensores da teoria da família patriarcal seria que nos mostrassem de que maneira o mencionado ciclo de instituições (que desapareceu mais tarde) pôde ter existido num aglomerado de homens que viviam sob um sistema que contradizia tais instituições – o sistema de famílias separadas governadas pelo *pater familias*.

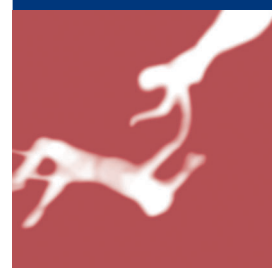


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

253

Também não se pode dar valor científico à maneira pela qual os defensores da teoria da família patriarcal procuram contornar algumas das grandes dificuldades que ela apresenta. Por exemplo: Morgan provou, com uma quantidade considerável de evidências, que existe um “sistema classificatório de grupo” mantido rigorosamente em muitas tribos primitivas e que todos os indivíduos da mesma categoria se dirigem uns aos outros como se fossem irmãos e irmãs, enquanto os de uma categoria mais jovem consideram mães as irmãs de suas mães, e assim por diante. Dizer que isso deve ser uma simples “maneira de dizer” [*façon de parler*] – um modo de exprimir o respeito às pessoas mais velhas – não é uma boa forma de explicar por que esse modo específico de mostrar respeito, e não outro qualquer, existiu entre tantos povos de origens diferentes e sobrevive em muitos deles até os dias atuais. Pode-se admitir com segurança que *ma* e *pa* são as sílabas mais fáceis de pronunciar para um bebê, mas a questão é: por que os vocábulos da “linguagem de bebê” são usados por pessoas já adultas e aplicados a uma certa categoria estritamente definida de pessoas?

Por que, em tantas tribos nas quais a mãe e suas irmãs são chamadas de *ma*, o pai é designado por *tiatia* (similar a *diadia* – tio em russo), *dad*, *da* ou *pa*? Por que a denominação mãe para tias maternas é substituída mais tarde por um nome diferenciado? E assim por diante. Mas, quando descobrimos que entre muitos selvagens a irmã da mãe assume um papel de tanta responsabilidade no cuidado da criança quanto a própria mãe e que, se uma criança amada morre, a outra “mãe” (a irmã da mãe) se sacrifica para acompanhá-la em sua jornada para o outro mundo, vemos nesses nomes algo muito mais profundo que uma mera *façon de parler* ou um modo de expressar respeito. Isso é tanto mais válido quando descobrimos a existência de um amplo ciclo de remanescentes (Lubbock, Kovalevski e Post discutiram-nos em detalhe), todos apontando na mesma direção. É claro que se pode dizer que o parentesco é reconhecido pelo lado materno “porque a criança fica mais com sua mãe”, ou explicar o fato de os filhos de um homem com várias esposas de tribos diferentes pertencerem aos clãs de suas mães porque os selvagens “nada sabem de fisiologia”. Mas esses argumentos estão muito longe de ser adequados à seriedade das questões envolvidas – em especial quando se sabe que a obrigação de levar o nome materno implica pertencer ao clã da mãe em todos os aspectos, ou seja, envolve o direito a toda propriedade do clã materno, assim como à proteção deste, e de nunca ser atacado por nenhum de seus membros, além do dever de vingar as ofensas feitas a cada membro do clã.

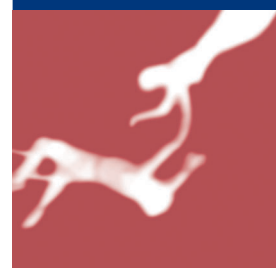


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

254

Mesmo que tivéssemos de admitir por um momento a natureza satisfatória dessas explicações, logo descobriríamos a necessidade de uma explicação diferente para cada categoria desses fatos – e eles são muitos. Vou mencionar só alguns: a divisão de clãs em classes, numa época em que não havia divisão relativa à propriedade ou à condição social; a exogamia e todos os costumes consequentes enumerados por Lubbock; o pacto de sangue e uma série de costumes semelhantes visando atestar a unidade de descendência; o aparecimento dos deuses da família subsequente à existência dos deuses do clã; a troca de esposas não acontece apenas entre os esquimós em tempos de calamidade, mas também é amplamente difundida entre muitas outras tribos de origem bastante distinta; o maior afrouxamento dos laços conjugais quanto menor o grau civilização; os casamentos poliândricos – vários homens casando com uma mesma esposa que lhes pertence por turnos; a abolição das restrições do casamento durante festas religiosas, ou a cada cinco, seis dias etc.; a coabitação de famílias em “casas grandes”; a obrigação do tio materno de cuidar de um órfão, mesmo que ele não seja mais criança; o número considerável de formas transitórias que mostram a passagem gradual da descendência materna à descendência paterna; a limitação do número de crianças pelo clã – e não pela família – e a abolição dessa cláusula rígida em tempos de fartura; o fato de as restrições de família virem depois das restrições do clã; o sacrifício dos parentes idosos pelo bem da tribo; a vingança tribal de sangue e muitos outros hábitos e costumes que só se tornaram uma “questão de família” quando finalmente encontramos a família constituída no sentido moderno da palavra; as cerimônias nupciais e pré-nupciais, das quais temos exemplos notáveis na obra de John Lubbock e de vários pesquisadores russos modernos; a ausência de solenidades de casamento onde a linha de descendência é matriarcal e o surgimento dessas solenidades nas tribos que seguem a linha de descendência patriarcal – todos esses e muitos outros fatos¹ mostram que, como observa Durkheim, o casamento propriamente dito “só é tolerado e impedido por forças antagônicas”; a destruição dos pertences do indivíduo após sua morte; e, por fim, todo o formidável conjunto de remanescentes,² mitos (Bachofen e seus muitos seguidores), folclore etc. apontando na mesma direção.

Evidentemente, nada disso prova que houve um período em que a mulher tenha sido considerada superior ao homem ou “chefe” do clã. Essa é uma outra questão e, a meu ver, esse período nunca existiu. Além do mais, nada disso prova que houve um tempo em que não havia restrições tribais à união dos sexos – isso seria absolutamente contrário a toda evidência conhecida. Mas, quando todos os fatos recentemente trazidos à luz são considerados em



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

255

sua dependência mútua, é impossível não reconhecer que, se existiram casais isolados, com seus filhos, mesmo no clã primitivo, essas famílias incipientes eram apenas *exceções toleradas*, e não a instituição da época.

NOTAS

- ¹ Ver “*Marriage Customs in Many Lands*”, por H. N. Hutchinson, Londres, 1897.
- ² Muitas formas novas e interessantes dessas tradições foram coletadas por Wilhelm Ruddeck, *Geschichte der öffentlichen Sittlichkeit in Deutschland*, analisadas por Durkheim em *Annuaire Sociologique*, ii, p. 312.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

256

XII

Destruição da propriedade privada no túmulo

Num trabalho notável de J. M. de Groot, *The Religious Systems of China* [*Os sistemas religiosos da China*], publicado em 1892-1897 em Leiden, encontramos a confirmação dessa ideia. Na China (como em outros lugares), houve uma época em que todos os pertences de uma pessoa morta eram destruídos em seu túmulo – seus bens mobiliários, seus escravos e mesmo amigos e vassalos e, é claro, sua viúva. Foi necessária uma reação enérgica dos moralistas contra esse costume para acabar com ele.

Na Inglaterra, os ciganos ainda têm o costume de destruir todas as posses no túmulo. Há alguns anos, toda a propriedade pessoal da rainha cigana falecida foi destruída em seu túmulo, como mencionaram vários jornais na época.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

257

XIII

A “família indivisa”

Desde que este livro foi escrito, foram publicados alguns trabalhos valiosos sobre a *Zadruga* ou “família indivisa” da Eslavônia meridional, comparada a outras formas de organização familiar: o de Ernest Miller (in *Jahrbuch der Internationaler Vereinung für vergleichende Rechtswissenschaft und Volkswirtschaftslehre*, 1897); os de I. E. Geszow, *Zadruga in Bulgaria* e *Zadruga-Ownership and Work in Bulgaria* (ambos em búlgaro). Não posso deixar de mencionar também o célebre estudo de Bogisic, *De la forme dite “inokosna” de la famille rurale chez les Serbes et les Croates* (Paris, 1884), que não citei no texto.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

258

XIV

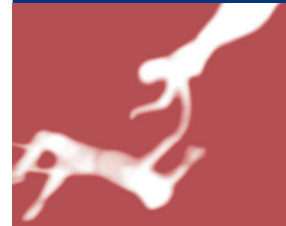
A origem das corporações

A origem das corporações tem sido objeto de muitas controvérsias. Não há a menor dúvida de que as corporações de ofício, ou “colégios” de artesãos, existiram na Roma antiga. Parece que, na verdade, Numa legislou a respeito, como nos mostra uma passagem de Plutarco: “Ele dividiu as pessoas em ofícios [...], ordenando-lhes que fizessem confrarias, festivais e encontros, e mostrando os cultos religiosos que tinham de realizar diante dos deuses de acordo com a dignidade de cada ofício”.

Mas é quase certo que não foi esse rei romano quem inventou ou instituiu os colégios de ofícios – eles já existiam na Grécia antiga; com toda probabilidade, ele simplesmente os submeteu à legislação real, assim como Filipe, o Belo, quinze séculos mais tarde, submeteu os ofícios da França, muito em detrimento deles, à supervisão e legislação reais. Ainda segundo Plutarco, um dos sucessores de Numa, Sêrvio Túlio, também promulgou legislação referente aos colégios.¹

Portanto, era natural que os historiadores se perguntassem se as corporações que se desenvolveram tanto no século 12, e mesmo no 10 e no 11, não teriam sido um ressurgimento dos antigos “colégios” romanos – tanto mais que estes, como se pode deduzir da citação acima, correspondiam de perto às corporações medievais.² Na verdade, sabe-se que as corporações do tipo romano existiram na Gália meridional até o século 15. Além disso, uma inscrição encontrada durante escavações feitas em Paris mostra que uma corporação de *nautae* da Lutécia existiu na época de Tibério e, na carta outorgada aos “mercadores da água” de Paris, em 1170, está escrito que seus direitos existiam *ab antiquo* (mesmo autor, p. 51). Portanto, não haveria nada de extraordinário se, após as invasões bárbaras, a França tivesse mantido corporações no início de sua época medieval.

Entretanto, mesmo que tudo isso seja verdade, não há razão para afirmar que as corporações holandesas, as “guildas” normandas e os artéis russos, os *amkari* georgianos etc., tenham necessariamente tido uma origem romana, ou mesmo bizantina. É claro que a relação entre os normandos e a capital do Império Romano do Oriente era muito intensa, e os eslavos (como foi provado pelos historiadores russos, principalmente por Rambaud) desempenharam um

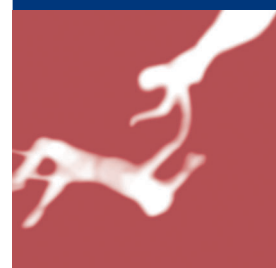


Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

259

papel importante nessa relação. Por conseguinte, os normandos e os russos podem ter importado a organização romana das corporações de ofício para suas respectivas nações. Mas, quando vemos que o *artel* era a própria essência da vida cotidiana de todos os russos já no século 10, e que, embora não tenha tido nenhum tipo de legislação até os tempos modernos, ele tem exatamente as mesmas características do “colégio” romano e da “corporação” dos países ocidentais, ficamos ainda mais inclinados a pensar que a corporação dos países orientais teve uma origem ainda mais antiga que a do “colégio” romano. Na verdade, os romanos sabiam muito bem que seus *sodalitia* e *collegia* eram “aquilo que os gregos chamavam de *hetairiai*” (Martin-Saint-Léon, p. 2) e, pelo que sabemos da história do Oriente, podemos concluir, com pouca probabilidade de erro, que as grandes nações orientais, assim como o Egito, também tiveram a mesma organização de corporações. As características essenciais dessa organização são as mesmas onde quer que a encontremos: é uma associação de homens que têm a mesma profissão ou ofício. Essa associação, assim como o clã primitivo, tem seus próprios deuses e seu próprio culto, sempre contendo alguns mistérios, específicos de cada um; considera todos os seus membros como *irmãos* e *irmãs* – possivelmente (em suas origens) com todas as consequências que esse tipo de relação acarretava para a gens ou, pelo menos, com cerimônias que indicavam ou simbolizavam as relações de clã entre irmão e irmã; e, finalmente, tinha também todas as obrigações de apoio mútuo que existiam no clã: a exclusão da própria possibilidade de um assassinato dentro da irmandade, a responsabilidade do clã perante a justiça e a obrigação, no caso de um litígio menor, de trazer o assunto perante os juízes, ou melhor, perante os árbitros da irmandade da corporação. Portanto, poderíamos dizer que a corporação foi moldada de acordo com o clã.

As mesmas observações feitas no texto concernentes à origem da comunidade aldeã se aplicam então, inclino-me a pensar, à corporação, ao *artel* e à irmandade de artesãos ou de vizinhos. Quando os laços que inicialmente ligavam os homens em seus clãs foram afrouxados devido às migrações, ao aparecimento da família patriarcal e a uma crescente diversidade de ocupações, a humanidade gerou um novo *laço territorial*, sob a forma da comunidade aldeã, e outro – o *de ofício* – foi criado com base em uma irmandade imaginária, o *clã imaginário*, que era representado, entre dois ou vários homens, como “irmandade de sangue” (a *pobratimstvo* eslava) e, entre um número maior de homens de origem diferente (que provinham de outras aldeias ou cidades), como *frátria*, *hetairiai*, *amkari*, *artel*, corporação etc.³



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

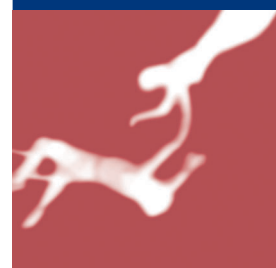
260

Quanto à ideia e forma dessa organização, seus elementos já existiam desde os períodos selvagens. Sabemos que em todos os clãs de selvagens há distintas organizações secretas de guerreiros, feiticeiros, jovens etc., – mistérios de ofício, nos quais é transmitido o conhecimento relativo à caça ou à guerra; em síntese, “clubes”, como os descreve Miklukho-Maclay. Com toda a probabilidade, esses “mistérios” foram os protótipos das futuras corporações.⁴

Em relação ao livro mencionado de E. Martin-Saint-Léon, eu acrescentaria que ele contém informações muito valiosas referentes à organização dos ofícios em Paris – tal como ela é descrita no *Livre des métiers*, de Boileau – e um bom resumo de informações relativas às comunas de diferentes partes da França, com todas as indicações bibliográficas. Mas é preciso lembrar que Paris era uma “cidade da realeza” (como Moscou ou Westminster) e que, por conseguinte, as instituições livres das cidades medievais nunca atingiram lá o desenvolvimento que tiveram em cidades livres que possuíam um conselho. As corporações de Paris representam na verdade um “quadro das corporações típicas nascidas e desenvolvidas sob a tutela direta da realeza”, como diz Martin-Saint-Léon, mas não das corporações livres das cidades livres. O próprio fato de terem se desenvolvido dessa forma – que este autor considera o fator que explica sua superioridade – foi, na verdade, o que as inferiorizou relativamente (e ele mesmo, em diferentes partes de sua obra, não deixa sombra de dúvida de que a interferência do poder imperial em Roma, e do poder real na França, arruinou e paralisou a vida das corporações de ofício), ou seja, pelo fato de terem sofrido a intromissão dos funcionários reais, elas nunca atingiram o crescimento e a influência impressionante sobre toda a vida da cidade que tiveram no nordeste da França, em Lyon, Montpellier, Nîmes etc., ou nas cidades livres da Itália, de Flandres, da Alemanha, e do leste eslavo.

NOTAS

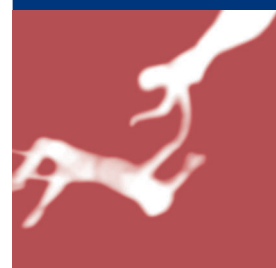
- ¹ A Servio Tullio populus romanus relatus in censum, digestus in classes, curiis atque collegiis distributus (E. Martin-Saint Léon, *Histoire des corporations de métiers depuis leurs origines jusqu'à leur suppression en 1791*, etc., Paris, 1897.
- ² A *sodalitia* romano, até onde podemos julgar (mesmo autor, p. 9), correspondia às *çof*s dos cabilas.
- ³ É impressionante ver como esta mesma ideia é expressa de modo distinto na passagem bem conhecida de Plutarco relativa à legislação de Numa sobre os



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

colégios de ofícios: “E através disso”, escreveu Plutarco, “ele foi o primeiro a banir da cidade esse espírito que levou as pessoas a dizer: ‘Eu sou sabina’ ou ‘Eu sou romano’, ou ‘eu sou um súdito de Tácio’, e outro: ‘Eu sou um súdito de Rômulo’”, para excluir, em outras palavras, a ideia de uma origem diferente.

- ⁴ A obra de H. Schurtz dedicada às “categorias etárias” e às uniões secretas de homens durante as épocas bárbaras da civilização (*Altersklassen und Männerverbände: eine Darstellung der Grundformen der Gesellschaft*, Berlim, 1902), que chegou a mim enquanto estava lendo as provas destas páginas, contém numerosos fatos confirmando a hipótese apresentada acima sobre a origem das corporações. A arte de edificar uma grande casa comunal, de modo a não ofender os espíritos das árvores derrubadas; a arte de forjar os metais, de modo a conciliar os espíritos hostis; os segredos de caça e as cerimônias e as danças com máscaras para torná-la eficaz; a arte de ensinar artes selvagens aos meninos; os modos secretos de se preservar dos feitiços dos inimigos e, conseqüentemente, a arte da guerra; a construção de botes, de redes de pesca, de armadilhas para animais e de laços para pássaros e, finalmente, as artes das mulheres de tecer e tingir – tudo isso era, nos tempos antigos, “artifícios” e “ofícios” que exigiam segredo para serem efetivos. Por isso, desde os tempos mais primitivos, eram transmitidos por meio de sociedades secretas, ou de “mistérios” conhecidos somente daqueles que tivessem passado por uma iniciação dolorosa. H. Schurtz mostra agora que a vida selvagem é estruturada com sociedades secretas e “clubes” (de guerreiros, de caçadores) que têm uma origem tão antiga quanto as “classes” de casamento nos clãs, e já contêm todos os elementos da futura corporação: segredo, independência da família e, algumas vezes, do clã, culto em comum a deuses especiais, refeições comuns, jurisdição dentro da sociedade e irmandade. Na verdade, a forja e o abrigo dos barcos são dependências de clubes de homens; e as “casas grandes” e os “jargões” são construídos por artesãos especiais que sabem conjurar o espírito das árvores derrubadas.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

262

XV

O mercado e a cidade medieval

Num trabalho sobre a cidade medieval (*Markt und Stadt in ihrem rechtlichen Verhältnis*, Leipzig, 1896), Rietschel desenvolveu a ideia de que a origem das comunas medievais alemãs deve ser procurada no mercado. O mercado local, posto sob a proteção de um bispo, mosteiro ou príncipe, agrupava em torno de si uma população de comerciantes e de artesãos, mas não de agricultores.

A divisão habitual das cidades em seções que se originam na praça do mercado e povoadas com artesãos de ofícios especiais é prova disso: elas geralmente formavam a Cidade Velha, ao passo que a Cidade Nova costumava ser a vila rural, que pertencia ao príncipe ou ao rei, e cada qual era regida por suas próprias leis.

O mercado teve realmente um papel importante no desenvolvimento inicial das cidades medievais, contribuindo para aumentar a riqueza dos cidadãos e dando-lhes ideias de independência; mas, como foi observado por Carl Hegel – o célebre autor de uma obra geral muito boa sobre as cidades medievais alemãs (*Die Entstehung des deutschen Städtewesens*, Leipzig, 1898), a lei da cidade não é uma lei do mercado, e a conclusão desse autor é de que a cidade medieval teve uma origem dupla (o que confirma as opiniões adotadas neste livro). Nela havia “duas populações postas uma ao lado da outra: uma rural e a outra puramente urbana”; a população rural, que antigamente vivia sob a organização da *Almende*, ou comunidade aldeã, foi incorporada à cidade.

No que diz respeito às “corporações mercantis”, a obra de Herman van den Linden (“Les Guildes marchandes dans les Pays-Bas au Moyen Âge”, em *Recueil de travaux publiés par la Faculté de Philosophie et Lettres*, Gand, 1896) merece atenção especial. O autor traça as linhas gerais do desenvolvimento gradual de sua força política e da autoridade que elas adquiriram aos poucos sobre a população industrial, particularmente sobre os vendedores de tecidos, e descreve a liga formada pelos artesãos para se opor a seu poder crescente. A ideia desenvolvida neste livro sobre o aparecimento da corporação num período recente, que correspondeu em sua maior parte a um período de declínio das liberdades da cidade, parece confirmada pelas pesquisas de H. van den Linden.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

263

XVI

A comunidade aldeã na Inglaterra: os vestígios atuais

Quando eu preparava a primeira edição russa deste livro, em princípios de 1907, recebi a obra notável de Gilbert Slater, *O cercamento das terras comunais considerado geograficamente*, publicada pela Sociedade Geográfica de Londres em janeiro daquele ano. Neste livro, Slater estudou menos o cercamento dos terrenos incultos e das pastagens, e mais o cercamento das *terras cultivadas* que continuavam – às vezes até épocas mais recentes – sendo usufruto comum (algumas transformadas em propriedade territorial). Para ilustrar sua ideia, ele tomou como exemplo as aldeias de Castor e Ailsvors, perto de Petersborough, onde o cercamento da terra comunal, que destruiu a comuna, foi feito somente em 1892. Nesses dois vilarejos, todas as casas, fora os moinhos e a estação ferroviária, aglomeravam-se ao redor da igreja e ao longo da estrada real. Mais além das casas ficavam os terrenos cercados que serviam de pasto para os cavalos, assim como as reservas de pastoreio (*paddocks*). Depois, ao norte e ao sul, estendiam-se as terras aráveis sem cerca alguma, além das faixas de delimitação conservadas aqui e ali, cobertas de arbustos em certos pontos.

Todas as famílias dessa aldeia, que eram cerca de vinte, possuíam (até 1892) faixas de terras, exatamente como nas comunas russas. Um exemplo: os 100 acres de terra nos campos aráveis que pertenciam ao reitor (isto é, o padre) ficavam em faixas diferentes, sem que nada separasse umas das outras além dos sulcos produzidos pelo arado. Em meio a esses campos aráveis ficavam algumas áreas comuns de pastoreio: no ângulo noroeste havia um terreno inculto – do tipo corrente dos *commons* ingleses – e no sul, ao longo do rio Nen, estendiam-se os prados comunais, todos subdivididos em faixas ainda menores que as dos campos de cultivo. Todas as faixas, mesmo nos campos aráveis, estavam submetidas aos direitos das áreas comunais de pastoreio.

A obra de Slater apresenta em anexo o desenho da aldeia de Lackstone, que até agora mantém a posse comunal, surpreendentemente similar – a ponto de parecer idêntica – à das comunidades aldeãs russas, anexado ao famoso livro de P. P. Semionof sobre a comunidade rural russa.



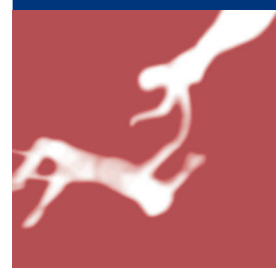
Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

264

Portanto, a aldeia, a comunidade, e não o grupo camponês, era a unidade agrícola, diz Slater. O camponês não devia trabalhar segundo sua fantasia, e sim de acordo com um plano elaborado em comum pela comunidade. O sistema geralmente era o sistema aperfeiçoado de três safras, isto é: 1) trigo, 2) trigo de primavera e 3) em lugar de descanso, semeaduras de feijões, lentilhas e outras papilionáceas e tuberosas. (O próprio nome de barbecho em inglês – *follow* – [seguinte] foi mudado para *follow-crop*, literalmente, a safra seguinte.)

Na primavera, todos os chefes de família se reuniam e determinavam os direitos de cada um, definidos pela quantidade de *stints* [cotas atribuídas a cada um] que representavam. Nas áreas comunais de pastoreio, um *stint* representava o direito ao pastoreio de um cavalo, ou duas vacas, ou dez ovelhas. Os prados ficavam à disposição de todas as famílias desde 1.º de agosto (segundo o calendário Juliano) até 2 de fevereiro, isto é, até as Candelárias [festas da Purificação]; o campo de trigo de inverno e de trigo da primavera, desde a colheita até a semeadura e, quanto ao terceiro campo, decidiam cada ano o que semear e quando abri-lo para o pastoreio comum do gado. Quando a propriedade comunal foi destruída, toda a área foi dividida em um determinado número de sítios e cada sitiante teve de cercar suas terras.

Esses são os fatos interessantes revelados por Slater, que depois empreendeu uma obra gigantesca. Revelou-se que, apesar de a usuração das terras comunais ter se efetuado nos séculos 18 e 19 em toda a Inglaterra e Gales, ainda se estava longe do cercamento de todas as *terras de cultivo*. Em muitos condados já se cercavam somente os campos incultos e as pastagens. Esse autor se dedicou então à leitura de cada uma das atas de cercamento em separado para saber quanto havia sido destruído, em cada caso, da posse comunal de *terras aráveis* (além dos prados e campos incultos), e fez uma lista da parte da área de cada condado que se achava, como campo arável, de posse da comuna. Ele descobriu que, em alguns condados, essa área constituía um quarto (Berkshire, Warrick e Wiltshire), um terço (Norfolk, Nottingham e Cambridge) ou até metade (York, Bedford, Rutland, Huntingdon e Northampton) *de toda a superfície das terras do condado, férteis e estéreis*. Mas, em todos esses casos, já não se fazia *a divisão da terra*. As faixas em diferentes campos pertenciam a um dono de geração em geração desde que caíram em poder (às vezes, por meio de compra) de um ou outro membro da comunidade. Mas, sendo já proprietários privados de suas faixas, os membros da comunidade continuaram mantendo a economia comunal e *melhorando o sistema agrícola* durante centenas de anos.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

265

O sistema comunal de *divisão anual das terras*, conhecido pelo nome de *run-rig* (rotação de faixas) na Escócia e em Gales, *run-dale*, na Irlanda, e *rigald rennal*, em Keithness, existe até hoje na Escócia e possivelmente em alguns lugares da Irlanda.¹ Em meados do século 19, era amplamente difundido. William Marshall também falou a respeito dele, citando-o em seu texto ao descrever diferentes partes da Inglaterra.

Em geral, a obra de Slater, publicada na revista da Sociedade Geográfica, à qual dedicou 14 anos de sua vida, está recheada dos dados mais interessantes sobre a aradura comunal, o “arado composto”, o trabalho agrícola de quatro famílias em comum² e, em geral, sobre os diversos tipos de comunidades aldeãs nas diferentes partes da Inglaterra.

O artigo de Slater citado acima foi incluído em seu livro *The English Peasantry and the Enclosure of Common Fields*, editado pela Escola de Economia em 1907, e está repleto de dados interessantes. Dele se deduz, por exemplo, que em 1873, com base nos dados da Comissão Real, ainda existiam campos comunitários (aráveis, cultivados até agora) em 905 paróquias da Inglaterra e do País de Gales, e compreendiam 166.953 acres, e que, em outras 500 paróquias, segundo todas as evidências, ainda existiam cerca de 100 mil acres dessas terras. A propriedade comunitária de campos aráveis foi conservada dessa forma na décima parte das paróquias da Inglaterra e do País de Gales, apesar de todas as medidas tomadas pelo Parlamento para eliminar essa forma de propriedade da terra.

NOTAS

- ¹ Em Cumberland (Gales), a parte se chamava *dalle* ou *dole*. A faixa divisória era denominada *rane*, de onde vem *run-rig* e *run-dale*.
- ² É bom lembrar de passagem que, no Canadá e nos Estados Unidos, quatro rancheiros estabelecidos em um quilômetro quadrado e meio associam-se com frequência para comprar em comum uma ceifadeira e outras máquinas agrícolas.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

XVII

A comunidade aldeã na Suíça

Os remanescentes da posse comunal na Suíça assumiram algumas formas interessantes, para as quais Brupbacher chamou minha atenção, tendo tido a gentileza de me enviar as obras a que me refiro em seguida.

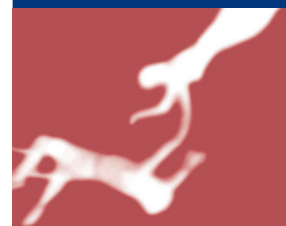
O cantão de Zug compõe-se de duas regiões: o vale do Eger e o fundo do vale do Zug. Em sua composição entram, usando a terminologia de Karl Rüttiman, dez comunas “políticas”, ou seja, unidades administrativas. Segundo esse autor:

[...] em todas essas comunas políticas do cantão de Zug, à exceção de Menzingen, Neuheine e Risch, ao lado das terras de posse privada, existem vastas áreas do território (campos e bosques) que pertencem às corporações de comunas (*Allmend*), grandes e pequenas, que administram essas terras em comum. Essas associações comunais são conhecidas agora no cantão de Zug com o nome de *corporações*. Nas comunas políticas do Oberaegeri, Unteraegeri Zug, Walchville, Cham, Steinhausen, Hünenberg, existe uma corporação em cada comuna; mas, na comuna de Baar, há cinco corporações distintas.

O fisco avalia a propriedade dessas corporações em 6.786.000 francos suíços (por volta de 2.750.000 rublos).

Os estatutos dessas corporações reconhecem que as possessões das *Allmende* constituem “sua propriedade comum e inalienável, a qual não pode ser hipotecada”.

Os membros dessas corporações são as antigas famílias dos *Burgers*. Todos os outros membros das comunas que não pertencem às famílias antigas não podem ingressar nas corporações e não gozam de direitos sobre as antigas terras comunais. Além disso, algumas famílias de certas comunas do cantão também são *Burgers* da comuna rural de Zug. Em épocas passadas, também existia uma classe de forasteiros estabelecidos ali (*os Beisassen*, imigrantes), que ocupavam uma posição intermediária entre os *Burgers*, mas atualmente essa classe não existe mais. Só os *Burgers* têm direitos sobre a *Allmende* (ou direitos corporativos), que são distintos nas diferentes comunas e, em algumas delas, estendem-se às casas construídas em terras comunais. Mas esses direitos, chamados *Gerechtigkeiten*, podem ser comprados até mesmo por estrangeiros.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

Portanto, a chegada de estrangeiros nas comunas da república de Zug provocou o mesmo fenômeno que Miakowsky e M. Kovalesky observaram em outras partes da Suíça. Somente os sucessores das antigas comunas têm direito às terras comunais, vastas até hoje. Todos os habitantes da comuna – sem diferença – compõem só a “comuna política”, ou seja, o grupo administrativo que, enquanto tal, não tem direitos sobre os bens comunais.

Quanto ao modo como as terras comunais foram divididas entre os membros da comunidade no final do século 18 e as formas complexas de usufruto da terra que surgiram, a descrição desse processo pode ser encontrada na obra de Karl Rüttiman, “Die Zugerischen Allmend Korporationen” (In: Gaiür, Max. *Abhandlungen zum Schweizerischen Recht*. 2. ed. Berna, 1904, que também contém uma bibliografia da matéria).

Uma outra obra dá uma boa ideia da comunidade aldeã anterior no Jura, Berna. É a monografia de Hermann Rennefahrt, “Die Allmend im Berner Jura” (em Gierke, Otto. *Untersuchungen zur Deutschen Staats und Rechts-Geschichte*, Breslau, 1905. fasc. 74, p. 227, que tem uma bibliografia). Nela estão bem explicadas as relações existentes entre o senhor e as comunas rurais, assim como as regras econômicas destas últimas. Ela traz também uma descrição das medidas tomadas pelos franceses durante a conquista da Suíça no final do século 18 para destruir a comuna rural, obrigá-la a dividir suas terras e transferi-las, à exceção dos bosques, à propriedade privada, e também faz referência a como essas leis fracassaram. Outra parte interessante da obra de Rennefahrt mostra que, nos últimos cinquenta anos, as comunas do Jura bernês conseguiram tirar maior proveito de suas terras e aumentar a produtividade sem destruir a propriedade comunal (ver as páginas 165-175).

A monografia de Ed. Graf, *Die Auftheilung der Allmend in der Gemeinde Schaetz* (Berna, 1890), conta a mesma história da comunidade aldeã e da distribuição obrigatória das terras no cantão de Lucerna.

O Dr. Brupbacher, que fez análises brilhantes a respeito desses trabalhos na imprensa suíça, enviou-me também *Die Ursprung de Eidgenossenschaft aus der Mark – Genossenschaft*, de Karl Bürkli (Zurich, 1891), assim como a conferência de Karl Bücher, “Die Allmende in ihrer wirtschaftlichen un sozialen Bedeutung” (em *Soziale Streitfragen*. Berlin, 1902. XII) e outra ainda, de Martin Fassbender, sobre o mesmo assunto.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

268

Para informações sobre a situação atual da propriedade comunal na Suíça ver, entre outros, o artigo “Feldgemeinschaft”, que se encontra no *Dicionário da economia popular suíça, da política social e da administração*, de Reichsberger (Berna, 1903, t. I).



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

269

XVIII

Organizações de ajuda mútua nas aldeias dos Países Baixos nos dias de hoje

O Relatório da Comissão Agrícola dos Países Baixos contém muitos exemplos relativos a este assunto, e meu amigo M. Cornelissen foi muito amável ao selecionar para mim as passagens correspondentes dos volumosos tomos de *Uitkomsten van het Onderzoek naar den Toestand van den Landbouw in Nederland*, [Van Cleef, The Hague, 1890, 2 tomos].

É muito difundido o hábito de ter uma debulhadora que passa por muitas fazendas, alugada a cada uma delas, como acontece agora em quase todos os outros países. Mas, aqui e ali, acha-se uma comuna que mantém uma debulhadora para a comunidade (t. I, xviii, p. 31). Os fazendeiros que não têm o número necessário de cavalos para o arado tomam emprestado cavalos de seus vizinhos. O hábito de manter um touro ou um garanhão comunal é muito comum.

Quando a aldeia tem de elevar o terreno (nos distritos baixos) para construir uma escola comunitária, ou quando um dos camponeses quer fazer uma nova casa, em geral se convoca um *bede*. O *bede* é um costume amplamente difundido e ninguém, rico ou pobre, deixa de comparecer com seu cavalo e carroça.

O arrendamento em comum, feito por diversos trabalhadores agrícolas de um campo para manter suas vacas, é encontrado em várias regiões do país; também é frequente que o fazendeiro que tem arado e cavalos lave a terra para seus trabalhadores contratados (t. I, xxii, p. 18, etc.).

Quanto às associações dos fazendeiros para comprar sementes, exportar legumes para a Inglaterra e assim por diante, elas se tornam numerosas. O mesmo se vê na Bélgica. Em 1896, sete anos depois de as corporações dos camponeses terem sido fundadas, primeiramente na parte flamenga do país – e quatro anos depois introduzidas nas províncias valonas da Bélgica – já havia 207 dessas corporações, com 10 mil membros (*Annuaire de la Science Agronomique*, vol. I. (2), 1896, pp. 148 e 149).



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução

270

XIX

A cooperativa na Rússia

A cooperativa na Rússia, que se desenvolveu vigorosamente nos últimos anos, tomou novas formas. Recusando o pagamento dos dividendos das empresas a seus membros, os cooperados russos decidiram utilizar todos os seus lucros só para ampliar os negócios e para os empreendimentos comunitários úteis. Era o que faziam antes da guerra, criando centros culturais em seus armazéns de consumo aldeãos e, às vezes, propondo-se diretamente como objetivo difundir a educação, melhorar os meios de comunicação e introduzir nas aldeias distintas instituições sociais; em resumo: encarando problemas que antes eram considerados de incumbência dos *ziemstv*, ou do Estado.

Mais tarde, ao terminar a guerra, quando a Rússia se viu diante do problema de fazer renascer e revigorar a produção agrícola e industrial, principalmente a *custarna*, tão necessária para a aldeia russa, os cooperados impuseram-se com base em um amplo programa de construção cultural. Era preciso sobretudo melhorar a economia rural e, nesse caso, eles demonstraram de forma inegável que “nenhuma organização agrônômica é factível sem que lhe venha em socorro o trabalho conjunto da população rural da Rússia por meio de suas instituições de cooperação” (*Not. Lib. Para os Membros das Coop.*). São necessários centenas de milhares de campos de ensaio, a melhoria das sementes e do adubo, o cultivo de plantas mais valiosas, o aumento da qualidade dos produtos, as sementeiras; os cooperados introduziram tudo isso em seu programa, com inteira razão.

Mas seus planos foram mais longe: queriam o aproveitamento das “riquezas ainda inexploradas da Rússia”, não por meio de concessões aos capitalistas, mas por meio da *construção local*. Aqui é evidente não só o aproveitamento das riquezas florestais e da pesca em rios e lagos – que começaram a passar rapidamente para as mãos dos estrangeiros, que praticam uma economia de rapina – mas, em geral, inclui também a indústria de transformação, os grandes estabelecimentos fabris, a construção de vias de acesso.

Em tudo isso, ante a enormidade da população camponesa da Rússia, à cooperativa – entendida exatamente como a entendia seu fundador, Robert Owen – cabe, no século 20, o desempenho do mesmo papel de honra que tiveram, no final da Idade Média, as *corporações* e as *cidades livres*.



Piotr Kropotkin
AJUDA MÚTUA:
um fator
de evolução



Mesmo “reconhecendo inteiramente que a força, a agilidade, as cores protetoras, a astúcia e a resistência à fome e ao frio”, citadas por Darwin e Wallace, sejam qualidades que tornam o indivíduo ou a espécie os mais aptos em determinadas circunstâncias,” a tese central de Ajuda Mútua – livro publicado pela primeira vez há mais de 100 anos – de que a sociabilidade é a maior arma dos seres vivos na luta pela vida em todas as circunstâncias – continua viva e presente, como sempre esteve; mas ficamos daltônicos para ela faz muito tempo e é muito bom lembrar que “a corrente de ajuda e apoio mútuos... ainda busca seu caminho para descobrir uma nova expressão que não seja o Estado, nem a cidade medieval, nem a comunidade aldeã dos bárbaros, nem o clã selvagem, mas que participe de todas essas formas e, entretanto, seja-lhes superior em suas concepções humanas mais amplas e mais profundas.”

ISBN 978-85-88549-05-0



9 788588 549050

Primeiro a Ajuda Mútua entre os bichos: entre os insetos, os mamíferos, as aves. Depois, entre os seres humanos: entre os selvagens, entre os bárbaros, nas cidades medievais e nas sociedades contemporâneas a Kropotkin. Em todos estes capítulos, seu olhar ilumina e nos deixa entrever não só a ajuda e a proteção mútuas, mas também o prazer puro e simples de saborear e celebrar a vida em companhia dos semelhantes – um mundo muito diferente das solidões abissais da nossa era pós-tudo.